# APRESENTAÇÃO

É para mim grande alegria poder apresentar esta nova edição brasileira das *Obras* de Teresa de Jesus, Doutora da Igreja.

Cada nova edição trata de dar um passo adiante no caminho da exposição dos escritos de uma mulher que imprimiu marca própria na história da humanidade.

Teresa de Jesus não perde atualidade e continua exercendo, em suas obras — fruto de uma experiência de Deus na vida —, um magistério espiritual de primeira grandeza.

Apesar da distância de tempo e lugar, a experiência da de Ávila é iluminadora: por ser experiência evangélica, é capaz de superar as barreiras do tempo e do espaço.

Teresa de Jesus ensina-nos particularmente uma série de atitudes básicas para responder — como ela o fez — ao Senhor da história. Ele, que a interpelou, questiona-nos a nós, os cristãos da América Latina, comprometidos em um trabalho de evangelização libertadora em meio a nossos povos que, apesar de oprimidos, crêem.

Parece-me que Teresa nos ensina especialmente quatro atitudes fundamentais neste momento:

- saber responder às interpelações de Deus com discernimento teologal;
- saber responder às interpelações de Deus centrando-nos em Cristo;
- saber responder às interpelações de Deus em comunhão com a Igreja;
- saber responder às interpelações de Deus pelo compromisso de *uma esperança ativa*.

Necessitamos, primeiramente, de *discernimento teologal*. Teresa nos ensina a discernir por meio de uma oração comprometida no seguimento de Jesus. Explicando os caminhos do discernimento, ela fixa como centro desse processo a oração, entendida como trato de amizade com Deus e como caminho de amadurecimento e crescimento. A oração exige uma conversão permanente e leva a ter uma "determinação determinada" no seguimento de Jesus, contemplado na história.

A segunda atitude fundamental que a Santa nos ensina no caminho de nossa vida vida é *contemplar a humanidade de Jesus*. Para Teresa, o lugar central do projeto do Pai é ocupado por Jesus de Nazaré, o Filho de Deus, que assumiu verdadeiramente a aventura humana. Por meio da leitura e meditação do Evangelho, ela descobre a humanidade de Jesus e seu papel central na história da salvação. Situa Cristo em sua vida terrena. Contempla-o como mestre e modelo, como livro vivo, e ressalta que seguir Jesus é partilhar de seu destino. Faz-nos ver que, quando alguém vive "em Cristo", tem a força de servir a Ele nos irmãos, aceitando os trabalhos e fadigas que isso comporta.

Conhecida e proverbial é a expressão que revela o amor que Teresa de Jesus professou à Igreja: "Por fim, Senhor, morro filha da Igreja". Em seus escritos, ela convida a viver a atitude fundamental de responder às interpelações de Deus *em comunhão com a Igreja*. Viveu e morreu a serviço do Povo de Deus, em todas as circunstâncias, inclusive as mais adversas. Sentiu-se sempre filha da Igreja e buscou a ela ser fiel. Escolheu como sinal de santidade autêntica o serviço evangelizador e o amor à Igreja até o fim da vida.

Por fim, a Santa de Ávila indica-nos o caminho do *compromisso de uma esperança ativa* no cumprimento de nossa missão. Ela enfrentou os trabalhos de revitalizar o Carmelo. Expôs-se à contradição e a todo tipo de dificuldades. Em meio a tudo isso, viveu a certeza da bondade e misericórdia do Senhor como fonte de esperança e de consolo; como impulso para seguir avante, não obstante tudo e todos. Em meio aos atropelos de suas fundações, soube manter o ritmo de seu compromisso e de seu trabalho pessoal mediante uma esperança animada e confiante.

Estou certo de que esta nova edição das *Obras completas* de Teresa d'Ávila servirá de instrumento para todos os que buscam viver as dimensões de uma espiritualidade cristã encarnada na realidade da América Latina.

Roma, 15 de outubro de 1994 Fr. Camilo Maccise, OCD PREPÓSITO GERAL

## **PREFÁCIO**

Quem é Teresa de Ávila? Uma mulher que fala de Deus. Fala de Deus como de Alguém conhecido. Quem mergulhar na leitura destas suas *Obras* terá a real impressão de que ela se encontrou com Ele, antes de se pôr a escrever.

Mas nem todos viram a Santa de Ávila por esse prisma, houve quem dissesse tratar-se de uma mulher inquieta, andarilha, desobediente e teimosa, que a título de devoção inventava más doutrinas, andando fora da clausura, contra o que ordenara o Concílio de Trento e os prelados; ensinando como mestra, contra são Paulo, que ordenara às mulheres não ensinar.

Teresa de Ávila teve por inimigos aqueles que viam em nossa monja um perigo permanente: ela se apresentava como modelo de liberdade e de acesa busca do Absoluto, caminheira incansável e defensora da verdade. As ações, palavras e escritos dessa mulher audaciosa perturbaram a tantos, mas iluminaram a muitos outros em seu tempo e ao longo da história. A sua doutrina tornou-se um texto de indiscutível sabedoria, onde todos vão beber com segurança, em busca de uma autêntica experiência de Deus.

Teresa nasceu em 28 de março de 1515, em Ávila, e morreu em 4 de outubro de 1582, em Alba de Tormes. Viveu 67 anos, dos quais apenas vinte de intensa atividade como fundadora, escritora, contemplativa e caminheira de Deus pelas terras da Espanha do século XVI.

Educada com esmero, ouvia nas longas noites invernais, ao calor da lareira, a leitura da vida dos santos mártires, feita por seus pais. Animada por essas leituras, aos 7 anos Teresa sente a necessidade de fugir para a terra dos mouros, com seu irmão, Rodrigo. Fuga frustrada. Mas o ideal da fuga — "quero ver a Deus" — torna-se o seu horizonte de vida.

A morte da mãe, doña Beatriz, provavelmente em 1529, foi uma experiência cruciante, a partir da qual ela decide tomar Nossa Senhora por Mãe. Não obstante, confessa, continuou a viver uma vida mediocre, dedicando-se à leitura de romances de cavalaria, do que se sentiria culpada por muito tempo.

O pai, preocupado com o futuro da filha, decide levá-la para o colégio de Nossa Senhora das Graças (1531), onde Teresa foi recuperando o antigo fervor. A saúde é que se debilita, e Teresa é forçada a deixar o colégio em 1532 e a voltar para casa. Recuperada a saúde, pede ao pai para ingressar no Carmelo da Encarnação em Ávila. A recusa paterna leva-a a tomar uma atitude drástica: no dia 2 de novembro de 1535, junto com seu irmão, Antônio, que queria ser dominicano, foge de casa e é aceita entre as Carmelitas.

Em 1538, abandona o convento para restabelecer-se de uma enfermidade misteriosa que quase a levou à morte. A leitura do famoso livro *Abecedário espiritual*, do franciscano Francisco de Osuña, será para a jovem madre Teresa o início do despertar espiritual e do amor pela oração. O encontro com as *Confissões* de Santo Agostinho constituirá também uma retomada da vida de oração, ante a angústia que vai tomando forma em sua vida. Nesse processo, a presença de São Pedro de Alcântara, franciscano austero, um pouco extravagante em penitência, mas possuidor de grande sabedoria, será para a santa auxílio determinante.

A idéia de assumir como projeto de vida a regra primitiva do Carmelo foi se tornando lentamente o ponto de referência para a meditação e vida de Teresa.

No dia 24 de agosto de 1562, ela inicia nova vida no pequeno mosteiro de São José, em Ávila. Um desejo cada vez mais veemente leva Teresa a cuidar da propagação de sua obra. As fundações se sucedem com rapidez. Visões e graças místicas surgem como estímulo à doação integral e à radicalidade na vida de oração.

O sucesso da iniciativa teresiana estende-se de forma providencial e maravilhosa, com o auxílio de São João da Cruz, outro inquieto com a mediocridade do Carmelo. João planejava ir para a Cartuxa, mas Teresa o conquista para sua obra.

O duro período da reforma teresiana encontra madre Teresa atenta aos sinais do Espírito, sempre pronta a trabalhar sem desanimar em favor da obra que iniciara. Nem mesmo o seqüestro e prisão de João da Cruz no cárcere conventual de Toledo abatem o espírito dessa mulher, totalmente entregue à ação de Deus, tornada instrumento em Suas mãos. Ao redor da contemplativa carmelita encontramos um séquito de discípulos que passa a seguir sua doutrina. Assessorada por teólogos, doutos e sábios, consegue fugir à caçada da Inquisição. Problemas internos à reforma dos descalços a preocupam, mas sua personalidade de madre e fundadora não permite que dissensões internas entravem o assentamento da obra.

Teresa, obediente à Igreja, questionadora da Igreja, submissa à autoridade, procura caminhos para levar à frente os desígnios de Deus, defendendo, acima de tudo, a felicidade de ser filha da Igreja. Como tal, falece em 1582.

Com seus escritos, Teresa rompe os limites do mundo dos carmelitas descalços e das monjas carmelitas descalças. Seu nome, sua mensagem ultrapassam a Igreja e conquistam pessoas de todas as raças e religiões, em busca do Infinito e do desejo de Deus.

Não se pode hoje aprofundar o tema da necessidade do encontro do homem com Deus sem recorrer à experiência e doutrina teresianas. Os escritos teresianos se configuram como incomparável fonte de esperança. E Teresa tornou-se mestra e doutora.

O povo, que, com suas intuições, normalmente precede a Igreja, desde o início descobriu em Teresa a mestra dos espirituais. Paulo VI, no dia 27 de setembro de 1970, a proclamou solenemente doutora da Igreja.

A melhor forma de compreender a figura dessa mulher é aproximar-se de seus escritos em atitude de simplicidade, sem esquecer que Madre Teresa fala mais ao coração que à inteligência. A sua afetividade encontra pleno transbordamento no íntimo diálogo com Deus. O método de oração teresiano é o caminho que devemos seguir para obter a água da fonte para regar o jardim de nossa alma.

Nada te turbe,
nada te espante.
Todo se pasa,
Dios no se muda.
La paciencia
todo lo alcanza.
Quien a Dios tiene
nada le falta.
Sólo Dios basta!

FREI PATRÍCIO SCIADINI, OCD

# LIVRO DA VIDA

#### JHS

- 1. Quisera eu que, assim como me mandaram e deram ampla licença para escrever o modo de oração e as mercês que o Senhor me tem concedido, também ma dessem para que, com muita freqüência e clareza, dissesse os meus grandes pecados e vida ruim; isso seria para mim grande consolo. Mas não quiseram e, antes, preferiram que a isso me restringisse. E por isso peço, por amor de Deus, que quem ler este relato da minha vida tenha diante dos olhos que fui tão ruim que não encontro santo dentre os que voltaram para Deus com quem me consolar. Porque considero que depois de o Senhor os ter chamado, não O tornavam a ofender. Eu não só voltava a ser pior, como parecia estudar a maneira de resistir às mercês que Sua Majestade me concedia, como quem se visse obrigado a servir mais e percebesse não ser capaz de pagar parte mínima do que devia.
- 2. Bendito seja Ele para sempre, que tanto me esperou; e, com todo o meu coração, suplico me dê graça para, com toda clareza e verdade, fazer este relato que meus confessores me mandam. Que o Senhor o quer, eu o sei há muitos dias, mas não me atrevi; e que seja para glória e louvor Seu e para que, doravante, conhecendo-me eles melhor, ajudem-me na minha fraqueza para que eu possa compensar algo do que devo ao Senhor, a Quem sempre devem louvar todas as coisas. Amém.

# CAPÍTULO 1

Trata de como o Senhor começou a despertar a sua alma na infância para as coisas virtuosas e de quanto contribui para isso serem os pais virtuosos.

1. Não fosse eu tão ruim, bastaria ter pais virtuosos e tementes a Deus como favor do Senhor para que fosse boa.¹ Meu pai gostava de ler bons livros e os tinha em vernáculo para que seus filhos os lessem. E isso,² ao lado do cuidado de minha mãe em fazer-nos rezar e ter devoção por Nossa Senhora e por alguns santos, começou a despertar-me com a idade de, ao que me parece, seis ou sete anos. Ajudava-me não ver em meus pais inclinação senão para a virtude. Tinham muitas.

Meu pai era homem muito caridoso com os pobres e piedoso com os enfermos e até com os criados; tanto que jamais se pôde conseguir que tivesse escravos,³ porque tinha deles grande dó. Estando certa vez uma escrava de um seu irmão em sua casa, ele a tratava como a seus filhos. Dizia que o fato de não ser ela livre em nada prejudicava a sua piedade. Era muito sincero. Ninguém jamais o viu praguejar ou murmurar. Era de extrema honestidade.

- 2. Minha mãe também tinha muitas virtudes e passou a vida com grandes enfermidades. Grandíssima honestidade. Embora muito bela, nunca deu ensejo a que se pensasse ser ela vaidosa, porque, apesar de morrer aos trinta e três anos, seu traje já era o de uma pessoa de muita idade. Muito pacífica e de grande entendimento. Foram enormes os trabalhos por que passou enquanto viveu. Morreu muito cristãmente.
- 3. Éramos três irmãs e nove irmãos. Pela bondade de Deus, todos se pareciam com os pais na virtude, menos eu, embora fosse a mais querida de meu pai. E, antes de começar a ofender a Deus, parece que eu tinha alguma razão para isso; porque me lastimo quando me recordo das boas inclinações que o Senhor me dava e de quão mal delas tirei proveito.
- 4. Pois os meus irmãos em nada me prejudicavam no servir a Deus.<sup>4</sup> Um deles, quase da minha idade, juntava-se a mim na leitura da vida dos santos (ele era aquele a quem eu mais queria, embora tivesse grande amor por todos, e eles por mim). Como via os martírios que as santas passavam por Deus, parecia-me que pagavam muito pouco o gozo de Deus, e eu desejava muito morrer assim, não pelo amor que achava ter por Ele, mas para gozar, tão cedo, dos grandes bens que lia haver no céu; e, com esse meu irmão, discutia o meio que haveria para isso. Combinávamos ir para a terra dos mouros, pedindo pelo amor de Deus que nos decapitassem. E parece-me que o Senhor nos daria ânimo em tão tenra idade se víssemos algum meio, mas o fato de ter pais nos parecia o maior problema.<sup>5</sup>

Espantava-nos muito a afirmação, no que líamos, de que a pena e a glória eram para sempre. Ocorria de passarmos muito tempo tratando disso e nos agradava dizer muitas vezes: para sempre, sempre, sempre! Por dizer isso muito devagar, ficava impresso em mim, em tão tenra idade, o caminho da verdade — com que o Senhor era servido.

- 5. Quando vi ser impossível ir aonde me matassem por Deus, resolvemos ser eremitas; e, numa horta que havia na casa, tentávamos, como podíamos, fazer ermidas, amontoando pedregulhos, que logo vinham abaixo. E assim em nada achávamos remédio para nosso desejo; como se reforça agora a minha devoção ver que Deus me dava tão cedo o que perdi por minha culpa.
- 6. Eu dava esmola como podia, e pouco podia. Procurava a solidão para rezar as minhas devoções, que eram muitas, em especial o rosário, de que a minha mãe era muito devota, e, assim, nos fazia sê-lo. Gostava muito, quando brincava com outras meninas, de fazer mosteiros, como se fôssemos monjas; e parece-me que eu desejava sê-lo, embora não tanto quanto as outras coisas de que falei.
- 7. Recordo-me de que, quando minha mãe morreu, eu tinha doze anos, ou um pouco menos.<sup>6</sup> Quando comecei a perceber o que havia perdido, ia aflita a uma imagem de Nossa Senhora e suplicava-lhe, com muitas lágrimas, que fosse ela a minha mãe. Parece-me que, embora o fizesse com simplicidade, isso me tem valido; porque reconhecidamente tenho encontrado essa Virgem soberana sempre que me encomendo a ela e, enfim, voltou a atrair-me a si.<sup>7</sup> Incomoda-me agora ver e pensar no motivo por que não me mantive íntegra nos bons desejos com que comecei.
- 8. Ó Senhor meu! Como pareceis ter determinado que eu me salve, praza a Vossa Majestade que assim seja; e, concedendo-me tantas mercês como me tendes concedido, não teríeis podido fazer que, não para meu proveito mas por respeito a Vós, não se sujasse tanto a pousada onde com tanta freqüência haveríeis de morar? Aflige-me, Senhor, até dizer isso, pois sei que foi minha toda a culpa; porque não me parece que vos faltasse desvelo para levar-me, desde essa idade, a ser toda Vossa. Quanto a queixar-me de meus pais, tampouco posso, porque não via neles senão todo bem e cuidado pelo meu bem.

Porque, depois dessa idade, em que comecei a entender as graças de natureza que o Senhor me dera — que, segundo diziam, eram muitas — e, devendo começar a dar graças por elas, passei a me utilizar de todas para ofendê-Lo, como agora direi.

### CAPÍTULO 2

TRATA DE COMO FOI PERDENDO ESSAS VIRTUDES E DE QUANTO IMPORTA, NA INFÂNCIA, TRATAR COM PESSOAS VIRTUOSAS.

- 1. Parece-me que começou a me prejudicar muito o que agora vou dizer. Considero algumas vezes o mal que fazem os pais em não procurar que seus filhos vejam sempre, e de todas as maneiras, coisas virtuosas. Porque, sendo minha mãe, como eu disse,¹ tão virtuosa, ao chegar ao uso da razão não aproveitei tanto do bem, enquanto o mal muitos prejuízos me trouxe. Ela gostava de livros de cavalaria,² e esse passatempo não lhe fazia tão mal quanto a mim, porque ela não deixava seu labor, somente nos dando liberdade para lê-los. E é possível que o fizesse para não pensar nos grandes sofrimentos que tinha, e para ocupar seus filhos, evitando que se perdessem em outras coisas. Isso pesava tanto a meu pai, que era preciso ter cuidado para que ele não o visse. Acostumei-me a lê-los; e aquela pequena falta que nela eu via fez esfriar em mim os desejos, levando-me a me descuidar das outras coisas; e não me parecia ruim passar muitas horas do dia e da noite em exercício tão vão, escondida de meu pai. Era tamanha a minha absorção que, se não tivesse um livro novo, em mais nada encontrava contentamento.
- 2. Comecei a enfeitar-me e a querer agradar com a boa aparência, a cuidar muito das mãos e dos cabelos, usando perfumes e entregando-me a todas as vaidades. E eram muitas as vaidades, porque eu era muito exigente.<sup>3</sup> Não tinha má intenção, não desejava que alguém ofendesse a Deus por minha causa. Durou muitos anos esse requinte demasiado, ao lado de outras coisas que não me pareciam pecado. E agora vejo que mal deviam trazer

Alguns primos irmãos meus<sup>4</sup> eram os únicos a freqüentar a nossa casa, porque o meu pai era muito recatado; e quisera Deus que também o tivesse sido com esses, pois agora percebo o perigo que vem do contato, na idade em que se deve começar a ter virtudes, com pessoas que, não reconhecendo a vaidade do mundo, nos atraem para ela. Meus primos eram quase da minha idade, sendo pouco mais velhos que eu. Andávamos sempre juntos. Eles gostavam muito de mim, e conversávamos sobre todas as coisas que lhes davam prazer. Eu os ouvia falar de suas aspirações e leviandades, que nada tinham de boas. Pior ainda foi que a minha alma começou a não resistir ao que lhe causava todo o mal.

3. Se eu tivesse de aconselhar, diria aos pais para se acautelarem com as pessoas que têm contato com seus filhos nessa idade. É grande o perigo, já que a nossa natureza tende mais para o mal do que para o bem.

Foi o que aconteceu comigo. Eu tinha uma irmã mais velha do que eu,<sup>5</sup> e não aprendi nada com a sua grande honestidade e bondade, mas assimilei todo o mal de uma parenta que freqüentava muito a nossa casa. Sua grande leviandade levara minha mãe a se esforçar muito para afastá-la de casa; ela parecia adivinhar o prejuízo que, me sobreviria, e eram tantas as oportunidades de visitas que minha mãe nada pôde fazer. Passei a gostar dessa parenta. Com ela tinha conversas e entretenimentos, porque ela me ajudava em todas as diversões do meu agrado e até me atraía para elas, tornando-me ainda confidente de suas conversas e vaidades. Até o momento em que com ela convivi, por volta dos meus catorze anos, ou um pouco mais (quando ela era minha amiga e eu ouvia as suas confidências), não creio ter me afastado de Deus por algum pecado mortal nem perdido o temor d'Ele, embora fosse mais forte o sentimento da honra. Este foi forte o bastante para que eu não a perdesse de todo; e tenho a impressão de que nada neste mundo poderia me fazer mudar nesse aspecto, nem o amor de nenhuma pessoa era capaz de me fazer fraquejar quanto a isso. Teria sido muito melhor se eu tivesse usado essa força para não ofender a honra de Deus, em vez de empregar tanto esforço em não fracassar no que considerava a honra do mundo! E, no entanto, eu a perdia de tantas outras maneiras!

4. Eu exagerava nesse inútil apego à honra. Não empregava os meios necessários para conservá-la, preocupando-me apenas em não me perder por inteiro.

Meu pai e minha irmã tinham muito desgosto com essa amizade, repreendendo-me freqüentemente por mantê-la. Como não podiam evitar que a parenta fosse à nossa casa, foram inúteis os seus esforços, pois era grande minha esperteza para o mal. Às vezes, o prejuízo que vem das más companhias me causa espanto e, se não tivesse passado por isso, não poderia acreditar; especialmente na época da mocidade, deve ser maior o mal que isso traz. Eu gostaria que os pais, com o meu exemplo, se acautelassem e observassem bem isso. A verdade é que essa amizade me transformou a tal ponto que quase nada restou da minha inclinação natural

para a virtude; e me parece que ela e outra moça, que gostava do mesmo tipo de passatempo, imprimiam em mim seus hábitos.

- 5. Isso me faz entender o enorme proveito que vem da boa companhia, e estou certa de que, se naquela idade tivesse tido contato com pessoas virtuosas, a minha virtude teria se mantido intacta; porque, se tivesse tido, nessa idade, pessoas que me ensinassem a temer a Deus, a minha alma teria se fortalecido contra a queda. Tendo perdido esse temor de Deus, ficou-me apenas o de perder a honra, o que, em tudo o que eu fazia, me trazia aflição. Pensando que não se teria como descobrir, atrevi-me a fazer coisas contra a honra e contra Deus.
- 6. Foram essas coisas que, em princípio, me fizeram mal, e creio que a culpa não devia ser dessa parenta, mas minha, visto que já bastava minha própria inclinação para o mal; havia na casa criadas, que em tudo me ajudavam em minhas vaidades; se alguma me tivesse dado bons conselhos, talvez eu tivesse aproveitado. Mas dominava-as o interesse; e a mim, a afeição. Eu não me entregava a pecados graves, porque não gostava, por natureza, de coisas desonestas, mas me dedicava a conversas agradáveis o que não impedia que eu estivesse em perigo, exposta a situações arriscadas, expondo a elas também meu pai e meus irmãos. De tudo isso Deus me livrou, e de um modo que mostrou com clareza estar Ele procurando, até contra a minha vontade, evitar que eu me perdesse por inteiro. Mas o meu proceder não permaneceu tão oculto a ponto de não lançar dúvidas contra a minha honra e criar suspeitas em meu pai. Eu estava envolvida nessas vaidades há uns três meses, quando me levaram a um mosteiro existente no lugar; nele, criavam--se pessoas em condições semelhantes, embora não de costumes tão ruins quanto os meus; e isso de maneira tão discreta, que só eu e um parente o soubemos. Dessa maneira, esperaram uma ocasião adequada, que não parecesse estranha: foi o casamento da minha irmã, que me deixou só, sem mãe, o que não parecia próprio.
- 7. Era tão grande o amor de meu pai por mim, e tanta a minha dissimulação, que ele não acreditava que eu fosse tão má, razão por que não perdeu a confiança em mim. Como o período dessas minhas leviandades foi curto, embora alguma coisa tivesse sido percebida, nada se podia dizer com certeza; com o grande cuidado que eu tinha para que nada se soubesse, visto que temia tanto pela minha honra, eu não via que não podia ocultar algo de quem tudo vê. Ó Deus! Que mal faz ao mundo não se levar isso em conta e pensar que alguma coisa contra Vós possa ser secreta! Estou certa de que muitos males seriam evitados se soubéssemos que o importante não é nos ocultar dos homens, mas evitar descontentar a Vós.
- 8. Os primeiros oito dias foram dolorosos, e mais por eu temer que minha vaidade tivesse sido divulgada do que por estar ali. Na época, eu já estava cansada e passara a temer muito a Deus quando o ofendia, procurando confessar-me tão logo pudesse. Isso me causava tanto desassossego que, depois de oito dias no mosteiro, talvez antes, eu estava muito mais feliz que na casa de meu pai. Todas estavam satisfeitas comigo, pois o Senhor me concedeu a graça de agradar a todos onde quer que eu estivesse, sendo assim muito querida. Naquele tempo, desgostava-me a idéia de tornar-me monja; apesar disso, eu apreciava ver as boas religiosas daquela casa, muito honestas, fervorosas e recatadas. E, no entanto, isso não impedia o demônio de me tentar nem as pessoas de fora de me desassossegar com recados. Como, porém, eu os desencorajasse, breve tudo teve fim. Minha alma reencontrou o bem de minha meninice, e vi o grande favor que Deus concede a quem põe em companhia dos bons. Creio que Ele buscava incessantemente a melhor maneira de me trazer a Si. Bendito sejais, Senhor, que tanto sofrestes por mim! Amém.
- 9. Havia algo que, não fossem tantas as minhas culpas, talvez pudesse me desculpar: minhas amizades podiam acabar bem, resultando em casamento. Meu confessor e outras pessoas que me aconselhavam diziam que muitas coisas que eu fazia não eram contrárias a Deus.
- 10. Em nosso dormitório de educandas dormia uma monja<sup>8</sup> por meio da qual o Senhor quis, ao que parece, começar a iluminar-me; falarei disso agora.

#### CAPÍTULO 3

TRATA DE COMO A BOA COMPANHIA SERVIU PARA REAVIVAR SEUS DESEJOS E DE COMO O SENHOR COMEÇOU A DAR-LHE ALGUM CONHECIMENTO SOBRE O ENGANO PELO QUAL SE DEIXARA ATRAIR

1. Comecei a gostar da boa e santa conversa dessa monja, agradando-me ouvi-la falar tão bem de Deus. Ela era muito discreta e virtuosa. Em nenhum momento, penso eu, perdi o prazer de ouvir essas coisas. Ela me contou que decidira ser monja apenas por ter lido as palavras do Evangelho: *Muitos são os chamados e poucos os escolhidos*.¹ Ela me falava da recompensa dada pelo Senhor a quem deixa tudo por Ele. Essa boa companhia foi dissipando os hábitos que a má tinha criado, elevando o meu pensamento no desejo das coisas

eternas e reduzindo um pouco a imensa aversão que sentia por ser monja. Eu tinha muita inveja quando via alguma monja chorar ao rezar ou praticar outras virtudes. Nesse período, meu coração era tão duro que a leitura de toda a Paixão não arrancaria de mim uma lágrima, o que me deixava muito pesarosa.

2. Fiquei nesse mosteiro um ano e meio, tendo melhorado muito. Comecei a fazer muitas orações vocais e a pedir a todos que me encomendassem a Deus, para que Ele me indicasse o caminho em que melhor o servisse. Eu queria, no entanto, que não fosse como monja, que Deus não me desse esse desejo, muito embora temesse o casamento.

Ao final do tempo que ali passei, já aceitava mais a condição de monja, mas não naquele lugar, porque havia ali algumas práticas virtuosas que me pareciam exageradas. Algumas das colegas mais novas eram também dessa opinião. Teria sido muito bom se todas pensassem igual. Além disso, eu tinha uma grande amiga² em outro mosteiro e decidira ser monja, se isso tivesse de acontecer, apenas onde ela estivesse. Eu me entregava mais ao que agradava à minha sensualidade³ e vaidade do que àquilo que era para o bem da minha alma. Tinha algumas vezes bons pensamentos de dedicar-me a Deus, mas estes logo passavam, e eu não me convencia a fazê-lo.

- 3. Nessa época, embora não me dedicasse à minha salvação, o Senhor cuidava mais de mim, encaminhando-me para o estado que mais me servia. Ele me deu uma grave doença, que me fez voltar para a companhia de meu pai. Curada, fui levada à casa de minha irmã, que morava numa aldeia,<sup>4</sup> para fazer-lhe uma visita. Era muito grande o seu amor por mim e, por sua vontade, eu nunca deixaria a sua companhia. Seu marido compartilhava disso; pelo menos demonstrava-me grande afeição. Uma das grandes graças que devo ao Senhor é ter sido querida em todo lugar em que estive, e eu em troca o servia sendo o que sou.
- 4. Um irmão de meu pai morava no caminho. Pessoa muito experiente, muito virtuosa, viúvo, ele estava sendo preparado pelo Senhor para o Seu serviço. Tendo deixado tudo o que tinha em idade avançada, abraçou a vida religiosa e morreu em tamanha santidade que deve estar na companhia de Deus.<sup>5</sup> A pedido seu, detive-me com ele alguns dias. Ele costumava dedicar--se à leitura de bons livros em castelhano e de modo geral falava sobre Deus e a vaidade do mundo. Meu tio fazia-me lê-los e, embora não me agradassem esses livros, eu mostrava que sim; porque, no tocante a dar prazer aos outros, mesmo que me custasse sacrificios, eu me esforçava muito. E a tal ponto que em outras pessoas teria sido uma virtude, enquanto em mim era, reconheço, enorme defeito, visto agir muitas vezes sem discrição.

Valha-me Deus! De que maneira Sua Majestade dispunha de mim para a condição em que quis se servir de mim! Sem que eu o quisesse, obrigou--me a me fortalecer! Bendito seja para sempre. Amém.

- 5. Fiquei poucos dias na casa desse meu tio. A força das palavras de Deus, tanto lidas como ouvidas, e a boa companhia me fizeram compreender as verdades que entendera quando menina: a inutilidade<sup>6</sup> de tudo o que há no mundo, a vaidade existente neste, a rapidez com que tudo acaba. Passei a pensar e a temer que talvez fosse para o inferno caso morresse naquele momento. Apesar de a minha vontade de ser monja não ser absoluta, percebi ser essa a condição melhor e mais segura; e, assim, aos poucos, decidi forçar--me a abraçá-la.
- 6. Passei três meses nessa batalha, lutando comigo mesma com o seguinte raciocínio: os trabalhos e o sacrificio de ser monja não podiam ser maiores do que os do purgatório, e eu bem que merecia os do inferno; por isso, não seria demais viver como no purgatório se depois fosse diretamente para o céu. E assim me decidi.

Nesse esforço para decidir sobre a escolha de estado, acredito que me impelia mais um temor servil do que o amor. O demônio insinuava que eu não ia suportar as exigências da vida religiosa, por gostar tanto de comodidades. Eu replicava com a lembrança dos sofrimentos de Cristo, acreditando que não seria demais passar por alguns por Ele; achava também que Ele me ajudaria — mas não tenho certeza disso. Foram muitas as tentações por que passei.

7. Afligiam-me nessa época constantes desmaios, bem como febres. Minha saúde nunca foi muito boa. O que me ajudou foi já ter me tornado amiga dos bons livros. Lia as Epístolas de São Jerônimo,<sup>7</sup> que me animaram a tal ponto que decidi dizê-lo a meu pai. Isso quase equivalia a tomar o hábito, porque, sendo tão briosa, de maneira alguma voltaria atrás, tendo-o declarado. Era tanto o amor que meu pai me dedicava que de forma alguma pude convencê--lo, nem o conseguiram as pessoas a quem pedi que lhe falassem. O máximo que ele disse foi que, depois de sua morte, eu faria o que quisesse. Eu sabia que não podia confiar em mim mesma e temia que a minha fraqueza me fizesse recuar, e por isso achei que devia insistir e fiz esforços que me conduzissem a isso por outro caminho, como vou contar agora.

# CAPÍTULO 4

DIZ COMO O SENHOR A AJUDOU A TRIUNFAR SOBRE SI MESMA PARA TOMAR O HÁBITO E DAS MUITAS DOENÇAS QUE SUA MAJESTADE COMEÇOU A LHE DAR.

1. Na época em que eu estava preocupada com essas decisões, convenci um dos meus irmãos a se tornar frade,¹ persuadindo-o da vaidade do mundo; e resolvemos ir juntos um dia, bem de manhã, ao mosteiro onde estava aquela minha amiga — esse era o mosteiro que mais me agradava.² Naquele momento, eu estava de tal modo decidida a ser monja que teria ido a qualquer mosteiro onde pudesse servir mais a Deus ou que agradasse ao meu pai. Eu estava voltada para curar a minha alma e dedicava o maior descaso à minha comodidade.

Lembro-me bem, e creio que com razão, que o meu sofrimento ao deixar a casa paterna não foi menor que a dor da morte.<sup>3</sup> Eu tinha a impressão de que os meus ossos se afastavam de mim e que o amor de Deus não era maior do que o amor ao meu pai e à minha família, sendo necessário fazer tamanho esforço que, se o Senhor não me tivesse ajudado, as minhas considerações não teriam bastado para que eu prosseguisse. No momento certo, o Senhor me deu ânimo na luta contra mim mesma e, assim, levei adiante o meu propósito.

2. Quando tomei o hábito, o Senhor logo me fez compreender como favorece os que se esforçam por servi-Lo. Ninguém percebeu o meu esforço, mas só a minha imensa vontade. Ao fazê-lo, tive tal alegria de ter abraçado aquele estado que até hoje permaneço com ela; Deus transformou a aridez que tinha a minha alma em magnífica ternura. As observâncias da vida religiosa eram um deleite para mim; na verdade, nas vezes em que varria, em horários que antes dedicava a divertimentos e vaidades, me vinha uma estranha felicidade não sei de onde, diante da lembranca de estar livre de tudo aquilo.

Quando me lembro disso, não existe nada, por mais difícil e penoso, que eu deixe de realizar se puder. Na minha experiência de muitas ocasiões, se faço o esforço inicial, determinando-me a fazê-lo (sendo só por Deus, Ele quer — para o nosso maior merecimento — que a alma sinta aquele pavor até começar e, quanto maior ele for, maior a recompensa, e mais saborosa se torna depois), ainda nesta vida nos premia Sua Majestade por caminhos que só quem passa por isso o entende. Sei disso por experiência, como disse, em muitas coisas deveras graves; por isso, jamais aconselharia, se tivesse de fazê-lo, que, quando vier uma boa inspiração repetidas vezes, se deixe, por medo, de empreendê-la; porque, se o fizermos somente por Deus, não há por que temer o fracasso, pois poderoso é Ele em tudo. Bendito seja para sempre. Amém.

3. Bastariam, ó sumo Bem e descanso meu, as mercês que me tendes feito até aqui: trazendo-me, por tantos rodeios da Vossa piedade e grandeza, a uma condição tão segura e a uma casa com tantas servas Suas que me podem servir de exemplo para ir crescendo em Vosso serviço. Não sei como prosseguir ao me lembrar como cheguei à minha profissão,<sup>4</sup> a grande determinação e contentamento com que o fiz, a aliança que fiz convosco. Não posso dizê-lo sem lágrimas; e estas teriam de ser de sangue, despedaçando-me o coração, e ainda assim não seria demasiado pelo tanto que depois Vos ofendi.

Tenho agora a impressão de que estava certa em recusar tão grande dignidade, pois a haveria de usar muito mal. Mas Vós, Senhor meu, quisestes ser — nos quase vinte anos em que tenho empregado mal essa mercê — o ofendido, para que eu fosse melhorada. Até parece, Deus meu, que prometi não cumprir nada do que Vos havia prometido, embora na época esse não fosse o meu propósito; mas, depois, prossegui de tal maneira que já não sei o que pretendia. Isso manifesta ainda mais quem sois Vós, Esposo meu, e quem sou eu. Pois é verdade que muitas vezes o sentimento de minhas grandes culpas é temperado pelo contentamento que me dá a compreensão da multiplicidade das Vossas misericórdias.<sup>5</sup>

- 4. Em quem, Senhor, poderiam essas misericórdias brilhar senão em mim, que tanto obscureci com minhas obras más os grandes favores que começastes a me conceder? Ai de mim, Criador meu, que não posso me desculpar por nenhuma desculpa ter, só podendo culpar a mim mesma! Para retribuir um pouco do amor que começastes a me mostrar, só em Vós eu poderia empregar o meu amor, o que teria remediado todo o mal. Como não o mereci, nem tive tanta ventura, valha-me agora, Senhor, a Vossa misericórdia.
- 5. Mudar de vida e de alimentação causou-me danos à saúde. Embora fosse grande a alegria, não o suportei. Os desmaios aumentaram, com uma dor no coração de tamanha intensidade que todos os que me viam se espantavam, ao lado de tantos outros males. O primeiro ano, eu o fui passando com a saúde bem abalada, embora não me pareça ter ofendido muito a Deus. Era tão grave a doença que eu ficava quase sempre privada de sentidos, chegando às vezes a perdê-los de fato. Meu pai se empenhava em encontrar algum remédio. Como os médicos daqui não resolveram, ele decidiu me levar a um lugar muito famoso na cura de outras enfermidades, onde, pelo que lhe disseram, eu também me livraria do meu mal.<sup>6</sup> Acompanhou-me a amiga que, como eu disse, era antiga na casa, porque em nosso convento não se fazia voto de clausura.

- 6. Fiquei quase um ano naquele lugar. Por três meses, padeci tanto, devido ao rigoroso regime a que fui submetida, que não sei como suportei o tormento. Por fim, embora eu tenha resistido, minha compleição delicada se abalou, como direi. O tratamento iria começar no princípio do verão, mas fui para lá no início do inverno. Passei todo esse tempo na casa de minha irmã, que vivia numa aldeia pouco distante, para esperar o mês de abril, e para evitar idas e vindas.
- 7. Quando eu ia, aquele tio que morava, como eu disse, no caminho, me deu um livro; chamava-se *Terceiro Abecedário* e ensinava a oração de recolhimento.<sup>10</sup> Nesse primeiro ano, eu havia lido bons livros (pois não quis mais usar outros, visto que já entendia o mal que me tinham causado), mas não sabia como agir na oração nem no recolhimento, e por isso aquele livro me deu grande alegria. Decidi seguir aquele caminho com todas as minhas forças.<sup>11</sup> Naquela época, o Senhor já me tinha dado o dom das lágrimas, e, como eu gostava de ler, comecei a ter momentos de solidão, a confessar-me com freqüência e a seguir aquele caminho, tendo o referido livro por mestre. Outro mestre, isto é, algum confessor que me entendesse, busquei durante vinte anos, mas não o encontrei, o que me prejudicou e me fez retroceder muitas vezes, podendo ter me levado à ruína total. Se tivesse tido um confessor, eu teria sido ajudada em evitar as ocasiões de ofender a Deus.

Sua Majestade começou a me dar tantas graças desde o início que, ao fim do tempo que ali passei (aproximadamente nove meses de solidão; não vivia tão livre de ofender a Deus como o livro recomendava, mas passava por cima disso; parecia-me quase impossível evitar tudo; tinha cuidado para não cometer pecados mortais, e quisera Deus que sempre o tivesse tido; dos veniais, eu fazia pouco caso, e foi isso o que me destruiu)...<sup>12</sup> me concedia tanta força para seguir esse caminho que me agraciava com a oração de quietude e até de união. Eu ainda não compreendia nenhuma dessas coisas, nem quanto mereciam ser prezadas; teria sido um grande bem compreendê-lo. É verdade que a oração de união durava muito pouco, talvez menos do que uma ave-maria. Causava, no entanto, efeitos tão grandes que eu, com menos de vinte anos de idade, <sup>13</sup> tinha a impressão de estar pairando acima do mundo. Lembro que lastimava quem seguia as coisas do mundo, embora lícitas.

Eu buscava com todas as forças manter dentro de mim Jesus Cristo, nosso bem e Senhor, sendo esse o meu modo de oração. Se me ocorria algum passo da Paixão, eu o representava no meu íntimo; mas a maior parte do tempo eu dedicava a ler bons livros, sendo essa toda a minha recreação. Não recebi de Deus o dom de orar discursivamente nem de aproveitar a imaginação — é tão fraca a minha que, mesmo para pensar e representar para mim, como tentava fazer, a humanidade do Senhor, nunca consegui. É verdade que, não podendo usar o intelecto, quem persevera chega mais depressa à contemplação, mas com muitos sofrimentos e aflições. Se não há o emprego da vontade, nem o amor tem com que se ocupar, a alma fica sem apoio e sem exercício; a solidão que sobrevém, acompanhada de aridez, é causa de grande sofrimento e instala um enorme combate aos pensamentos.

- 8. Quem não consegue agir com o intelecto precisa de mais pureza de consciência do que quem o faz. De fato, quem medita sobre o que é o mundo, sobre o quanto deve a Deus, os muitos sofrimentos de Cristo, o pouco que realiza a seu serviço e o que o Senhor concede a quem o ama tem como defender-se dos pensamentos, das ocasiões e dos perigos. Porém, quem não pode tirar proveito disso se expõe a maior risco e precisa se ocupar muito da leitura, pois por si mesmo não consegue fazer boas reflexões; esse modo de proceder na oração causa muito sofrimento a essas pessoas. Por mais curta que seja, a leitura tem utilidade para elas e é até necessária para que se recolham; ela supre a oração mental que elas não conseguem fazer. Se o mestre que ensina insistir que a oração seja sem leitura (sendo a leitura uma grande ajuda para que essas pessoas se recolham), pessoas assim não conseguem perseverar muito tempo na oração. E, se lutarem, elas sentirão um enfraquecimento, porque o combate é muito penoso.
- 9. Agora acho que a Providência Divina quis que eu não encontrasse quem me ensinasse. Eu não teria conseguido perseverar na oração nos dezoito anos em que me acometeram tamanhos sofrimentos e aridez, visto não poder fazer oração discursiva, sem as leituras. Por todo esse tempo, eu não me atrevia a começar a orar sem livro, exceto quando acabava de comungar; minha alma temia tanto orar sem livro que era como se tivesse de enfrentar um exército. Com esse recurso, que era uma companhia ou escudo que amortecia os golpes dos muitos pensamentos, eu obtinha consolo. Porque a aridez não costumava vir quando eu tinha um livro; os pensamentos se recolhiam carinhosamente, e o espírito se concentrava. Muitas vezes, o simples fato de ter o livro à mão bastava. Em algumas ocasiões, eu lia pouco e, em outras, muito, a depender da graça que o Senhor me dava.

Eu tinha a impressão, nesses primeiros anos de que falo, de que, com livros e solidão não corria o risco de perder tanto bem; e creio, com o favor de Deus, que o teria perdido se tivesse tido mestre ou alguma pessoa que desde o início me ensinasse a fugir dos perigos ou a evitá-los tão logo me visse enredada neles. E, se o demônio me atacasse abertamente na época, penso que de nenhuma maneira me levaria a cometer um pecado grave. Mas ele foi tão sutil, e eu, tão imperfeita, que pouco aproveitei de todas as minhas determinações, embora aqueles dias em que servi a Deus, sofrendo as terríveis doenças que tive, com toda a grande paciência que Sua Majestade me deu, muito me tenham servido.

- 10. Muitas vezes pensei, espantada, na grande bondade de Deus, ficando minha alma maravilhada ao ver sua grande magnificência e misericórdia. Bendito seja Ele por tudo, pois sempre vi com grande clareza que, mesmo nesta vida, Ele não deixa de recompensar nenhum bom desejo. Por piores e mais imperfeitas que fossem as minhas obras, o Senhor as melhorava, aperfeiçoava e tornava meritórias, apressando-se a esconder minhas faltas e pecados. E, mais do que isso, Sua Majestade cegava e tirava a memória dos que tinham visto essas minhas faltas e pecados. O Senhor doura as culpas, faz com que resplandeça uma virtude que Ele mesmo põe em mim, quase me maltratando para que eu a tenha.
- 11. Quero voltar à ordem que me deram e dizer que, se fosse contar com detalhes o modo como o Senhor se relacionava comigo nesses princípios, seria necessário um talento maior que o meu para mostrar o valor do que lhe devo, e para revelar minha grande ingratidão e maldade, pois esqueci tudo isso. Que Ele seja para sempre bendito, pelo tanto que me tem suportado. Amém.

#### CAPÍTULO 5

CONTINUA A FALAR DAS GRANDES ENFERMIDADES QUE TEVE E DA PACIÊNCIA QUE O SENHOR LHE DEU PARA SUPORTÁ-LAS, E DIZ COMO ELE DO MAL EXTRAI O BEM, COMO SE VERÁ PELO QUE ACONTECEU A ELA NO LUGAR AO OUAL FOI PARA CURAR-SE.

1. Esqueci de dizer que, no ano de noviciado, tive grandes desassossegos com coisas que, em si, pouca importância tinham. Culpavam-me muitas vezes sem que eu tivesse culpa, e eu sofria com muitos desgostos e imperfeições, embora o meu grande contentamento com o fato de ser monja a tudo compensasse. Como me viam buscar a solidão, bem como chorar algumas vezes por meus pecados, pensavam que eu estivesse descontente, e o diziam.

Eu gostava de todos os costumes religiosos, mas não tolerava sofrer o que me parecesse menosprezo. Apreciava que gostassem de mim, dedicava--me a tudo o que fazia. Tudo me parecia virtuoso, embora isso não me sirva de desculpa, porque eu sabia procurar o que me dava prazer, razão por que a ignorância não me tira a culpa. O fato de o mosteiro não estar fundado em muita perfeição pode relevar algumas faltas minhas; contudo, por minha ruindade, eu acolhia o que era defeituoso e desprezava o que era bom.

2. Uma das religiosas sofria então, prostrada por grande e dolorosa enfermidade; devido a uma obstrução, fizeram-lhe abertura no ventre, por onde regurgitava tudo o que comia. Em pouco tempo faleceu. Eu via todas temerem aquele mal, mas tinha grande inveja de sua paciência; pedia a Deus que, dando-me semelhante paciência, também me desse as enfermidades que desejasse. Parece-me que eu não temia nenhuma, pois estava tão determinada a obter bens eternos que me dispunha a ganhá-los por qualquer meio. E espanto-me porque então ainda não tinha — a meu ver — amor a Deus, como acreditei que tivesse depois que comecei a fazer orações. Tratava-se apenas de uma luz que me levava a ver o pouco valor do perecível e o alto preço dos bens que com ele se podem ganhar, visto serem eternos.

Sua Majestade me ouviu tanto que, em menos de dois anos, a minha condição era tal que, embora diferente daquela, a minha enfermidade não foi menos dolorosa nem deu menos trabalho; durou três anos, como agora vou narrar.

- 3. Chegado o momento de ir me tratar, que eu aguardava com a minha irmã nesse lugar,¹ esta, o meu pai e a monja amiga minha que viera comigo, e que muito gostava de mim, me levaram com extremo cuidado.
- O demônio logo começou a inquietar minha alma, mas Deus retirou disso grandes benefícios. No lugarejo onde fui me curar,² morava um sacerdote que, além de nobre e inteligente, tinha alguma instrução. Comecei a confessar--me com ele, porque sempre fui amiga das letras, apesar do grande dano que me tinham feito confessores mais ou menos letrados, a quem eu recorria por não encontrar algum mais instruído. Sei por experiência que é melhor que os religiosos, sendo virtuosos e de vida santa, sejam antes totalmente ignorantes do que doutos pela metade. Os ignorantes não confiam em si, consultando os mais sábios; os verdadeiramente cultos nunca se enganam, ao passo que os outros, embora não pretendam enganar, também não sabem mais do

que ensinam. Eu achava que os confessores de pouca instrução fossem competentes, julgando que bastava apenas lhes dar crédito. Por outro lado, a doutrina que me transmitiam era ampla e de maior liberdade. Se assim não fosse, sou tão ruim que por certo buscaria outros. O que era pecado venial, eles me diziam não ser pecado; o que era pecado mortal gravíssimo, diziam que era venial. Isso me fez tanto mal que é preciso dizê-lo aqui, para alertar outras pessoas sobre os danos que isso traz. Bem sei que isso não é desculpa aos olhos de Deus; o simples fato de certas coisas não serem boas em si devia ser suficiente para que eu as evitasse. Creio que, por causa dos meus pecados, Deus permitiu que esses confessores se enganassem e me enganassem. E eu enganei outras tantas pessoas por lhes transmitir o mesmo que eles me tinham dito.

Fiquei com essa cegueira, creio eu, por mais de dezesseis anos, até que um padre dominicano,<sup>3</sup> grande erudito, dissipou esses erros; os da Companhia de Jesus incutiram em mim um saudável temor, revelando-me a gravidade de princípios tão maus, como depois vou contar.

- 4. Assim, comecei a confessar-me com o sacerdote de que falei; ele se afeiçoou muito a mim, porque então eu tinha pouco o que confessar, em comparação com o que tive, depois de me tornar monja. Sua afeição não era má, mas, em seu excesso, deixou de ser boa. Ele passou a acreditar que eu jamais faria coisas graves contra Deus por nada deste mundo; ele também me assegurava isso, sendo muita a confiança recíproca. Fascinada por Deus, o que mais me agradava era falar somente Dele. E, sendo eu tão jovem, o sacerdote fícou, diante disso, muito confuso. Por fím, dada a grande amizade que tinha por mim, começou a me confessar a perdição em que vivia. E não era pouca, porque há quase sete anos ele estava em situação muito perigosa, com amizade e relações com uma mulher do lugar, mas, ainda assim, dizia missa. Era uma coisa tão pública que ele perdera a honra e a fama, e ninguém ousava contestá-lo. Isso me entristeceu muito, pois era grande a minha amizade por ele. Eu tinha a grande leviandade e cegueira, que me parecia virtude, de ser grata e pagar na mesma moeda aos que me queriam bem. Maldito seja esse princípio, que chega a ponto de ser contra os de Deus! É um despropósito comum no mundo que me desatina: devemos todo o bem que nos fazem a Deus, mas temos como virtude, embora indo contra Ele, manter essa amizade. Ó cegueira do mundo! Quem dera, Senhor, que eu tivesse sido ingrata com todos, mas sem me opor em um único ponto a Vós! No entanto, devido aos meus pecados, ocorreu o contrário.
- 5. Procurando saber e me informar com as pessoas de sua casa, entendi melhor a sua perdição e percebi que o pobre não tinha tanta culpa; porque a desventurada mulher havia posto feitiços num idolozinho de cobre, que lhe rogara trouxesse ao pescoço por amor a ela. E ninguém tinha sido capaz de tirá-lo dele.

Decididamente não acredito em feitiços; mas digo o que vi, para avisar aos homens que se afastem de mulheres que recorrem a semelhantes ardis. Acreditem que, sendo obrigadas, mais do que os homens, a ter honestidade, as mulheres, ao perderem a vergonha diante de Deus, em nada merecem confiança, porque, para levar adiante a sua vontade e o desejo que o demônio lhes incute, são capazes de tudo. Embora tenha sido tão ruim, eu nunca caí em nada dessa espécie, e jamais pretendi fazer mal ou forçar alguém, mesmo que pudesse, a gostar de mim, porque o Senhor me protegeu disso; mas, se Ele me tivesse permitido, eu também teria feito mal em outros planos, pois em mim não há nada digno de confiança.

6. Assim, como soube disso, comecei a demonstrar-lhe mais afeição. A minha intenção era boa, mas a ação, má, pois não se deve, por maior que seja o bem que se deseje conseguir, fazer um pequeno mal. Eu falava muito de Deus. Isso devia lhe trazer proveito, mas creio que ele era movido, sobretudo, por me querer muito. Desejando agradar-me, terminou por me entregar o idolozinho, que eu logo mandei jogar no rio. Assim que este desapareceu, ele começou, como quem desperta de um grande sono, a se dar conta de tudo o que fizera naqueles anos; e, espantado consigo mesmo, sofrendo pela sua perdição, começou a libertar-se dela. Nossa Senhora deve tê-lo ajudado muito, pois ele era muito devoto de sua Conceição, festejando-a, naquele dia, com muito fervor. Por fim, deixou de ver a mulher, e não se cansava de dar graças a Deus por havê-lo iluminado.

Exatamente um ano depois que o conheci, ele faleceu. Por todo esse tempo, perseverou no serviço de Deus. Nunca achei que a sua afeição por mim fosse má, embora pudesse ter sido mais pura; mas também houve ocasiões em que, não estivesse a lembrança de Deus bem presente, ele podia ter cometido ofensas mais graves. Como já disse,<sup>4</sup> eu não seria capaz de cometer o que considerasse pecado mortal. Parece-me que essa minha disposição o ajudava a ter amizade por mim; pois creio que todos os homens devem ser mais amigos de mulheres inclinadas à virtude; por esse caminho, elas têm mais a ganhar, como depois direi. Tenho certeza de que aquele sacerdote está no caminho da salvação. Morreu muito bem, e bem afastado de suas antigas faltas. Parece que o Senhor desejou salvá-lo por esse meio.

- 7. Penei naquele lugar durante três meses, porque o tratamento foi mais forte do que a minha compleição. Em dois meses, graças aos remédios, a minha vida quase chegou ao fim; as dores no coração, de que me fora curar, aumentaram tanto que eu às vezes sentia que ele era rasgado por dentes agudos, a ponto de temerem que eu tivesse contraído raiva. Fiquei muito fraca (porque não podia comer nada, apenas bebendo um pouco, e com esforço), com febre contínua, e muito desgastada, devido a quase um mês de purgativos diários. Estava tão ressequida que meus nervos começaram a doer de maneira insuportável, não me dando descanso nem de dia nem à noite. Sentia uma tristeza muito profunda.
- 8. Diante disso, meu pai voltou a me levar aos médicos; todos me desenganaram, dizendo que, além de todos os males, eu estava tuberculosa. Isso não me incomodava muito; o que me fatigava eram as dores, porque eram contínuas, e dos pés à cabeça. Os próprios médicos diziam serem essas dores espasmódicas intoleráveis. Eu sofria duros tormentos e, graças a Deus, não perdi, por minha culpa, tantos méritos.

Fiquei sofrendo assim por três meses; e parecia impossível que alguém pudesse suportar tantos males ao mesmo tempo. Hoje me espanto e considero grande graça do Senhor a paciência que Ele me deu, pois era claro que vinha Dele. Para tê-la, muito me serviu ter lido a história de Jó, nas *Moralia*<sup>5</sup> de São Gregório. Creio que o Senhor me preparou com isso, e com a oração, que eu começara a fazer, para eu poder suportar os meus males com tanta conformidade. Meu pensamento estava sempre no Senhor. Lembrava-me amiúde das palavras de Jó, que costumava repetir: *Se das mãos do Senhor recebemos os bens, por que não sofreremos também os males*? Ao que parece, isso me dava forças.

- 9. Veio a festa de Nossa Senhora de Agosto. O tormento vinha desde abril, embora tivesse aumentado nos últimos três meses. Apressei-me a confessar-me, pois sempre gostei de fazê-lo freqüentemente. Pensaram que eu tinha medo de morrer e, para não me alarmar, meu pai não consentiu. Ó amor carnal demasiado, que mesmo vindo de um pai tão católico, e tão esclarecido, o que ele era em grande grau, não tendo agido por ignorância, tanto mal me poderia fazer! Naquela noite, tive um paroxismo tão forte que fiquei sem sentidos por quase quatro dias. Administraram-me o Sacramento da Unção dos Enfermos, pensando que eu poderia morrer a qualquer hora. Não paravam de repetir o Credo, como se eu entendesse alguma coisa. Tinham tanta certeza de que eu morreria que até cera achei depois nos olhos.<sup>7</sup>
- 10. Foi grande o pesar do meu pai de não me ter permitido confessar-me; muitos foram seus clamores e orações a Deus. Bendito seja Aquele que se dignou ouvi-lo; há um dia e meio a sepultura estava aberta no meu mosteiro à espera do corpo, e já tinham sido feitas as exéquias num convento de frades fora da cidade, quando o Senhor quis que eu recuperasse os sentidos. Desejei logo confessar-me. Comunguei com muitas lágrimas; para mim, contudo, não eram só de sentimento e de pena por ter ofendido a Deus isso teria bastado para me salvar, não me desculpando o engano, em que alguns confessores me fizeram cair, ao dizerem que não eram pecado mortal certas coisas que sem dúvida o eram. Porque as dores com que fiquei eram insuportáveis, não me permitindo a plena recuperação dos sentidos, embora, a meu ver, a minha confissão tenha incluído todas as minhas faltas contra o Senhor. Entre outras, Sua Majestade me concedeu a graça de, depois que comecei a comungar, jamais deixar de confessar qualquer coisa que eu considerasse pecado, mesmo venial. Mas por certo acho muito duvidosa a minha salvação se eu tivesse morrido então; de um lado, por serem tão pouco instruídos os confessores e, de outro, por ser eu tão ruim para não dar muitos outros motivos.
- 11. Neste ponto da minha vida, vendo que, de certa maneira, o Senhor me ressuscitou, é tão grande o meu espanto que chego a tremer. Creio que foi para que visses, alma minha, de que perigo o Senhor te livrava; já que por amor não deixavas de ofendê-lo, tu o fizeste, ao menos, por temer os castigos, porque Ele poderia matar-te outras mil vezes numa condição ainda mais perigosa. Acho que não exagero muito ao falar outras mil, mesmo que seja repreendida por quem me mandou ter moderação ao narrar os meus pecados. Por isso, formoseados vão.

Peço que, pelo amor de Deus, essa pessoa em nada diminua as minhas culpas, para que brilhe mais a magnificência de Deus e se perceba o que sofre uma alma. Bendito seja Ele para sempre. Queira Sua Majestade que eu antes me consuma a deixar de lhe ter amor.

Trata do muito que ficou devendo ao Senhor por este lhe ter dado conformidade em tão grandes sofrimentos e de como tomou por mediador e advogado o glorioso S. José, e do grande proveito que disso obteve.

1. Fiquei, depois desses quatro dias de paroxismo, num estado tal que só o Senhor pode saber os insuportáveis tormentos que sentia em mim. De tão mordida, a língua estava dilacerada; a garganta, devido a eu nada ter ingerido e à minha grande fraqueza, me deixava quase sem respirar, pois nem água eu podia engolir; eu parecia estar inteiramente desconjuntada, com a cabeça em grande desatino. Aquele tormento me fez ficar encolhida, como se fosse um novelo, incapaz de mover os braços, os pés, as mãos e a cabeça, como se estivesse morta, sem ajuda; creio que só movia um dedo da mão direita. Era difícil me tocarem, pois eu sentia tantas dores que não podia suportá-lo. Usavam um lençol, que duas pessoas seguravam, uma de cada lado, para me mudarem de posição.

Isso durou até a Páscoa Florida. Eu só sentia alívio quando não se aproximavam de mim; as dores então muitas vezes cessavam, e eu, por descansar um pouco, me considerava curada, o que traía o temor de que me viesse a faltar paciência. Fiquei muito contente quando deixei de sentir dores tão contínuas e agudas, embora ainda fossem insuportáveis quando me acometiam os calafrios intensos das violentas febres interminentes que ainda me afligiam; todo alimento me repugnava.

2. Eu tinha tanta pressa de voltar ao meu mosteiro que fiz com que me levassem para lá nesse estado. Receberam viva quem esperavam morta; o corpo, no entanto, estava pior do que morto, dando pena vê-lo. Era tamanha a minha fraqueza que posso dizer: tinha apenas ossos. Fiquei nessa condição por mais de oito meses. Mesmo tendo melhorado, fiquei paralítica por quase três anos. Quando comecei a andar de gatinhas, louvei a Deus. Padeci com grande conformidade e, exceto no começo da doença, até com alegria. Em comparação com as dores e tormentos do princípio, tudo o mais pouco representava. Eu estava conformada com a vontade de Deus, mesmo que Ele me deixasse para sempre naquele estado.

Eu ansiava pela cura, unicamente para voltar a ter solidão e orar, o que, na enfermaria, não era possível. Confessava-me com frequência e sempre falava de Deus, de maneira que todas as companheiras se sentiam edificadas, admirando-se da paciência que o Senhor me concedia; porque, sem a intervenção de Sua Majestade, parecia impossível alguém sofrer tanto mal com tanta alegria.

3. Muito me beneficiaram as dádivas recebidas do Senhor na oração; esta me levava a compreender o que era amá-lo. Naquele pouco tempo, vi surgirem em mim novas virtudes, embora não de todo fortes, visto não me terem sustentado no caminho da justiça: não tratar mal a ninguém, por menos que fosse. Em geral, eu evitava todos os murmúrios, pois tinha bem presente não querer dizer de outra pessoa o que não queria dissessem de mim. Eu levava isso ao extremo nas diversas ocasiões; a perfeição não era tanta, pois havia ocasiões, e não eram raras, em que eu fracassava; e em geral era assim. Isso convenceu a tal ponto as pessoas que me cercavam e que se relacionavam comigo que elas passaram a praticá-lo. Todas vieram a entender que, onde eu estava, não tinham o que temer quando se fossem; nesse aspecto, seguiam aquelas com quem eu tinha amizade e parentesco, e a quem ensinava; embora, em outras coisas, eu tenha boas contas a prestar a Deus pelo mau exemplo que lhes dava.

Que Sua Majestade me perdoe, pois causei muitos males, embora a minha intenção não fosse tão má quanto depois o foram os atos.

4. Passei a desejar a solidão, amiga de tratar e falar de Deus; se encontrasse alguém com quem fazê-lo, eu obtinha disso mais alegria e satisfação do que em todos os requintes — melhor dizendo, em toda a grosseria — da conversação do mundo; comungava e confessava-me com muito mais freqüência, sempre desejando fazê-lo. Amiga de ler bons livros. Quando ofendia a Deus, eu muito me arrependia, a ponto de, muitas vezes, não ousar fazer oração por temer o profundo pesar que ia sentir por tê-Lo ofendido, o que era um grande castigo para mim. Essa atitude cresceu a tal ponto que não sei a que comparar esse tormento. E não era por temor, pouco ou muito, jamais! Afligia-me a lembrança dos dons que o Senhor me fazia na oração e do muito que lhe devia, e de quão insignificante era a minha retribuição. Essa idéia me perturbava ao extremo, e foram muitas as lágrimas que derramei por minhas culpas, pois via que eu pouco me corrigia; pois não bastavam minhas decisões nem a dor que me vinha para que eu não fraquejasse. Pareciam-me lágrimas enganosas, aumentando a minha culpa, porque eu via a grande graça que o Senhor me dava ao conceder-lhes por companhia um tão grande arrependimento. Eu procurava me confessar logo e tudo fazia para voltar à graça.

O mal estava todo em não cortar pela raiz as ocasiões e no fato de eu ter confessores que pouco me ajudavam; se eles me dissessem que eu corria perigo e que tinha a obrigação de evitar aqueles tratos, tudo sem dúvida se remediaria; porque, se disso tivesse consciência, eu de forma alguma passaria um só dia em pecado mortal.

Todos esses sinais de temor a Deus vieram-me com a oração; e, melhor que tudo, o amor substituiu o temor, sem que eu me lembrasse do castigo. No período em que a minha saúde ia tão mal, a minha consciência sempre foi despertada para os pecados mortais. Oh! Valha-me Deus! Eu desejava a saúde para melhor servi-Lo, e isso causou todo o meu mal!

- 5. Vendo-me tão tolhida com tão pouca idade, e por não me valerem os médicos da terra, resolvi recorrer aos do céu para que me curassem; embora suportasse os sofrimentos com muita alegria, eu ainda desejava a saúde, imaginando que, com ela, serviria muito mais a Deus, embora pensasse que, se ficar curada servisse para me condenar, seria melhor continuar doente. Um dos nossos enganos é não nos submeter por inteiro ao que o Senhor faz, pois Ele sabe melhor do que nós o que nos convém.
- 6. Comecei a mandar celebrar missas e a fazer orações aprovadas, pois nunca fui amiga de outras devoções praticadas por certas pessoas, mulheres em especial, com cerimônias que, parecendo-me insuportáveis, lhes causavam devoção; depois entendi que não convinham, que eram supersticiosas. Assim, tomei por advogado e senhor o glorioso São José, encomendando-me muito a ele. Vi com clareza que esse pai e senhor meu me salvou, fazendo mais do que eu podia pedir, tanto dessa necessidade como de outras maiores, referentes à honra e à perda da alma. Não me lembro até hoje de ter-lhe suplicado algo que ele não tenha feito. Espantam-me muito os grandes favores que Deus me concedeu através desse bem-aventurado Santo, e os perigos, tanto do corpo como da alma, de que me livrou. Se a outros santos o Senhor parece ter concedido a graça de socorrer numa dada necessidade, a esse Santo glorioso, a minha experiência mostra que Deus permite socorrer em todas, querendo dar a entender, que São José, por ter-Lhe sido submisso na terra, na qualidade de pai adotivo, tem no céu todos os seus pedidos atendidos.

O mesmo viram, por experiência própria, outras pessoas a quem aconselhei que se encomendassem a ele, também por experiência; e há hoje muitas que lhe são devotas de novo, experimentando essa verdade.<sup>1</sup>

7. Eu procurava festejá-lo com toda a solenidade, movida mais pela vaidade do que pelo espírito, querendo que tudo fosse perfeito e primoroso, embora com boa intenção. Mas havia algo de mau: se o Senhor me dava a graça de fazer um bem, eu o fazia com imperfeições e muitas faltas. Para o mal, para os exageros e para a vaidade, era grande a minha esperteza e diligência. Que o Senhor me perdoe!

Eu queria persuadir todos a serem devotos desse glorioso Santo, pela minha grande experiência de quantos bens ele alcança de Deus. Não conheço nenhuma pessoa que realmente lhe seja devota e a ele se dedique particularmente, que não progrida na virtude; porque ele ajuda muito as almas que a ele se encomendam. Há alguns anos, sempre lhe peço, em seu dia, alguma coisa, nunca deixando de ser atendida. Se a petição vai algo torcida, ele a endireita para maior bem meu.

8. Se eu fosse pessoa cujos escritos tivessem autoridade, de bom grado descreveria longamente as graças que esse glorioso Santo tem feito a mim e a outras pessoas; mas, para não fazer mais do que me mandaram, em muitas coisas serei mais breve do que gostaria e, em outras, me alargarei mais do que devo, como quem em tudo o que é bom tem pouca discrição. Só peço, pelo amor de Deus, que quem não me crê o experimente, vendo por experiência o grande bem que é encomendar-se a esse glorioso patriarca e ter-lhe devoção. As pessoas de oração, em especial, deveriam ser-lhe afeiçoadas; não sei como se pode pensar na Rainha dos Anjos, no tempo em que tanta angústia passou com o Menino Jesus, sem se dar graças a São José pela ajuda que lhes prestou. Quem não encontrar mestre que ensine a rezar tome por mestre esse glorioso Santo, e não errará no caminho. Queira o Senhor que eu não tenha cometido erro por me atrever a falar dele; pois, embora apregoando que lhe sou devota, em servi-lo e imitá-lo sempre falhei.

Pois ele mostrou quem é ao fazer que eu me levantasse, andasse, e não mais ficasse paralítica. Também eu mostrei quem sou, usando tão mal esse favor.

9. Quem diria que eu cairia tão depressa depois de receber tantas bênçãos de Deus, depois de haver sua majestade começado a dar-me virtudes que me estimulavam a servi-lo, depois de, quase morta, correndo o risco da condenação, ter tido a alma e o corpo ressuscitados, provocando a admiração de todos? Que é isso, Senhor meu? Teremos de viver vida tão perigosa? Enquanto escrevo isto, parece-me que, com o Vosso favor e a Vossa misericórdia, eu poderia dizer, com São Paulo, embora sem tanta perfeição, que: *Não sou eu quem vive; é Cristo,* Criador meu, *que vive em mim.*<sup>2</sup> Pelo que sei, Vossa mão me sustenta há vários anos; percebo-o agora pelos meus desejos e determinação de nada fazer, por mais insignificante, contra a Vossa vontade. E, de

algum modo, eu o tenho provado por experiência, nesses anos, em muitas coisas, por pequenas que sejam, não obstante muito tenha ofendido a Vossa Majestade sem o saber. E também me parece que não há tarefa que eu deixe de executar, com grande empenho, por amor a Vós. Na verdade, em muitas ocasiões tenho tido, para realizá-la, ajuda Vossa. Nada quero com o mundo nem com as suas coisas, nem me traz alegria o que não vem de Vós; tudo o mais me parece uma pesada cruz.

É bem possível que eu me engane, não tendo o que digo; mas Vós sabeis, meu Senhor, que, pelo que me é dado saber, não minto, e temo, com muita razão, que volteis a me abandonar. Conheço bem o ponto a que chegam minha força e minha pouca virtude quando não me confortais nem me ajudais para que eu não me afaste de Vós. Queira Vossa Majestade que, agora mesmo, eu não esteja afastada de Vós por sentir como meu o que acabo de dizer.

Não sei como queremos viver, já que tudo é tão incerto. Parece-me, Senhor meu, que já me é impossível deixar-Vos tão inteiramente como já Vos deixei tantas vezes; não posso evitar temer que, se Vos apartardes um pouco de mim, tudo venha abaixo. Bendito sejais para sempre, porque, mesmo quando Vos deixei, Vós não vos afastastes de mim por inteiro, dando-me sempre a mão para que eu voltasse a me levantar; muitas vezes, Senhor, eu não a queria, nem procurava ouvir quando me chamáveis de novo, como agora direi.

## CAPÍTULO 7

CONTA COMO FOI PERDENDO AS GRAÇAS QUE O SENHOR LHE FIZERA E A VIDA RUIM QUE COMEÇOU A TER. FALA DOS MALES DECORRENTES DE OS MOSTEIROS DE MONJAS NÃO SEREM MUITO FECHADOS.

1. E assim comecei, de passatempo em passatempo, de vaidade em vaidade, de ocasião em ocasião, a envolver-me tanto em tão grandes ocasiões e a estragar a alma em grandes vaidades que tinha vergonha — em tão particular amizade como é tratar de oração — de me aproximar de Deus. Contribuiu para isso o fato de que, como os pecados aumentaram, o gosto e a alegria da prática da virtude começaram a escassear.¹ Eu via muito claramente, Senhor meu, que isso me faltava por eu faltar a Vós.

Esse foi o mais terrível engano que o demônio me podia fazer sob a capa de humildade: por me ver tão perdida, passei a temer a oração. E eu tinha a impressão de que era melhor andar como os muitos.² Porque, em ser ruim, eu era das piores, rezando apenas as orações a que estava obrigada, e vocalmente, pois não era justo fazer oração mental e relacionar-se tanto com Deus quem merecia estar na companhia dos demônios e enganava os outros, visto que, no exterior, mantinha as aparências. A casa onde eu estava não tem culpa, porque eu, com a minha malícia, fazia com que me tivessem em alta conta. Mas eu não o fazia em sã consciência, fingindo cristandade; porque, em termos de vanglória e hipocrisia — glória a Deus! —, não me lembro de O ter um dia ofendido, pelo que posso julgar. Ao primeiro sinal, era tanto o meu pesar que o demônio era derrotado, e eu lucrava; nesse aspecto, poucas tentações tenho tido. Se por acaso Deus tivesse permitido que eu fosse tentada nisso com a mesma intensidade com que o tenho sido em outras coisas, eu também teria caído; mas Sua Majestade até agora me tem protegido disso. Seja para sempre bendito! Na realidade, desgostava-me muito que gostassem de mim, porque eu sabia o que havia em segredo em mim.

2. Não me julgavam tão ruim porque, apesar de eu ser jovem e de estar freqüentemente exposta a tantas oportunidades de pecado, as pessoas viam que eu inúmeras vezes me afastava, buscando a solidão para rezar e ler, falar muito de Deus, fazer pintar a sua imagem em vários lugares e conservar o oratório, colocando nele coisas que produzissem devoção. Eu não falava mal dos outros, havendo ainda em mim outros hábitos aparentemente virtuosos. E eu, iludida, sabia aproveitar as coisas que o mundo em geral estima. Assim, davam tanta liberdade a mim quanto às mais antigas, e até mais. Eu era objeto de grande confiança. De fato, cometer certas ousadias ou fazer coisas sem licença, como falar por alguma fresta, por cima dos muros ou à noite, num mosteiro, não eram do meu feitio. Nunca o fiz, porque o Senhor me segurava com a mão. Creio — porque com atenção e ponderação eu observava muitas coisas — que eu não queria correr o risco de, pela minha ruindade, pôr em perigo a honra de tantas boas religiosas. Como se fossem dignas outras coisas que eu fazia! Na verdade, ainda que fosse muito, o mal não era tão consciente, como o seria se eu fizesse essas coisas.

3. A meu ver, causou-me grande prejuízo não estar num mosteiro enclausurado. Porque a liberdade que as que eram boas podiam ter sem culpa (porque não lhes era exigido mais, já que não prometiam clausura)<sup>3</sup> a mim, que sou ruim, por certo teria levado ao inferno se eu não tivesse sido libertada desse risco por tantos meios, remédios e dons particulares do Senhor. Por isso, considero muito perigosos mosteiros de mulheres com liberdade. Eles se tornam portas abertas para que as que quiserem ser ruins tomem o caminho do inferno, em vez de remédio para as suas fraquezas.

Isso não se aplica ao meu.<sup>4</sup> Nele, há muitas que servem ao Senhor com sinceridade e bastante perfeição, não podendo Sua Majestade, por ser bom, deixar de favorecê-las; além disso, não é dos mais abertos e, nele, respeita--se toda a observância. Falo de outros, que conheço e vi.

4. Muito me entristece que o Senhor precise fazer apelos particulares — e não uma, mas repetidas vezes — para que as monjas se salvem, dada a permissão para cortesias e entretenimentos mundanos e o tão mau entendimento daquilo a que estão obrigadas. Queira Deus que elas não tenham por virtude o que é pecado, como tantas vezes fiz. Compreender essas verdades é tão difícil que, para consegui-lo, é necessário que o Senhor ponha nisso realmente a Sua mão.

Se quisessem seguir o meu conselho, os pais que põem as filhas em mosteiros onde elas, em vez de encontrar recursos para seguir o caminho da salvação, correm maiores riscos do que no mundo fariam melhor, para a própria honra das filhas, se as casassem, mesmo em condições humildes, ou as mantivessem em casa. Isso é preferível a tê-las nesses mosteiros, a não ser que elas tenham ótimas inclinações. Mesmo assim, que Deus as ajude a conservá-las. Na casa dos pais, o mau comportamento só se mantém oculto por pouco tempo; nesses mosteiros, pelo contrário, mantém-se até que o Senhor tudo revele. Os danos atingem não apenas a culpada, mas a todas. Às vezes, as pobrezinhas não têm culpa, porque seguem o que vêem; é uma lástima verificar que, com freqüência, afastando-se do mundo e acreditando que vão servir ao Senhor e preservar-se dos perigos, elas se encontram em dez mundos juntos, sem saber como se valer nem remediar; a mocidade, a sensualidade e o demônio as convidam e inclinam a seguir coisas que são do próprio mundo; elas vêem ali o que é considerado bom, por assim dizer. Acho que elas são em parte como os desventurados hereges, que querem cegar a si mesmos e ensinar que é bom aquilo que seguem, e assim o crêem, embora não acreditem de fato, porque têm dentro de si quem lhes diga que é mau.

- 5. Ó enorme mal, enorme mal dos religiosos refiro-me tanto às mulheres como aos homens —, que vivem onde não se guarda a religião, num mosteiro onde existem dois caminhos, igualmente trilhados: o da virtude e da religião, e o da falta de religião. Não faço justiça, eles não são igualmente trilhados; devido aos nossos pecados, o mais seguido, e mais favorecido, é o mais imperfeito. O da verdadeira religião é tão pouco percorrido que quem desejar de fato vivê-lo em tudo, seguindo sua vocação, deve temer mais os de sua própria casa do que toda a corte demoníaca. Essas pessoas devem ter mais cautela e reserva ao falarem da amizade que desejam ter com Deus do que de outras amizades e vontades introduzidas nos mosteiros pelo demônio. Não vejo de fato razão para estranharmos os tantos males que há na Igreja se os que deveriam ser modelo de virtude exibem uma imagem tão apagada que não lembra o primor que os santos do passado, com o seu espírito, deixaram nas ordens religiosas. Que a divina Majestade remedie tanto mal, como vê que é preciso, amém.
- 6. Porque, tendo começado a participar dessas coisas, visto não me parecer por ser costume que disso viessem para a minha alma o prejuízo e a distração o que só mais tarde constatei —, tive a impressão de que essas visitas, tão generalizadas em muitos mosteiros, não fariam maior mal a mim que às outras, cuja bondade eu conhecia. Eu não via que elas tinham muito mais virtudes e que, onde para elas talvez não houvesse perigo, para mim havia. Não duvido de que, mesmo limitadas à perda de tempo, essas coisas envolvem perigo. Estando com uma pessoa que há pouco conhecera, percebi que o Senhor queria dar-me a entender que aquelas amizades não eram convenientes, alertando-me e me esclarecendo sobre a minha grande cegueira: de fato, eis que vi Cristo representado diante de mim, com muito rigor, mostrando-me o quanto aquilo lhe pesava.<sup>5</sup> Vi-o, com os olhos da alma, com mais clareza do que o poderia ver com os olhos do corpo. A sua imagem tornou-se tão indelével que até hoje, mais de vinte e seis anos depois, ainda tenho a sensação de vê-lo. Tomada de um profundo temor e de grande perturbação, não quis mais receber a pessoa com a qual me encontrava então.
- 7. Muitos prejuízos me causou não saber ser possível ver sem usar os olhos do corpo; e o demônio me ajudou para que eu assim pensasse, fazendo--me entender que isso era impossível, que seria imaginação, artes diabólicas e coisas semelhantes. No fundo, porém, mantive a impressão de que se tratava de obra de Deus; mas, como aquela lembrança não me agradasse, procurei me dissuadir, sem ousar contar aquilo a pessoa alguma. Insistiam muito comigo, garantindo-me que receber aquela visita não me prejudicava e que, em lugar

de perder a boa fama, eu, fazendo-o, a aumentaria. Por isso, voltei atrás. A partir de então, em outras oportunidades e com outras pessoas, permaneci vários anos nesse divertimento pestilento. No entanto, eu não o considerava, visto participar dele, como mau, embora visse claramente que não era bom. Mas nenhuma pessoa me trouxe tanta dissipação quanto essa, dada a afeição que eu nutria por ela.

- 8. Certa vez, entretida em sua companhia, vimos e outras pessoas que estavam ali também o viram uma espécie de sapo grande dirigir-se para nós, caminhando com uma rapidez que não é própria dessas criaturas. Não tenho como explicar o aparecimento, em pleno dia, de semelhante criatura naquele lugar, pois aquilo nunca ocorrera. E o que isso me causou por certo envolvia mistério, jamais tendo saído da minha lembrança. Ó Deus, quão grandioso sois! Com que solicitude e piedade me avisáveis de todas as maneiras, e que pouco proveito tirei!
- 9. Havia ali uma monja, minha parente, antiga e grande serva de Deus, muito religiosa. Ela também me alertava algumas vezes; eu, porém, não acreditava nela e ainda ficava desgostosa, pensando que ela se escandalizava sem motivo.

Disse isso para que se entenda a minha maldade, e a grande bondade de Deus, e para que se veja o quanto mereci o inferno por tamanha ingratidão. E também para que, se em algum momento Deus ordenar, e for obedecido, que se leia isto, as monjas possam tirar proveito de minhas experiências. Peço a todas que, por amor a Nosso Senhor, fujam dessas recreações. Possa Sua Majestade, através de mim, resgatar as tantas pessoas que enganei sem desejar, dizendo-lhes que isso não era ruim, e promovendo tão grande perigo com a cegueira que tinha. Certo é que, devido ao mau exemplo, como eu disse, causei bastante mal, sem pensar que o fazia.

- 10. Estando doente naqueles primeiros dias, antes que pudesse valer-me a mim mesma, eu tinha grande desejo de fazer o bem aos outros tentação muito comum aos iniciantes, que comigo teve bons resultados. Era tanto o meu amor pelo meu pai que resolvi transmitir-lhe o tesouro que acreditava ter encontrado na oração, que eu considerava o maior desta vida. Fazendo rodeios, da maneira possível, também tentei levá-lo a ter aquele bem que tanta alegria me dava. Com esse propósito, dei-lhe livros. Ele, muito virtuoso, como já falei, se dedicou tanto a esse exercício que em cinco ou seis anos fizera muitos progressos; com isso, vinha-me um grande consolo, e eu muito louvava o Senhor. Provações de grande monta o atingiram de todos os lados, tendo ele sofrido todas em perfeita concordância com a vontade de Deus. Ele me visitava muitas vezes, consolando-se ao falar sobre coisas de Deus.
- 11. Mais tarde, quando eu andava tão destruída e sem ter oração, não tolerei deixá-lo pensar que eu era a mesma de antes; porque passei mais de um ano sem ter oração, acreditando ser com isso mais humilde. Essa, como depois direi, foi a maior tentação que tive porque, por meio dela, eu acabaria de me perder. Enquanto orava, mesmo ofendendo a Deus algumas vezes, eu conseguia, com o Seu auxílio, recolher-me e apartar-me da ocasião. Como o bendito homem se apegava a esses assuntos, eu sofria por vê-lo tão enganado ao pensar que eu tratava com Deus como costumava e lhe disse que já não orava, mas não lhe contei a causa. Atribuí-o às minhas enfermidades, porque, embora curada daquela doença tão grave, sempre tive e tenho ainda outros grandes males. É verdade que há algum tempo tenho melhorado, pois as dores não são tão intensas; no entanto, elas não deixam de me afligir de várias maneiras.

Em especial, tive durante vinte anos vômitos pela manhã, o que me impedia de alimentar-me até o meio-dia e, por vezes, até mais tarde. Agora que freqüento mais vezes a comunhão, é à noite, antes de me deitar, com muito mais sofrimento, que tenho de provocá-los com penas ou outras coisas, porque, se não o faço, é muito grande o meu mal-estar; e vejo que quase nunca estou sem muitas dores, às vezes bem graves, especialmente no coração, se bem que esse mal, antes contínuo, agora é bem raro. Há oito anos curei-me da paralisia aguda e das freqüentes febres. Incomodo-me tão pouco com todos esses males que é comum eu ter alegria, porque tenho a impressão de com isso servir ao Senhor de alguma maneira.

12. E o meu pai acreditou ser essa a causa, porque, como ele não dizia mentira, considerou, conforme o que eu tratava com ele, que também eu não a diria. Acrescentei, tentando convencê-lo mais, que já era muito esforço rezar o ofício no coro (embora eu visse que não havia desculpa para isso). Por outro lado, isso não era suficiente para deixar de fazer uma coisa que não exige força corporal, mas só amor e costume. Quando queremos, o Senhor dá sempre oportunidade. Sempre, repito, visto que, se em certas circunstâncias ou em caso de doença, não se consegue ter muito tempo de solidão, há outras ocasiões em que a saúde o permite. Na doença e em situações difíceis, a alma que ama tem como verdadeira oração fazer a dádiva dos seus sofrimentos, lembrar-se daquele por quem os padece, conformar-se com as suas dores, havendo muitas outras coisas possíveis. Trata-se do exercício do amor; pois não somos obrigados a orar quando temos momentos de

solidão, porque, mesmo à falta destes, sempre se pode orar. Com um pouquinho de boa vontade, obtêm-se muitos lucros nos momentos em que o Senhor nos tira o tempo da oração com sofrimentos. E assim era comigo quando a minha consciência era boa.

13. Mas ele, com a sua opinião de mim e o amor que me tinha, em tudo acreditou, e de mim teve pena. Mas o seu espírito tinha se elevado tanto que eram rápidas as suas visitas. Logo depois de me ver, partia, dizendo que permanecer era tempo perdido. Como eu desperdiçava tempo com outras vaidades, nem me dava conta disso.

Também tentei fazer com que outras pessoas tivessem oração. Mesmo acossada por essas vaidades, eu percebia que elas gostavam de rezar e lhes dizia como meditar, e lhes dava livros, o que lhes trazia proveito. Porque esse desejo de que outros servissem a Deus, eu o tinha, como já disse, lo desde que comecei a fazer oração. Eu julgava justo que, como não servia ao Senhor de acordo com a minha consciência, a iluminação que Sua Majestade me dera não se perdesse, levando outros a servi-lo por mim. Narro-o para que se veja a minha grande cegueira ao me deixar perder e procurar ao mesmo tempo salvar os outros.

14. Nessa época meu pai foi acometido da doença que o matou, e que durou alguns dias. Fui cuidar dele, estando mais enferma da alma do que ele do corpo, presa de muitas vaidades, embora não de forma que — pelo que eu sabia — estivesse em pecado mortal nesse tempo perdido de que falo, pois, entendendo-o eu, de nenhuma maneira o estaria.

Enfrentei grandes trabalhos durante a sua doença. Creio tê-lo compensado pelo que ele passara com as minhas. Apesar de estar muito mal, eu me esforçava, pois, faltando-me ele, faltar-me-iam todo o bem e todo o consolo que ele me trazia.<sup>11</sup> Fingindo nada sentir, mostrei-me forte, sem deixá-lo perceber a minha pena, tendo ficado ao seu lado até que expirasse; no entanto, tive a impressão, ao ver que a sua vida acabava, de que me arrancavam a alma, tanto era o amor que lhe tinha.

15. A sua morte e a sua vontade de morrer foram dignas de louvores ao Senhor. Ele nos aconselhou, depois de ter recebido a Santa Unção, encarregando-nos de encomendá-lo a Deus, de pedir misericórdia para ele; disse-nos que sempre O servíssemos, que nos lembrássemos de que tudo desta vida se acaba. Falava-nos, em lágrimas, do grande pesar de não ter servido ao Senhor como deveria; meu pai desejava ter sido um frade que seguisse a mais estreita observância.

Tenho certeza de que, quinze dias antes, o Senhor o fizera ver que não havia de viver; porque, antes disso, embora estivesse mal, não pensava nisso; a partir de então, embora melhorasse e fosse consolado pelos médicos, pouco caso fazia disso e só se importava em preparar a alma.

16. O que mais o afligia era uma permanente dor, muito forte, nas costas; esta se tornava às vezes tão aguda que o atormentava. Eu lhe disse que, por ser ele tão devoto do Senhor carregando a cruz, pensasse que Sua Majestade desejava, com essa dor, levá-lo a sentir algo do que sofrera com aquela dor. Foi tal a sua consolação que, pelo que sei, ele nunca mais gemeu.

Ele passou três dias quase sem sentidos. No dia da morte, o Senhor lhe devolveu a consciência de um modo tão perfeito que nos causou admiração. Assim se manteve até que, no meio do Credo, que ele mesmo dizia, expirou. Parecia um anjo — e estou convencida de que realmente o fosse, por ter alma tão boa, bem como disposição.

Não sei por que contei isso, a não ser para culpar mais a minha vida ruim depois de ter visto aquela morte e de ter entendido aquela vida. Eu deveria ter melhorado, pelo menos para ser um pouco parecida com o meu pai. Seu confessor, um dominicano<sup>12</sup> muito erudito, falou que não duvidava de que meu pai tivesse ido direto para o céu. Como o confessava há alguns anos, esse dominicano louvava a sua pureza de consciência.<sup>13</sup>

17. Esse padre dominicano, virtuoso e temente a Deus, muito me ajudou. Confessei-me com ele, e ele se encarregou de zelar pela minha alma e de alertar-me para a perdição a que eu me entregara. Ele me fazia comungar de quinze em quinze dias. E, pouco a pouco, no contato com ele, falei-lhe de minha oração. Ele me disse que não a abandonasse, que ela só me podia trazer proveito. Comecei a voltar a ela, embora sem evitar as ocasiões de pecado, e nunca mais a deixei.

A minha vida era trabalhosa ao extremo, porque, na oração, eu via melhor as minhas faltas. De um lado, Deus me chamava; do outro, eu seguia o mundo. Davam-me grande alegria todas as coisas de Deus, mas eu me via ligada às do mundo. Tenho a impressão de que desejava conciliar esses dois contrários, tão inimigos um do outro: a vida espiritual e os gostos, alegrias e divertimentos dos sentidos. Na oração, eu passava por grandes trabalhos, porque o espírito não era senhor, mas escravo; por isso, eu não podia me recolher dentro de mim (que era o meu modo de proceder na oração) sem levar comigo mil vaidades.

Passei assim muitos anos, a ponto de agora me espantar com o fato de uma criatura poder sofrer tanto tempo sem deixar um ou outro desses contrários. Bem sei que deixar a oração já não estava em minhas mãos, porque Aquele que me queria para me conceder maiores graças me sustentava com as Suas.

18. Oh! Valha-me Deus! Se eu pudesse dizer as ocasiões de que Sua Majestade me livrou nesses anos, e de como eu tornava a me envolver nelas, para não falar do risco, de que Ele me afastou, de perder todo o crédito. E eu, nas minhas obras, revelava quem era, enquanto o Senhor, encobrindo o mal, fazia surgir alguma pequena virtude, se é que eu a tinha, tornando-a grande aos olhos de todos, de modo que estes sempre me tinham em alta conta! Porque, apesar de algumas vezes as minhas vaidades se evidenciarem, todos viam outras coisas que pareciam boas e por isso não acreditavam naquelas.

O Conhecedor de todas as coisas já via então que isso era necessário para que eu tivesse algum crédito mais tarde, quando me dedicasse a Seu serviço. Sua soberana grandeza não via os grandes pecados, mas sim os desejos que eu muitas vezes tinha de servi-Lo e o pesar por não ter em mim forças para levá-lo a efeito.

19. Ó Senhor da minha alma! Como poderei enaltecer as graças que me concedestes nesses anos? E o fato de, na época em que eu mais Vos ofendia, Vós logo fazerdes com que eu me arrependesse para fruir dos Vossos favores e consolações? Na verdade, escolhíeis, Rei meu, o castigo mais delicado e mais penoso que podia existir, pois bem sabíeis o que mais dores me causaria. Castigáveis as minhas faltas com enorme ternura.

E não acredito dizer desatinos, embora pudesse estar desatinada, ao recordar a minha ingratidão e maldade.

Para mim, era muito mais penoso receber mercês, tendo cometido graves faltas, do que receber castigos. Uma única graça por certo me abalava, confundia e fatigava mais do que as minhas muitas enfermidades, ao lado de outras provações. Estas últimas, como eu bem o via, eram merecidas, expiando de alguma maneira um pouco dos meus grandes pecados (embora tudo fosse pouco, porquanto eles eram muitos). Mas ser recebida com ternura outra vez, tendo sido tão ingrata nas anteriores, era um tormento inenarrável para mim e, acredito, para todos os que têm algum conhecimento ou amor de Deus, algo que, sendo virtuosos, podemos perceber aqui. Vinham-me lágrimas e aborrecimentos por eu ver o que sentia, percebendo-me prestes a cair outra vez, embora a minha determinação e o meu desejo fossem firmes naquela hora.

20. Grande mal é estar a alma só entre tantos perigos. Tenho a impressão de que, se tivesse com quem falar disso tudo, eu teria tido ajuda para não fraquejar outra vez, ao menos por vergonha, já que, com relação a Deus, já não a tinha.

Por isso, eu aconselharia aos que têm oração que, especialmente no princípio, procurem ter amizade e relações com pessoas que se ocupem da mesma coisa. Isso é importantíssimo, pois, além da ajuda mútua nas orações, muito há a lucrar aí! E não sei por que (já que, para conversas e prazeres humanos, mesmo que não sejam muito bons, procuramos amigos com quem folgar e melhor aproveitar esses prazeres vãos) não se há de permitir à alma que começa a amar e a servir a Deus com sinceridade que compartilhe da companhia de pessoas que têm oração, confiando-lhes suas alegrias e tristezas, visto serem os seus sentimentos os mesmos. De fato, quem realmente deseja obter a amizade do Senhor não deve temer a vanglória, para que, ao primeiro sinal de fraqueza, possa escapar com mérito. Creio que, tendo esse objetivo, obterá maior proveito para si e para os seus ouvintes, adquirirá mais experiência e, ainda sem entender como, ensinará a seus amigos.

21. Quem se vangloriar por conversar sobre isso também terá vanglória em ouvir a missa com devoção quando estiver sendo observado, bem como em praticar outras coisas que, a não ser que deixe de ser cristã, a pessoa tem de fazer sem temer a vanglória.

Porque isso tem tamanha importância para almas que não estão fortalecidas na virtude — que têm tantos inimigos e amigos a incitá-las ao mal — que não sei como insistir mais. Acho que o demônio usa um ardil que muito lhe serve: ele leva os bons a ocultar o fato de buscarem realmente amar e contentar a Deus; e tem incitado a que se descubram outras amizades pouco honestas, tão em uso, quase se gloriando delas e chegando a apregoar as ofensas que, assim agindo, cometem contra Deus.

22. Não sei se falo despropósitos. Se o faço, que Vossa Mercê os revele; e, se não o faço, suplico-vos que me ajudeis na minha ignorância, acrescentando aqui outros elementos. Porque as coisas do serviço de Deus já andam tão fracas que é necessário, aos que O servem, apoiarem-se mutuamente para irem em frente, tal é a fama de bondade dos divertimentos e vaidades mundanos — para os quais poucos olhos estão atentos. <sup>14</sup> Contudo, se uma única alma começa a cuidar de Deus, são tantos os murmúrios que ela é obrigada a procurar defesa e companhia até ficar forte e não ter medo de padecer. Se não o fizer, ver-se-á em grandes apuros.

Creio ser esse o motivo de muitos santos irem viver nos desertos; é próprio do humilde não confiar em si mesmo, mas acreditar que o Senhor lhe dará auxílio em atenção àqueles com quem conversa, pois a caridade

aumenta ao ser transmitida, havendo mil benefícios a ser obtidos, de que eu não falaria se não tivesse grande experiência da enorme importância disso.

Reconheço ser mais fraca e ruim que todos os nascidos, mas acredito que quem se humilha, embora sendo forte, nunca perde, razão por que precisa dar crédito a quem tem mais experiência. Quanto a mim, digo apenas que, se o Senhor não me tivesse revelado essa verdade e me dado condições de ter contatos freqüentes com pessoas que têm oração, eu teria terminado, caindo e levantando, no centro do inferno. Para a queda, tinha a ajuda de muitos; para levantar-me, no entanto, estava tão sozinha que até hoje me espanta não ter caído de vez. Louvo a misericórdia de Deus, pois só Ele me dava a mão.

Bendito seja para sempre e sempre. Amém.

### CAPÍTULO 8

FALA DO GRANDE BEM QUE OBTEVE DO FATO DE NÃO SE AFASTAR POR INTEIRO DA ORAÇÃO PARA NÃO PERDER A ALMA E DO GRANDE AUXÍLIO QUE ISSO É PARA SE RECUPERAR O QUE SE PERDEU. DEFENDE ESSA PRÁTICA POR PARTE DE TODOS. DIZ QUE SÃO GRANDES OS GANHOS DELA DECORRENTES E QUE, MESMO QUE A DEIXEM, É MUITO BOM FRUIR POR ALGUM TEMPO DE TÃO GRANDE BEM.

- 1. Houve uma causa para que eu insistisse tanto em relatar essa época da minha vida. Sei bem que não agrada a ninguém ver coisa tão ruim, e por certo eu gostaria que os que lessem isto me detestassem ao ver uma alma tão teimosa e ingrata para com quem tantas graças lhe tem dado. Gostaria de ter permissão para falar das muitas vezes que, nessa época, falhei diante de Deus, por  $não^1$  me ter apoiado na forte coluna da oração.
- 2. Singrei esse mar tempestuoso durante quase vinte anos, caindo e levantando levantando-me mal, pois voltava a cair. Era tão pouca a minha perfeição que quase não me importava muito com os pecados veniais, e, embora temendo os mortais, nem por isso me afastava dos perigos. Trata-se de uma das vidas mais penosas que, a meu ver, se pode imaginar: eu não me rejubilava em Deus nem me alegrava no mundo. Nos contentamentos mundanos, era atormentada pela lembrança do que devia a Deus; quando estava com Ele, era perturbada pelos contentamentos do mundo. É tão dura essa batalha que nem sei como suportaria um mês, quanto mais tantos anos.

Porém, vejo claramente a grande misericórdia do Senhor ao me dar ânimo para orar enquanto eu tratava com o mundo. Digo ânimo, porque não creio que haja na terra algo que exija mais coragem do que trair o rei, sabendo que ele o sabe, sem conseguir sair de sua presença. Naturalmente, todos estão sempre diante de Deus; mas, para quem trata da oração, isso ocorre em outro plano; enquanto estes percebem que o Senhor os olha, os outros conseguem às vezes passar muitos dias sem nenhuma lembrança de que Deus os vê.

3. É verdade que, nesses anos, houve muitos meses e, talvez, anos em que eu não ofendi ao Senhor, dedicando-me à oração e me esforçando para não desagradá-lo. Digo-o para não faltar à verdade. Pouco me lembro dessas boas épocas, que devem ter sido raras, já que as outras foram muito mais numerosas. Poucos dias passei sem ter longos períodos de oração, a não ser que estivesse muito mal de saúde ou bastante ocupada; quando estava doente, relacionava-me melhor com Deus, procurando levar as pessoas próximas a assim ficarem, suplicando ao Senhor que as ajudasse e falando dele freqüentemente.

Desse modo, afora o ano de que falo, em vinte e oito anos de oração, passei mais de dezoito nessa luta entre lidar com Deus e lidar com o mundo.<sup>2</sup> Nos outros, de que ainda vou falar, mudou a razão da contenda, mas a guerra ainda é dura. Contudo, estando, a meu ver, a serviço de Deus e com conhecimento da vaidade que é o mundo, tudo foi suave, como adiante direi.

4. Eu me estendi tanto, como já disse,³ para que se vejam a misericórdia de Deus e a minha ingratidão, bem como para que se compreenda o grande benefício que Deus dá à alma dispondo-a a ter oração com vontade, mesmo que a sua disposição não seja a necessária. Com perseverança, tenho certeza de que o Senhor conduzirá a alma a um porto de salvação, como — pelo que vejo agora — fez comigo, apesar dos pecados, tentações e mil quedas que o demônio ocasiona. Queira Sua Majestade que eu não volte a me perder.

5. O bem que quem pratica a oração — refiro-me à oração mental — obtém já foi tratado por muitos santos e homens bons. Glória a Deus por isso! Se assim não fosse, embora pouco humilde, eu não sou tão soberba que me atrevesse a falar disso.

Do que tenho experiência posso falar: quem começou a ter oração não deve deixá-la, por mais pecados que cometa. Com ela, terá como se recuperar e, sem ela, terá muito mais dificuldades. E que o demônio nunca tente ninguém como tentou a mim, levando-me a abandonar a oração por humildade; creiam-me que as palavras do Senhor não hão de faltar se nos arrependermos de verdade e tivermos o firme propósito de não mais ofendê-Lo; nesse caso, Ele nos recebe com a mesma amizade, concedendo-nos as mesmas graças de antes e, às vezes, se o arrependimento fizer jus a isso, muitas mais.

Por isso, peço aos que ainda não começaram que, por amor a Deus, não se privem de tanto bem. Não há o que temer, mas o que desejar. Porque, mesmo que não vá adiante nem se esforce pela perfeição, a ponto de merecer os gostos e regalos que Deus dá aos perfeitos, ao menos irá conhecendo o caminho que leva ao céu. Se perseverar, tudo espero da misericórdia de Deus, pois ninguém fez amizade com Ele *sem dele obter grande recompensa*. Para mim, a oração mental não é senão tratar de amizade — estando muitas vezes tratando a sós — com quem sabemos que nos ama. E se ainda não O amais (porque, para que o amor seja verdadeiro e duradoura a amizade, deve haver compatibilidade; o Senhor exige, como se sabe, que não se cometam faltas, que se seja perfeito; nós, no entanto, somos viciosos, sensuais e ingratos), não podeis por vós mesmos chegar a amá-Lo, porque não é de vossa condição; mas, levando-se em conta o muito que Ele vos ama e o quanto vale ter a Sua amizade, passai pelo sofrimento de estar muito na presença de quem é tão diferente de vós.

6. Ó infinita bondade do meu Deus, que me parece que Vos vejo e me vejo dessa maneira! Ó delícia dos anjos, que, ao ver isso, todo o meu ser gostaria de desfazer-se em Vosso amor! Como é certo que sofreis com quem sofre por ter-Vos junto a si. Que bom amigo sois, Senhor meu! Como vais brindando a alma, e sofrendo, à espera de que ela alcance Vossa condição, suportando a sua, até que ela o consiga! Considerais, Senhor meu, os instantes em que ela o quer e, por um vislumbre de arrependimento de sua parte, esqueceis que ela Vos tem ofendido!

Vi isso com clareza em mim mesma, e não entendo, Criador meu, por que o mundo inteiro não procura travar convosco essa amizade particular. Os maus, que não têm a Vossa condição, deviam fazê-lo para que nos fizésseis bons. Isso acontecerá se eles permitirem que estejais com eles ao menos duas horas por dia, mesmo que não estejam convosco, mas às voltas com mil cuidados e pensamentos do mundo, como eu fazia. Devido ao esforço que fazem por querer estar em tão boa companhia, sabeis que, no princípio, e até depois, não podem fazer mais; Vós, como recompensa, impedis os ataques dos demônios, reduzindo a força destes a cada dia, ao mesmo tempo que fortaleceis a alma. Jamais matais os que confiam em Vós e que Vos querem por amigo — Vida de todas as vidas! Vós lhes sustentais a vida do corpo, dando-lhes mais saúde, vivificando a alma.

7. Não entendo o que temem os que temem começar a ter oração mental, nem sei de onde vem esse medo. Bem sabe o demônio criá-lo para provocar o verdadeiro mal, levando-me, pelo terror, a não pensar em que ofendi a Deus nem no muito que Lhe devo; assim agindo, ele não deixa que pensem no inferno, na glória e nos grandes sofrimentos e dores que Deus passou por mim.

Nessas coisas consistiu toda a minha oração enquanto eu corria esses perigos, sendo esses os meus pensamentos quando eu podia. E muitas vezes, durante alguns anos, eu me preocupava mais em desejar que passasse o tempo para mim determinado de estar ali e em escutar quando batia o relógio, do que em outras coisas boas. Com freqüência, acolhia com maior vontade alguma penitência grave do que o recolhimento em oração.

E é certo que a força que o demônio fazia — ou o meu mau costume — era tão incomparável, e tamanha a tristeza que eu sentia ao entrar no oratório, que eu precisava empregar todo o meu ânimo (que, dizem, não é pouco, tendo Deus me feito mais corajosa do que a maioria das mulheres, embora eu a tenha usado mal) para me obrigar, contando por fim com a ajuda do Senhor.

E, depois de me ter obrigado assim, eu ficava com maior quietude e alegria do que algumas vezes em que tinha desejo de rezar.

8. Porque, se o Senhor suportou por tanto tempo alguém tão ruim quanto eu, sendo claro que foi por isso que se curaram todos os meus males, que pessoa, por pior que seja, poderá temer? Porque, por mais que o seja, não o será por tantos anos depois de ter recebido tantas graças do Senhor. Quem poderá duvidar disso se o Senhor tanto me suportou, apenas porque eu desejava e procurava algum lugar e tempo para que Ele estivesse comigo, e isso muitas vezes sem vontade, graças à grande força que eu empregava contra mim ou

que o próprio Senhor usava em mim? Se para os que não O servem, mas O ofendem, a oração faz tão bem e é tão necessária, quem poderia objetar que não há maior dano para os que servem a Deus e O querem servir do que deixar de fazê-la? Com certeza não posso entender que as pessoas passem com mais dores pelos sofrimentos da vida ao fecharem para Deus a porta através da qual Ele lhes daria a verdadeira felicidade. Na verdade, tenho pena delas, pois servem a Deus prejudicando a si mesmas, enquanto os que se dedicam à oração recebem a ajuda do Senhor, que, por menos que eles se esforcem, lhes dá contentamento para que suportem os sofrimentos.

- 9. Como tratarei adiante das alegrias dadas pelo Senhor aos que perseveram na oração, nada falarei aqui. Digo apenas que a oração foi a porta que me levou às grandes graças que recebi; se a fecharmos, não sei como Ele as poderá conceder; porque, ainda que queira entrar para deliciar-se com uma alma e cumulá-la de contentamento, Deus não terá por onde, pois a quer sozinha, pura e com vontade de recebê-Lo. Se lhe impusermos obstáculos e nada fizermos para retirá-los, como Ele poderá vir até nós? E ainda queremos que Deus nos conceda grandes favores!
- 10. Para que todos vejam a misericórdia de Deus e o grande benefício que tive por não ter abandonado a oração e a lição ou leitura, falarei, pois importa muito que se entenda isso, de como o demônio ataca uma alma para conquistá-la, e do artifício e benevolência com que o Senhor busca levá-la para Si. Digo-o para que se acautelem dos perigos que não evitei. Peço sobretudo, por amor de Nosso Senhor e pela grande afeição com que Ele procura fazer-nos voltar para Si, que se evitem as ocasiões de pecado; porque, uma vez nelas, em nada podemos confiar numa guerra onde tantos inimigos nos combatem e onde são tão fracas as nossas defesas.
- 11. Eu gostaria de saber descrever a escravidão da minha alma naquela época, porque bem entendia que estava cativa, mas não percebia em que consistia o cativeiro, nem podia crer de todo que aquilo que os confessores não consideravam tão grave fosse tão ruim como eu o sentia em minha alma. Um deles, a quem consultei a respeito de uma reserva minha, disse-me que, mesmo que eu chegasse a um alto grau de contemplação, as relações e conversas de que eu me ressentia não me fariam mal.

Isso aconteceu nos últimos tempos, quando eu, com o favor de Deus, me afastara mais dos grandes perigos, apesar de não evitar por inteiro as ocasiões. Como me viam com bons desejos e ocupada com a oração, pensavam que eu fazia muito; minha alma, contudo, sabia que eu não fazia o que Aquele a quem eu tanto devia merecia. Lamento agora o quanto a minha alma sofreu, e a pouca ajuda que recebeu, a não ser de Deus, bem como a liberdade que lhe era dada para os passatempos e alegrias por aqueles que os consideravam lícitos.

12. Não era pequeno o meu tormento nos sermões, de que gostava muito. Quando eu via alguém pregar com espírito e discorrer bem, adquiria por essa pessoa uma afeição particular, sem que eu a procurasse e sem saber de onde me vinha. Quase nunca o sermão me parecia tão ruim que eu não o ouvisse com vontade, embora os presentes dissessem que [o pregador] não pregava bem. Se fosse bom, causava-me um deleite particular. Eu quase nunca me cansava de falar de Deus ou de ouvir sobre Ele depois que comecei a ter oração. De um lado, conseguia grande consolo nos sermões, mas, de outro, me atormentava, porque eles me faziam ver que em muitas coisas eu não era como devia ser. Eu suplicava ao Senhor que me ajudasse; mas, pelo que vejo agora, eu não depositava total confiança em Sua Majestade nem perdia de todo a que punha em mim. Eu procurava soluções, fazia esforços; mas ainda não compreendia que isso de nada serve se, mesmo não confiando por inteiro em mim, eu não pusesse a confiança em Deus.

Eu desejava viver, pois bem entendia que não vivia, combatendo, em vez disso, uma sombra da morte, sem que ninguém me desse vida e sem poder consegui-la eu mesma; e quem podia dá-la a mim tinha razão para não socorrer--me, pois tantas vezes me chamara a Si e outras tantas fora abandonado.

## CAPÍTULO 9

CONTA DE QUE MODO O SENHOR COMEÇOU A DESPERTAR A SUA ALMA, DANDO-LHE LUZ EM TÃO GRANDES TREVAS, E A FORTALECER SUAS VIRTUDES PARA NÃO OFENDÊ-LO.

1. A minha alma já estava cansada e, embora quisesse, seus maus costumes não a deixavam descansar. Aconteceu-me de, entrando um dia no oratório, ver uma imagem guardada ali para certa festa a ser celebrada no mosteiro. Era um Cristo com grandes chagas que inspirava tamanha devoção que eu, de vê-Lo, fiquei perturbada, visto que ela representava bem o que Ele passou por nós. Foi tão grande o meu

sentimento por ter sido tão mal-agradecida àquelas chagas que o meu coração quase se partiu; lancei-me a seus pés, derramando muitas lágrimas e suplicando-lhe que me fortalecesse de uma vez para que eu não O ofendesse.

- 2. Eu era muito devota da gloriosa Madalena e muitas vezes pensava em sua conversão, em especial quando comungava, certa de que o Senhor estava dentro de mim, pondo-me a Seus pés, por ter a impressão de que as minhas lágrimas não seriam desdenhadas; e eu não sabia o que dizia (pois muito fazia quem permitia que eu as derramasse, já que eu logo esquecia aquele sentimento), encomendando-me a essa gloriosa Santa para que ela me alcançasse o perdão.
- 3. Mas esta última vez, com a imagem de que falei, parece-me ter sido mais proveitosa, porque eu já desconfiava muito de mim mesma e depositava toda a minha confiança em Deus. Creio que eu disse que não me levantaria dali enquanto a minha súplica não fosse atendida. Tenho certeza de que isso me beneficiou, porque a partir de então fui melhorando muito.
- 4. Eu rezava assim: como não podia raciocinar com o intelecto, esforçava-me por representar Cristo dentro de mim, e sentia-me melhor ao que parece nas passagens onde o via mais sozinho. Eu acreditava que, estando só e aflito, Ele haveria de me acolher, sendo eu pessoa necessitada. Eram muitas as minhas simplicidades desse tipo.

Eu me sentia muito bem, em especial na oração do Horto, onde Lhe fazia companhia; ficava pensando no suor e na aflição que ele sofrera, desejando, caso fosse possível, enxugar-Lhe o suor tão doloroso, mas lembro-me de que nunca ousei fazê-lo, pois vinham à lembrança os meus graves pecados; eu ficava ali, com Ele, enquanto os meus pensamentos deixavam, porque eram muitos os que me atormentavam. Por longos anos, quase todas as noites, antes de dormir, ao me encomendar a Deus para dormir, eu sempre pensava um pouco nessa passagem da oração do Horto, mesmo antes de ser monja, porque me disseram que com isso se obtinham muitos perdões; e tenho para mim que a minha alma muito ganhou com isso, porque comecei a orar sem saber que o fazia, tendo esse costume ficado tão constante que nunca o abandonei, assim como nunca deixei de me persignar para dormir.

- 5. Voltando ao que dizia do tormento que os pensamentos me traziam: proceder sem o discurso do entendimento requer que a alma esteja muito concentrada ou perdida, perdida em distrações. Aproveitando, é grande o ganho da alma, por ser progresso no amor. Mas, para chegar a isso, fazem--se grandes esforços, a não ser que o Senhor se digne conduzir a alma, num breve espaço de tempo, à oração de quietude, o que acontece com algumas pessoas que conheço. Para quem segue esse caminho, é útil um livro que leve ao rápido recolhimento. Eu também me beneficiava de ver campos, águas, flores; encontrava nessas coisas a lembrança do Criador, isto é, elas me despertavam e me recolhiam, servindo-me de livros, ao mesmo tempo que me lembrava da minha ingratidão e dos meus pecados. Era tão grosseiro o meu intelecto que jamais pude imaginar coisas do céu ou coisas elevadas, até que o Senhor as representasse de outra maneira para mim.
- 6. Eu era tão pouco hábil na representação de imagens mentais que, se não visse com os meus próprios olhos, pouco uso fazia da imaginação, ao contrário de certas pessoas que conseguem servir-se dela quando se recolhem. Eu só podia pensar em Cristo como homem, mas nunca pude representá--Lo no meu interior, por mais que lesse sobre a Sua beleza e por mais que contemplasse as Suas imagens; eu agia como uma pessoa cega ou no escuro, e que, falando com outra, sabe que está com ela porque tem certeza da sua presença (digo, percebe e crê que ela está ali, mas não a vê); assim ficava eu quando pensava em Nosso Senhor. E por isso eu gostava tanto de imagens. Infelizes os que por sua culpa perdem esse bem! Bem parece que não amam o Senhor, porque, se o amassem, gostariam de ver o Seu retrato, como no mundo há prazer em contemplar o retrato daqueles a quem se quer bem.
- 7. Deram-me nessa época as *Confissões* de Santo Agostinho.<sup>2</sup> Parece que o Senhor o ordenou, porque nunca as procurei nem as tinha visto. Sou muito afeiçoada a Santo Agostinho, porque o mosteiro onde fui secular era de sua Ordem,<sup>3</sup> e também por ele ter sido pecador. Nos santos que o foram e, depois de sê-lo, foram atraídos outra vez pelo Senhor eu encontrava muito consolo, parecendo-me que neles encontraria ajuda e que, como os havia perdoado, o Senhor também poderia me perdoar. Só uma coisa me desconsolava, como eu disse:<sup>4</sup> o Senhor só os chamou uma vez, e eles não voltaram a cair; quanto a mim, já eram tantos os chamados que isto me afligia. Mas, considerando o amor que Ele tinha por mim, eu me reanimava, pois da Sua misericórdia jamais duvidei, enquanto de mim duvidava com freqüência.
- 8. Valha-me Deus! Como me espanta a teimosia da minha alma, apesar de tanta ajuda de Deus! Traz-me medo ver minha grande fraqueza e os vínculos que me impediam de me entregar por inteiro a Deus.

Começando a ler as *Confissões*, tive a impressão de me ver ali. Passei a encomendar-me muito a esse glorioso Santo. Quando cheguei à sua conversão e li que ele ouvira uma voz no jardim,<sup>5</sup> senti ser o Senhor

quem me falava, tamanha foi a dor do meu coração. Passei muito tempo chorando, com grande aflição e sofrimento. Como sofre uma alma, valha-me Deus, por perder a liberdade de ser senhora de si mesma, e que tormentos padece! Hoje me admiro por ter podido viver com tanta aflição. Glória a Deus, que me deu vida para eu sair de uma morte tão mortal.

9. A minha alma ganhou grandes forças da Divina Majestade, que deve ter ouvido minhas súplicas e ter-se condoído por tantas lágrimas. Aumentou em mim a vontade de ficar mais tempo com Ele; passei a fugir das ocasiões de pecado porque, livre delas, logo voltava a amar Sua Majestade. Eu bem sabia que O amava, mas não compreendia, como iria entender, o que é amá--Lo verdadeiramente.

Creio que eu nem bem me dispunha a querer servi-Lo e Sua Majestade já recomeçava a me deliciar. Eu via que aquilo que os outros procuram adquirir com muito esforço, o Senhor instava comigo para que eu o recebesse, visto que, nos últimos anos, já me concedia gostos e regalos. Jamais me atrevi a suplicar que me desse isso ou ternura de devoção; eu lhe pedia apenas que me desse graças para que não O ofendesse e que perdoasse os meus grandes pecados. Vendo-os tão grandes, nunca me atrevi conscientemente a desejar regalos ou gostos. Para mim, a Sua piedade já fazia demais permitindo-me permanecer diante de Si e trazendo-me à Sua presença, pois eu via bem que, se Ele não me procurasse tanto, eu sozinha nunca o faria.

Lembro-me apenas de uma ocasião em que Lhe pedi consolações, por estar muito necessitada; porém, vendo que o fazia, fiquei tão confusa que a dor de me ver com tão pouca humildade me deu o que eu me atrevera a pedir. Eu sabia que não era errado pedi-las, mas achava que quem as merecia eram os que estavam bem dispostos, e que tinham procurado a verdadeira devoção com todas as suas forças, sendo esta não ofender a Deus e estar pronto e determinado para todo bem. Eu pensava que as minhas lágrimas eram coisinhas de mulher, ineficazes, pois eu não conseguia com elas o que desejava. No entanto, acho que me valeram; porque, especialmente depois dessas duas vezes<sup>7</sup> de tão grande arrependimento e de tanta dor no coração, passei a me dedicar mais à oração e a me afastar das coisas que me pudessem trazer a perdição, embora não o fizesse de todo, contando com a ajuda de Deus para delas me separar. Como Sua Majestade só esperava alguma correspondência de minha parte, as graças espirituais foram aumentando da maneira como vou contar. Trata-se de algo incomum, porque o Senhor as costuma dar aos que têm maior pureza de consciência.

### CAPÍTULO 10

COMEÇA A DECLARAR AS GRAÇAS QUE O SENHOR LHE CONCEDIA NA ORAÇÃO. COMO PODEMOS NOS AJUDAR A NÓS MESMOS E COMO É IMPORTANTE ENTENDERMOS OS DONS DE DEUS.

PEDE AO SEU DESTINATÁRIO QUE DORAVANTE O QUE ELA ESCREVER SEJA SECRETO, VISTO QUE A MANDARAM FALAR DE UMA COISA TÃO PARTICULAR QUANTO SÃO ESSAS GRACAS.

- 1. Como disse,¹ eu tinha começado a sentir às vezes, embora com brevidade, o que passo a relatar. Vinha-me de súbito, na representação interior de estar ao lado de Cristo, de que falei,² tamanho sentimento da presença de Deus que eu de maneira alguma podia duvidar de que o Senhor estivesse dentro de mim ou que eu estivesse toda mergulhada nele. Não se tratava de uma visão; acredito ser o que chamam de *teologia mística*: a alma fica suspensa de tal modo que parece estar fora de si; a vontade ama, a memória parece estar quase perdida, o intelecto não discorre, mas, a meu parecer, não se perde; entretanto, repito, também não age, ficando como que espantado com o muito que alcança, porque Deus lhe dá a entender que ele nada compreende daquilo que Sua Majestade lhe representa.
- 2. Antes, eu tivera continuamente uma ternura que, em parte, é possível procurar: uma satisfação que não é completamente dos sentidos nem é bem espiritual. Tudo é dado por Deus; mas, ao que parece, para isso podemos contribuir considerando nossa inferioridade e a ingratidão para com Deus, o muito que Ele fez por nós, sua Paixão, em que sofreu graves dores, Sua vida tão cheia de aflições; deleitando-nos por ver Suas obras, Sua grandeza, o amor que tem por nós e muitas outras coisas que quem deseja progredir espiritualmente encontra por toda parte, mesmo que não as viva procurando. Se, ao lado disso, houver algum amor, a alma fica inebriada, o coração fica terno, vêm lágrimas; às vezes, parece que as arrancamos à força e, em outras, elas vêm do Senhor, e com tanta energia que não podemos resistir. Ao que parece, Sua Majestade nos recompensa pelo nosso pequeno esforço com um dom imenso que é o consolo sentido pela alma ao ver que chora por tão grande Senhor; e não me espanto com isso, pois razão há de sobra para sentir consolo, pois ali ela se inebria e se deleita.

3. Considero boa a comparação que agora me ocorreu: os prazeres obtidos da oração devem ser os dos que estão no céu, porque, como não vêem mais do que o Senhor, de acordo com o seu merecimento, quer que vejam, e como reconhecem os poucos méritos que têm, cada um deles se contenta com o lugar em que está, embora haja uma enorme diferença entre a felicidade de cada um no céu, que é muito maior do que a que há entre os gozos espirituais daqui da terra.

E, com efeito, a alma, no início, ao receber essa graça de Deus, quase tem a impressão de que não há mais a desejar, dando-se por bem paga por tudo quanto serviu. E sobram-lhe razões, pois uma lágrima dessas, que, como digo, quase procuramos — embora sem Deus nada se faça —, não me pareça poder ser comprada nem com todos os trabalhos do mundo, pois muito se ganha com elas; e que lucro maior do que ter um testemunho de que contentamos a Deus? Por isso, quem chegar a esse ponto louve muito a Deus, reconhecendo que muito Lhe deve, porque parece que o Senhor já o deseja para a Sua casa e o escolheu para o Seu Reino — se a alma não voltar atrás.

- 4. Não procure as humildades, de que pretendo falar, de certas pessoas que crêem ser humilde não compreender que o Senhor vai lhes concedendo dons.<sup>3</sup> Entendamos, como deve ser, que Deus no-los dá sem nenhum merecimento nosso, e agradeçamos a Sua Majestade; porque, se não reconhecermos que recebemos, não vamos despertar para amar. Uma coisa é certa: quanto mais vemos que estamos ricos, sabendo que somos pobres, tanto maior o nosso aproveitamento e ainda mais verdadeira a humildade. O resto é abater o ânimo por pensar que não se é capaz de obter grandes bens se, começando o Senhor a dá-los, a alma se atemoriza com medo da vaidade. Acreditemos que Aquele que nos dá os bens nos concederá a graça para que, começando o demônio a tentar-nos nesse aspecto, nós o entendamos e nos fortaleçamos para resistir-lhe; isto é, se andarmos com retidão diante de Deus, voltados para contentar apenas a Ele, e não aos homens.
- 5. É evidente que amamos mais a uma pessoa quando nos lembramos muito das boas obras que faz por nós. Pois, se é ilícito e tão meritório nos lembrarmos sempre de que Deus nos deu a vida, nos criou do nada, nos sustenta, e de todos os outros benefícios que a Sua morte e os Seus sofrimentos nos deram, bem como do fato de que muito antes de nos criar Ele já os sofrera por cada um de nós, por que não seria lícito que eu reconheça, veja e considere muitas vezes que costumava falar em vaidades e que agora, pelo favor de Deus, só tenho vontade de falar Dele? Eis aqui uma jóia que, se reconhecermos que nos foi dada e que a possuímos, nos força a amar, porque o amor é todo o bem da oração fundada na humildade. Pois o que deve ocorrer quando tivermos em nosso poder jóias mais preciosas que alguns servos de Deus já receberam como as do menosprezo do mundo e de nós mesmos? É claro que nos consideraremos mais devedores e mais obrigados a servir e a compreender que não tínhamos nada disso e a reconhecer a generosidade do Senhor. Porque, para alma tão pobre, ruim e pouco merecedora como a minha, bastava a primeira jóia destas, que ainda seria muito, mas ainda assim o Senhor quis cumular-me de mais riquezas do que eu poderia desejar.
- 6. Devemos tirar forças para servir mais e procurar não ser ingratos; porque o Senhor nos oferece esses dons com essa condição, pois, se não usarmos bem o tesouro e o elevado estado em que nos põe, Ele voltará a tomá-los, e ficaremos ainda mais pobres; e Sua Majestade dará essas jóias a quem as preze e benefície com elas a si e aos outros.

Como pode aproveitar e gastar com liberalidade quem não sabe que está rico? É impossível — a meu ver devido à nossa natureza — que tenha ânimo para grandes coisas quem não percebe ser favorecido por Deus; porque, dada a nossa inferioridade e inclinação para as coisas da terra, dificilmente nos desapegaremos de fato, com grande aversão, das coisas da terra se não soubermos que partilhamos dos bens celestes. Com esses dons, o Senhor nos dá a força que, pelos nossos pecados, perdemos. Se não tivermos provas do amor de Deus, ao lado de uma fé viva, como poderemos desejar que todos fiquem descontentes e se aborreçam conosco e com todas as grandes virtudes que os perfeitos exibem? Carecemos tanto de estímulo que logo acreditamos no que temos diante dos olhos; assim, são esses favores que despertam e fortalecem a fé. Pode ser que eu, por ser tão ruim, esteja julgando por mim, podendo haver outros para quem basta a verdade da fé para fazerem obras muito perfeitas, enquanto eu, miserável que sou, precisei de todas essas graças.

7. Que eles falem disso; eu falo do que aconteceu comigo, como me ordenaram. Se eu estiver errada, aquele a quem me dirijo<sup>4</sup> destruirá esta relação; pois ele saberá entender, mais do que eu, o que está errado; a ele suplico, pelo amor do Senhor, que publique o que eu disse até agora da minha vida ruim e dos meus pecados (concedo-lhe a licença a partir de agora, estendendo-a a todos os meus confessores, sendo um deles aquele a quem me dirijo), e, se quiser, enquanto eu estiver viva, para que o mundo não se engane mais pensando que há em mim algum bem; e por certo, digo sinceramente, pelo que agora sinto, isso me trará grande consolo.

Para o que vou falar, não dou igual licença, nem desejo que, caso o mostrem a alguém, digam quem o escreveu, quem é nem a quem sucedeu; por isso, não direi o meu nome, nem o de ninguém, tentando escrever o melhor que puder para não ser reconhecida, e assim o peço pelo amor de Deus. Bastam pessoas tão instruídas e sérias para aprovar alguma coisa boa se o Senhor me der graça de dizê-la; se houver algo assim, será Dele, e não meu, porque não sou instruída, não tenho boa vida, nem fui educada por mestres nem por ninguém (porque só os que me mandaram escrever sabem que eu o faço, e no presente não está aqui); e quase furtando o tempo, e com pesar, porque me impede de fiar e porque, estando em casa pobre, há muitas ocupações... Assim, mesmo que o Senhor me tivesse dado mais capacidade e memória, podendo eu me aproveitar, com esta, do que ouvi ou li, o que não é o caso, se alguma coisa de bom eu disser, é o Senhor que o quer para algum bem; o que for ruim terá vindo de mim, e vossa mercê o suprimirá. Em nenhum dos casos há proveito em dizer o meu nome. Enquanto eu estiver viva, está claro que não se deve divulgar o bem; estando morta, isso de nada vai servir, a não ser para que o bem perca a autoridade e o crédito por ser dito por uma pessoa tão ínfima e ruim.

- 8. E por pensar que vossa mercê e os outros que o virem haverão de fazer o que peço, pelo amor de Deus, escrevo com liberdade; se assim não fosse, eu teria grandes escrúpulos, não para falar dos meus pecados, que nesse aspecto não tenho nenhum. Quanto ao mais, basta-me ser mulher para estar restrita, ainda mais sendo mulher e ruim. Assim, o que ultrapassar a simples narrativa da minha vida, tome-o vossa mercê para si já que tanto me importunou para que eu indicasse as graças que Deus me faz na oração —, caso esteja em conformidade com as verdades da nossa santa fé católica; se não o estiver, que vossa mercê o queime logo, que a isso me sujeito. E direi o que se passa comigo para que, respeitada a fé, possa vossa mercê tirar disso algum proveito e, caso contrário, para que desenganeis a minha alma, e para que o demônio não ganhe onde eu penso ganhar; pois o Senhor já sabe, como depois direi, que sempre procurei buscar quem me dê luz.
- 9. Por mais clara que eu tente ser falando das coisas de oração, tudo será bem obscuro para quem não tiver experiência. Falarei de alguns impedimentos que no meu entender impedem o progresso nesse caminho, bem como de coisas em que há perigo, daquilo que o Senhor me ensinou por experiência e do que aprendi discutindo com grandes mestres e pessoas que há muito se dedicam às coisas do espírito. Todos estes reconhecem que, nos vinte e sete anos em que me dedico à oração, Sua Majestade me deu a experiência apesar dos meus tantos tropeços e de eu ter trilhado tão mal esse caminho que outros conseguiram em trinta e sete ou quarenta e sete anos, sempre na penitência e na virtude.

Bendito sejais por tudo! E, por quem sois, Senhor, servi-vos de mim, pois bem sabeis que não pretendo outra coisa senão que sejais louvado e engrandecido um pouco por haverdes plantado um jardim de flores tão suaves num pântano tão sujo e malcheiroso. Queira Sua Majestade que eu, pela minha culpa, não volte a arrancá-las nem torne a ser o que era. Suplico a vossa mercê que, pelo amor do Senhor, peça-Lhe isso, pois sabeis quem sou com mais clareza do que me permitistes dizer aqui.

## CAPÍTULO 11

DIZ POR QUE NÃO AMAMOS A DEUS COM PERFEIÇÃO DESDE O INÍCIO. MEDIANTE UMA COMPARAÇÃO, AFIRMA A EXISTÊNCIA DE QUATRO GRAUS DE ORAÇÃO. TRATARÁ AQUI DO PRIMEIRO, QUE CONSIDERA MUITO PROVEITOSO PARA OS PRINCIPIANTES E PARA OS QUE NÃO TÊM PRAZER NA ORAÇÃO. 1

- 1. Falando agora dos que começam a ser servos do amor (que não me parece outra coisa além de nos decidirmos a seguir por esse caminho de oração Aquele que tanto nos amou), considero uma dignidade tão grande que sinto enorme prazer só de pensar nela; porque o temor servil logo desaparece se passamos por esse primeiro estágio como devemos. Ó Senhor de minha alma e Bem meu! Por que não quisestes que, determinando-se a amar-Vos fazendo tudo o que pode para deixar o mundo e se dedicar ao amor de Deus —, a alma não gozasse logo a elevação a esse amor perfeito? Não me exprimo bem: tinha de falar e me queixar do fato de nós não a querermos; a culpa é toda nossa por não gozarmos logo de tamanha dignidade, pois, se chegarmos a ter com perfeição esse verdadeiro amor de Deus, também obteremos todos os bens. Somos tão difíceis e demoramos tanto a nos entregar de todo a Deus que, como Sua Majestade não deseja que gozemos coisa tão preciosa sem pagar um grande preço, nunca acabamos de nos dispor.
- 2. Bem vejo que não há com que se possa comprar na terra tão grande bem; mas, se fizéssemos o que está em nossas mãos, desapegando-nos das coisas dela, dedicando-nos por inteiro ao céu, creio que sem dúvida teríamos esse bem muito depressa, se logo nos entregássemos de todo, como o fizeram alguns santos. Contudo, julgamos dar tudo quando oferecemos a Deus somente a renda e os produtos, ficando com a raiz e a

propriedade. Determinamo--nos a ser pobres — o que é bastante nobre —, mas muitas vezes voltamos a preocupar-nos e a labutar para que não nos falte não apenas o necessário como o supérfluo, e para granjear amigos que no-los dêem, e temos maiores preocupações (expondo-nos, por vezes, a perigos) para que nada nos falte do que antes, quando éramos proprietários.

Parece também que abandonamos a honra quando nos fizemos religiosos ou quando começamos a ter vida espiritual e a procurar a perfeição; no entanto, se um ponto de honra é atacado em nós, esquecemo-nos de que já consagramos a honra a Deus e buscamos recuperá-la e — por assim dizer — arrancá-la das Suas mãos, depois de tê-Lo feito senhor dela por nossa própria vontade, ao menos aparentemente. Assim ocorre com todas as outras coisas.

- 3. Estranha maneira de buscar o amor de Deus! E logo o queremos em abundância, como se diz. Não fica bem manter nossas afeições (já que não procuramos realizar nossos desejos nem nos apartamos totalmente deles) ao lado das muitas consolações espirituais que recebemos, nem essas duas coisas me parecem compatíveis. Com isso, como não damos tudo de uma vez, também não recebemos de vez esse tesouro. Queira o Senhor que, gota a gota, Sua Majestade nos dê esse tesouro, mesmo que isso nos custe todos os sofrimentos do mundo.
- 4. Ele é rico em misericórdia para com aqueles a quem dá graça e ânimo para que se decidam a procurar esse bem com todas as forças; porque Deus não se nega a quem persevera, habilitando pouco a pouco o seu ânimo a alcançar a vitória. Digo ânimo porque são muitas as coisas que o demônio põe diante de quem começa, para impedi-lo de começar de fato esse caminho. Porque este último sabe do prejuízo que tem ao perder não somente essa alma, mas muitas. Se o iniciante se esforça, com o favor de Deus, para chegar ao auge da perfeição, creio que nunca vai sozinho ao céu, levando sempre muita gente consigo; como a bom capitão, dá-lhe Deus quem vá em sua companhia.

São tantos os perigos e as dificuldades que ele põe<sup>2</sup> que não é pouco o ânimo necessário para não voltar atrás, além do constante favor de Deus.

- 5. No princípio está a maior dificuldade dos que estão determinados a buscar esse bem e a realizar esse empreendimento (quanto ao que comecei a falar sobre a teologia mística acho que é esse o seu nome —, retomarei adiante); porque, no início, são eles que trabalham, embora o Senhor lhes dê o capital. Nos outros graus de oração, só há prazer, embora no começo, no meio e no fim todos carreguem suas cruzes, ainda que diferentes; pelo mesmo caminho que Cristo percorreu devem passar os que O seguem, se não quiserem se perder. Benditos sofrimentos que, ainda nesta vida, são pagos tão excessivamente!
- 6. Terei de recorrer a alguma comparação, embora, por ser mulher, preferisse evitá-las e escrever simplesmente o que me mandam. Mas é tanta a dificuldade da linguagem espiritual<sup>3</sup> para os que, como eu, não têm instrução que terei de buscar algum meio, correndo o risco de nem sempre acertar nessa comparação; divertirá vossa mercê<sup>4</sup> ver tanta ignorância.

Parece-me que li ou ouvi esta comparação — como tenho memória ruim, não sei onde nem por quê; mas, para o meu objetivo aqui, basta-me citá-la.<sup>5</sup> Quem principia deve ter especial cuidado, como quem fosse plantar um jardim, para deleite do Senhor, em terra muito improdutiva, com muitas ervas daninhas. Sua Majestade arranca as ervas daninhas e planta as boas. Façamos de conta que isso já aconteceu quando uma alma decide dedicar-se à oração e começa a se exercitar nela. Com a ajuda de Deus, temos de procurar, como bons jardineiros, que essas plantas cresçam, tendo o cuidado de regá-las para que não se percam e venham a dar flores, cujo perfume agradável delicie esse nosso Senhor, para que Ele venha a se deleitar muitas vezes em nosso jardim e a gozar entre essas virtudes.

7. Vejamos agora a maneira de regar, para sabermos o que fazer e o quanto isso nos há de custar; verificar se o lucro é maior do que o esforço e o tempo que o trabalho levará.

Parece-me que é possível regar de quatro maneiras:

- tirando a água de um poço, o que nos parece grande trabalho;
- tirá-la com nora e alcatruzes movidos por um torno; assim o fiz algumas vezes: 6 dá menos trabalho que a outra e produz mais água;
- trazê-la de um rio ou arroio; rega-se muito melhor, a terra fica bem molhada, não é preciso regar com tanta frequência e o jardineiro faz menos esforço;
- contar com chuvas frequentes; neste caso, o Senhor rega, sem nenhum trabalho nosso, sendo esta maneira incomparavelmente melhor do que as outras.
- 8. Agora, apliquemos à oração essas quatro maneiras de regar, com as quais haveremos de conservar o jardim, que, sem ser irrigado, perecerá. Com esta comparação acredito poder explicar algo dos quatro graus de oração em que o Senhor, pela sua bondade, pôs algumas vezes a minha alma. Queira a Sua bondade que eu

o diga de um modo que traga proveito a uma das pessoas que me mandaram escrever,<sup>7</sup> porque o Senhor, em quatro meses, a fez avançar mais do que eu consegui em dezessete anos. Essa pessoa se dispôs melhor do que eu e, assim, rega sem trabalho seu vergel com essas quatro águas, embora a última só lhe venha gota a gota; mas, a prosseguir assim, logo estará mergulhada nela, com a ajuda do Senhor, e gostarei que ria se lhe parecer disparatada a minha forma de dizer.

9. Pode-se dizer dos que começam a ter oração que apanham a água do poço, o que é muito trabalhoso, como eu disse,<sup>8</sup> porque eles têm de cansar--se para recolher os sentidos, algo que, como não estão acostumados a concentrar-se, requer muito esforço. É preciso que eles vão se habituando a não se incomodar com o que vêem ou ouvem, fazendo-o efetivamente nas horas de oração, ficando em solidão e afastados para pensar em sua vida passada. Na verdade, todos devem fazer isso com freqüência, tanto iniciantes como os que estão avançados, pensando mais ou menos nisso, como depois direi. No princípio, os iniciantes ainda sofrem, por julgarem que não se arrependem dos pecados, embora o seu arrependimento seja sincero, pois estão de fato determinados a servir a Deus. Eles devem procurar pensar na vida de Cristo e, nisso, cansa-se a mente.

Até aqui podemos chegar sozinhos, claro que com o favor de Deus, pois, como se sabe, sem Ele, não podemos ter um único bom pensamento. Isso é começar a tirar água do poço, e queira Deus que este não esteja seco. Pelo menos fazemos a nossa parte, indo apanhar água e fazendo o que podemos para regar as flores. E é o bom Deus que, por motivos que Ele conhece — talvez para grande proveito nosso —, quer que o poço esteja seco, devendo nós fazer como o bom jardineiro, que, sem água, mantém as flores e faz crescer as virtudes. Chamo de "água" aqui as lágrimas e, à falta delas, a ternura e o sentimento interior de devoção.

10. E o que fará aqui quem vir que, em muitos dias, só há secura, desgosto, dissabor e tão má vontade para ir tirar a água? Se não se recordasse de que serve e agrada ao Senhor do jardim e se não receasse perder todo o serviço já feito, além do que espera ganhar com o grande trabalho que é lançar muitas vezes o balde ao poço e tirá-lo sem água, abandonaria tudo? Muitas vezes, nem conseguirá levantar os braços, nem poderá ter um bom pensamento, porque esse trabalho com o intelecto, entenda-se, é tirar água do poço.

Como eu dizia, que fará aqui o jardineiro? Alegrar-se, consolar-se e considerar uma enorme graça trabalhar no jardim de tão grande Imperador. Sabendo que contenta ao Senhor com aquilo, e que a sua intenção não há de ser senão contentar a Ele, louve-O muito, pois o Senhor nele confia, por ver que, sem nada receber, a alma cuida muito do seu trabalho; que o jardineiro O ajude a carregar a cruz e pense que o Senhor nela viveu por toda a vida; que não procure seu reino aqui na terra e nunca abandone a oração. E se determine, mesmo que essa secura dure a vida inteira, a não deixar que Cristo caia com a cruz, pois virá o momento em que toda a sua recompensa lhe será dada de uma vez. Não tenha medo de que o seu trabalho se perca, pois ele serve a bom patrão, que o está olhando. Não se incomode com os maus pensamentos; pense que o demônio também os representava a São Jerônimo no deserto. 10

11. Esses trabalhos têm seu valor, eu o sei, pois os fiz durante muitos anos (quando eu tirava uma gota de água desse poço bendito, pensava que Deus me concedia uma graça), sendo necessário, para vencê-los, mais coragem do que para muitos outros trabalhos do mundo. Mas vi com clareza que Deus não deixa de dar grande recompensa, ainda nesta vida; pois é certo que, em uma hora na qual o Senhor me permite rejubilar-me nele, considero pagas todas as angústias por que, para perseverar na oração, passei.

Creio que o Senhor deseja dar, muitas vezes no princípio e outras no final, esses tormentos e muitas outras tentações que aparecem, para testar os que O amam e saber se poderão beber o cálice e ajudá-Lo a levar a cruz, antes de lhes oferecer grandes tesouros. E é para o nosso bem que Sua Majestade deseja levar-nos dessa maneira para que compreendamos quão pouco somos; porque as graças que depois vêm têm tamanha dignidade que Ele, antes de dá-las, deseja que, pela experiência, percebamos antes a nossa insignificância, a fim de que não aconteça conosco o que sucedeu a Lúcifer.

12. Que fazeis Vós, Senhor meu, que não seja para maior bem da alma que já sabeis ser Vossa e que se põe em Vosso poder para seguir-Vos por onde fordes, até a morte na cruz, determinada a ajudar-Vos a carregá-la e a não Vos deixar sozinho com ela?

Quem vir em si essa determinação... de modo algum deve temer. Não tem razão para afligir-se quem se dedica às coisas do espírito. Estando já no nível tão alto que é o do desejo de ficar a sós com Deus e de renunciar aos passatempos do mundo, a alma fez a maior parte. Louvai por isso Sua Majestade e confiai em Sua bondade, pois Ele nunca faltou aos seus amigos. Fechai os olhos da mente para não pensardes: por que Ele dá devoção a alguém em poucos dias e a nega a mim em tantos anos? Acreditemos que é tudo para o nosso bem maior. Guie Sua Majestade por onde quiser. Já não somos nossos, mas Seus. Ele já nos favorece bastante ao nos dar disposição para cavar no Seu jardim e estar aos pés do seu Senhor, que por certo está

conosco. Se Ele deseja que essas plantas e flores cresçam, para uns jardineiros com a água que tiram do poço e, para outros, sem ela, que importância tem isso para mim? Fazei Vós, Senhor, o que quiserdes. Que eu não Vos ofenda e que não se percam as virtudes, se alguma já me destes só por Vossa bondade. Desejo padecer, Senhor, pois Vós padecestes. Faça-se em mim, de todas as maneiras, a Vossa vontade, e não permitais que uma coisa tão valiosa quanto o Vosso amor seja dada a quem só Vos serve em busca de consolações.

- 13. Deve-se acentuar e o digo por experiência que a alma que, nessa trilha da oração mental, começa a caminhar com determinação e consegue de si mesma não fazer muito caso, nem consolar-se ou desconsolar-se muito por faltarem ou não esses gostos e essa ternura, ou por lhos dar o Senhor, já venceu boa parte do caminho; e que não tenha medo de recuar, por mais que tropece, já que começou o edifício com firmes alicerces. Sim, pois o amor de Deus não está em ter lágrimas nem em ter esses gostos e essa ternura, que em geral desejamos e com os quais nos consolamos, mas em servir com justiça, força de ânimo e humildade. Isso me parece mais receber do que dar alguma coisa.
- 14. Para mulherzinhas como eu, fracas e pouco constantes, creio que convém, como Deus agora o faz comigo: conduzir-me com regalos, para que eu possa sofrer algumas dificuldades que Sua Majestade desejou que eu tivesse. Mas, para servos de Deus, homens de valor, instruídos, inteligentes, desgosta--me ouvi-los se queixarem tanto de que Deus não lhes dá devoção; não digo que não a aceitem, se Deus a der, tendo-a em alta conta, porque, nesse caso, Sua Majestade sabe que isso lhes convém, mas que, quando não a tiverem, que não se aflijam, entendendo que ela não lhes é necessária, já que Sua Majestade não a dá, e sigam seu caminho. Acreditem que é uma imperfeição. Eu o vi e experimentei. Acreditem que é imperfeição e falta de liberdade de espírito; é mostrar fraqueza para qualquer empreendimento.
- 15. Não falo isso tanto para os que começam (embora eu o acentue tanto porque é muito importante para eles começar com essa liberdade e determinação), mas para outros, pois haverá muitos, e há realmente, que começaram e nunca acabam de acabar; e creio que isso se deve em grande parte ao fato de eles não abraçarem a cruz desde o início, razão por que ficam aflitos, julgando que nada fazem. Não conseguem suportar que o intelecto deixe de atuar, não percebendo que, então, a vontade aumenta e se fortalece.

Temos de pensar que o Senhor não olha coisas que, embora nos pareçam faltas, não o são. Sua Majestade já conhece a nossa miséria e baixeza natural melhor do que nós mesmos, sabendo que essas almas desejam sempre pensar nele e amá-Lo; o que Ele quer é essa determinação, não servindo essa outra aflição senão para inquietar a alma. Quem está incapacitado de obter frutos durante uma hora assim o estará por quatro. Porque muitíssimas vezes (tenho enorme experiência nisso, e sei que é verdade, porque o examinei com cuidado e disso tratei com pessoas espirituais) tudo vem da indisposição corporal; somos tão miseráveis que essa pobre alma está aprisionada aos males do corpo; e as mudanças do tempo e variações dos humores muitas vezes fazem com que, sem culpa, ela não possa fazer o que quer, padecendo de todas as maneiras. Nesses momentos, quanto mais a quisermos forçar, tanto pior e mais duro será o mal; nesse caso, é preciso ter discrição para ver quando se deve fazer o quê, para não atormentar a pobre. Que elas percebam que estão doentes e mudem a hora da oração, o que amiúde durará alguns dias. Suportem como puderem esse desterro, pois é grande a desventura da alma amante de Deus ao ver que passa por essa desolação, sem poder fazer o que quer, por ter um hóspede tão ruim quanto o corpo.

16. Eu disse "ter discrição" porque às vezes o demônio age. Assim, é bom que não se deixe sempre a oração quando se está muito distraído e perturbado no intelecto, nem se atormente sempre a alma, obrigando-a a fazer o que não pode.

Há outras ocupações além de obras de caridade e de leitura, mesmo que por vezes nem isso seja possível. Sirva-se então ao corpo por amor a Deus, para que ele, em muitas outras ocasiões, sirva à alma; dedique-se o tempo a conversas virtuosas ou a passeios pelo campo, segundo o conselho do confessor. Em tudo, vale muito a experiência, que nos dá a entender o que nos convém e nos faz ver que em tudo servimos a Deus. Suave é o seu jugo, e muito vale a pena não arrastar a alma, como se diz, mas levá-la com suavidade<sup>11</sup> para seu maior aproveitamento.

17. Assim, repito — e mesmo que não pare de fazê-lo, ainda não o terei enfatizado o bastante — que importa muito que não nos atormentemos nem nos aflijamos com essas securas, com a inquietude e com a distração nos pensamentos. Quem quiser obter liberdade de espírito e não ficar sempre atribulado deve começar por não se espantar com a cruz; se o fizer, verá que o Senhor também ajuda a levá-la, e viverá contente e tirando proveito de tudo. É natural, pois se o poço está seco, nós não podemos enchê-lo de água; é verdade que não podemos nos descuidar, para que, quando houver água, a tiremos — porque, nesse caso, Deus deseja por meio dela multiplicar as virtudes.

# CAPÍTULO 12

PROSSEGUE NO PRIMEIRO ESTADO. DIZ ATÉ ONDE PODEMOS CHEGAR, COM O FAVOR DE DEUS, POR NÓS MESMOS, E FALA

DO PREJUÍZO QUE É QUERER,
ANTES QUE O SENHOR O FACA, ELEVAR O ESPÍRITO A COISAS SOBRENATURAIS. 

1.

- 1. O que pretendi dar a entender no capítulo anterior embora tenha enveredado por outras coisas que me pareciam muito necessárias foi o ponto até o qual podemos chegar por nós mesmos e a maneira como, nessa primeira devoção, podemos valer-nos dos nossos próprios recursos. Porque, ao pensarmos detalhadamente no que o Senhor passou por nós, alcançamos a compaixão, encontrando sabor nesse sofrimento e nas lágrimas que dele vêm; pensar na glória que esperamos, no amor que o Senhor teve por nós e em Sua ressurreição nos dá um prazer que não é de todo espiritual nem dos sentidos, mas é um prazer virtuoso e um pesar muito meritório. Assim são todas as coisas que causam devoção quando o entendimento está envolvido, muito embora, se Deus não a desse, não se poderia merecê-la nem ganhá-la. É muito bom que uma alma que só chegou até aqui graças ao Senhor não procure ir além por si e muito se atente para isso —, para que não obtenha, em vez de lucro, prejuízo.
- 2. Neste estado, ela pode fazer muito para se determinar a servir bastante a Deus e despertar o amor, assim como para ajudar a crescer as virtudes, como o diz um livro chamado *Arte de servir a Dios*,² que é muito bom e apropriado para os que estão nesse estado em que a mente age. A pessoa pode imaginar que está diante de Cristo e acostumar-se a enamorar-se da Sua sagrada Humanidade, tendo-O sempre consigo, falando com Ele, pedindo-lhe auxílio em suas necessidades, queixando-se dos seus sofrimentos, alegrando-se com Ele em seus contentamentos e nunca esquecendo-se Dele por nenhum motivo, e sem procurar orações prontas, preferindo palavras que exprimam seus desejos e necessidades.

É excelente maneira de progredir, e com rapidez. E adianto que quem trabalhar para ter consigo essa preciosa companhia, aproveitando muito dela e adquirindo um verdadeiro amor por esse Senhor a quem tanto devemos, terá grande benefício.

- 3. Para isso, não façamos caso de não ter devoção sensível— como eu disse —³, mas agradeçamos ao Senhor, que nos permite estar desejosos de contentá-Lo, embora as nossas obras sejam fracas. Esse modo de trazer Cristo conosco é útil em todos os estados, sendo um meio seguríssimo para tirar proveito do primeiro e breve chegar ao segundo grau de oração, bem como, nos últimos graus, para ficarmos livres dos perigos que o demônio pode pôr.
- 4. Pois isso é o que podemos fazer. Quem quiser passar daqui e levantar o espírito a sentir gostos, que não lhe são dados, perde, a meu ver, tudo. Os gostos são sobrenaturais e, perdido o entendimento, a alma fica desamparada e com muita aridez. E como esse edificio tem a sua fundação na humildade, quanto mais próximos de Deus estivermos, tanto maior deverá ser essa virtude, pois, se assim não for, tudo perderemos. E parece algum tipo de soberba querermos ir além disso, visto que Deus já faz em demasia, pelo que somos, ao permitir que nos aproximemos dele.

Não se entenda com isso que não é bom elevar o pensamento a coisas superiores do céu e de Deus, às grandezas que lá há e à sabedoria divina; porque, embora eu nunca o tenha conseguido (porque não tinha capacidade — como disse — e me achava tão ruim que, mesmo para pensar em coisas da terra, precisava que Deus me fizesse a graça de entender esta verdade, por não ser isso pouco atrevimento, para não falar em pensar em coisas do céu), outras pessoas tirarão proveito disso, especialmente se forem instruídas, pois a instrução é, a meu ver, um grande tesouro para esse exercício, se for acompanhada da humildade. Ultimamente, tenho percebido que alguns estudiosos, que há pouco começaram, tiveram um grande proveito; isso me faz desejar ansiosamente que muitos deles sejam espirituais, como adiante direi.

5. Quando digo "não se elevem sem que Deus os eleve", uso linguagem espiritual; quem tiver alguma experiência vai me entender, pois, se não o entender, não sei dizer com outras palavras. Na teologia mística, de que comecei a falar, o intelecto deixa de agir porque Deus o suspende, como depois explicarei se souber e se Ele me conceder para isso o seu favor. Tentar ou presumir suspendê-lo por nós mesmos, deixar de agir com ele, é o que considero inconveniente, porque assim ficaremos bobos e frios, e não conseguiremos nem uma coisa nem outra. Quando o Senhor o suspende e o faz parar, Ele mesmo lhe dá com que se ocupar e se impressionar, de maneira tal que, no espaço de um credo, podemos compreender, sem raciocinar, mais do que, em muitos anos, com os nossos próprios esforços terrenos. É um disparate querermos conter as faculdades da alma e pensar em aquietá-las.

E repito, ainda que não se entenda: isso não é de grande humildade. Embora não haja culpa, haverá danos, pois será trabalho perdido, e a alma vai ficar um tanto desgostosa, como se estivesse prestes a dar um

salto e se sentisse segura por trás, parecendo empregar a força sem conseguir o seu intento. Quem quiser comprová-lo verá o pouco ganho que vai ter, e, neste, a pequena falta de humildade de que falei.<sup>7</sup> Porque numa coisa essa virtude é excelente: o que é feito com o seu apoio nunca deixa desgosto na alma.

Creio que expliquei bem, mas talvez só esteja claro para mim. Que o Senhor abra os olhos dos que isto lerem dando-lhes experiência, que, por pouca que seja, logo os fará entender.

6. Por vários anos li muitas coisas e nada entendi; depois, apesar do que Deus me dava, eu não sabia dizer uma palavra que exprimisse essa situação, o que não me custou poucos sofrimentos. Quando deseja, Sua Majestade ensina tudo num momento, e de uma maneira que me espanta.

Para dizer a verdade, mesmo falando com muitas pessoas espirituais que queriam me explicar o que o Senhor me dava, para que eu o soubesse dizer, é certo que a minha rudeza era tanta que eu nada aproveitava; ou, talvez, o Senhor, que sempre foi o meu mestre (seja por tudo bendito, pois bastante confusão me causa poder dizer isto com verdade), tenha querido que nesse aspecto eu não tivesse de agradecer a ninguém; sem que eu quisesse nem pedisse (que nisso não fui nada curiosa — porque teria sido virtude sê-lo —, sendo-o apenas em outras vaidades), Deus me deu num momento a graça de entender com toda a clareza e de saber exprimi-lo, de tal modo que os meus confessores se espantavam, e eu mais do que eles, porque conhecia mais a minha rudeza. Foi há pouco que recebi essa graça; e o que o Senhor não me ensinou, eu não o procuro, a não ser o que tem que ver com minha consciência.

7. Torno a avisar que é muito importante "não elevar o espírito se o próprio Senhor não o eleva" — o que isso significa logo se entende. Isso é especialmente ruim para mulheres, em quem o demônio poderá causar alguma ilusão; embora eu tenha certeza de que o Senhor não consente que se prejudique quem, com humildade, procura chegar a Ele, fazendo com que, pelo contrário, obtenha mais proveito e lucro daquilo com que o inimigo julgou provocar prejuízo.

Como esse caminho é o mais usado pelos iniciantes, sendo muito importantes os avisos que dei, estendi-me tanto. Há livros em que isso estará escrito melhor, eu confesso, e foi com grande confusão e vergonha que o escrevi, se bem que sem ter tanta quanto deveria ter.

Bendito seja por tudo o Senhor, que deseja e consente que uma pessoa como eu fale de Suas coisas, tão elevadas e sublimes.

# CAPÍTULO 13

PROSSEGUE NO PRIMEIRO ESTADO E DÁ AVISOS SOBRE ALGUMAS TENTAÇÕES QUE O DEMÔNIO ALGUMAS VEZES SUSCITA, FAZ ADVERTÊNCIAS QUANTO A ISSO. — É MUITO PROVEITOSO.

1. Creio ser necessário falar de algumas tentações, que experimentei, que ocorrem no princípio, bem como alertar para coisas que me parecem importantes.

No princípio, deve-se ter alegria e liberdade, não acreditando, ao contrário do que dizem algumas pessoas, que um pouco de descuido destrói a devoção. É bom temer a si mesmo, não confiando em si, para não se pôr em situações nas quais se ofenda a Deus; isso é deveras necessário até que a virtude assente sólidas raízes na alma. E não há muitos que alcançam tal estado que, em ocasiões favoráveis aos seus apetites naturais, possam se descuidar, visto que, enquanto vivermos, e até por humildade, é bom conhecer a nossa natureza miserável. Mas há muitas ocasiões em que se pode, como eu disse,¹ espairecer um pouco para voltar à oração com mais fervor. Em tudo é preciso ter discrição.

- 2. Devemos ter grande confiança, porque convém muito não reduzir os desejos, confiando em Deus que, se nos esforçarmos, poderemos chegar pouco a pouco, embora não logo ao ponto alcançado por tantos santos com o Seu favor; se estes nunca se determinassem a desejá-lo e a passar gradativamente à prática, não teriam atingido tão alto estado. Sua Majestade deseja almas corajosas e é amigo delas, desde que sejam humildes e sempre desconfiem de si mesmas. Nunca vi quem assim age perder-se no caminho, nem uma alma covarde que, sob pretexto de humildade, percorresse em muitos anos o que as outras percorrem em pouco tempo. Causa-me forte impressão a grande importância que tem nesse caminho procurar grandes coisas; mesmo que não tenha forças logo, a alma vence uma enorme distância, como uma ave de asas fracas que cansa e pára.
- 3. Antigamente, eu me lembrava com freqüência do que São Paulo disse: *Em Deus tudo se pode*. Eu estava bem convencida de que, por mim, nada podia fazer. Isso muito me valeu, assim como as palavras de Santo Agostinho: *Dai-me o que me ordenais e ordenai-me o que quiserdes*. Eu pensava muito que, embora

depois tivesse medo, São Pedro nada perdera por se lançar ao mar.² Essas determinações logo no começo são excelentes. Nesse primeiro grau de oração, é preciso caminhar com lentidão e prudência, seguindo o que um mestre disser. Mas é bom tomar cuidado para que o confessor não ensine a andar como um sapo, nem treine a alma para só caçar lagartixas. É preciso ter sempre a humildade diante dos olhos para entender que essas forças não vêm de nós.

- 4. É necessário, porém, compreender como deve ser essa humildade. Creio que o demônio muito prejudica, impedindo que as almas que têm oração avancem, ao lhes dar um falso conceito de humildade, fazendo parecer soberba ter grandes desejos, querer imitar os santos e aspirar ao martírio. Ele cedo nos diz ou sugere que as ações dos santos devem ser admiradas, e não imitadas por pecadores como nós. Eu também o digo, mas devemos ver com clareza o que tem de ser admirado e o que tem de ser imitado. Naturalmente, não seria razoável que uma pessoa fraca e doente se pusesse a fazer muitos jejuns e penitências, fosse para um deserto onde não pudesse dormir nem tivesse comida ou coisas semelhantes. Temos de pensar que, com o favor de Deus, podemos esforçar-nos para atingir um grande desprezo pelo mundo e pelas suas honras, desapegando-nos dos bens terrenos. É tão fraco o nosso coração que achamos que o chão vai faltar se nos descuidarmos um pouco do corpo para dar mais ao espírito. Logo pensamos que a fartura facilita o recolhimento, porque a preocupação perturba a oração. Muito me dói que a nossa confiança em Deus seja tão pouca e que seja tanto o amor--próprio a ponto de nos preocuparmos com essas coisas. Quando o espírito está assim tão fraco, coisas insignificantes nos trazem tanto sofrimento quanto coisas grandes e muito importantes a outras pessoas. E, no íntimo, consideramo-nos pessoas espirituais!
- 5. Acho que essa maneira de caminhar aparenta-se a querer conciliar corpo e alma, para não se perder o descanso aqui e ir ao céu fruir as delícias de Deus. Isso de fato acontecerá se nos apegarmos à justiça e à virtude. Mas é um passo curto, com o qual jamais chegaremos à liberdade de espírito. É muito correto para pessoas casadas, que devem viver de acordo com a sua vocação. Mas, para outro estado, de forma alguma desejo essa maneira de aproveitar, nem me farão crer que é boa, porque já a experimentei e teria ficado no mesmo ponto se o Senhor, com a Sua bondade, não me tivesse ensinado outro caminho.
- 6. É verdade que, no tocante aos desejos, os meus sempre foram grandes. Eu, contudo, procurava fazer o que disse: 3 ter oração e viver ao bel-prazer. Acredito que, se tivesse quem me ensinasse, eu teria feito esforços para pôr em prática os desejos. Mas, pelos nossos pecados, há tão poucos, 4 tão raros, que não têm demasiada discrição nesse caso que penso ser essa, em grande parte, a razão de os principiantes não se elevarem mais depressa à grande perfeição; porque o Senhor nunca falta nem cria impedimentos nós somos os culpados e miseráveis.
- 7. Também podemos imitar os santos procurando a solidão, o silêncio e muitas outras virtudes que não matarão os corpos manhosos, que tão organizadamente querem servir para desconcertar a alma. Por outro lado, o demônio ajuda muito a torná-los incapazes quando percebe um pouco de temor. Ele não precisa de muito para nos fazer imaginar que tudo nos tira a saúde e a vida; e até evita que choremos ao infundir em nós o medo da cegueira. Sei que é assim, pois passei por isso; não entendo que melhor visão ou saúde podemos desejar do que a sua perda por semelhante causa.

Sendo tão doente, enquanto não me resolvi a desprezar o corpo e a vida, sempre estive amarrada, sem nenhuma utilidade. E, mesmo hoje, faço bem pouco. Deus quis que eu percebesse o ardil; e quando o inimigo me trazia o receio de perder a saúde, eu lhe respondia: "Pouco importa que eu morra". Se ele me sugeria descanso, eu dizia: "Não preciso de descanso, e sim de cruz". E assim por diante. Vi claramente que, em inúmeras circunstâncias, embora eu de fato seja bem doente, tudo não passava de tentação do demônio ou lassidão de minha parte. Depois que deixei de me tratar com tantos cuidados e mimos, fiquei muito mais sadia.

Em resumo, desde o início, quando se começa a fazer oração, é fundamental não amesquinhar os pensamentos: acreditem-me, pois falo por ter experiência. Esta relação de minhas faltas pode ao menos servir para que elas sejam evitadas.

8. Outra tentação, muito comum nos que começam a saborear o sossego e a ver o quanto ganham com ele, é o desejo de que todos sejam espirituais. Não é ruim desejá-lo, mas lutar por isso pode não ser bom se não se tiver muita sagacidade e discrição para agir de uma maneira que não dê a impressão de que se pretende ensinar. Quem quiser fazer algum bem nesse aspecto deve fortalecer muito as suas virtudes para não causar tentação nos outros.

Isso aconteceu comigo quando eu procurava que outras pessoas fizessem oração — por isso o entendo. De um lado, elas me viam enaltecer o grande bem que é isso e, de outro, me viam viver sem virtudes, embora

eu me exercitasse nelas. Por isso, ficavam perplexas e tentadas, como depois me disseram. Elas estavam cobertas de razão, porque não entendiam como era possível conciliar coisas tão opostas. Por minha causa, não tomavam por mal o que de fato o era, porque tinham boa opinião de mim e me viam agir assim algumas vezes.

9. Nisso consiste a astúcia do demônio, que usa nossas virtudes e boas qualidades para promover o mais que pode o mal que pretende fazer; por menor que este seja, ele lucra bastante quando se vive em comunidade. Ainda mais que o mal que eu fazia era enorme. Com efeito, em muitos anos, só três pessoas<sup>5</sup> se beneficiaram do que eu lhes dizia. Mais tarde, quando o Senhor já me tinha dado mais forças na prática da virtude, em dois ou três anos muitas outras progrediram, como adiante direi.<sup>6</sup>

Há, além disso, outro grande inconveniente, a perda da alma. Sobretudo no princípio, ela só deve se preocupar consigo mesma e pensar que na terra há apenas Deus e ela; isso lhe fará grande bem.

- 10. Outra tentação é ter pena dos pecados e faltas dos outros. Tudo isso se apresenta sob a aparência de zelo pela virtude. Precisamos saber discernir e ser precavidos. O demônio instiga a querermos remediar de pronto os males, fazendo-nos acreditar que o nosso único objetivo é zelar pela honra de Deus e desejar que Ele não seja ofendido. Isso nos inquieta de uma maneira que impede a oração. O maior prejuízo é estarmos convencidos de que tudo isso é virtude, perfeição e grande zelo pela glória de Deus. Não falo da dor causada por pecados públicos se eles forem costumeiros de uma Congregação ou dos males que chegam à Igreja com as heresias, causa da perda de tantas almas. Essa dor é muito saudável e, por isso, não inquieta. A segurança para quem começa a fazer oração está em deixar tudo e todos e só querer saber de si e de contentar a Deus. Isso é muito conveniente, porque, se eu fosse contar os erros que vejo serem cometidos por se confiar na boa intenção!... Procuremos sempre olhar as virtudes e coisas boas que virmos nos outros e encubramos os seus defeitos com os nossos grandes pecados. Este modo de agir mesmo que, no princípio, não seja perfeito nos dá uma excelente virtude: considerarmos todos melhores do que nós; fazendo assim, vamos progredindo, com o favor de Deus que é necessário em tudo e sem o qual os nossos esforços serão inúteis. Supliquemos ao Senhor que nos conceda essa virtude, porque, se fizermos o que está ao nosso alcance, Ele não nos faltará.
- 11. Quem usa muito o intelecto, tirando de cada coisa muitos conceitos e conclusões, deve dar atenção a este aviso aos que não podem trabalhar com a mente e raciocinar, como era o meu caso, só tenho uma coisa a dizer: sejam pacientes, até que o Senhor lhes dê com que se ocupar e os ilumine, pois podem tão pouco por si que o seu intelecto mais os estorva que os ajuda. Voltando aos que raciocinam, digo que, embora muito meritória, essa atividade não deve ocupar todo o tempo. Como obtêm prazer na oração, essas pessoas não querem saber de domingos nem de pausas (que consideram tempo perdido). Para mim, essa aparente perda produz muitos lucros. Em vez disso, repito, imaginem que estão diante de Cristo e, sem cansar o intelecto, falem e alegrem-se com o Senhor, sem o trabalho de formular raciocínios. Digam-Lhe as suas necessidades, lembrando-se também dos motivos que Ele teria para não admiti-los à Sua presença. Façam ora uma coisa, ora outra, evitando que a alma se canse de comer sempre o mesmo alimento. E esses alimentos de que falo são muito saborosos e proveitosos; se o paladar se acostuma ao seu gosto, eles trazem grande substância para dar vida à alma e muitos outros ganhos.
- 12. Quero exprimir-me melhor, porque todas essas coisas de oração são custosas e, se não se tiver mestre, difíceis de entender. Por isso, embora eu queira ser breve e bastaria tocar no assunto para que quem me mandou escrever logo entendesse —, minha pouca inteligência não me permite explicar em poucas palavras o que tanto precisa de boa explicação. Como sofri muito, compadeço-me de quem começa só com livros; porque eu me admiro ao ver como se compreende, neles, uma coisa que a experiência revela ser bem diferente.

Voltando ao que eu dizia, 7 pensemos num passagem da Paixão — por exemplo, a do Senhor atado à coluna — e, com o intelecto, procuremos avaliar as grandes dores e o sofrimento que Sua Majestade teve ali tão só, e tantas outras coisas que um espírito esforçado pode perceber aí. Se se for instruído, então!... Esse é o modo de oração conveniente para todos, um caminho excelente e muito seguro até que o Senhor os leve a outras coisas sobrenaturais.

13. Digo "todos" porque há muitas almas que, em outras meditações, têm mais proveito do que na da Sagrada Paixão, porque, assim como há muitas moradas no céu, há muitos caminhos: algumas pessoas se beneficiam considerando-se no inferno, e outras, no céu; estas se afligem ao pensar no inferno, e outras, na morte. Algumas, se são ternas de coração, se cansam muito em pensar sempre na Paixão, alegrando-se e aproveitando ao considerarem o poder e a grandeza de Deus nas criaturas, bem como o amor que Ele teve por nós, manifesto em todas as coisas. Todos esses modos são admiráveis, desde que não se deixem a Paixão e a vida de Cristo, que é de onde nos veio e vem todo o bem.

- 14. O iniciante deve prestar atenção para saber o que é melhor para si. O mestre, se experiente, é muito necessário aqui; se não o for, pode errar muito e dirigir uma alma sem entendê-la nem deixar que ela se entenda porque, como sabe que é grande o mérito de estar sujeita a um mestre, ela não se atreve a sair do que ele manda. Já encontrei almas encurraladas e aflitas devido à falta de experiência do seu mestre o que me causava pesar —, e uma que nem sabia o que fazer de si; porque, não entendendo o espírito, afligeº a alma e o corpo, atrapalhando o aproveitamento. Outra pessoa estava há oito anos paralisada pelo mestre, que não a deixava avançar além do seu próprio conhecimento. Como o Senhor já concedera a essa alma a oração de quietude, era muito o seu apuro.
- 15. Embora o conhecimento próprio nunca deva ser abandonado, nem haja alma, nesse caminho, tão forte que não precise muitas vezes voltar a ser criança e a mamar (nunca nos esqueçamos disso; eu talvez o repita¹¹⁰ outras vezes, por ser muito importante), e embora não haja estado de oração tão elevado que torne desnecessário voltar ao princípio com frequência sendo os pecados e o conhecimento próprio o pão com que todos os manjares, por mais delicados, devem ser comidos nesse caminho da oração (pão sem o qual ninguém poderia se sustentar) —, é preciso comer com moderação. Porque, quando se vê rendida e percebe claramente que nada de bom possui, sentindo vergonha diante de Rei tão grandioso, a alma vê o pouco que Lhe paga pelo muito que Lhe deve. Que necessidade temos de gastar o tempo aqui, se é melhor buscar outras coisas que o Senhor nos põe diante dos olhos e que não tem cabimento deixarmos, já que Sua Majestade sabe melhor que nós o que nos convém comer?
- 16. Por isso, é muito importante que o mestre seja inteligente isto é, de bom entendimento e experiente. Se, além disso, tiver instrução, será perfeito. Contudo, não sendo possível achar as três coisas juntas, as duas primeiras são mais relevantes, porque, caso seja necessário, os principiantes podem recorrer aos letrados para alguma consulta. No início, os mestres que não fazem oração, ainda que sejam sábios, são de pouca ajuda; não digo que não se deva ter contato com letrados, porque um espírito que não comece pela verdade melhor faria em não orar. Além disso, a instrução é muito boa porque ensina aos que pouco sabemos e nos dá luz, para que, chegando às verdades da Sagrada Escritura, façamos o que devemos; de devoções tolas, livre-nos Deus.
- 17. Desejo explicar-me melhor, pois acredito que me perco em muitas coisas. Sempre tive o defeito de não saber dizer as coisas como falei —<sup>11</sup> senão com muitas palavras. Uma monja começa a fazer oração; se for dirigida por um simplório, e a este parecer melhor, ele lhe dará a entender que é preferível que ela lhe obedeça a que obedeça ao seu superior e sem malícia, imaginando estar certo; porque, se não for religioso, ele vai pensar que assim deve ser. Se for uma mulher casada, ele lhe dirá que é melhor, em vez de cuidar da casa, dedicar-se à oração, mesmo que descontente o marido. Dessa maneira, ela não vai saber organizar o tempo nem as suas ocupações para que tudo siga a verdade. Por lhe faltar luz, ele não a dá a ninguém, embora queira. E, ainda que para isto não pareça necessário ter instrução, sempre tive a opinião de que todo cristão deve procurar ter relações com quem a tenha, se puder, e quanto mais melhor; e os que seguem o caminho da oração têm mais necessidade disso, e tanto maior quanto mais espirituais forem.
- 18. E ninguém se engane, dizendo que os letrados sem oração não servem para quem a tem. Tenho lidado com muitos, porque de uns anos para cá minha necessidade tem sido maior. E sempre fui amiga deles, pois, mesmo que alguns não tenham experiência, não se opõem ao que é espiritual nem o ignoram, já que, nas Sagradas Escrituras que estudam, sempre acham a verdade do bom espírito. Tenho para mim que a pessoa de oração que se relacionar com letrados não será enganada pelas ilusões do demônio, se não quiser se enganar, porque, creio eu, os demônios temem muito a instrução humilde e virtuosa, sabendo que serão descobertos e prejudicados.
- 19. Eu disse isso porque há quem pense que os letrados não servem para pessoas de oração se não seguirem o espírito. <sup>12</sup> Já falei que o mestre espiritual é necessário; se, contudo, este não for instruído, há aí um grande inconveniente. Ajuda muito relacionar-se com pessoas instruídas; se forem virtuosas, mesmo que não sejam espirituais, trazem proveito, e Deus fará com que entendam o que precisam ensinar e até as tornará espirituais para que nos ajudem. E não o afirmo sem tê-lo experimentado; aconteceu-me com mais de dois. Errará muito uma alma que, resolvida a submeter-se a um só mestre, não procurar um que seja como eu digo; porque, se lhe faltarem as três coisas, <sup>13</sup> a cruz não será leve. Que não desejemos, por vontade própria, submeter-nos a quem não tenha bom entendimento. Eu ao menos nunca pude aceitar isso, nem o considero conveniente. Quem é secular deve louvar a Deus por poder escolher aquele a quem há de sujeitar-se e não deve perder essa liberdade tão virtuosa; deve preferir ficar sem mestre, até encontrá-lo, porque o Senhor lhe dará um, se tudo estiver fundado na humildade e no desejo de acertar. Eu muito O louvo por isso, e as

mulheres e os que não temos instrução deveríamos sempre dar-Lhe infinitas graças por haver quem, com tantos esforcos, tenha alcancado a verdade que nós, ignorantes, desconhecemos.

- 20. Espantam-me muitas vezes as pessoas instruídas, religiosas em especial, que conseguiram com trabalho o que eu, sem nenhum, além de perguntar, aproveito. E ainda há quem não queira se valer desse meio! Que Deus não o permita! Eu as vejo viver sujeitas aos trabalhos da religião, que são grandes, com penitências e pouca alimentação, submetidas à obediência o que por vezes me deixa confusa —, padecendo, além disso, de poucas horas de sono, de muito trabalho, de muitas cruzes. Considero um grande mal que alguém, por sua culpa, deixe passar a oportunidade de aproveitar tanto bem. E talvez alguns dentre nós, livres desses labores, vivendo ao bel-prazer, e recebendo dessas pessoas o alimento mastigado, como se diz, pensem que, por ter um pouco mais de oração, levam vantagem diante de tantos sofrimentos.<sup>14</sup>
- 21. Bendito sejais, Senhor, que tão inábil e sem utilidade me fizestes! Mas louvo-Vos muito, porque despertais tantos que nos despertam. A nossa oração por quem nos dá luz devia ser contínua. Que seríamos sem eles em meio às tempestades tão grandes que ora atingem a Igreja? Se tem havido alguns ruins, <sup>15</sup> mais brilharão os bons. Queira o Senhor sustentá-los com a Sua mão e ajudá-los para que nos ajudem, amém.
- 22. Eu me afastei muito e de propósito do que comecei a dizer; mas tudo tem como alvo os iniciantes, para que comecem caminho tão elevado seguindo o rumo verdadeiro. Voltando ao que dizia, <sup>16</sup> pensar em Cristo atado à coluna, é bom pensar um pouco e refletir sobre os sofrimentos que Ele teve ali, por que os teve, quem é e com que amor os suportou. Mas ninguém se canse em procurar sempre isso, mas, aquietado o intelecto, fique ali com Ele. Se puder, que se ocupe em ver que Ele o olha, fazendo-Lhe companhia, falando com Ele, pedindo, humilhando-se e deliciando-se com Ele, tendo sempre em mente que não merece estar ali. Se puder fazer isso, mesmo que seja no princípio da oração, terá grande proveito, pois esse modo de oração é muito benéfico, ou ao menos o foi para a minha alma.

Não sei se falo verdades; vossa mercê o julgará. Queira Deus que eu sempre consiga contentá-Lo, amém.

#### CAPÍTULO 14

COMEÇA A TRATAR DO SEGUNDO GRAU DE ORAÇÃO, EM QUE O SENHOR PERMITE À ALMA SENTIR GOSTOS MAIS PARTICULARES. — FALA DISSO PARA DAR A ENTENDER QUE ESSES GOSTOS JÁ SÃO SOBRENATURAIS.

- 1. Já falei do trabalho com que se rega este jardim, tirando água do poço com a força dos braços. Falarei agora do segundo modo de tirar a água que o Senhor do jardim ordenou, para que, mediante um torno e alcatruzes, o jardineiro tirasse mais água com menos trabalho e, sem ter de trabalhar continuamente, pudesse descansar. Agora quero tratar desse modo, aplicado à *oração*, a que chamam de *quietude*.<sup>1</sup>
- 2. Nele, a alma começa a se recolher e já atinge coisas sobrenaturais, porque de nenhuma maneira pode conseguir isso por si mesma, por mais que se esforce. É verdade que ela parece ter se cansado em algum momento de manejar o torno e de encher os alcatruzes; aqui, porém, a água subiu mais, exigindo muito menos trabalho do que quando era tirada diretamente do poço. Digo que a água está mais perto porque a graça se dá a conhecer com mais clareza à alma.

Isso² é o recolhimento das faculdades dentro de si para uma alegria mais prazerosa com o contentamento que se obtém. Mas essas faculdades não se perdem nem ficam adormecidas; só a vontade se ocupa, de modo que, sem saber como, se torna cativa, apenas dando consentimento para que Deus a encarcere, como quem bem sabe ser presa daquele a quem ama. Ó Jesus, Senhor meu! Quanto nos vale aqui o Vosso amor. Pois ele ata a tal ponto o nosso que não deixa liberdade, naquela hora, para amar alguma coisa além de Vós.

3. As outras duas faculdades ajudam a vontade, para que esta se vá tornando capaz de fruir de tanto bem, embora algumas vezes, mesmo estando a vontade unida, muito atrapalhem. Se isso acontecer, não se deve fazer caso delas, mas conservar a alegria e a quietude; porque, se a vontade quiser recolhê-las, acaba por se perder junto com elas, pois estas se tornam então pombas que não se contentam com a comida que o dono do pombal dá, buscando alimento por conta própria; essas pombas, nesse caso, se dão tão mal que acabam por voltar, ficando assim indo e vindo, na esperança de que a vontade lhes dê um pouco do que desfruta. Se o Senhor quiser jogar-lhes comida, elas se detêm; se Ele não o faz, elas voltam a procurar. Elas devem pensar que beneficiam a vontade. Mas, nas vezes em que a memória ou imaginação quer representar para a vontade o

que esta está sentindo, o resultado é maléfico. Deve-se atentar, pois, para a maneira de se comportar de que agora falarei.<sup>3</sup>

- 4. Pois tudo o que acontece aqui traz um enorme consolo e exige tão pouco trabalho que a oração não cansa, mesmo que se prolongue muito; porque o intelecto age aqui com muita suavidade e tira muito mais água do que tirava do poço;<sup>4</sup> as lágrimas que Deus concede já vêm com prazer, brotando naturalmente, sem esforço nenhum nosso.
- 5. Essa água de grandes bens e graças que o Senhor dá aqui faz crescer as virtudes muito mais do que no modo precedente, porque a alma já vai se elevando acima de sua miséria e já percebe um pouco as delícias da glória. Creio que isso as faz progredir mais, levando-as para mais perto da verdadeira virtude, fonte de todas as virtudes, que é Deus; porque Sua Majestade começa a comunicar-se a essa alma e quer que ela sinta como Ele faz isso.

Logo se começa, tendo chegado aqui, a perder a cobiça das coisas da terra, o que não causa espanto; porque a alma vê com clareza que aquele prazer não pode ser obtido aqui, nem há riquezas, prestígio, honras ou encantos suficientes para criar um átimo desse contentamento, por ser ele um júbilo verdadeiro que nos contenta por inteiro. Porque os prazeres daqui só por milagre poderemos descobrir, já que nunca lhes falta um "senão". Aqui, tudo é "sim" naquele momento; o "não" vem depois, quando vemos que se acabou e que não podemos fazê-lo voltar nem sabemos como. Pouco servem penitências, orações ou outras coisas, pois, se o Senhor não o quiser dar. Deus quer, pela sua grandeza, que a alma entenda que Sua Majestade está tão perto dela que não há por que enviar-Lhe mensageiros, se ela pode falar diretamente com Ele, e falar baixo, visto que, dada a Sua proximidade, Ele já entende o simples mover dos lábios.

- 6. Parece impertinência dizer isso, dado que sabemos que Deus sempre nos entende e está conosco. Não há dúvida de que seja assim, mas esse Imperador e Senhor nosso quer que saibamos aqui que Ele nos entende e o que produz em nós a Sua presença. Ele também faz entender que deseja particularmente começar a agir na alma, através da grande satisfação interior e exterior que lhe dá e pela diferença que existe, como eu disse,<sup>5</sup> entre esse deleite e contentamento e os prazeres da terra, parecendo preencher o vazio que, pelos nossos pecados, tínhamos criado na alma. É bem no íntimo que a alma sente essa satisfação, sem saber por onde nem como lhe veio, e desconhecendo o que fazer, o que querer, o que pedir. Parece que ela acha tudo junto e não sabe o que achou, nem eu sei ainda como explicá-lo, porque para essas coisas seria preciso instrução. Seria bom explicar aqui o que é graça geral e graça particular,<sup>6</sup> porque há muitos que o ignoram. Isso serviria para mostrar que, com relação a essa graça tão particular, o Senhor quer que a alma, como se diz, veja com seus próprios olhos. Isso também serviria para esclarecer muitas coisas que devem estar erradas; mas, como este relato vai ser lido por pessoas que saberão identificar os erros, não me preocupo. Confio nessas pessoas, tanto em termos de instrução como de espírito, certa de que, tendo-o em seu poder, elas o entenderão e corrigirão o que estiver errado.
- 7. Eu queria explicar isso, porque o Senhor começa a dar essas graças no princípio, quando a alma não as entende nem sabe o que fazer de si. Se Deus a levar pelo caminho do temor, como me levou, é grande o sofrimento se não houver quem a entenda e é grande o gosto da alma quando lhe fazem o seu retrato, permitindo-lhe ver claro que segue o caminho certo. É um grande bem saber o que deve fazer para avançar em qualquer um desses estados. Porque passei por muitas coisas e perdi muito tempo por não saber o que fazer, e sofro muito pelas almas que se vêem sozinhas quando chegam aqui. Tenho lido muitos livros espirituais que, embora falem do essencial, pouco explicam; se a alma não tiver muita experiência, mesmo que os livros explicassem muito, o esforço por entender a si mesma ainda assim seria grande.
- 8. Eu queria muito que o Senhor me favorecesse para que eu dissesse os efeitos causados na alma por essas coisas, que já começam a ser sobrenaturais, para que através disso se pudesse entender quando se trata do espírito de Deus. Digo "entender" no sentido da compreensão possível na terra, pois é sempre bom ter temor e cautela; porque, mesmo que as graças venham de Deus, o demônio poderá transfigurar-se algumas vezes em anjo de luz, e a alma, se não for muito experiente e experiente a ponto de ter chegado ao auge da oração —, não o perceberá.

O pouco tempo de que disponho não me favorece, sendo preciso que Sua Majestade trabalhe por mim; pois tenho de estar com a comunidade e cuidar de muita coisa, por estar em casa recém-fundada, como depois se verá. Por isso, escrevo com muitas interrupções, pouco a pouco, e não como gostaria. Contudo, quando o Senhor dá ânimo, tudo é feito melhor e com mais facilidade, como quem tem um modelo diante de si e o copia; quando falta o ânimo, não se acham mais as palavras certas, mesmo que o exercício da oração venha de muitos anos, como se, por assim dizer, se falasse grego. Por isso, parece-me grande vantagem,

quando escrevo, o estar concentrada, porque vejo com clareza que não sou eu quem o diz, nem forma os conceitos com a mente, nem sei depois como consegui dizer. Isso me acontece muitas vezes.

- 9. Voltemos agora ao nosso jardim ou vergel, e vejamos como essas árvores começam a impregnar-se para florescer e depois dar frutos, e os cravos e flores, para dar perfume. Agrada-me essa comparação, porque inúmeras vezes, quando comecei (e queira o Senhor que eu tenha começado a servir Sua Majestade; digo "quando comecei" referindo-me ao início do que doravante contarei da minha vida), eu tinha grande deleite em considerar a minha alma um jardim e ver o Senhor passeando nele. Eu Lhe suplicava aumentasse o perfume das florezinhas de virtudes, que começavam, pelo que eu percebia, a querer brotar, e que elas fossem para a Sua glória, e que Ele as sustentasse, pois eu não queria nada para mim, pedindo-Lhe ainda que podasse as que quisesse, porquanto eu sabia que flores melhores iriam brotar. Digo "podar" porque há momentos em que a alma não se lembra desse jardim: tudo parece seco, sem água para sustentar, tendo-se a impressão de que a alma jamais teve em si virtudes. É grande o sofrimento. Porque o Senhor deseja que o pobre jardineiro pense que todo o trabalho que teve para cuidar do jardim e regá-lo se perdeu. É então que chega o real momento de arrancar pela raiz as ervas daninhas, mesmo pequenas, que ficaram e de reconhecer que nenhum esforço basta se Deus nos tira a água da graça; assim, vemos que o pouco que temos é nada, e menos que nada, ganhando muita humildade. Eis que as flores voltam a crescer.
- 10. Ó Senhor e Bem meu! Não posso falar isso sem lágrimas e com grande júbilo na alma! E quereis, Senhor, estar assim conosco, e estais no sacramento, onde com certeza permaneceis, pois assim é e com acerto podemos fazer essa comparação; e, se não perdermos a Vossa companhia por culpa nossa, poderemos deliciar-nos Convosco e tereis prazer conosco, pois dizeis ser Vossas delícias estardes com os filhos dos homens.8 Ó Senhor meu! Que é isso? Sempre que ouço isso, tenho grande consolo, até quando eu estava muito perdida. Será possível, Senhor, que haja uma alma que, tendo chegado a esse ponto e recebido de Vós tamanhas graças e alegrias, tendo compreendido que Vos deliciais com ela, volte a Vos ofender esquecendo tantos favores e mostras tão grandes do Vosso amor, de que não se pode duvidar, pois são vistas claramente na obra que fazeis? Sim, por certo há, e que não Vos ofendeu uma, mas muitas vezes: essa sou eu. E queira a Vossa bondade, Senhor, que seja só eu a ingrata, a que fez tantas maldades e teve uma ingratidão tão excessiva. Porque de mim algum bem Vossa infinita bondade já tirou e, apesar de o mal ser maior, mais resplandece o grande bem de Vossas misericórdias. E com quanta razão eu as posso cantar para sempre!9
- 11. Suplico-Vos, Deus meu, que assim seja e que eu as cante sem parar, já que Vos dignastes conceder-me graças tão imensas que espantam os que as vêem e que muitas vezes me deixem fora de mim para que eu melhor Vos louve; porque, sem Vós, eu não poderia, Senhor meu, senão voltar a ter cortadas as flores desse jardim, de modo que essa terra miserável servisse outra vez de monturo. Não o permitais, Senhor, nem desejeis que se perca uma alma que com tantos sofrimentos conquistastes, e que tornastes a resgatar em inúmeras oportunidades, arrancando-a dos dentes do espantoso dragão.
- 12. Vossa mercê me perdoe<sup>10</sup> a digressão; não estranheis que eu fale de mim mesma, porque isso vem da impressão que causa na alma o que escrevo, sendo por vezes custoso deixar de irromper em longos louvores a Deus, à medida que me vem à mente, enquanto escrevo, o muito que ela lhe deve. E creio que isso não vai desagradar vossa mercê, porque nós, creio eu, podemos entoar um mesmo cântico, se bem que de maneira diferente. Isso porque devo muito mais a Deus, por ter Ele me perdoado mais, <sup>11</sup> como vossa mercê o sabe.

### CAPÍTULO 15

CONTINUA A TRATAR DO MESMO ASSUNTO E FAZ ALGUMAS ADVERTÊNCIAS SOBRE O MODO DE PROCEDER NA ORAÇÃO DE QUIETUDE. FALA DA EXISTÊNCIA DE MUITAS ALMAS QUE CHEGAM A TER ESSA ORAÇÃO, SENDO POUCAS AS QUE VÃO ADIANTE. DIZ QUE AS COISAS AQUI TRATADAS SÃO MUITO NECESSÁRIAS E PROVEITOSAS.

1. Voltemos ao nosso propósito. Essa quietude e recolhimento da alma é coisa que se torna muito sensível pela satisfação e pela paz que traz, pelo grande contentamento e sossego das faculdades e por um deleite muito suave. Como a alma nunca foi além, vem a impressão de que nada lhe falta para desejar, e ela com prazer diria, com São Pedro, que quisera ter ali a sua morada.¹ Ela não se atreve a se mexer nem a se agitar, temendo que aquele bem fuja de suas mãos. Às vezes, nem sequer deseja respirar. A pobrezinha não entende que, como por si nada pode fazer para atrair esse bem, muito menos o pode para mantê-lo mais do que o Senhor o deseja.

Eu disse que, nesse primeiro recolhimento e quietude, não se perdem as qualidades da alma,² mas esta, de tão satisfeita com Deus enquanto aquilo dura, mesmo que as duas faculdades possam extraviar-se, não perde a quietude e o sossego, já que a vontade está unida com Deus, voltando a recolher pouco a pouco o intelecto e a memória. Porque, embora não totalmente engolfada, a alma está tão ocupada, sem saber como, que as duas faculdades, por mais que se esforcem, não conseguem arrebatá-la de seu contentamento e prazer; sem nenhum trabalho, ela vai ajudando a si mesma para que essa centelhazinha de amor de Deus não se apague.

- 2. Conceda-me Sua Majestade a graça de eu me fazer compreender bem, visto haver muitíssimas almas que chegam a esse estado e poucas que vão adiante, e eu não sei de quem é a culpa. É bem certo que Deus não falta; tendo concedido o favor de que a alma chegue a esse ponto, Sua Majestade, acredito eu, não deixaria de conceder muitos mais, exceto se não correspondermos. É muito necessário que a alma que chega aqui reconheça a grande dignidade em que está e a grande graça que o Senhor lhe concedeu, bem como haver boas razões para não mais ser da terra, porque a Sua bondade já a deixa próxima do céu, se ela não puser empecilhos; e quão desventurada será a alma que voltar atrás. Creio que ela desceria sempre, como teria acontecido comigo se a misericórdia do Senhor não me tivesse salvo; a meu ver, isso acontece devido a graves culpas, porque não é possível deixar tão grande bem sem uma enorme cegueira.
- 3. E assim peço, por amor do Senhor, que as almas a quem Sua Majestade fez o grande benefício de levar a esse estado conheçam a si mesmas e tenham muita consideração por si, com uma humildade e santa presunção, para não retornarem aos alimentos do Egito.<sup>3</sup> Se, por sua fraqueza, maldade e natureza ruim e miserável, caírem, como eu caí, que elas sempre tenham diante dos olhos o bem que perderam e se alarmem e tenham medo (pois não lhes falta razão para tanto) de que, se não voltarem à oração, irão de mal a pior. Considero a verdadeira queda aquela em que a alma rejeita o caminho onde obteve tantos benefícios. Para quem se vê nessa situação, já não digo que não ofendam a Deus nem pequem, embora seja razoável que se proteja disso quem começou a receber essas graças. Mas, como somos miseráveis, aconselho insistentemente que não deixem a oração, porque, nela, vão compreender o que fazem e ganharão do Senhor o arrependimento, bem como força para se levantarem; acreditem-me: quem se afasta da oração se expõe, a meu ver, a perigos. Não sei se o digo bem, porque, como falei, <sup>4</sup> julgo por mim...
- 4. Essa oração é, portanto, uma centelhazinha do Seu verdadeiro amor que o Senhor começa a acender na alma, para fazê-la compreender que é esse amor feliz. Essa quietude, esse recolhimento e essa centelha, quando são espírito de Deus, e não gosto dado pelo demônio ou procurado por nós, são compreendidos imediatamente, por quem tem experiência, como uma coisa que não se pode adquirir. Porém, a nossa natureza deseja tanto coisas saborosas que prova tudo, mas cedo fica muito fria, porque, por mais que deseje acender o fogo para conseguir esse gosto, não faz mais que jogar-lhe água para apagá-lo... porque a centelhazinha vinda de Deus, por menor que seja, faz muito ruído e, se a alma não a extinguir por sua culpa, ela vai começar a acender o grande fogo que lança chamas, como direi no momento certo, do enorme amor de Deus, que Sua Majestade concede às almas perfeitas.
- 5. Essa centelha é um sinal ou garantia dados por Deus à alma, indicando que já a escolheu para grandes coisas, caso ela se disponha a recebê-las. É um dom imenso, que está além do que posso definir.
- É uma lástima o fato de eu conhecer, repito,6 muitas almas que chegam aqui, mas poucas que passam desse ponto como devem passar causando--me vergonha dizê-lo. Não posso garantir que são poucas, pois deve haver muitas, porque não é em vão que Deus nos sustenta, mas falo do que vi. Gostaria de insistir que procurem não esconder seu talento,7 pois Deus parece ter querido escolhê-las para beneficiar muitas outras, especialmente nesta época, em que são necessários amigos fortes de Deus para sustentar os fracos; considerem-se fortes os que virem em si essa graça, se souberem corresponder às injunções que até as boas amizades do mundo fazem; se assim não for, como eu disse,8 desconfiem e temam fazer mal a si mesmas, e queira Deus que não o façam a outros!
- 6. Nos momentos dessa quietude, basta à alma proceder com suavidade e sem ruído. Chamo de "ruído" agir com o intelecto, buscando muitas palavras e considerações para agradecer por esse benefício, e amontoando pecados e faltas para ver que não o merecem. Tudo isso se movimenta aqui: o intelecto vem com razões, a memória não se aquieta; confesso que essas faculdades às vezes me cansam, porque, mesmo tendo pouca memória, não a consigo subjugar. Que a vontade, com sossego e discrição, entenda que não é com a força dos braços que se negocia bem com Deus, e que estes<sup>9</sup> são achas de lenha postas sem discernimento para apagar a centelha. Que ela reconheça isso e, com humildade, diga: "Senhor, que posso fazer aqui? Que tem que ver a serva com o Senhor e a terra com o céu?" Podem-se dizer também outras palavras de amor, que surgem espontaneamente, com a força da verdade que são, sem levar em conta o intelecto, que é um moinho.

E se a vontade quer partilhar do que frui com o intelecto, ou se esforça para recolhê-lo, muitas vezes a alma experimentará o repouso e a união da vontade, e uma grande confusão no intelecto; é melhor que o abandone, não indo atrás dele, mantendo-se contudo na alegria da graça, recolhida como uma sábia abelha; porque, se nenhuma abelha entrasse na colméia, mas se fossem todas, umas em busca das outras, como seria possível fabricar o mel?

7. Desse modo, a alma vai perder muito se não tiver cuidado, especialmente se o intelecto for arguto e, organizando reflexões e arrolando razões, por insignificantes que sejam, pensar, se essas reflexões e razões forem bem formuladas, que realiza alguma coisa. O máximo a que podemos chegar aqui é entender com clareza que não há nenhuma razão para que Deus nos faça tão grande favor, a não ser a Sua bondade, e ver que estamos muito próximos de Sua Majestade, pedindo-Lhe favores, rogando-Lhe pela Igreja, pelos que se encomendaram a nós e pelas almas do purgatório — não com o ruído das palavras, mas com o sentimento de desejar que Ele nos ouça. É uma oração que abrange muito e alcança mais do que o exercício permanente do intelecto. A vontade deve despertar em si algumas razões que avivem esse amor para que, vendo-se tão melhor, faça alguns atos amorosos em prol daquele a quem tanto deve; isso, como eu já disse, <sup>10</sup> sem admitir o ruído do intelecto, sempre em busca de grandes coisas. Mais valem aqui umas palhinhas colocadas com humildade (e são menos que palhas, já que colocadas por nós), que servem para avivar mais esse fogo, do que um monte de lenha de razões muito eruditas que, a meu ver, o apagarão no espaço de um credo.

Isso é bom para os letrados que me mandaram escrever, porque, pela bondade de Deus, todos chegam até aqui, e pode acontecer que eles passem o tempo todo aplicando as Escrituras. Mesmo que as letras sejam proveitosas antes e depois dessa oração, pouco precisamos delas, pelo que sei, enquanto ela durar. Só serviria para enfraquecer a vontade, porque o intelecto, aproximando-se da luz, fica a tal ponto esclarecido que até eu, sendo quem sou, pareço outra pessoa.

8. E tem me acontecido que, embora eu não entenda quase nada do que rezo em latim, do Saltério em especial, por vezes, estando nessa quietude, compreendo os versos como se estivessem em romance. E, mais do que isso, alegro-me com o sentido das palavras.

Quanto aos letrados, é justo que usem o conhecimento em favor de pobres ignorantes como eu, quando têm de pregar ou ensinar; a caridade e o desejo de levar as almas a sempre terem proveito são importantes, desde que se busque a Deus com pureza.

Assim, nesses momentos de quietude, mesmo os eruditos devem descansar, repousando junto de Deus, deixando de lado o conhecimento. O saber mais tarde terá muita utilidade no serviço do Senhor. Será tão precioso que eles de maneira alguma iriam desejar não ter se instruído apenas para servir a Sua Majestade, porque as letras ajudam muito. Contudo, diante da Sabedoria infinita, acreditem-me que vale mais um pouco de estudo da humildade e um ato desta virtude do que toda a ciência do mundo. Aqui, não há por que argumentar, <sup>12</sup> e sim perceber com franqueza o que somos e, com simplicidade, pôr-nos diante de Deus, que deseja que a alma se faça pequenina e ignorante, como na verdade é, em Sua presença, porque Sua Majestade muito se humilha, sendo nós como somos, suportando-nos diante de Si.

9. A mente também busca dar graças muito elaboradas. Mas a vontade, em quietude, sem ousar sequer levantar os olhos, como o publicano, <sup>13</sup> sabe agradecer melhor que a mente com sua retórica e suas belas palavras. Não se deve deixar de todo a oração mental, <sup>14</sup> nem algumas palavras, mesmo pronunciadas, caso a alma queira ou consiga dizê-las; porque, se a quietude for profunda, mal se poderá falar, exceto com muito esforço.

A meu ver, sentimos quando se trata do espírito de Deus ou quando esse estado é provocado por nós; neste caso, se Deus nos tiver dado um começo de devoção e quisermos, como eu disse, passar da vontade a essa quietude da vontade, nenhum efeito obteremos, pois o estado depressa se acabará, deixando aridez.

10. Se a devoção vem do demônio, penso que qualquer alma experiente o perceberá, visto produzir inquietação, bem como pouca humildade e disposição para os efeitos próprios do espírito de Deus. Nesse caso, não há luz no intelecto nem firmeza de vontade. Talvez isso provoque pouco ou nenhum prejuízo se a alma dirigir o seu deleite e suavidade, que sente nesse estado, a Deus, pondo nele seus pensamentos e desejos, como alertei; o demônio nada pode ganhar se assim agirmos, porque Deus permitirá que ele, com o próprio deleite que causa na alma, perca muito. Esse deleite faz com que a alma, julgando que é sempre de Deus, procure muitas vezes a oração pela avidez de se deleitar. Se a alma for humilde, não curiosa nem movida pelo interesse de prazeres, mesmo espirituais, mas amiga da cruz, nenhuma importância dará ao deleite gerado pelo espírito maligno. Quanto às coisas vindas do demônio, este, como é todo mentira, ao ver que a alma se

humilha com gosto e satisfação (que nisso é preciso, em todas as coisas de oração e em todos os prazeres, tentar ser humilde), não volta muitas vezes, ao ver que sai perdendo.

- 11. Por isso, e por muitas outras razões, avisei, ao tratar do primeiro modo de oração ou primeira água, que é muito importante que as almas, ao começarem a oração, se desapeguem de toda espécie de prazer e entrem nesse caminho voltadas apenas para ajudar Cristo a carregar a cruz, como bons cavaleiros que, sem pagamento, desejam servir a seu rei, pois sabem que contam com ele, com os olhos voltados para o reino verdadeiro e perpétuo que pretendemos ganhar. Especialmente no início, é muito bom lembrar disso; adiante perceberemos, com todas as provas, quão pouco duram todas as coisas e que tudo é nada, não se devendo levar em conta o descanso, visto ser preciso esquecê-lo, em vez de recordá-lo, para viver.
- 12. Isso parece coisa rudimentar, o que é verdade, pois os avançados na perfeição o considerariam uma afronta e se ofenderiam se pensassem que abandonam os bens deste mundo porque estes têm fim quando, mesmo que durassem para sempre, os deixariam alegremente por Deus; e quanto mais perfeitos forem, e quanto mais esses bens durassem, tanto mais o fariam. Nessas almas, o amor já está amadurecido, sendo ele quem age; para os que começam, no entanto, é importantíssimo fazê-lo — e que não o considerem pouco, pois este meio produz grandes bens, razão por que o recomendo tanto. Haverá momentos, mesmo para os muito adiantados na oração, em que Deus os vai querer testar, momentos em que terão a impressão de que Sua Majestade os abandonou; porque, como eu já disse — e não queria que fosse esquecido —, nesta vida a alma não cresce como o corpo, embora cresça verdadeiramente; mas uma criança, depois que cresce e atinge o desenvolvimento, tornando-se adulta, não volta a ter um corpo pequeno. No caso da alma, no entanto, isso acontece, como eu vi em mim, pois em outro lugar não o vi; isso deve servir para que nos humilhemos em nosso próprio beneficio e para que não nos descuidemos enquanto estivermos neste desterro; quanto mais alto estivermos, mais devemos temer e menos confiar em nosso próprio poder. Há ocasiões em que as próprias almas já submetidas por inteiro à vontade de Deus — sendo até capazes de sofrer tormentos e enfrentar mil mortes para não serem imperfeitas — são assoladas por tentações e perseguições. Nessa circunstância, elas devem usar as primeiras armas da oração: voltar a pensar que tudo se acaba e que existem céu, inferno e outras coisas dessa espécie.
- 13. Voltando ao que eu dizia, <sup>15</sup> é fundamental que a alma, para livrar-se dos prazeres e ardis do demônio, decida desde o início seguir com determinação, e sem querer consolações, o caminho da cruz. O Senhor revelou ser essa a trilha da perfeição ao dizer: *Toma tua cruz e segue-me*. <sup>16</sup> Ele é o nosso modelo; quem segue Seus conselhos só para agradá-Lo não tem o que temer.
- 14. As almas perceberão que as graças não vêm do demônio pelo progresso que virem em si; mesmo que voltem a cair, levantam-se de pronto o que é um sinal, entre outros de que vou falar, de que o Senhor esteve nelas. Quando o espírito de Deus age, nada é preciso fazer para ter humildade e confusão, porque o próprio Senhor já as dá, e de um modo bem distinto do que nós o fazemos com as nossas ínfimas considerações, que nada são diante da verdadeira humildade iluminada que o Senhor ensina, trazendo tal confusão que a alma parece desfazer-se. É coisa muito conhecida o saber que Deus dá para que percebamos que por nós nenhum bem possuímos; e quanto maiores as graças, maior o entendimento. O Senhor infunde na alma grande vontade de avançar na oração e de nela manter-se, por maior que seja o sofrimento; Ele faz com que a alma se ofereça para tudo; dá-lhe segurança, com humildade e temor, quanto à sua salvação; acaba logo com o temor servil da alma, dando-lhe um temor filial muito mais maduro; faz com que a alma perceba que começa um amor com Deus em que não há interesse próprio e que deseje momentos de solidão para melhor aproveitar esse bem.
- 15. Para não me cansar, resumo: o princípio de todos os bens está no fato de as flores ficarem num ponto em que não lhes falta quase nada para desabrochar. A alma vê isso com muita clareza e de maneira alguma vai se convencer de que Deus não esteve com ela, até voltar a se ver com falhas e imperfeições, passando então a temer tudo. E é bom que tema, embora haja almas que se beneficiam mais em ter certeza de serem favorecidas por Deus do que com todos os temores que possam surgir em si; porque, se for naturalmente amorosa e agradecida, a memória da graça recebida a faz voltar mais a Deus do que a lembrança de todos os castigos do inferno. Ao menos comigo, embora eu seja tão ruim, isso aconteceu.
- 16. Os sinais do bom espírito vão ser revelados, mas, como me dá muito trabalho discernir com clareza todos eles, não o faço agora. Creio que, com o favor de Deus, perceberei algo disso; porque, além da experiência, que muito me tem feito aprender, tenho obtido informações de alguns letrados muito eruditos e de pessoas muito santas, que merecem receber crédito. E que as almas, quando chegarem aqui pela bondade do Senhor, não fiquem tão fatigadas, quanto eu fiquei.

## CAPÍTULO 16

TRATA DO TERCEIRO GRAU DE ORAÇÃO E FALA DE COISAS MUITO SUBLIMES, DAQUILO QUE A ALMA PODE FAZER QUANDO CHEGA A ESSE PONTO E DOS EFEITOS PRODUZIDOS POR ESSAS GRAÇAS TÃO GRANDES DO SENHOR. DIZ QUE ESSAS COISAS SERVEM PARA ARREBATAR O ESPÍRITO EM LOUVORES A DEUS E PARA DAR GRANDE CONSOLAÇÃO A OUEM CHEGA A ESSE PONTO.

1. Vamos falar agora da terceira água com que se rega esse jardim — a água corrente de rio ou de fonte —, trabalho feito com muito menos esforço, exceto o de canalizar a água. O Senhor quer ajudar o jardineiro aqui de uma maneira em que Ele quase é o jardineiro, encarregando-se de tudo.

É o sono das faculdades, que nem se perdem de todo nem percebem como agem. O gosto, a suavidade e o deleite são bem mais sem comparação que os do grau passado; aqui, a água da graça é posta na garganta da alma; esta já não pode ir adiante, nem sabe como, nem pode voltar atrás; ela gostaria de regozijar--se com uma grandíssima glória. É como um moribundo que está com a vela na mão, prestes a ter a morte que deseja, fluindo daquela agonia com o maior prazer que se pode imaginar. Não me parece senão um morrer quase por inteiro para todas as coisas do mundo e um estar fruindo de Deus.

Não sei explicar em outros termos. Nesse estado, a alma não sabe o que fazer: se fala, se fica em silêncio, se ri ou se chora. É um glorioso desatino, uma loucura celestial, onde se aprende a verdadeira sabedoria, sendo para a alma uma maneira muito deleitosa de se regozijar.

- 2. O Senhor me deu em abundância essa oração, muitas vezes, creio que há cinco ou seis anos. Eu nem a compreendia nem seria capaz de descrevê--la e, chegando aqui, decidira dizer muito pouco ou nada. Eu entendia bem que não era uma união completa de todas as faculdades, mas que era claramente mais intensa que a precedente; mas confesso que não podia determinar nem compreender essa diferença. Creio que, pela humildade que vossa mercê¹ revelou ao querer ser ajudado por alguém tão simples quanto eu, o Senhor me concedeu hoje, quando eu acabava de comungar, esse modo de oração, e eu não pude ir adiante. Ele me mostrou essas comparações, me ensinou a maneira de explicá-lo e o procedimento que a alma deve seguir aqui, sendo muito o meu espanto por ter compreendido logo. Muitas vezes estive desatinada e ébria desse amor, e nunca tinha conseguido compreender. Sabia que isso vinha de Deus, mas não como era a sua ação; porque, na verdade, as faculdades estão unidas quase por inteiro,² mas não a um ponto que as faça deixar de agir. Gostei deveras de tê-lo compreendido agora. Bendito seja o Senhor, que mo permitiu!
- 3. As faculdades só têm condições de ocupar-se em Deus; parece que nenhuma ousa mexer-se, nem podemos fazer que se movam, exceto com muito esforço para distrair-nos, e, ainda assim, acho que não poderíamos consegui-lo por inteiro. Vêm então, desordenadamente, muitas palavras de louvor a Deus, que só o próprio Senhor as pode corrigir. O intelecto, pelo menos, de nada vale aqui. A alma fica desejosa de louvá-Lo em voz alta, pois não cabe em si, estando num saboroso desassossego. Eis que as flores já se abrem e já começam a exalar seu odor. A alma gostaria que todos a vissem e compreendessem a sua glória para dar graças a Deus; ela gostaria que a ajudassem nisso e queria comunicar-lhes parte do seu prazer, porque quase não agüenta tanta satisfação. Isso me faz pensar na mulher que, segundo o Evangelho,³ queria chamar ou chamava suas vizinhas. O espírito admirável do grande profeta David, quando tocava a harpa e cantava os louvores de Deus, devia sentir isso. Sou muito devota desse glorioso rei e quisera que todos, especialmente os que somos pecadores, também o fossem.<sup>4</sup>
- 4. Oh! Valha-me Deus! Como fica então a alma! Ela desejaria ser toda línguas para louvar o Senhor. Diz mil disparates santos, procurando sempre contentar Quem a deixou assim. Sei de alguém que, não sendo poeta, improvisava estrofes muito sentidas, declarando seu penar, não usando para isso o intelecto; para mais gozar a glória que um penar tão saboroso lhe dava, queixava-se dele ao seu Deus. Essa pessoa gostaria que todo o seu corpo e alma se despedaçassem para demonstrar a alegria que esse sofrimento lhe trazia. Que tormentos poderia haver que ela não tivesse regozijo em passá-los pelo seu Senhor? Via com clareza que os mártires nada faziam em seu próprio benefício quando sofriam torturas, porque conheciam bem que a força vinha de outro lugar. Mas quanto sentirá a alma voltando a recuperar a razão para viver no mundo, tendo de voltar aos cuidados e cortesias nele existentes?

Não creio que eu exagere ao descrever as delícias que o Senhor concede à alma em seu desterro. Bendito sejais para sempre, Senhor! Que todas as coisas Vos louvem para sempre. Permiti agora, Rei meu, eu Vos suplico, porque, ao escrever isto, não estou, por Vossa bondade e misericórdia, fora dessa loucura celestial —

pois Vós me concedeis essa graça sem que eu tenha méritos —, que fiquem loucos de Vosso amor todos com quem eu me relacionar, ou que eu já não me relacione com ninguém — ou, então, que eu já não me importe com nada deste mundo, ou que seja tirada dele por Vós! Esta Vossa serva já não pode sofrer tanto por ver-se sem voz, porque, se há de viver, não quer descanso nesta vida, senão em vós! Esta alma queria ver-se livre: o comer a mata; o dormir a aflige; ela percebe que o tempo de sua vida se passa em regalos e que nada a pode regalar fora de Vós; pois lhe parece que vive contra a natureza, já não querendo viver em si, mas em Vós.

- 5. Ó verdadeiro Senhor e Glória minha! Que cruz leve e pesadíssima reservais aos que chegam a este estado! Leve, porque é suave; pesada, porque às vezes é grande o sofrimento de carregá-la; contudo, a alma jamais queria ver-se livre dela, senão para ver-se já Convosco. Quando percebe que não Vos serviu em nada e que, vivendo, pode servir-Vos, ela deseja carregar cruz muito mais pesada e não morrer até o fim do mundo. Nem pensa em descanso, para Vos prestar um pequeno serviço; não sabe o que desejar, mas entende bem que não deseja outra coisa senão a Vós.
- 6. Ó filho meu!<sup>5</sup> (Que de tão humilde assim quer ser chamado aquele a quem dirijo isto e que me mandou escrevê-lo.) Guarde só para si algumas coisas que vossa mercê considerar excessivas; porque nenhuma razão basta para me controlar quando o Senhor me tira de mim, nem creio que, desde esta manhã, depois que comunguei, seja eu quem fala. O que vejo parece um sonho e só queria ver enfermos deste mal que me aflige. Suplico a vossa mercê que sejamos todos loucos de amor por Quem por nós se fez chamar assim. Vossa mercê diz que me estima, e desejo que o prove, dispondo-se a que Deus lhe conceda essa graça, porque são muito poucos os que não têm razão demasiada quando se trata dos seus próprios interesses. Talvez eu a tenha mais do que todos; que vossa mercê, Padre meu, que também é meu filho, por ser meu confessor, a quem confiei minha alma, não o permita. Desiluda-me com verdade, embora não se costumem dizer verdades.
- 7. Eu gostaria que esse pacto fosse feito pelos cinco que no momento nos amamos em Cristo; assim como outros, nos últimos tempos, se juntavam em segredo contra Sua Majestade e para tramar maldades e heresias, procuremos juntar-nos alguma vez a fim de nos desenganar mutuamente e dizer em que poderíamos nos corrigir e contentar mais a Deus. Porque não há quem se conheça tão bem a si quanto o conhecem os que o observam, se é com amor e cuidado pelo nosso proveito. Digo "em segredo" porque já não se usa essa linguagem. Até os pregadores fazem os seus sermões de maneira a não descontentar. A intenção é boa, e também a obra; mas, dessa maneira, poucos se corrigem! E por que não são muitos os que deixam os vícios públicos por causa dos sermões? Sabe o que me parece? Porque os pregadores têm demasiada prudência. Não estão tomados pelas grandes chamas do amor de Deus como o estavam os Apóstolos, e por isso suas labaredas são brandas. Não digo que tenham o mesmo fervor, mas gostaria que fosse maior do que o que vejo. Sabe vossa mercê o que ajuda muito? Não ter prazer na vida e ter pouca estima pela honra; porque os Apóstolos para dizerem uma verdade e sustentá-la para a glória de Deus não se incomodavam com perder tudo ou ganhar tudo, já que, quem de fato arrisca tudo por Deus não distingue entre essas coisas. Não digo que eu seja assim, mas gostaria de sê-lo.
- 8. É grande liberdade ter por cativeiro viver e comportar-se de acordo com as leis do mundo! Quando alcança essa liberdade do Senhor, não há escravo que não arrisque tudo para ser resgatado e voltar à sua terra. Assim, como este é o verdadeiro caminho, não temos de parar nele, porque só acabaremos de ganhar esse grande tesouro quando a vida acabar. Que o Senhor nos dê para isso o Seu favor.

Se lhe parecer conveniente, rasgue vossa mercê o que eu disse, tomando--o como carta pessoal, e me perdoe, pois me mostrei muito atrevida.

### CAPÍTULO 17

CONTINUA A FALAR DO TERCEIRO GRAU DE ORAÇÃO, TERMINANDO DE DESCREVER OS SEUS EFEITOS. FALA DOS PREJUÍZOS TRAZIDOS AQUI PELA IMAGINAÇÃO E PELA MEMÓRIA.

1. Está razoavelmente descrito esse modo de oração e o que a alma há de fazer, ou, melhor dizendo, o que Deus faz a ela, visto ser Ele que já assume o ofício de jardineiro, querendo que ela folgue. A vontade só consente nas graças que recebe, devendo oferecer-se a tudo o que a verdadeira sabedoria nela quiser fazer, embora por certo seja preciso ter ânimo; porque é tanto o gozo que, por vezes, parece não faltar quase nada para a alma sair do corpo. E que morte venturosa seria!

- 2. Aqui, parece-me bom, como se disse a vossa mercê,¹ deixar-se por inteiro nos braços de Deus: se Ele quiser levá-la ao céu, que vá; se ao inferno, que não sofra, pois vai com seu Bem; que a vida se acabe por inteiro deve ser o seu desejo; que viva mil anos, também. Que Sua Majestade disponha dela como de algo seu, pois a alma já não pertence a si mesma, estando entregue por inteiro ao Senhor, despreocupada de tudo. Quando Deus concede tão alta oração, a alma pode fazer tudo isso e muito mais, porque esses são seus efeitos, compreendendo o que faz sem nenhum cansaço do intelecto; ela parece estar admirada por ver que o Senhor é um jardineiro tão bom e que não quer que ela tenha trabalho, mas que se deleite em começar a aspirar o perfume das flores. Numa dessas visitas, por menos que dure, é tal o jardineiro, na verdade o criador da água, que a dá sem medida; e aquilo que a pobre alma, às vezes com um esforco de vinte anos, que cansa o intelecto, não conseguiu efetuar, o jardineiro celestial lhe dá num instante, fazendo a fruta crescer e amadurecer para que a alma se sustente com o seu jardim, porque assim o Senhor o quer. Mas Ele não lhe permite repartir as frutas até que a alma esteja tão forte com o que comer que não gaste as frutas todas apenas provando-as e dando-as aos outros — o que não lhe traria proveito nem pagamento daqueles a quem as der —, mas que as conserve e não se ponha a dar de comer do seu próprio alimento, ficando talvez a morrer de fome. Vão entendê-lo bem essas inteligências,2 que o saberão explicar melhor do que eu, mesmo me cansando.
- 3. Enfim, as virtudes ficam agora mais fortes do que na oração de quietude; a alma não pode ignorá-las, porque vê que se tornou outra e não sabe como. Ela começa a realizar grandes coisas com o odor que as flores exalam, pois o Senhor deseja que estas desabrochem para que ela veja que tem virtudes, embora bem consciente de que não as podia nem pôde obter em muitos anos, enquanto, naquele pouco tempo, as recebeu do jardineiro celestial. Aqui, a humildade em que a alma fica é muito maior e mais profunda do que antes; ela vê com mais clareza que a única coisa que fez foi consentir que o Senhor lhe concedesse favores e que a vontade os abraçasse.

Esse modo de oração me parece união muito evidente de toda a alma com Deus, mas tenho a impressão de que Sua Majestade permite que as faculdades entendam e fruam do muito que Ele realiza.<sup>3</sup>

4. Acontece algumas, e até muitas, vezes de, estando a vontade unida — para que vossa mercê veja que é possível e o compreenda quando o tiver; a mim, ao menos, isso traz tontura, e por isso o digo aqui —, ver-se com clareza que a vontade está aprisionada e em júbilo. Quando falo de "ver-se com clareza", falo da vontade, que está em muita quietude; o intelecto e a memória, por sua vez, ficam livres, podendo tratar de negócios e dedicar-se a obras de caridade.

Embora isso se assemelhe à oração de quietude, há certas diferenças: na primeira, a alma não quer agir nem se mover, fruindo o santo ócio de Maria; na segunda, ela pode também ser Marta. Logo, quase se está ao mesmo tempo numa vida ativa e contemplativa: ocupamo-nos de obras de caridade, tratamos de negócios convenientes ao nosso estado e podemos ler, se bem que não sejamos por inteiro senhores de nós, pois percebemos que a melhor parte de nós se encontra em outro lugar. É como se falássemos com uma pessoa, e outra nos falasse do outro lado; não estaríamos bem com uma nem com a outra. Isso fica muito patente e traz muita alegria e contentamento quando é alcançado, facilitando muito à alma, quando esta tem tempo de solidão ou está livre de negócios, a permanência numa quietude muito tranqüila. É um estado de quem se encontra satisfeito a ponto de não necessitar comer; a pessoa sente o estômago alimentado e não tem vontade de comer nenhum manjar, não estando, no entanto, tão farta que, se vir uma boa iguaria, deixe de comê-la com disposição. Assim, a alma não quer nem se satisfaz com contentamentos do mundo, por ter em si o que mais a farta: maiores alegrias em Deus, ímpeto de satisfazer o seu desejo, de rejubilar-se mais, de estar com Ele, é isso o que ela quer.

5. Há outra maneira de união que, mesmo que não seja completa, ainda é maior do que esta de que acabei de falar, mas não tanto quanto esta terceira água de que falei.<sup>4</sup>

Vossa mercê gostará muito, quando o Senhor lhe conceder todos esses modos, se é que já não os concedeu, de ver tudo escrito e perceber o que é. De fato, um favor é receber a graça do Senhor, outro é entender qual o favor e qual a graça, e outro ainda saber entender e explicar como é. Embora pareça ser suficiente o primeiro estado, para que a alma não fique confusa e medrosa e siga com mais afinco o caminho do Senhor, pondo sob os pés todas as coisas do mundo, é um grande benefício e dádiva entendê-lo. Cada um desses favores é, para quem o recebeu, razão para louvar muito ao Senhor; quem não os recebeu, também O louve, porque Sua Majestade os concedeu a algum vivente para que nós nos beneficiássemos.

Ora, muitas vezes, neste modo de união que quero explicar, acontece (a mim em especial, pois Deus me concedeu a graça de ter essa sorte com frequência) de Deus tomar posse da vontade e do intelecto — a meu

ver, porque este não raciocina, estando ocupado em fruir do Senhor, como quem está olhando e vê tanta coisa que não sabe o que olhar, já que a visão de muita coisa o desvia da de outra, e ele não sabe dizer o que viu. A memória fica livre, talvez ao lado da imaginação; e, vendo-se sozinha, ela move uma guerra e procura espalhar por toda parte um desassossego, somente para louvar a Deus. Ela me cansa e me aborrece, e, com freqüência, suplico ao Senhor que, se é para me incomodar tanto, tire-a de mim nessas ocasiões. Algumas vezes Lhe digo: "Quando, Deus meu, a minha alma estará toda unida em Vosso louvor, e não aos pedaços, sem poder ajudar a si mesma?" Aqui vejo o mal que o pecado nos causa, sujeitando-nos a não fazer o que queremos: estar sempre ocupados com Deus.

6. Digo que me acontece às vezes<sup>5</sup> — e hoje aconteceu, e por isso o tenho bem presente na memória — de ver a minha alma se desfazer devido ao desejo de estar por inteiro onde está a maior parte de mim mesma, mas sem o poder, porque a memória e a imaginação lhe movem tal guerra que não o consigo. E, como faltam as outras faculdades, estas não valem, mesmo para fazer mal, nada, só servindo para trazer desassossego; digo "para fazer mal" porque elas não têm força nem conseguem ficar quietas. Como o intelecto em nada ajuda a memória, esta não pára em nada, andando de um lado para o outro, assemelhando-se a essas mariposinhas noturnas, importunas e irrequietas. Essa comparação me parece extremamente adequada, porque, ainda que não possam fazer mal, essas mariposinhas incomodam.

Não conheço remédio para isso, pois até agora Deus não me permitiu entender; se conhecesse, de boa vontade eu o tomaria, pois isso me atormenta, como eu disse,<sup>6</sup> inúmeras vezes. Percebemos aqui a nossa miséria e, com muita clareza, o grande poder de Deus, pois a memória, mantendo-se solta, muito nos prejudica e cansa, enquanto as outras faculdades, que estão com Sua Majestade, nos trazem descanso.

- 7. O último remédio que encontrei, depois de sofrer longos anos, é o de que falei ao tratar da oração de quietude: 7 não ouvir mais a fantasia do que se ouve um louco; deixá-la com sua teimosia, que só Deus pode tirar afinal, ela já está dominada. Temos de suportá-lo com paciência, como Jacó padeceu com Lia, 8 porque é grande o favor que o Senhor concede permitindo que tenhamos prazer com Raquel. Digo "já está dominada" porque ela não pode, por mais que faça, atrair para si as outras faculdades; na verdade, estas, sem nenhum trabalho, a atraem muitas vezes para si. Em certas ocasiões, Deus se compadece vendo-a tão perdida e desassossegada, desejosa de unir--se às outras, e lhe permite arder no fogo da luz divina, onde as outras já viraram pó, tendo perdido o seu ser natural, estando quase sobrenaturais, no prazer de tão grandes bens.
- 8. Em todos esses modos que descrevi falando desta última água de fonte, são tão grandes a glória e o descanso da alma que o corpo participa muito sensivelmente dessa felicidade e alegria disso não tenho dúvida —, e as virtudes, como eu disse, 9 se fortalecem.

Parece que o Senhor quis explicar esses estados em que a alma fica, tanto quanto, a meu ver, é possível fazê-lo aqui. Que vossa mercê fale disso com uma pessoa espiritual que tenha chegado a esse ponto e tenha instrução. Se essa pessoa disser que está certo, creia que foi Deus que lho disse e preze muito Sua Majestade; porque, como eu disse, com o tempo vossa mercê muito prazer terá em entender o que é isso, pois talvez ainda não tenha recebido a graça de compreendê-lo (embora Ele lhe tenha permitido desfrutá--lo). Como Sua Majestade lhe concedeu desfrutá-lo, vossa mercê, com a sua inteligência e instrução, o compreenderá pelo que digo aqui. Que o Senhor seja louvado em todos os séculos dos séculos por tudo, amém.

### CAPÍTULO 18

TRATA DO QUARTO GRAU DE ORAÇÃO. COMEÇA A FAZER UMA EXCELENTE EXPOSIÇÃO DA GRANDE DIGNIDADE A QUE O SENHOR LEVA A ALMA QUE ESTÁ NESSE ESTADO. ISSO SERVE PARA ANIMAR MUITO OS QUE TRATAM DA ORAÇÃO, PARA QUE SE ESFORCEM PARA ALCANÇAR ESTADO TÃO ELEVADO, PORQUE ISSO É POSSÍVEL NA TERRA, EMBORA NÃO POR MERECIMENTO, E SIM PELA BONDADE DO SENHOR. ESTE CAPÍTULO DEVE SER LIDO COM ATENÇÃO PORQUE A DECLARAÇÃO É MUITO COMPLEXA E CONTÉM IMPORTANTES INSTRUÇÕES.¹

1. Que o Senhor me ensine palavras para que eu possa falar da quarta água. Tenho muita necessidade do seu favor, mais do que para a oração precedente; porque, nela,² a alma ainda sente que não está totalmente morta, embora já o esteja para o mundo; mas, como eu disse, ela tem consciência para entender que está no mundo e sentir sua solidão, aproveitando-se do exterior para dar a entender o que sente, ao menos por sinais.

Em toda a oração e em seus modos, de que falei, o jardineiro faz algum serviço, se bem que, nestes últimos, o trabalho seja acompanhado de tanto júbilo e consolo que a alma não deseja deixá-lo, não o considerando trabalho, e sim glória. Aqui, 3 não há sentir, mas um regozijar-se sem compreensão de sua causa.

Sabe-se que se frui um bem que traz em si todos os bens, mas não se compreende esse bem. Todos os sentidos se ocupam desse prazer, não ficando nenhum desocupado para ser empregado em outra coisa, interior ou exterior.

Antes, era-lhes permitido dar mostras da sua grande felicidade; aqui, a alma desfruta incomparavelmente mais, mas o demonstra muito menos, porque não resta poder no corpo nem na alma para a comunicação desse gozo. Nesses momentos, tudo passa a ser grande embaraço, tormento e estorvo para seu descanso; e afirmo que, se é união de todas as faculdades, ainda que queira — encontrando-se nesse estado —, a alma não o pode exprimir e, se o pode, já não é união.

- 2. Não sei explicar como é essa oração a que chamam união,<sup>4</sup> nem o que é. Na teologia mística, ela é explicada, enquanto eu não tenho palavras para dizê-lo, nem sei bem o que é a mente, nem sei diferenciar entre alma e espírito; tudo me parece uma só coisa, embora a alma por vezes saia de si mesma, como se fosse um fogo que está ardendo e se incendeia, e algumas vezes esse fogo aumenta com ímpeto e essa chama se eleva muito acima do fogo, mas nem por isso se distinguem: é a mesma chama que está no fogo. Com sua instrução, vossas mercês o entenderão, pois não sei explicar melhor.
- 3. O que pretendo explicar é o que a alma sente quando está nessa divina união. O que é união já está entendido: duas coisas separadas se tornam uma. Ó Senhor meu, como sois bom! Bendito sejais para sempre! Louvem-Vos, Deus meu, todas as coisas, pois nos amastes de tal maneira que não faltaríamos à verdade ao falar da comunicação que tendes com as almas ainda neste desterro! E mesmo com as que não são boas é grande vossa liberalidade e magnanimidade, porque, Senhor meu, dais como quem sois. Ó generosidade infinita, quão magníficas são Vossas obras!<sup>5</sup> Isso espanta a quem não tem a mente ocupada em coisas da terra a ponto de não poder perceber verdades. Pois concedeis a almas que tanto Vos ofenderam graças tão soberanas que, quando penso nisso, falta-me o entendimento, e não consigo ir adiante. E para onde eu iria senão para trás? Porque dar-Vos graças por tão grandes benefícios não sei como, aliviando-me algumas vezes com dizer disparates.
- 4. Acontece-me muito, quando acabo de receber essas graças ou quando Deus começa a agir em mim (porque, como eu já disse, no momento em que as recebemos não podemos fazer nada), de dizer:

"Senhor, olhai o que fazeis, não esqueçais tão rapidamente os grandes males meus; como para perdoar-me Vós os esquecestes, suplico que Vos lembreis deles para moderardes os Vossos favores. Não depositeis, Criador meu, licor tão precioso em vaso tão quebrado, pois já vistes que volto a derramá-lo. Não guardeis semelhante tesouro num lugar onde ainda não está, como deveria estar, perdida de todo a cobiça de consolações da vida, pois, assim fazendo, o esbanjareis. Como confiais as armas dessa cidade e as chaves de sua fortaleza a governante tão covarde, que no primeiro assédio dos inimigos permite que eles aí penetrem?

Que o Vosso amor não seja tanto, ó Rei eterno, que ponhais em risco jóias tão preciosas. Parece-me, Senhor meu, que isso pode permitir que se tenha pouca estima por Vós, pois as deixais em poder de criatura tão ruim, tão baixa, tão fraca e miserável, e tão sem valor que, embora trabalhe para, com o Vosso favor, não as perder (e é necessário um grande favor, sendo eu quem sou), não consegue benefíciar outras pessoas; em suma, mulher, e não boa, mas ruim. Parece que os talentos não só são escondidos, mas enterrados, ao serem depositados em terra tão árida. Não costumais, Senhor, conceder semelhantes riquezas e benefícios a uma alma, a não ser para que muitas aproveitem. Já sabeis, Deus meu, que com toda a vontade e de todo o coração eu Vos suplico, e tenho suplicado algumas vezes: não me importo de perder o maior bem da terra desde que concedais essas graças a quem delas tire maior benefício para que cresça a Vossa glória".

- 5. Essas e outras coisas eu disse muitas vezes. Depois, via a minha insensatez e pouca humildade; porque o Senhor bem sabe o que convém e que não havia na minha alma forças para que ela se salvasse se Sua Majestade não as infundisse com tantas graças.
- 6. Também pretendo falar dos favores e efeitos que permanecem na alma,<sup>8</sup> assim como assinalar o que esta pode fazer ou se pode contribuir para alcançar estado tão elevado.
- 7. Às vezes vem esta *elevação de espírito ou junção* com o amor celestial (visto que, no meu entendimento, a *união* é diferente da *elevação*) nessa mesma união. Quem não tiver experimentado esta última não perceberá a diferença. Para mim, embora tudo seja uma coisa só, o Senhor age de maneira distinta; o desapego das criaturas cresce muito mais no *vôo do espírito*. Tenho visto com clareza que há diferença entre as graças, embora, como eu digo, tudo pareça uma só coisa; mas um fogo pequeno é tão fogo quanto um grande, e é perceptível a diferença entre os dois: num fogo pequeno, leva muito tempo para que um pequeno

pedaço de ferro fique em brasas; mas, se o fogo é grande, por maior que seja, o ferro num instante se transforma por inteiro. Assim ocorre, penso eu, com essas duas modalidades de graças do Senhor, e quem tiver chegado a *arroubos* o entenderá bem. Quem não os tiver experimentado vai pensar que é um desatino, e talvez seja; porque uma criatura como eu querer explicar uma coisa cujo mero esboço parece não haver palavras para fazer é um grande desatino.

8. Mas creio que o Senhor há de me ajudar nisso, pois Sua Majestade sabe que, além de obedecer, tenho a intenção de despertar nas almas a avidez por um benefício tão elevado. Não vou falar de coisas que não tenha vivenciado muito. Assim, quando comecei a escrever sobre esta última água, parecia-me impossível tratar disso, pois é mais difícil do que falar grego. Por essa razão, parei de escrever e fui comungar. Bendito seja o Senhor, que tanto favorece os ignorantes! Ó virtude de obedecer, que tudo podes! Deus me esclareceu o entendimento, às vezes com palavras e, outras vezes, sugerindo-me como exprimi-lo, como o fez na oração passada; 10 tal como então, Sua Majestade parece querer dizer o que eu não posso nem sei fazer.

Essas são palavras de verdade; o que for bom é doutrina de Deus, e o mau, claro está, vem do abismo de males que sou eu. Por isso, se houver pessoas que, tendo chegado às coisas de oração que o Senhor concedeu a esta miserável — e deve haver muitas —, desejem tratar disso comigo, por se sentirem desencaminhadas, o Senhor ajudará a Sua serva para que a verdade triunfe.

- 9. Falando dessa água que vem do céu para, com sua abundância, regar e fartar todo o jardim, se o Senhor nunca deixasse de dá-la oportunamente, já se vê que descanso teria o jardineiro. Além disso, se não houvesse inverno, mas somente uma estação amena e temperada, nunca faltariam flores e frutas, e que delícia haveria de ser! Contudo, enquanto vivermos, isso é impossível; devemos sempre ter o cuidado de procurar outra água quando faltar uma. A do céu vem muitas vezes quando o jardineiro menos espera. É verdade que, no princípio, sempre vem depois de uma longa oração mental em que, de degrau em degrau, o Senhor vai levando essa avezinha e pondo-a no ninho para que descanse. Como viu que ela esvoaçou muito, buscando, com o entendimento, com a vontade e com todas as suas forças, a Deus e o Seu contentamento, o Senhor deseja recompensá-la ainda nesta vida. E que grande recompensa: basta um momento para pagar todos os sofrimentos que aqui se podem ter!
- 10. Estando à procura de Deus dessa maneira, a alma se sente, com um grande e suave prazer, num desfalecimento quase completo, uma espécie de desmaio, que lhe tira o fôlego e todas as forças corporais, de modo tal que só com muito esforço é possível mexer as mãos; os olhos se fecham sem que os queiramos fechar, ou, se se mantêm abertos, não vemos quase nada; da mesma forma, se estivermos lendo, não distinguimos as letras, sequer as percebemos: vemos que há uma letra, mas, como a mente não ajuda, mesmo querendo, não a podemos ler; ouvimos, mas não entendemos o que ouvimos. Assim, os sentidos de nada nos servem, servindo antes para acabar com a felicidade. Falar é muito difícil, pois não conseguimos formar palavras, nem temos forças, caso formássemos alguma, para pronunciá-la; porque perdemos todas as forças exteriores, aumentando as da alma para que melhor nos rejubilemos na Sua glória. É grande e bem conhecido o deleite exterior que sentimos.
- 11. Por mais que dure, esta oração não prejudica; ao menos a mim nunca prejudicou, nem me lembro de que o Senhor alguma vez me tenha concedido esse favor, por pior que eu estivesse, de uma maneira que me fizesse mal, havendo antes uma grande melhora. Mas que mal poderia fazer bem tão grande? Os seus efeitos exteriores são tão patentes que não é possível duvidar da sua grandeza, visto que essa oração tira as forças com muita suavidade para torná-las maiores.
- 12. É verdade que, no princípio, ela é tão rápida ao menos acontecia assim comigo que, graças à sua brevidade, não são tão perceptíveis esses sinais exteriores nem a perda dos sentidos, entendendo-se contudo, pela abundância de graças, que a claridade do sol que ali esteve foi imensa, visto ter deixado a alma derretida. E observe-se que, a meu ver, por maior que seja, o tempo em que a alma está nessa suspensão de todas as faculdades é sempre curto: meia hora já é muito, e eu, pelo que sei, nunca fiquei tanto tempo. Devo reconhecer que, como nos faltam os sentidos, mal podemos calcular a duração; mas sei que é muito pequena a duração desse estado sem que alguma faculdade volte a si. A vontade se mantém impávida, mas as outras duas faculdades logo voltam a importunar. Como está imóvel, a vontade volta a suspendê-las; elas ficam um pouco mais e então voltam a agitar-se.
- 13. É possível passar nisso algumas horas de oração, e passamos; porque as duas faculdades, quando começam a se embriagar e a degustar o vinho divino, são perdidas outra vez com facilidade para que se ganhe muito mais: elas acompanham a vontade, e as três se inebriam. Mas a sua total suspensão, sem nenhuma imaginação faculdade que, para mim, também se perde por inteiro —, dura muito pouco, embora as

faculdades não sejam recuperadas de todo, ficando algumas horas como que desatinadas, voltando Deus, pouco a pouco, a uni-las a si.

14. Vejamos agora o âmago daquilo que a alma sente. Diga-o quem o sabe, pois não se pode entendê-lo e muito menos explicá-lo!

Depois de comungar e de sair dessa oração de que falo, eu estava pensando, para escrever o que a alma fazia naquele momento. O Senhor me disse as seguintes palavras: Desfaz-se toda, filha, para se pôr mais em Mim. Já não é ela que vive, mas Eu. Como não pode compreender o que entende, é um não-entender entendendo.

Quem o tiver experimentado compreenderá alguma coisa disso, pois não posso ser mais clara, visto ser tão obscuro o que ali acontece. Posso dizer apenas que temos a impressão de estar junto de Deus, permanecendo uma certeza em que de nenhuma maneira se pode deixar de acreditar. Aqui, todas as faculdades faltam e ficam suspensas a tal ponto que, como eu disse, 12 não se percebe absolutamente a sua ação. Se estávamos pensando numa passagem da Paixão, esta nos sai da memória como se nunca tivesse estado ali. Se estávamos lendo ou rezando, não conseguimos nos lembrar do que líamos, nem fixar o pensamento, o mesmo ocorrendo se estávamos rezando.

Desse modo, essa mariposinha importuna da memória tem aqui as asas queimadas, não mais podendo esvoaçar. A vontade deve estar bem ocupada em amar, mas não percebe como ama. O intelecto, se entende, não sabe como entende, ou, ao menos, não pode compreender nada do que entende. Não me parece que entenda, porque não entende a si mesmo. Também eu não consigo entendê-lo!

15. No princípio, atingiu-me uma ignorância de não saber que Deus está em todas as coisas, o que, como Ele me parecia estar tão presente, eu achava ser impossível. Eu não podia deixar de crer que Ele estivesse ali, pois achava quase certo que percebera a sua presença. Os que não tinham letras me diziam que Ele só estava ali mediante a graça. Eu não podia acreditar nisso, porque, como digo, sentia a Sua presença. Por isso, ficava aflita. Um grande teólogo da Ordem do glorioso São Domingos<sup>13</sup> me tirou dessa dúvida, ensinando-me que o Senhor está presente e se comunica conosco, o que me trouxe imenso consolo.

Convém observar e compreender que essa água do céu, esse sumo favor do Senhor, dá à alma imensos proveitos, como passo a dizer.

# CAPÍTULO 19

CONTINUA COM O MESMO ASSUNTO. COMEÇA A FALAR DOS EFEITOS QUE ESTE GRAU DE ORAÇÃO PRODUZ NA ALMA. ÎNSISTE MUITO EM QUE NÃO SE VOLTE ATRÁS, MESMO QUE DEPOIS DESSA GRAÇA SE CAIA OUTRA VEZ, NEM SE DEIXE A ORAÇÃO. FALA DOS MALES DECORRENTES DE NÃO SE FAZER ISSO. O TEMA É DIGNO DE ATENÇÃO E TRAZ GRANDE CONSOLO PARA OS FRACOS E PECADORES.

- 1. A alma sai dessa oração e união com imensa ternura, desejando desfazer-se, não de tristeza, mas de enorme gozo. Ela se sente banhada de lágrimas, sem que as tenha percebido e sem saber quando ou como as chorou; mas tem grande deleite por ver aplacado o ímpeto do fogo com uma água que a faz crescer mais. Isso parece confuso e de fato o é. Algumas vezes me aconteceu, ao final dessa oração, estar tão fora de mim que não sabia se era sonho ou se era verdadeira a glória que eu havia sentido; vendo-me inundada pela água que com facilidade jorrava com um impulso e uma rapidez da água que cai de uma nuvem, eu percebia que não tinha sido um sonho. Isso acontecia no princípio, quando essa graça era breve.
- 2. A alma fica animada a ponto de, se naquele momento a fizessem em pedaços por Deus, ela teria isso por grande consolo. Surgem as promessas e determinações heróicas, a vivacidade dos desejos, o começo do aborrecimento do mundo e o claro reconhecimento da sua vaidade. A alma aproveitou muito mais do que nas orações passadas, tendo crescido em humildade, porque vê bem que nada fez, nem contribuiu, para trazer ou ter uma graça tão excessiva e grandiosa. Ela vê com muita clareza que é muito indigna, porque em quarto onde entra a luz do sol não há teia de aranha escondida; a alma vê a sua miséria. A vaidade está tão longe dela que ela tem a impressão de que não pode tê-la, porque com os seus olhos pouco ou nada pode ver, reconhecendo que quase não houve consentimento de sua parte, parecendo antes que, mesmo sem o querer, a porta de todos os sentidos foi fechada para que ela mais pudesse desfrutar do Senhor.

Estando sozinha com Ele, que há de fazer senão amá-Lo? Ela não vê nem ouve, a não ser com muito esforço: pouco merecimento tem. Sua vida passada lhe é apresentada depois, assim como a grande

misericórdia de Deus, com grande verdade e sem que seja necessário recorrer ao intelecto, porque a alma acha cozido ali o que vai comer e entender; ela percebe que merece o inferno e que é castigada com a glória; desfaz-se em louvores a Deus, e quisera eu me desfazer agora. Bendito sejais, Senhor meu, que fazeis de lodo tão imundo uma água tão límpida que pode ser levada à Vossa mesa! Sede louvado, ó delícia dos anjos, por desejardes elevar um verme tão vil!

3. Esse proveito da alma permanece por algum tempo: ela entende com clareza que o fruto não é seu e que já pode começar a reparti-lo sem que lhe faça falta.¹ Ela começa a se mostrar como alma que guarda tesouros do céu e a ter desejos de reparti-los com os outros, suplicando a Deus que não seja ela a única abastada. Ela passa a beneficiar os que lhe são próximos sem o saber e sem nenhum esforço pessoal; as pessoas o compreendem, porque as flores têm um odor tão forte que despertam o seu desejo de aproximar-se delas. Entendem que há virtudes naquela alma e vêem a fruta, que desperta o paladar; desejam ajudá-la a comer.

Quando a terra é muito estragada por provações, perseguições, murmúrios e doenças — porque poucos chegam aqui sem isso —, e está bem fofa devido ao desapego do interesse próprio, a água nela penetra tanto que quase nunca seca; contudo, se a terra ainda está por ser lavrada e cheia de espinhos, como eu no princípio, sem que a alma se tenha afastado das ocasiões de pecado nem tenha o sentimento de gratidão merecido por graça tão elevada, logo volta a aridez. E se o jardineiro se descuidar e o Senhor, com a Sua bondade, não quiser fazer com que chova outra vez, deveremos considerar perdido o jardim, o que me ocorreu muitas vezes, causando-me espanto, a ponto de eu não poder acreditar se não tivesse acontecido comigo. Escrevo-o para o consolo de almas fracas, como a minha, para que nunca se desesperem nem deixem de confiar na grandeza de Deus; mesmo que, depois de dádiva tão sublime, que é o Senhor fazê-la chegar até aqui, venham a cair, que não desmaiem se não quiserem perder-se de todo; porque as lágrimas tudo conseguem: uma água traz outra.<sup>2</sup>

4. Uma das coisas que me animaram, sendo eu quem sou, a obedecer e escrever isto, dando conta da minha vida ruim e dos favores que o Senhor me fez, sem que eu O servisse, mas O ofendesse, foi o desejo de alertar sobre isso. É certo que, para que me acreditassem no tocante a isso, eu gostaria de ter grande autoridade. Suplico ao Senhor que Sua Majestade a conceda. Repito, quem começar a ter oração não deve desanimar pensando que, por voltar a ser mau, seja pior continuar na oração. O mal seria deixar a oração e não se corrigir; mas quem não a deixar com certeza voltará à luz.

No tocante a isso, o demônio muito me atacou, fazendo-me sofrer bastante ao me sugerir que, por ser eu tão ruim, continuar a oração era ter pouca humildade. Por isso, como eu disse, deixei-a por um ano e meio, ou ao menos por um ano, pois não me lembro bem dos outros seis meses. Fazer isso era, e de fato o foi, arrojar-me eu mesma no inferno, sem que os demônios precisassem me levar até lá. Valha-me Deus! Que cegueira tão grande! E como acerta o demônio, para seu propósito, ao concentrar aqui seus ataques! O traidor sabe que a alma que persevera na oração está perdida para ele. Por isso, muito lhe interessa fazê-la cair. Contudo, se ela perseverar na oração, essas mesmas quedas vão ajudá-la, graças à bondade de Deus, a avançar mais em Seu servico.

- 5. Ó Jesus meu! O que é ver uma alma que chegou aqui e caiu em pecado quando Vós, pela Vossa misericórdia, tornais a lhe dar a mão e a levantais! Como ela reconhece a multiplicidade de Vossas grandezas e misericórdias, e a sua miséria. Aqui, ocorre o real desfazer-se, o conhecimento de Vossa magnificência, o alçar os olhos para ver o que Vos é devido, o fazer-se devota da Rainha do Céu para que Vos aplaque. Aqui, ela invoca os Santos<sup>4</sup> que caíram depois de Vós os terdes chamado, para que a ajudem; parece-lhe demasiado tudo o que lhe dais, pois ela vê que não merece sequer a terra que pisa. Ela recorre aos sacramentos, à fé viva que lhe advém ao perceber a virtude que Deus infundiu neles; ela Vos louva porque deixastes esse remédio e esse ungüento para as nossas chagas, não somente curando-as por fora, mas extirpando-as por inteiro.<sup>5</sup> Ela fica espantada com isso. E quem, Senhor da minha alma, não se espantaria com uma misericórdia tão grande e um favor tão imenso diante de traição tão feia e abominável? Nem sei como meu coração não se parte quando escrevo isto! É porque sou ruim!
- 6. Com estas lagrimazinhas que aqui verto, dadas por Vós mas água de um poço ruim, por procederem de mim —, parece que Vos pago por tantas traições, por sempre agir mal e procurar desfazer as graças que me concedíeis. Senhor meu, valorizai-as; tornai límpida água tão turva, pelo menos para evitar a alguém a tentação, que eu tive, de julgar tão erradamente, pensando por que, Senhor, abandonais pessoas muito santas que sempre Vos serviram e trabalharam por Vós, criadas na religião, e sendo religiosas, e não como eu, que disso só tinha o nome, enquanto concedeis graças a mim. Eu via com clareza, Bem meu, que guardáveis a

recompensa delas para dá-la de uma vez, enquanto a minha fraqueza precisava desses favores. Elas, sendo fortes, Vos servem sem isso e, assim, Vós as tratais como pessoas esforçadas e não interesseiras.

- 7. Contudo, Vós sabeis, meu Senhor, que eu clamava muitas vezes diante de Vós, desculpando as pessoas que murmuravam contra mim, pois achava que elas estavam cobertas de razão. Isso, Senhor, ocorreu depois que a Vossa bondade me tomara pela mão para que eu não Vos ofendesse tanto, quando eu já estava me afastando de tudo o que me parecia poder desgostar-Vos; nesse momento, Vós começastes, Senhor, a abrir os Vossos tesouros para a Vossa serva. Parece que não esperáveis outra coisa de mim, além de vontade e disposição para recebê-los, tamanha a rapidez com que começastes a não só concedê-los, como a querer que os outros percebessem que o fazíeis.
- 8. Quando o perceberam, as pessoas começaram a ter uma boa opinião daquela cuja maldade ainda não tinham visto, embora ela fosse muito translúcida. Começaram os murmúrios e as perseguições, o que, a meu ver, era bem motivado; e eu não ficava inimiga de ninguém, mas suplicava a Vós que percebêsseis quanta razão tinham. Elas diziam que eu queria me fazer passar por santa, inventando novidades, pois não tinha sequer chegado a cumprir toda a minha Regra, nem igualara as boas e santas religiosas que havia na casa (nem creio que chegarei a fazê-lo, se Deus, pela sua bondade, não fizer tudo sozinho), sendo mais capaz de tirar o que havia de bom e introduzir costumes que não o eram; eu pelo menos fazia o que podia para introduzi-los, e era grande a minha capacidade para o mal. Logo, as que me acusavam não tinham culpa. Não eram somente as monjas, mas outras pessoas que me mostravam verdades, pois Vós o
- 9. Uma vez, ao rezar as Horas, voltando de novo essa tentação, cheguei ao versículo que diz *Justus es, Domine, e teus juizos*<sup>6</sup> e comecei a pensar quão grande verdade é essa, porque, quanto a isso, o demônio jamais teve forças para tentar-me de um modo que me levasse a duvidar de que Vós, Senhor meu, tendes todos os bens, nem de qualquer coisa da fé, parecendo-me que, pelo contrário, quanto mais longe do caminho natural as coisas, mais firme era a minha fé e maior a minha devoção. Só de pensar que sois todo-poderoso, eu incluía todas as grandezas que tendes; nesse aspecto, como digo, nunca tive dúvidas. Quando pensei que, com justiça, permitíeis a muitas servas Vossas, como eu disse, seguir sem os consolos e graças que me concedíeis, sendo eu quem era, Vós me respondestes: *Serve-me e não te envolvas nisso*. Foi a primeira palavra Vossa que ouvi, o que muito me espantou.

permitíeis.

Depois vou explicar<sup>8</sup> essa maneira de ouvir, ao lado de outras coisas de que não vou falar aqui para não fugir ainda mais do meu propósito, pois muito já o fiz, a ponto de quase não saber mais o que estava dizendo. Mas não há como não ser assim, meu filho,<sup>9</sup> e vossa mercê há de perdoar esses intervalos; porque, ao pensar no que Deus sofreu de mim e me ver neste estado, não causa surpresa que eu perca o tino do que digo e vou dizer. Queira o Senhor que os meus desatinos sempre sejam esses e que Sua Majestade não me permita ter o poder para opor-me a Ele; que Ele antes me consuma agora.

10. Isso já basta para que se vejam Suas grandes misericórdias: o Senhor perdoou tanta ingratidão, não uma, mas muitas vezes. A São Pedro perdoou uma só vez,<sup>10</sup> e a mim, muitas; não era sem razão que o demônio me tentava para que eu não desejasse uma amizade íntima com quem eu tinha uma inimizade tão pública. Que cegueira imensa a minha! Onde eu pensava, Senhor meu, achar remédio senão em Vós? Que disparate fugir da luz para andar sempre tropeçando! Que humildade tão soberba o demônio inventava em mim: afastar-me do apoio da coluna e báculo que há de me sustentar para evitar uma queda tão grande!

Faço agora o sinal-da-cruz, e creio que não passei por perigo maior do que essa invenção que o demônio me ensinava como se fosse humildade. Ele me sugeria que, sendo eu uma coisa tão ruim e tendo recebido tantas graças, não podia dedicar-me à oração; bastava-me fazer as orações obrigatórias, como todas, e, como nem isso eu fazia bem, não podia querer fazer mais, pois, assim agindo, desrespeitava e desprezava os favores de Deus.

Uma coisa era pensar e entender isso; mas praticá-lo foi um enorme mal. Bendito sejais Vós, Senhor, pois me resgatastes.

11. Isso me parece ser o princípio da tentação que o traidor fez a Judas, embora ele não ousasse me atacar de maneira tão aberta; mas teria me levado, aos poucos, onde o levou. Todos os que se dedicam à oração considerem bem isto, por amor de Deus. Saibam que, quando vivi sem ela, a minha vida era muito pior; observem a boa solução que o demônio me oferecia e a estranha humildade, coisas que me trouxeram grande desassossego. Mas como podia a minha alma estar sossegada? A coitada estava longe do seu descanso, lembrava-se das graças e favores e via que as alegrias da terra merecem asco.

Como pude passar por isso, causa-me espanto. Era com esperança que eu nunca pensava<sup>11</sup> (se não me falha a memória, já que deve ter acontecido há mais de vinte e um anos), deixava a determinação de voltar à oração; mas esperava ficar, antes disso, livre de pecados. Oh, como estava mal-encaminhada nessa esperança! O demônio me manteria nela até o dia do juízo para dali levar-me ao inferno.

12. Porque, fazendo oração e leitura — que me faziam ver verdades e o caminho ruim que eu seguia — e importunando o Senhor muitas vezes com lágrimas, eu era tão ruim que não conseguia me controlar, privada disso, entregando-me a passatempos e com muitas oportunidades e pouca ajuda — e, ousaria dizer, com nenhuma, a não ser para o mal —, não podendo esperar senão a minha queda.

Creio que muito conseguiu de Deus um frade dominicano, muito instruído, que me despertou desse sonho; ele me fez comungar de quinze em quinze dias, embora eu não me afastasse tanto do mal. Comecei a voltar a mim, embora não deixasse de ofender ao Senhor; mas, não tendo saído do caminho, eu ia por ele, mesmo devagar, caindo e levantando; e quem não deixa de caminhar e seguir adiante mesmo tarde chega. Creio que perder o caminho é abandonar a oração. Deus nos livre disso, por quem é!

13. Fique entendido — e, por amor de Deus, atente-se para isso — que a alma, mesmo que Deus lhe dê graças tão grandes na oração, não deve confiar em si, porque pode cair, nem se expor de modo algum a ocasiões de queda. Considere-se isso com seriedade, pois muito está envolvido: o demônio pode nos enganar depois, mesmo que a graça venha com certeza de Deus; o traidor se aproveita como pode dela, em especial quando se trata de pessoas não adiantadas nas virtudes, não mortificadas nem desprendidas, e que por isso não têm força suficiente, como adiante direi, 12 para escapar às ocasiões e perigos, por maiores que sejam os seus desejos e determinações...

Eis uma excelente doutrina, que não é minha, mas ensinada por Deus; eu bem queria que pessoas ignorantes como eu a conhecessem. Porque, mesmo que se encontre neste estado, a alma não deve confiar em si para combater, porque já fará muito se se defender. Faltam-lhe armas para resistir aos demônios, e ela ainda não tem força para lutar contra eles e subjugá-los, como fazem os que chegam ao estado de que vou falar.<sup>13</sup>

14. O demônio se aproveita da alma que, vendo-se tão próxima de Deus e conhecendo a diferença entre os bens do céu e os da terra, bem como o amor que o Senhor demonstra ter por ela, faz nascer desse amor a confiança e a segurança de não perder esse prazer; ela parece ver com clareza o prêmio e julga que não poderia deixar um dom tão suave e delicioso por uma coisa tão baixa e suja quanto o prazer dos sentidos. Tendo ela essa confiança, o demônio a leva a esquecer-se de que não deve confiar em si.

E ela, desse modo, se expõe a perigos e começa, com muito zelo, a distribuir sem controle as frutas, acreditando que não há mais o que temer de si. Ela não o faz com orgulho, pois bem compreende que por si não tem poder, mas por causa de um excesso de confiança indiscriminada em Deus, decorrente do fato de ela não perceber que só está coberta de penugem, podendo sair do ninho quando Deus a tira de lá, sem, no entanto, poder voar. Porque as virtudes ainda não estão fortalecidas, e ela não tem experiência para conhecer os perigos nem sabe o dano que provoca ao confiar em si mesma.

15. Foi isso o que me destruiu; e, para isso e para tudo, há grande necessidade de um mestre e de relações com pessoas espirituais. Se a alma que chega a Deus neste estado não se afastar de Sua Majestade por inteiro, não deixará de ser favorecida pelo Senhor, que não permitirá que ela se perca; mas quando, como eu disse, <sup>14</sup> cair, que se esforce para não ser enganada e induzida a deixar a oração, como ocorreu comigo por falta humildade, como eu já disse<sup>15</sup> e queria dizer muitas vezes.

A alma deve confiar na bondade de Deus, que é maior que todos os males que possamos causar e que não se lembra da nossa ingratidão quando nós, percebendo o que fazemos, desejamos recuperar a Sua amizade. Do mesmo modo, o Senhor não se lembra das graças que nos concedeu para nos castigar por elas; a lembrança delas, pelo contrário, leva-O a nos perdoar mais depressa, por sermos pessoas de Sua casa e que comeram, como se costuma dizer, do Seu pão. Recordem-se de Suas palavras¹6 e vejam o que Ele fez comigo: embora eu me cansasse de ofendê-Lo, Sua Majestade nunca deixou de perdoar-me. Ele nunca se cansa de dar nem a Sua misericórdia pode se esgotar; que nós não nos cansemos de receber. Que Ele seja bendito para sempre, amém, e que todas as criaturas cantem Seus louvores.

# CAPÍTULO 20

TRATA DA DIFERENÇA ENTRE UNIÃO E ARROUBO. EXPLICA O QUE É O ARROUBO E FALA DO BEM QUE A ALMA QUE O SENHOR, PELA SUA BONDADE, APROXIMA DE SI OBTÉM. FALA DOS EFEITOS QUE ISSO PRODUZ. ISSO É DE CAUSAR MUITA ADMIRAÇÃO. 1

1. Eu queria saber explicar, com o favor de Deus, a diferença que há entre *união* e *arroubo*, ou *enlevo*, ou *vôo* que chamam de *espírito*, ou *arrebatamento*, que são uma coisa só. Digo que esses diferentes nomes se

referem a uma só coisa, que também se chama *êxtase*.<sup>2</sup> É grande a vantagem que ele tem diante da união. Produz efeitos muito maiores e vários outros benefícios, porque a união parece ser igual no início, no meio e no fim, e o é no interior; mas esses outros fins alcançam um grau mais alto, manifestando-se seus efeitos tanto interior como exteriormente. Que o Senhor o declare como o fez com as outras coisas, pois, por certo, se Sua Majestade não me tivesse dado a entender os modos e formas de dizer, eu não o saberia.

- 2. Consideremos agora o fato de que esta última água é tão abundante que, se a terra o permitisse, poderíamos crer que já se encontra conosco a nuvem da grande Majestade. Mas quando Lhe agradecemos por esse bem enorme, fazendo obras de acordo com as nossas forças, o Senhor nos colhe a alma tal como as nuvens colhem os vapores da terra, afastando-a por inteiro desta.<sup>3</sup> E a nuvem vai ao céu, levada pelo Senhor, que começa a lhe mostrar as coisas do reino que tem preparado para ela. Não sei se a comparação é adequada, mas na verdade é assim que acontece.
- 3. Nesses arroubos, parece que a alma não anima o corpo, que sente faltar-lhe o calor natural; ele vai se esfriando, embora com uma enorme suavidade e deleite. Aqui, não há como resistir, ao contrário da união, em que ficamos em nosso próprio terreno, podendo quase sempre, mesmo que com sofrimentos e esforços, resistir; nos arroubos, na maioria das vezes, isso não é possível, pois eles amiúde surgem sem que penseis nem coopereis, vindo como um ímpeto tão acelerado e forte que vedes e sentis uma nuvem ou águia possante levantar-se e colher-vos com suas asas.
- 4. E digo que percebeis e vos vedes levados, sem saber aonde; porque, mesmo com júbilo, a fraqueza que é nosso natural no início nos causa temor, sendo necessária uma alma determinada e corajosa muito mais do que para o que eu já falei que arrisque tudo, ocorra o que ocorrer, entregando--se nas mãos de Deus e indo de bom grado para onde for levada, visto que, mesmo resistindo, é levada.

Isso acontece de maneira tão forte que muitas vezes tentei resistir, empregando todas as minhas forças, especialmente em situações públicas, e também estando a sós, pois temia ser enganada; algumas vezes eu conseguia, mas com grande prostração, como quem combateu um forte gigante, ficando depois exausta; outras, eu não o podia: a alma era arrebatada e quase sempre levava a cabeça atrás de si, sem que eu pudesse controlar, havendo ocasiões em que o corpo inteiro ficava suspenso do chão.

- 5. Isso ocorreu poucas vezes, como certa feita em que estávamos juntas no coro, indo comungar; eu estava ajoelhada e fiquei muito pesarosa, pois me parecia uma coisa muito extraordinária que logo haveria de chamar muita atenção; assim, mandei que as monjas (pois isso se passou depois que assumi o ofício de Priora) não o revelassem. Mas outras vezes, ao perceber que o Senhor ia fazer isso (e, numa delas, na presença de importantes senhoras, pois era a festa da Vocação,<sup>4</sup> durante um sermão), eu me estendia no chão, e as irmãs me rodeavam para segurar meu corpo, mas isso não passava despercebido. Supliquei muito ao Senhor que não quisesse mais me conceder graças que tivessem mostras exteriores; porque eu estava cansada de andar com tanta cautela, podendo Sua Majestade conceder-me esse favor sem que os outros o percebessem. Parece que Ele, pela Sua bondade, dignou-se ouvir-me, porque, até agora, isso não voltou a acontecer; é verdade que faz pouco tempo.<sup>5</sup>
- 6. Parecia-me, quando eu queria resistir, que se erguiam sob os meus pés forças tão grandes que não sei como explicar, forças muito mais impetuosas do que as presentes em outras coisas do espírito. E eu ficava em pedaços, porque grande é a luta e pouco o seu proveito, porque, quando o Senhor quer, nada se opõe ao Seu poder. Há ocasiões em que Ele se contenta em nos mostrar que deseja nos conceder uma graça e que não faltará; se resistirmos por humildade, Ele produzirá os mesmos efeitos que produziria caso o consentíssemos.
- 7. São grandes esses efeitos: um deles<sup>6</sup> é a demonstração do grande poder do Senhor, a lição de que, quando Sua Majestade o quer, não controlamos o corpo nem a alma, nem somos senhores deles; verificamos que, a despeito de nós, há uma coisa superior, essas graças são dadas por Ele e nada podemos fazer o que nos traz grande humildade. E eu confesso que tive muito medo e, no princípio, um enorme medo, por ver o corpo se levantar da terra, levado pelo espírito com grande suavidade, quando não se resiste. Não se perdem os sentidos; eu ao menos ficava num estado em que podia perceber que era arrebatada. Mostra-se tão bem a majestade de Quem pode fazer aquilo que os cabelos se arrepiam, ficando um grande temor de ofender a Deus tão grandioso; esse temor vem envolto num enorme amor por Aquele que ama tanto um verme tão podre a ponto de dar a impressão de que não se contenta em levar a alma a Si, querendo levar também o corpo, mesmo sendo este tão mortal e de terra tão suja pois assim se tornou por causa de suas muitas ofensas.
- 8. O arroubo deixa também um estranho desapego, que não sei descrever. Acho que posso dizer que é diferente, isto é, maior do que as outras coisas do espírito; porque, embora estas provoquem o desprendimento

de todas as coisas no campo do espírito, no desapego o Senhor parece querer que o corpo também seja envolvido, o que cria uma nova estranheza diante das coisas da terra, tornando a vida muito penosa.

9. Depois ele nos traz um tormento que não podemos criar por nós mesmos nem, quando acontece, evitar. Eu queria muito explicar esse sofrimento tão grande, mas acho que não conseguirei, embora vá dizer alguma coisa. É bom notar que essas coisas<sup>7</sup> são recentes, vindo depois de todas as visões e revelações de que vou falar; no tempo em que costumava ter oração, época em que o Senhor me dava grandes consolos e alegrias, bem como agora, já que isso não parou, o mais comum é que venha esse sofrimento de que vou falar. Ele pode ser maior ou menor. Falo agora de quando ele é maior, falando adiante<sup>8</sup> dos grandes ímpetos que me acometiam quando o Senhor queria me conceder os arroubos. A dor que eu então sentia em nada se parece com o tormento de que falo agora, distinguindo-se como se distingue uma coisa muito corporal de uma muito espiritual, e creio que não exagero. De fato, o primeiro sofrimento é sentido pela alma, mas esta está acompanhada do corpo e parece que os dois o dividem, não havendo o extremo desamparo de que agora falo.

O segundo sofrimento, como eu disse, não tem a nossa participação; muitas vezes, vem de repente um desejo cuja origem não se sabe, desejo que penetra a alma por completo, começando a fatigá-la a tal ponto que ela se eleva acima de si mesma e de toda a criação; Deus a deixa tão isolada de todas as coisas que, por mais que a alma trabalhe, parece-lhe que não há na terra quem a acompanhe, nem ela o queria, desejando apenas morrer naquela solidão. Se alguém lhe fala, ela não pode responder, por mais que se esforce, pois o seu espírito não sai dessa solidão. Embora pareça estar muito longe, Deus às vezes lhe comunica Suas grandezas do modo mais estranho que se pode imaginar; assim, não<sup>9</sup> se sabe explicar, nem creio que acredite nisso ou o entenda quem não teve a experiência; porque a comunicação não vem consolar, mas mostrar a razão que a alma tem de afligir-se por estar distante do bem que contém em si todos os bens.

- 10. Crescem com essa comunicação o desejo e a extrema solidão em que a alma se vê, com um pesar tão sutil e penetrante que ela pode dizer ao pé da letra, como se estivesse no deserto (e o disse, na mesma solidão, o real Profeta, que, sendo santo, teve a permissão do Senhor para senti-la de maneira mais extrema): *Vigilavi, et factus sum sicut passer solitarius in tecto*. <sup>10</sup> Assim, vem-me à memória esse verso, e pareço vê-lo realizado em mim, vindo o meu consolo do pensamento de que outras pessoas sentiram essa solidão em tão alto grau. Tem-se a impressão de que a alma não está em si, mas no telhado de si mesma e de toda a criação, e até acima da parte superior de seu espírito.
- 11. Outras vezes, parece que a alma tem extrema necessidade de Deus, dizendo e perguntando a si mesma: *Onde está o teu Deus*?<sup>11</sup> Devo observar que eu não sabia bem o significado desses versos em romance e, quando pude entendê-lo, consolei-me por ver que o Senhor os tinha trazido à minha memória sem que eu o procurasse. Outras vezes, eu me lembrava de que São Paulo disse que estava *crucificado para o mundo*.<sup>12</sup> Não digo que estou assim, pois bem vejo que não é verdade; mas a alma parece não ter consolo do céu nem estar nele, ao mesmo tempo que não mais habita a terra, cujo consolo não quer; ela parece estar crucificada entre o céu e a terra. Com efeito, o que vem do céu (que é, como eu já disse, <sup>13</sup> uma notícia tão admirável de Deus que supera tudo quanto possamos desejar) lhe causa mais tormento, visto aumentar tanto o desejo que às vezes priva a alma dos sentidos, embora por pouco tempo.

Esse sofrimento é semelhante às agonias da morte, mas traz em si tamanho contentamento que não tenho termos de comparação. É um duro martírio delicioso, pois tudo o que é oferecido à alma, mesmo o que costumava agradá-la, é recusado por ela, que não admite nenhuma coisa da terra. Ela bem entende que só deseja o seu Deus; mas não ama uma coisa particular dele, desejando-O por inteiro, e não sabe o que quer. Digo "não sabe" porque a imaginação nada lhe apresenta. Acho até que as suas faculdades não agem em grande parte do tempo em que ela está assim. A dor as suspende, assim como o júbilo o faz na união e no arroubo.

- 12. Ó Jesus! Gostaria que houvesse alguém que o pudesse explicar a vossa mercê, <sup>14</sup> ao menos para que me dissesse o que é, pois assim se encontra sempre a minha alma. De maneira geral, estando desocupada, ela fica com essas ânsias de morte e tem medo, quando vê que elas começam, porque sabe que não vai morrer; mas, quando fica nesse estado, gostaria de viver nesse sofrimento, embora ele seja tão excessivo que mal consigo suportá-lo, o que às vezes me faz perder o pulso quase inteiramente, como dizem as irmãs que se aproximam de mim e que já compreendem melhor a minha situação. Fico com os braços muito abertos e com as mãos tão rígidas que às vezes não consigo juntá-las; fico com dor nos pulsos e no corpo, como se estivessem desconjuntados, até o dia seguinte.
- 13. Penso que numa dessas vezes o Senhor será servido, se tudo continuar assim, em me tirar a vida, pois, a meu ver, esse grande sofrimento é capaz disso, embora eu não o mereça. Nesses momentos, só tenho o

desejo de que isso aconteça; não me lembro do purgatório, nem dos grandes pecados que cometi, pelos quais mereceria o inferno. Esqueço tudo no anseio de ver a Deus; e o deserto e a solidão me parecem melhores do que toda a companhia do mundo. Se algo poderia consolar a alma, esse algo seria falar com quem já tivesse passado por esse tormento; mas, embora ela se queixe disso, parece-lhe que ninguém vai lhe dar crédito.

- 14. Outra fonte de tormento é que, diante de dor tão intensa, a alma não deseja a solidão como antes e só quer a companhia de alguém a quem possa queixar-se. É como se estivesse sendo enforcada e procurasse tomar fôlego. Creio que essa vontade de ter companhia vem da nossa fraqueza, porque o sofrimento como que nos expõe a um perigo mortal (como já estive várias vezes exposta a esse perigo, quando tive graves enfermidades e em outras situações, como falei, 15 creio que posso afirmar que esse sofrimento é tão grande quanto qualquer outro). O desejo que o corpo e a alma têm de não se separarem é a causa do pedido de socorro para tomar fôlego; queremos narrar o nosso sofrimento, queixar-nos e distrair-nos, buscando conservar a vida, bem contra a vontade do espírito ou da parte superior da alma, que não deseja sair desse penar.
- 15. Não sei se percebo a verdade ou se sei explicá-lo, mas, pelo que percebo, assim acontece. Veja vossa mercê que descanso pode a alma ter nesta vida, porque o que tinha a oração e a solidão, que atraíam o consolo do Senhor agora se tornou, quase sempre, este tormento, que é, porém, tão saboroso e, reconhece a alma, de preço tão alto que ela passa a desejá-lo, preferindo-o, ainda assim, a todas as consolações anteriores. Ela o julga mais seguro por ser o caminho da cruz, que traz em si um gosto de muito valor, porque o corpo só participa do sofrimento, e a alma é quem padece, mas saboreia sozinha o prazer e o contentamento que vêm dessa dor.

Ignoro como isso pode ser dessa maneira, mas de fato acontece assim; acho que não trocaria essa graça dada pelo Senhor (porque bem¹6 de Sua mão — como eu disse —, pois nada fiz para consegui-lo, por ser ele deveras sobrenatural) por todas aquelas de que falarei; não digo juntas, mas cada uma delas por si. E não deve ser esquecido o fato de isso vir depois de tudo quanto relato neste livro, e daquilo em que o Senhor agora me mantém.¹7

16. No princípio, eu tinha medo, como ocorre quase sempre que recebo alguma dádiva das mãos de Deus, até que, continuando, Sua Majestade me tranqüiliza. Numa ocasião, o Senhor me disse que não temesse e que valorizasse mais essa graça do que todas as já recebidas, porque, nesse sofrimento, a alma se purifica, tal como o ouro no crisol, para melhor se dispor a receber o esmalte dos Seus dons, padecendo ali o que haveria de sofrer no purgatório.

Eu já entendia que recebia uma grande graça, mas depois disso fiquei muito mais segura. Meu confessor me disse que isso é bom. Embora temendo, por ser tão ruim, eu nunca pude acreditar que isso não fosse bom; o que me fazia temer era a grandeza excessiva do favor recebido, pois me lembrava do meu pouco merecimento. Bendito seja o Senhor, que é tão bom. Amém.

- 17. Parece que fugi do meu propósito, porque comecei a falar de arroubos,<sup>18</sup> embora o que falei seja superior a eles e deixe os efeitos citados.
- 18. Voltemos agora aos arroubos e aos seus efeitos gerais. Muitas vezes, eu tinha a impressão de deixar o corpo com tanta rapidez que ficava livre do seu peso, chegando mesmo a um ponto em que mal sentia tocar o chão com os pés. Quando está enlevado, o corpo parece morto, sem ação, mantendo--se na posição em que é tomado: se de pé, se sentado, se com as mãos abertas, se fechadas. É rara a perda dos sentidos. Há ocasiões em que os perco por inteiro, mas elas são poucas e é pequena a duração; de modo geral, a alma, mesmo perturbada e sem poder agir no exterior, continua a perceber e ouvir como se estivesse distante.

Não digo que ela perceba e ouça quando se encontra no mais alto grau de arroubo, <sup>20</sup> isto é, no tempo em que as faculdades se perdem por estarem unidas a Deus, porque, então, ao que parece, ela nada vê nem ouve nem sente. Mas, como falei ao tratar da oração de união, <sup>21</sup> essa transformação total da alma em Deus dura pouco; mas, enquanto dura, nenhuma faculdade age nem sabe o que acontece ali. Não devem ser coisas que se possam entender enquanto se vive na terra; pelo menos Deus não quer que o entendamos, pois não devemos ser capazes disso, o que sei por experiência própria.

19. Vossa mercê há de perguntar como é que o arroubo dura às vezes tantas horas e ocorre muitas vezes. O que acontece comigo é que — como falei na oração passada —<sup>22</sup> a felicidade vem com intervalos: de vez em quando, a alma se engolfa ou, melhor dizendo, o Senhor a engolfa em si, e, enquanto Ele a mantém consigo um pouco, ela conserva somente a vontade. Parece-me que o movimento das outras duas faculdades tem como que uma lingüeta de relógio de sol, que nunca pára; mas, quando o quer, o Sol da Justiça as detém.

Isto<sup>23</sup> é o que digo ter pouca duração; contudo, como o ímpeto e a elevação de espírito foram grandes, mesmo que as outras faculdades voltem a se agitar, a vontade fica mergulhada em Deus e, como senhora do todo, realiza no corpo aquela operação;<sup>24</sup> logo, se as duas outras faculdades turbulentas desejarem importuná-la, que sejam as únicas a fazê-lo, não vindo perturbá-la também os sentidos, porque assim quer o Senhor. Na maior parte do tempo, os olhos ficam fechados, mesmo contra a nossa vontade; nas poucas vezes em que ficam abertos, não conseguem, como eu disse,<sup>25</sup> perceber ou distinguir o que vêem.

- 20. Aqui, é muito pouco o que o corpo pode fazer de si para que, quando as faculdades voltarem a se juntar, não haja tanto o que fazer. Por isso, aquele a quem o Senhor conceder isso não deve se desconsolar quando vir o corpo preso assim por muitas horas, com a memória e o entendimento às vezes distraídos. É verdade que, em geral, essas faculdades estão mergulhadas em louvores a Deus ou na busca da compreensão e do entendimento do que lhes ocorreu; mas, mesmo para isso, elas não estão bem despertas, mas como uma pessoa que dormiu muito, e sonhou, e ainda não acabou de despertar.
- 21. Detenho-me tanto nisso porque sei que existem hoje, neste lugar,<sup>26</sup> pessoas a quem o Senhor concede esses favores, e se os que as dirigem não passaram por isso, talvez tenham a impressão de que elas parecem estar mortas no arroubo, especialmente se não forem letrados, e é uma lástima o que se padece com confessores que não o compreendem, como mais tarde falarei.<sup>27</sup> Talvez eu não saiba o que digo; vossa mercê saberá dizer se sou coerente, pois o Senhor já lhe deu experiência disso, se bem que não há muito tempo, e é possível que vossa mercê não o tenha considerado tanto quanto eu.

Com efeito, por mais que eu tente, durante longos períodos não há forças no corpo para me mover; a alma as levou todas consigo. Muitas vezes — estando bastante enfermo e cheio de dores —, fica restabelecido<sup>28</sup> e com maior capacidade, pois é grandioso o que ali acontece, querendo o Senhor algumas vezes que ele também se beneficie, porque já obedece ao que a alma deseja. Depois que recupera a consciência, se foi grande o arroubo, acontece à alma ficar um dia ou dois, e até três, com as faculdades tão absortas — ou como se estivesse abobada —<sup>29</sup> que não parece estar consciente.

22. Vem então a dor de voltar a viver; a penugem já lhe caiu, e a alma tem agora asas para voar bem alto. Ela ergue o estandarte pela causa de Cristo, parecendo que o comandante da fortaleza subiu ou foi levado à torre mais alta para desfraldar a bandeira de Deus. Ela olha para os de baixo como quem está a salvo; já não teme os perigos, mas os deseja, como quem de alguma maneira tivesse a garantia da vitória. Vê-se com muita clareza quão pouco se devem estimar as coisas daqui, que nada valem. Quem está no alto percebe muitas coisas; já não quer querer, nem gostaria de ter livre-arbítrio,<sup>30</sup> e assim o suplica ao Senhor, entregando-lhe as chaves de sua vontade.

Eis o jardineiro feito comandante; ele não deseja coisa alguma além da vontade do Senhor nem quer sê-lo<sup>31</sup> de si, nem de nada, sequer de uma pêra da horta. Seu único desejo é que, se houver nessa horta alguma coisa boa, Sua Majestade a distribua, porque, doravante, o jardineiro nada quer ter de seu; que Deus disponha de tudo de acordo com a Sua glória e a Sua vontade.

23. E é isso o que acontece quando os arroubos são verdadeiros, ficando a alma com os efeitos e os benefícios indicados. Se os arroubos não fossem verdadeiros, eu muito duvidaria de que viessem de Deus, receando que fossem os acessos de raiva de que fala São Vicente.<sup>32</sup> Sei por experiência que numa hora a alma fica senhora de tudo e com liberdade — e até em menos de uma hora —, a ponto de não poder se reconhecer. Ela percebe que não fez nada para receber tanto bem, nem sabe como ele lhe foi dado, mas percebe com clareza o enorme proveito que cada um desses arrebatamentos lhe traz.

Quem não passou por isso não pode acreditar; e assim a pobre alma, cuja grande maldade foi vista e que de repente aspira a coisas tão elevadas, não merece crédito, visto não se contentar em servir pouco ao Senhor, buscando chegar a extremos. As pessoas pensam que isso é tentação e disparate. Se compreendessem que isso não vem dela, mas do Senhor, a quem ela já entregou as chaves de sua vontade, não se espantariam.

- 24. Tenho para mim que a alma que chega a esse estado já não fala nem age por si, pois o soberano Rei cuida de tudo o que ela há de fazer. Valha--me Deus! Como é clara a declaração do verso e quanta razão tinha o salmista, e têm todos, de pedir *asas de pomba*.<sup>33</sup> Entende-se bem que o espírito dá um vôo para elevar-se acima de todo o criado e, antes de tudo, de si mesmo; mas é vôo suave, vôo jubiloso, vôo sem ruído.
- 25. Que poder tem a alma que o Senhor transporta até aqui; ela olha tudo sem estar apegada a coisa alguma! Como está longe o tempo em que esteve apegada! Quão espantada fica ela de sua cegueira! Como lastima os que estão enredados, especialmente se são pessoas de oração a quem Deus já concede favores! Ela gostaria de dizer em voz alta quão enganadas elas estão, e faz isso algumas vezes, atraindo mil perseguições. Ela é considerada pouco humilde, alguém que quer ensinar a pessoas de quem devia aprender, em particular

se for mulher. E as pessoas a condenam — e com razão — porque não sabem o ímpeto que a move, ímpeto que às vezes a impede de se conter e a leva a desenganar aqueles de quem gosta, que ela deseja ver livres do cárcere desta vida, pois o cativeiro em que ela esteve não é menor nem lhe parece menor.

- 26. Ela fica aflita ao lembrar-se da época em que se preocupava com a honra e em que se enganava ao crer que era honra o que o mundo assim diz; ela percebe a grande mentira que isso é e vê que todos nos enganamos; ela percebe que a verdadeira honra não é mentirosa, mas plena de verdade; essa honra valoriza o que de fato tem valor e não leva em conta o que nada vale, porque é nada, e menos que nada, tudo o que se acaba e não alegra a Deus.
- 27. Ela ri de si mesma, do tempo em que levava em conta o dinheiro e a sua cobiça, embora nesse aspecto eu não creia e é verdade que tenha tido culpa, sendo porém grande culpa levar isso em conta. Se com o dinheiro eu pudesse comprar o bem que agora vejo em mim, eu muito o apreciaria; mas vê--se que esse bem só se alcança ao abandoná-lo por inteiro. O que se compra com esse dinheiro tão desejado? Uma coisa de valor? Um objeto duradouro? Para que o desejamos? Que horrível descanso se procura obter com algo que custa tão caro! Muitas vezes, consegue-se com ele o inferno, comprando-se um fogo inextinguível e dores infinitas. Se todos o desprezassem, o mundo teria muita ordem e alegria! Com que amizade se tratariam todos se não ligássemos para a honra e o dinheiro! Creio que assim tudo seria corrigido.
- 28. A alma vê a grande cegueira dos prazeres e percebe que, com eles, só consegue sofrimento, mesmo para esta vida, bem como desassossego. Que inquietude, pouco contentamento, trabalho vão! E ela vê não somente as teias de aranha que há em si mesma, suas grandes faltas, como até algum cisco, por menor que seja, já que está exposta a muita luz; assim, por mais que trabalhe para a sua perfeição, se de fato for atingida por este Sol, ela logo se considerará muito impura. É como a água que está num vaso: não sendo iluminada, parece límpida; se o sol a atinge, logo se vê que está cheia de poeira.

Entenda-se essa comparação literalmente. Antes de alcançar o êxtase, a alma acredita que procura não ofender a Deus e que faz o que pode segundo suas forças; chegando aqui, porém, atinge-a este Sol de Justiça, e ela, abrindo os olhos, vê tanta poeira que desejaria voltar a fechá-los, porque ainda não é tão filha dessa Águia majestosa que seja capaz de olhar este Sol frente a frente; e, por menos que abra os olhos, vê-se toda turva e se recorda do verso que diz: *Quem será justo diante de ti?*<sup>34</sup>

29. Quando olha esse sol divino, a alma fica deslumbrada com a claridade. Quando olha para si, a impureza lhe tapa os olhos e essa pombinha fica cega. Assim é que, inúmeras vezes, ela fica totalmente ofuscada, absorta, espantada, desfeita diante de tantas grandezas que vê. Aqui alcança a verdadeira humildade, não dando importância a falar bem de si nem ao que os outros digam. Quem reparte a fruta da horta é o Senhor, e não ela, não tendo a alma nada de seu; todo o bem que possui é dado por Deus, e quando fala algo de si, ela o faz para a Sua glória. Ela sabe que nada tem ali e, mesmo que quisesse, não o poderia ignorar, porque o vê com os seus próprios olhos. Sem que ela cooperasse, o Senhor os fechou às coisas do mundo e fez que ela os tivesse abertos para compreender verdades do espírito.

#### CAPÍTULO 21

TERMINA DE EXPLICAR O ÚLTIMO GRAU DE ORAÇÃO. FALA DO QUE SENTE A ALMA QUE O ALCANÇA AO VOLTAR A VIVER NO MUNDO E DA LUZ QUE O SENHOR DÁ A ELA PARA VER OS ENGANOS DELE. É BOA DOUTRINA.

1. Concluindo o que falava,¹ digo que, neste grau, a alma não precisa consentir; ela já pertence ao Senhor e sabe que se entregou em Suas mãos com vontade e que não pode enganá-Lo porque Ele conhece tudo. Não é como aqui, onde a vida está toda cheia de enganos e fingimentos: quando se pensa ter conquistado um coração com base nas provas de afeição que dele vêm, descobre-se que tudo é mentira. Não há quem possa viver com tantas intrigas, especialmente quando há um pouco de interesse.

Bem-aventurada a alma que o Senhor faz entender verdades! Que ótimo estado para os reis! Como seria muito melhor para eles procurá-lo, em vez de um grande reino! Que retidão haveria no reino! Quantos males teriam sido evitados e se evitariam! Nele, não se temeria perder a vida nem a honra por amor de Deus! Que grande bem é esse para quem está mais obrigado a zelar pela honra do Senhor, pois todos o estão menos, já que devem seguir os reis! Por um pequeno aumento da fé e por alguma luz dada aos hereges, perderíamos mil reinos, e com razão. Ganharíamos assim um reino que não se acaba, visto que a alma, ao provar uma única gota de sua água, aborrece de tudo o que há na terra. E que será quando estiver de todo engolfada nele?

- 2. Ó Senhor! Se me désseis condições para dizer isso em voz alta, não me acreditariam, tal como não acreditam nos que sabem dizê-lo de outra maneira, mas eu ao menos me satisfaria. Parece-me que, para explicar uma única verdade dessas, eu daria de bom grado a vida como coisa de pouco valor; não sei o que faria depois, porque não se pode confiar em mim. Sendo quem sou, tenho grande vontade de dizer isso aos que governam, consumindo-me por nada poder. Assim sendo, volto-me para Vós, Senhor meu, pedindo-Vos um remédio para tudo; e bem sabeis que de muito boa vontade eu me despojaria das graças que me tendes dado, permanecendo num estado que não Vos ofendesse, e as daria aos reis; porque sei que, recebendo-as, eles não poderiam consentir no que agora toleram, daí resultando grandes beneficios.<sup>2</sup>
- 3. Ó Deus meu! Fazei-os compreender as suas obrigações, pois quisestes de tal maneira diferenciá-los na terra que, pelo que ouvi dizer, surgem sinais no céu quando levais algum deles desta vida.<sup>3</sup> Na realidade, comovo-me ao pensar que desejais que percebam, com essas demonstrações no céu, na época em que morrem, tal como ocorreu na Vossa, que devem imitar-Vos em vida.
- 4. Atrevo-me muito. Rasgue-o vossa mercê se lhe parecer ruim, e acredite que eu o diria melhor na presença deles, se pudesse ou pensasse que acreditariam em mim, porque os muito encomendo a Deus e gostaria que disso viesse proveito. Por isso valeria arriscar a vida, de que desejo muitas vezes ser privada, e o preço seria pequeno, pois o benefício seria muito; porque não se pode viver quando se vê com os próprios olhos a grande ilusão em que vivemos e a cegueira que demonstramos.
- 5. Chegando aqui, a alma não deseja apenas a glória de Deus; Sua Majestade lhe dá condições para levar isso a efeito. Não há nada que ela veja e considere que O serve que não se disponha a fazer; e nada faz, porque como falei ela vê com clareza que só tem valor agradar a Deus. O sofrimento vem do fato de não haver oportunidades disso para pessoas tão inúteis quanto eu. Que um dia, Bem meu, eu possa pagar um centavo do muito que Vos devo. Ordenai, Senhor, de acordo com a Vossa vontade, que esta serva Vossa Vos sirva em algo. Outras também eram mulheres, e fizeram coisas heróicas por amor a Vós. De minha parte, só sei tagarelar e por isso não quereis, Deus meu, levar-me a agir; sirvo somente em palavras e desejos, e nem para isso tenho liberdade, e, caso a tivesse, em tudo cometeria faltas.

Fortalecei minha alma, preparando-a primeiro, Bem de todos os bens e Jesus meu, ordenando em seguida os meios para Vos servir, pois já não suporto receber tanto e nada pagar. Custe o que custar, Senhor, não permitais que eu chegue diante de Vós com mãos tão vazias, pois a recompensa será dada de acordo com as obras. Aqui está a minha vida, aqui está a minha honra e a minha vontade; tudo Vos dei, Vossa sou, disponde de mim de acordo com a Vossa vontade. Bem vejo, meu Senhor, que pouco posso; mas, aproximando-me de Vós, chegando a essa fortaleza de onde se vêem verdades, e não Vos afastando de mim, tudo poderei; se me afasto de Vós, por menos que seja, voltarei para onde estava, o inferno.

6. O que é para uma alma que aqui chegou ter de voltar a tratar com as pessoas, de olhar e ver a farsa desta vida tão desorganizada, perder tempo com o corpo, dormindo e comendo! Tudo a cansa; ela não sabe como escapar, vendo-se acorrentada e prisioneira. Ela sente mais verdadeiramente o cativeiro do corpo e a miséria da vida. Vê com que razão São Paulo suplicou a Deus que o livrasse dele;<sup>5</sup> ao lado do apóstolo, ela pede a Deus liberdade, como falei.<sup>6</sup>

Aqui, muitas vezes é grande o ímpeto; a alma parece querer sair do corpo em busca de liberdade, já que não a tiram dele. Ela se sente uma escrava em terra estrangeira, e o que mais a cansa é não achar muitas pessoas que se queixem com ela e supliquem por isso; a maioria deseja viver. Se fôssemos desapegados e não tivéssemos contentamento em nenhuma coisa da terra, a dor de viver sempre sem Ele compensaria o medo da morte com o desejo de gozar da vida verdadeira!

7. Penso algumas vezes que, se uma pessoa como eu, tendo recebido do Senhor esta luz e sendo tão fraca em caridade e vivendo em tão grande incerteza de alcançar o verdadeiro descanso, por não tê-lo merecido com as minhas obras, sofre tanto por se ver neste desterro, qual seria o sentimento dos santos? O que devem ter passado São Paulo, Santa Madalena e outros, cujo anseio do amor de Deus era tão intenso? Viver deve ter sido para eles um contínuo martírio.

Parece-me que obtenho algum alívio e consolo no relacionamento com pessoas que também têm esses desejos; falo de desejos acompanhados de obras; digo de obras porque há pessoas que, a seu ver, estão desprendidas e o alardeiam, e que de fato deveriam estar, pois seu estado o exige, bem como os muitos anos em que vêm seguindo o caminho da perfeição. Mas esta alma conhece de longe os que são perfeitos em palavras e os que tiveram suas palavras confirmadas por obras; ela tem visto o pouco proveito de alguns e o muito de outros, porque quem tem experiência o reconhece com muita facilidade.

8. Citados os efeitos que vêm de Deus...<sup>7</sup> é verdade que há maiores ou menores. Menores porque, no início, embora os arroubos os produzam, eles não são muito perceptíveis por não terem sido comprovados por obras. A alma vai crescendo em perfeição e busca afastar os vestígios de impurezas, o que exige algum tempo; quanto mais aumentam o seu amor e a sua humildade, maior o odor que vem dessas flores de virtude para a alma e para os outros. É verdade que o Senhor pode agir de tal maneira na alma num desses enlevos que pouco trabalho lhe resta para alcançar a perfeição, mas quem não tem experiência não pode acreditar no que o Senhor concede aqui nem no fato de não haver esforço nosso capaz de alcançá-lo.

Não afirmo que, passados muitos anos, essa alma não alcance, com a graça de Deus, a perfeição, bem como um grande desapego, com muita labuta, empregando os meios descritos pelos que falaram de oração, de princípios e recursos. Mas não em tão breve tempo como os alcança, sem nenhum esforço, quando o Senhor age e, com determinação, tira a alma da terra e lhe dá domínio sobre tudo o que há nela, mesmo que essa alma não tenha mais merecimento do que a minha, não sendo exagero dizer que não tinha quase nenhum.

- 9. Sua Majestade o faz porque quer, e como quer, e e, mesmo que não haja disposição na alma, Ele a dispõe para receber o bem que lhe dá. E nem sempre Ele o dá a quem merece, trabalhando bem no jardim embora seja certo que quem faz isso bem, procurando desapegar-se, não deixa de ser recompensado —, pois em certas ocasiões deseja mostrar Sua grandeza na pior terra, como eu disse, preparando-a para todo o bem; e o faz de tal maneira que ela já não pode viver ofendendo a Deus como o fazia. O seu pensamento se acostuma a tal ponto a compreender a verdade verdadeira que todas as outras coisas lhe parecem brinquedo de criança. Ela ri muito quando vê pessoas graves, dedicadas à oração e vivendo em estado religioso, darem demasiada importância a questões de honra que para ela já não existem. Essas pessoas dizem que têm prudência e que zelam pela dignidade de sua condição para o seu maior proveito. Contudo, maior proveito teriam se renunciassem à honra um único dia do que defendendo-a durante dez anos.
- 10. Assim, a alma tem uma vida árdua e cheia de cruzes, mas cresce muito. Os que têm relação com ela têm a impressão de que chegou ao auge; mas em pouco tempo ela está muito mais perfeita, porque Deus sempre a favorece mais, pois é alma Sua que está a Seu cargo. Ele a ilumina, parecendo que a assiste e guarda permanentemente para que ela não O ofenda, protegendo-a e despertando-a para que O sirva.

Quando a minha alma recebeu de Deus esse favor tão grande, meus males cessaram e o Senhor me deu forças para me livrar deles. As situações e pessoas que antes me distraíam já não me causavam prejuízo; era como se não existissem; o que outrora me prejudicara passou a me ajudar. Tudo era um meio para mais conhecer e amar a Deus, para ver o quanto Lhe devia e mais lamentar o que eu tinha sido.

11. Eu tinha certeza de que aquilo não vinha de mim nem dos meus esforços, porque ainda não havia tempo para tanto. Sua Majestade me dera forças para isso só por bondade.

Até agora, desde que o Senhor começou a me conceder a graça desses arroubos, essas forças têm crescido, pois Ele, por Sua generosidade, me tem conduzido pela mão para que eu não fraqueje; assim, quase nada faço, e vejo com clareza que é o Senhor quem age.

Isso me faz pensar que as almas às quais o Senhor concede esses favores — almas que, vivendo com humildade e temor, sempre entendem que o próprio Senhor age e elas quase nada fazem — poderiam viver entre quaisquer pessoas; mesmo que fossem as mais distraídas e viciosas, essas pessoas não as abalariam em nada nem as impressionariam, antes<sup>10</sup> ajudando-as a ser de tal maneira que obtenham um proveito muito maior. Essas já são almas fortes escolhidas pelo Senhor para fazer o bem a outras, embora sua força não venha delas mesmas. Quando atrai uma alma, o Senhor vai lhe comunicando segredos muito grandes.

12. Nesse êxtase, vêm as verdadeiras revelações, bem como grandes favores e visões, e tudo contribui para apequenar e fortalecer a alma, afastando-a cada vez mais das coisas desta vida e dando-lhe um maior conhecimento da grandeza da recompensa que o Senhor tem preparada para os que O servem.

Queira Sua Majestade que a imensa generosidade que tem tido com esta miserável pecadora sirva de alguma maneira para incitar e animar os que isto lerem a tudo deixar por Deus. Porque, se Sua Majestade paga já nesta vida com tanta abundância, vendo-se com clareza o prêmio e o lucro que recebem os que O servem, como não o fará na outra?

# CAPÍTULO 22

1. Quero dizer uma coisa que me parece importante; se vossa mercê o considerar bom, isso servirá de aviso, talvez de aviso necessário. Porque alguns livros de oração dizem que, embora não possa por si chegar a esse estado, já que tudo é obra sobrenatural do Senhor nela, a alma pode ajudar-se elevando o espírito acima das coisas criadas, fazendo-o com humildade, depois de muitos anos de vida purgativa e de ter aproveitado a iluminativa. Não sei bem por que dizem "iluminativa"; deve ser o caminho dos que vão progredindo.

Esses livros insistem em que se deve afastar toda imaginação corpórea, chegando-se a contemplar a Divindade; eles afirmam que, para quem chegou tão longe, mesmo a Humanidade de Cristo é um embaraço e um empecilho à contemplação mais perfeita. Recorrem esses livros ao que o Senhor disse aos Apóstolos quando da vinda do Espírito Santo — digo, quando subiu aos céus.¹ Porque lhes parece que, sendo essa obra toda espiritual, qualquer coisa corpórea a pode impedir ou prejudicar; e que, vendo-se as coisas de modo amplo,² deve--se considerar que Deus está em toda parte e ver-se engolfado nele.

Isso me parece correto algumas vezes. O que não posso tolerar é o total afastamento de Cristo e a consideração de Seu divino Corpo como membro da relação de nossas misérias e das coisas criadas. Que Sua Majestade me permita saber explicá-lo.

- 2. Eu não o contradigo, porque os seus autores são letrados, pessoas espirituais, que sabem o que dizem; além disso, Deus conduz as almas por muitos caminhos e veredas. Quero explicar agora como conduziu a minha nas outras coisas não me intrometo e o perigo em que me vi por querer seguir aquilo que lia. Acredito que quem chegar a ter união e não passar adiante isto é, chegar a ter arroubos, visões e outras graças que Deus dá às almas vai considerar muito boa, como eu considerei, essa doutrina; mas, se eu tivesse continuado a acreditar, creio que nunca teria chegado ao ponto em que estou, porque, a meu ver, ela é errônea. Talvez eu é que esteja enganada; mas vou contar o que me aconteceu.
- 3. Como não tinha diretor, eu costumava ler tais livros, imaginando ir aos poucos entendendo alguma coisa (mais tarde percebi que, se o Senhor não me mostrasse, eu pouco poderia aprender com os livros, porque nada compreendia até que Sua Majestade me permitia entender por experiência; eu não sabia sequer o que fazia); quando comecei a ter alguma oração sobrenatural, isto é, de quietude, eu procurava afastar todas as coisas corpóreas, embora não me atrevesse a elevar a alma, porque, como era sempre tão ruim, eu sabia ser ousadia. Mas eu tinha a impressão de sentir a presença de Deus, o que é verdade, procurando estar recolhida com Ele trata-se de oração saborosa, se Deus ajuda, de grande deleite.

Vendo-me com tais proveitos e gostos, não havia o que me fizesse voltar à Humanidade, a qual, para falar a verdade, me parecia um impedimento. Ó Senhor de minha alma e Bem meu, Jesus Cristo crucificado! Não me recordo uma única vez dessa opinião que tive sem sentir pesar; parece-me que cometi uma grande traição, embora por ignorância.

4. Sempre fui muito devota de Cristo (porque isto³ aconteceu depois, sendo pouco o tempo que durou essa opinião) e sempre voltava ao costume de alegrar-me com esse Senhor, em especial quando comungava. Quisera ter sempre diante dos olhos o Seu retrato e a Sua imagem, já que não podia tê--Lo tão gravado na minha alma como desejava.

Será possível, Senhor meu, que tenha estado por um instante no meu pensamento a idéia de que me havíeis de impedir alcançar o maior bem? De onde me vieram todos os bens senão de Vós? Nem quero pensar que fui culpada disso, porque muito me lastimo, sendo a causa, por certo, a ignorância; e Vós quisestes, por Vossa bondade, remediá-la, dando-me alguém para me tirar desse erro, permitindo também que eu Vos visse muitas vezes, como adiante direi,<sup>4</sup> para que percebesse com mais clareza quão grande era o erro, e para que eu o dissesse a muitas pessoas, como já o fiz e o faço agora.

5. Tenho para mim que isso é o que impede muitas almas de não aproveitar mais nem alcançar uma liberdade de espírito muito maior quando chegam a ter oração de união. Parece-me que há duas razões para isso, e talvez eu não diga nada pertinente, mas o que digo sei por experiência, já que a minha alma estava muito mal, até que o Senhor a iluminou. Todas as alegrias da alma vinham a sorvos, e ela, saindo dali, não sentia a Companhia que depois teve nos sofrimentos e tentações.

Uma delas é<sup>5</sup> certa falta de humildade, estando esta tão escondida e dissimulada que não a sentimos. E quem será o orgulhoso e miserável, como eu, que, quando tiver passado toda a vida com todas as penitências, orações e perseguições que se puderem imaginar, não se considere muito rico e muito bem pago, quando o Senhor lhe consente ficar ao pé da cruz com São João?<sup>6</sup> Não sei em que outra cabeça, além da minha, caberia a idéia de não se contentar com isso, perdendo no que havia de ganhar.

6. Porque se, todas as vezes, a nossa condição ou enfermidade não nos permitem, por ser penoso, pensar na Paixão, quem nos impede de estar com Ele depois de ressuscitado, pois tão perto O temos no Sacramento, onde já está glorificado, e onde não o contemplamos tão fatigado e despedaçado, sangrando, cansado de

caminhar, perseguido por aqueles a quem fez tanto bem, privado da crença dos Apóstolos?<sup>7</sup> Pois com certeza ninguém suporta pensar sempre nos tantos sofrimentos que Ele teve.

Ei-Lo aqui, sem sofrimentos, cheio de glória, confortando uns, animando outros, antes de subir aos céus, nosso companheiro no Santíssimo Sacramento, porque parece que Ele não poderia afastar-se um momento de nós. Mas eu pude afastar-me de Vós, Senhor meu, para melhor servir-Vos! Quando Vos ofendia, eu não Vos conhecia; mas, conhecendo-Vos, como pude pensar em ganhar mais seguindo esse caminho? Ó Senhor, que mau rumo eu seguia! Parece-me que eu me teria perdido se Vós não me fizésseis voltar ao caminho, pois, ao ver-Vos junto a mim, vi todos os bens. Não há sofrimento que eu, vendo o que sofrestes diante dos juízes, não me alegre em padecer. Com tão bom amigo presente, com tão bom capitão, que se ofereceu para sofrer em primeiro lugar, tudo se pode suportar; Ele é auxílio e encorajamento, nunca falta, é amigo verdadeiro.

E vi com clareza, e continuei a ver, que Deus deseja, para O agradarmos e para que nos conceda grandes favores, que os recebamos por meio dessa Humanidade sacratíssima, em que Sua Majestade se deleita.<sup>8</sup> Muitíssimas vezes o tenho visto por experiência; o Senhor me disse. Tenho certeza de que temos de entrar por essa porta<sup>9</sup> se quisermos que a soberana Majestade nos revele grandes segredos.

- 7. Assim, que vossa mercê, senhor,¹º não deseje outro caminho, mesmo que esteja no auge da contemplação; pois esse caminho é seguro. É por meio desse Senhor nosso que nos vêm todos os bens.¹¹ Ele o ensinará; o melhor modelo é contemplar a Sua vida. Que mais queremos além de um amigo tão bom ao nosso lado, que não nos deixa passar sozinhos por sofrimentos e tribulações, ao contrário dos do mundo? Bem-aventurado quem O amar de verdade e sempre O tiver junto a si. Contemplemos o glorioso São Paulo, de cuja boca só saía o nome de Jesus, tão bem gravado o tinha no coração. Observei com cuidado, depois que compreendi isso, alguns santos, grandes contemplativos, que não seguiam outro caminho. São Francisco dá mostras disso nas chagas; Santo Antônio de Pádua, no Menino; São Bernardo se deleitava com a Humanidade; Santa Catarina de Sena... e tantos outros que vossa mercê conhece melhor do que eu.
- 8. Deve ser correto apartar-se do corpóreo, porque pessoas muito espirituais o aconselham; mas, para mim, só quando a alma já está muito adiantada, porque, antes disso, está claro, deve-se buscar o Criador por intermédio das criaturas. 12 Tudo depende de como o Senhor concede graças a cada alma; nisso não me intrometo. O que eu queria explicar é que a Humanidade sacratíssima de Cristo não faz parte disso. E que se entenda bem esse ponto, que eu gostaria de saber explicar.
- 9. Quando Deus quer suspender todas as faculdades, como nos modos de oração que vimos,<sup>13</sup> está claro que, mesmo sem desejarmos, essa presença nos é tirada. Que ela vá em boa hora; essa perda é ditosa, pois serve para fluirmos mais do que temos a impressão de perder; porque, então, a alma se entrega toda a amar aquilo que o intelecto procurou conhecer; ela ama o que não compreendeu, regozijando-se no que não poderia se comprazer tão bem se não perdesse a si mesma para melhor ganhar. O que não me parece correto é que, intencional e cuidadosamente, acostumemo-nos a não procurar com todas as forças ter sempre diante dos olhos e quisera o Senhor que fosse sempre essa sacratíssima Humanidade; fazê-lo é ter a alma no ar, como dizem; porque parece que ela não tem apoio, por mais que pense estar plena de Deus.

É muito importante, enquanto vivemos e somos humanos, ter um apoio humano, sendo este o outro inconveniente de que falo. O primeiro, como comecei a dizer, 14 é a falta de humildade, que faz a alma querer se levantar antes que o Senhor a eleve, e não contentar-se com meditar uma coisa tão preciosa, pretendendo ser Maria antes de ter trabalhado como Marta. 15 Quando o Senhor o permite, mesmo que seja no primeiro dia, não há o que temer; mas sejamos comedidos, como acho que já disse. Esse pequeno argueiro da pouca humildade, embora não pareça ser grande coisa, muito prejudica quem deseja progredir na contemplação.

10. Voltando ao segundo ponto, não somos anjos, pois temos um corpo; querer ser anjo estando na terra — ainda mais do modo como eu estava — é um disparate, devendo-se ter um apoio material para o pensamento; ainda que algumas vezes a alma saia de si ou ande tão plena de Deus que não precise de coisas criadas para atingir o recolhimento, isso não é algo tão comum; quando não é possível ter tranqüilidade, quando se anda às voltas com negócios, perseguições e sofrimentos, e em tempo de aridez, Cristo é um amigo muito bom, porque O vemos Homem, com fraquezas e sofrimentos, e permanecemos em Sua companhia; e, quando nos acostumamos, encontramo--Lo com facilidade junto a nós, embora haja dias em que não conseguimos nem uma coisa nem outra.

Quando isso acontece, é bom aquilo que já falei:¹6 não procuremos consolos do espírito; aconteça o que acontecer, ficar abraçado à cruz é muito bom. Este Senhor se viu privado de todo o consolo, restando-Lhe apenas os sofrimentos; não O deixemos só, fazendo-O sofrer mais. Ele nos ajudará mais do que os nossos esforços, ausentando-se quando vir que convém e que o Senhor quer tirar a alma de si mesma, como falei.¹7

11. Muito alegra a Deus que uma alma se sirva humildemente do Seu Filho, amando-O tanto que, mesmo que Sua Majestade queira levá-la a uma grande contemplação — como falei —,<sup>18</sup> ela se reconhece indigna, dizendo com São Pedro: *Apartai-vos de mim, Senhor, porque sou homem pecador*.<sup>19</sup>

Passei por essa experiência; assim Deus tem conduzido a minha alma. Outros irão, como eu já disse, <sup>20</sup> por outro atalho. O que entendo é que todo o alicerce da oração tem como base a humildade e que, quanto mais se humilha na oração, tanto mais a alma é elevada por Deus. <sup>21</sup> Não me recordo de ter recebido nenhuma graça especial das que falarei adiante num momento em que não estivesse desfeita por ver que era tão ruim; e Sua Majestade ainda procurava dar-me a entender coisas que eu jamais saberia imaginar para que eu melhor me conhecesse.

Acredito que tudo o que a alma faz para se ajudar nessa oração de união logo volta a desaparecer, mesmo que pareça muito proveitoso, por ser coisa sem fundamento. Receio que, com isso, nunca se alcance a verdadeira pobreza de espírito, que consiste em não buscar consolo nem prazer na oração — porque os da terra já foram abandonados —, mas consolação nos sofrimentos, por amor Daquele que sempre viveu em meio a eles, e em ter paz nos sofrimentos e nas securas. Mesmo que sinta alguma coisa, a alma não deve se inquietar ou perturbar, como o fazem certas pessoas que consideram tudo perdido se não estiverem sempre trabalhando com o intelecto e sentindo fervor, como se, pelos seus esforços, pudessem merecer tão grande bem. Não digo que não se queira estar nem se esteja com reverência diante de Deus; mas que, se não puderem ter um único pensamento bom, como já falei,<sup>22</sup> que as pessoas não se matem. Somos servos inúteis; que pensamos poder?

12. O Senhor quer antes que saibamos disso e que sejamos como jumentinhos para trazer a água por meio da nora de que falei;<sup>23</sup> porque, mesmo com os olhos fechados e sem saber o que fazem, eles vão tirar mais água do que o jardineiro com todos os seus esforços. Temos de percorrer esse caminho com liberdade, entregues às mãos de Deus; se Sua Majestade quiser que sejamos Seus camareiros e confidentes de Seus segredos, que vamos de boa vontade; se Ele não o quer, que O sirvamos em tarefas subalternas e não nos sentemos no melhor lugar,<sup>24</sup> como já falei. Deus tem mais cuidado do que nós e sabe o que é bom para cada um.

Que proveito obtém de governar-se a si quem já entregou toda a sua vontade a Deus? Para mim, tolera-se isso aqui muito menos do que no primeiro grau de oração, havendo muito mais prejuízo; trata-se de bens sobrenaturais: quem tem uma voz ruim não a torna boa, por mais que se esforce para cantar. Se Deus quiser dá-la, só se tem de recebê-la sem esforço. Supliquemos sempre que Ele nos dê Suas graças, com a alma submissa, embora confiante na grandeza de Deus. Como é permitido à alma ficar aos pés de Cristo, que esta não procure sair dali, 25 seja qual for a sua condição; que ela imite Madalena e, quando estiver forte, Deus a levará ao deserto.

- 13. Assim, que vossa mercê, até achar quem tenha mais experiência que eu e saiba melhor, acredite nisso. Se forem pessoas que começam a gostar de Deus, não lhes dê crédito, pois elas têm a impressão de que aproveitam e obtêm mais prazer ajudando-se a si mesmas.<sup>26</sup> Quando o Senhor quer, apresenta-se por inteiro sem essas ajudazinhas! Por mais que façamos, Ele arrebata o espírito, como um gigante a uma palha, e não há quem resista como crer que, quando o quer, Ele espere que o sapo voe por si mesmo? O nosso espírito fica ainda mais pesado e dificil de levantar quando Deus não o eleva; estando carregado de terra e de mil impedimentos, pouco o beneficia o querer voar. Porque, embora isso seja mais natural para ele do que para o sapo, o espírito está tão mergulhado na lama que perdeu essa capacidade por sua própria culpa.
- 14. Quero concluir dizendo: sempre que pensarmos em Cristo, lembremo--nos do amor com que nos deu tantas graças e da grande prova que Deus nos dá disso ao nos conceder esse penhor do muito que nos ama; recordemo-nos de que o amor gera amor. E, mesmo que seja bem no princípio e embora sejamos muito ruins, procuremos ver isso sempre, e despertemo-nos para amar; porque, se o Senhor nos conceder uma vez o favor de que esse amor fique impresso no nosso coração, tudo ficará fácil, e faremos muito com rapidez e sem esforço. Que Sua Majestade nos dê esse amor pois sabe o quanto ele nos convém —, em nome do amor que nos teve e do Seu Filho glorioso, que com muitos sofrimentos no-lo mostrou. Amém.
- 15. Desejo perguntar uma coisa a vossa mercê: por que, começando o Senhor a conceder graças a uma alma, e graças tão elevadas, como levá-la à perfeita contemplação, não fica ela logo totalmente perfeita (e com razão, porque quem recebe semelhante favor não devia mais querer consolos na terra)? Quando ela chega a ter arroubos e já está mais habituada a receber graças, por que será que os efeitos não ficam mais elevados? A alma deveria ficar tanto mais desapegada quanto mais se multiplicassem as graças; chegando a esse ponto, não poderia o Senhor santificá-la de uma vez, da mesma maneira como, mais tarde, com a passagem do tempo, vai aperfeiçoando-a nas virtudes?<sup>27</sup>

Isso eu gostaria de saber, pois o ignoro; mas sei que a força que Deus infunde no princípio, quando essa graça dura somente um piscar de olhos e só é perceptível pelos efeitos, é diferente da que vem de uma concessão mais generosa desse favor. E muitas vezes eu tenho a impressão de que o problema está em a alma não se dispor logo por inteiro, devendo o Senhor, pouco a pouco, educá-la, torná-la determinada, dando-lhe forças viris, para que ela tudo ponha inteiramente sob os pés. Tal como Ele o fez com Madalena num breve instante, o faz com outras pessoas, na medida da sua entrega à ação divina. Nunca acreditaremos o bastante no fato de Deus recompensar, ainda nesta vida, concedendo cem por um.<sup>28</sup>

16. Também pensei nesta comparação: as almas adiantadas e principiantes recebem o mesmo alimento, um manjar de que comem muitas pessoas. As que comem pouco ficam somente com o bom sabor por algum tempo; as que comem um pouco mais obtêm dele a ajuda para se sustentar; as que comem muito recebem alento e força. É possível que se coma tantas vezes, e com tanto proveito, desse manjar da vida que já não se possa comer qualquer outra coisa; porque se vê o beneficio que ele traz e fica-se com o paladar tão afeito a esse gosto suave que se prefere morrer a comer outras coisas, que só servem para tirar o gosto agradável deixado pelo bom manjar.

Também privar de uma companhia santa não traz tanto benefício num dia como em muitos; e podem ser tantos os dias em que estamos com ela que, se Deus nos favorecer, nos tornemos como ela. Na verdade, tudo depende do que Sua Majestade quer dar e a quem quer dar; mas é muito importante que a alma que começa a ser agraciada se desapegue de tudo e aprecie devidamente esse favor.

- 17. Também tenho a impressão de que Sua Majestade procura descobrir quem O ama ou não. E Ele revela quem é, com um deleite muito soberano, capaz de avivar a fé caso esta esteja amortecida naquilo que há de nos dar, dizendo: "Olhai, que isto é uma gota do imenso mar de bens". Ele nada deixa por fazer àqueles a quem ama. E, vendo que O recebem, dá e se dá a Si mesmo. Ele ama a quem O ama; e como sabe amar e que bom amigo é! Ó Senhor de minha alma, quem dera que eu tivesse palavras para explicar o que dais a quem confia em Vós e o que perde quem chega a esse estado e fica apegado a si mesmo! Vós não desejais isso, pois fazeis muito mais vindo a uma pousada tão ruim quanto a minha. Bendito sejais por todo o sempre!
- 18. Volto a suplicar a vossa mercê que, se tratar dessas coisas de oração que escrevi com pessoas espirituais, que elas o sejam de fato; porque, se não conhecerem senão um caminho ou se tiverem ficado na metade dele, elas não o poderão compreender. E há algumas que são levadas desde o início por um caminho muito elevado; a essas parece que outros também poderão tirar proveito ali, aquietando o intelecto, sem se valerem de coisas materiais ficando assim secas como paus. Outras, tendo tido um pouco de quietude, logo pensam que, como têm uma coisa, podem fazer a outra; e, em vez de aproveitarem, desperdiçam, como eu disse. Em resumo, em tudo há necessidade de experiência e discernimento. Que o Senhor no-los conceda pela Sua bondade.

#### CAPÍTULO 23

RETOMA A NARRAÇÃO DE SUA VIDA E DIZ COMO COMEÇOU A CRESCER NA PERFEIÇÃO E POR QUE MEIOS. É PROVEITOSO PARA AS PESSOAS QUE SE ENCARREGAM DE DIRIGIR ALMAS QUE TÊM ORAÇÃO SABEREM COMO DEVEM AGIR NO PRINCÍPIO E TOMAREM CONHECIMENTO DO BENEFÍCIO QUE OBTEVE POR TER ENCONTRADO QUEM A DIRIGISSE.

- 1. Quero agora voltar ao ponto em que interrompi a narração da minha vida,¹ pois creio que me desviei mais do que devia para que se entendesse melhor o que vem a seguir. Daqui por diante, é um novo livro, isto é, uma vida nova. A que levei até aqui era minha; a que passei a viver depois que comecei a falar dessas coisas de oração é a que Deus vive em mim. Porque entendo que era impossível sair por mim mesma em tão pouco tempo de costumes e ações tão maus. Louvado seja o Senhor, que me livrou de mim mesma.
- 2. Tão logo abandonei as ocasiões e me dediquei mais à oração, o Senhor começou a dar-me graças, como quem desejasse, ao que parece, que eu as quisesse receber. Sua Majestade passou a me conceder com freqüência a oração de quietude e, muitas vezes, de união, que durava um longo tempo. Como naquela época havia casos de grandes ilusões e enganos provocados nas mulheres pelo demônio,² eu comecei a temer, visto serem grandes o deleite e a suavidade que eu sentia, amiúde sem poder evitar, por ver em mim uma enorme segurança que era Deus, em especial quando estava em oração. Eu via que, nessa condição, ficava muito melhor e mais forte; mas, quando me distraía um pouco, voltava a ter medo e a pensar se o demônio não quereria, fazendo-me entender que era bom, suspender-me o intelecto para privar-me da oração mental,

impedindo-me de pensar na Paixão e de me beneficiar do raciocínio, pois isso me parecia a maior perda, porque eu não compreendia as coisas.

- 3. Contudo, como Sua Majestade já queria me iluminar para que eu não O ofendesse e reconhecesse o muito que Lhe devia, esse temor aumentou tanto que fui procurar com urgência pessoas espirituais com quem tratar, pois já tinha conhecimento de algumas, visto a minha casa ter sido visitada por membros da Companhia de Jesus, de quem eu sem conhecer nenhum deles gostava muito, só por conhecer o seu modo de vida e de oração. Mas eu não me considerava digna de falar com eles nem capaz de obedecer-lhes, o que me trazia mais medo, pois me parecia muito difícil suportar tratar com eles e permanecer sendo quem era.
- 4. Assim continuei por algum tempo, até que, com muita luta e temores, decidi procurar uma pessoa espiritual para perguntar-lhe o que era a oração que eu tinha, para que ela me desse luz, explicando-me se eu estava errada, ajudando-me a fazer tudo o que eu pudesse para não ofender a Deus; porque, como eu disse,³ a falta de coragem que via em mim me deixava muito tímida. Que erro tão grande, valha-me Deus: por querer ser boa, eu me afastava do bem! O demônio deve fazer muita oposição aos iniciantes no caminho da virtude, pois eu não conseguia vencê-la. Ele sabe que todo o recurso de uma alma está em se relacionar com amigos de Deus, e por isso eu nunca conseguia me decidir a fazê-lo. Eu esperava me corrigir antes, como quando deixei a oração,⁴ o que jamais deveria ter feito, pois já estava tão envolvida em coisinhas de mau costume, sem conseguir perceber que eram más, que precisava da ajuda de outros que me dessem a mão para me levantar. Bendito seja o Senhor, pois a Sua mão foi a primeira.
- 5. Como vi que o meu temor crescia, porque a oração progredia, pensei que nisso havia grande bem ou imenso mal; eu já compreendia que tinha uma coisa sobrenatural, porque às vezes não podia resistir-lhe nem conseguia tê--la quando desejava. Pensei comigo que não havia remédio se não procurasse ter a consciência limpa e afastar-me de toda ocasião de pecado, mesmo venial; se isso vinha do espírito de Deus, o benefício era claro; se vinha do demônio, o fato de eu procurar alegrar o Senhor e não ofendê-Lo fazia com que eu me prejudicasse pouco, ao mesmo tempo que derrotava o demônio. Determinada, e suplicando sempre a Deus que me ajudasse, agi assim por algum tempo e vi que a minha alma não tinha força para manter-se tão perfeita sozinha, devido a alguns apegos a coisas que, embora não fossem más em si, bastavam para estragar tudo.
- 6. Falaram-me de um culto sacerdote<sup>5</sup> neste lugar, cuja bondade e vida santa o Senhor começava a mostrar às pessoas. Eu o procurei por meio de um fidalgo santo<sup>6</sup> que vive aqui. É casado, mas tem vida tão exemplar e virtuosa, e de tanta oração e caridade, que em todo o seu ser resplandecem a bondade e a perfeição. E com muita razão, porque grande bem tiveram muitas almas por seu intermédio, visto ter ele tantos talentos que, embora a sua condição não o ajude, não pode deixar de praticar boas obras: é muito inteligente e muito amável com todos; sua conversa não é monótona, mas suave e graciosa, além de reta e santa, dando grande contentamento a quem com ele se relaciona. Ele tudo faz para o grande bem das almas com quem conversa, não tendo outro desejo senão beneficiar a todos, dando-lhes contentamento.
- 7. Pois esse bendito e santo homem, com seu engenho, me parece ter sido o princípio da salvação da minha alma. Sua humildade me provoca admiração. Ele, pelo que sei, há cerca de quarenta anos tem oração talvez com uma diferença de dois ou três anos a menos e leva a vida de maior perfeição que seu estado lhe permite; pois tem uma mulher tão grande serva de Deus e tão caridosa que só pode ajudá-lo; em suma, Deus a escolheu como esposa de alguém que Ele sabia que viria a ser um grande servo Seu. Alguns dos seus parentes tinham desposado pessoas da minha família, havendo também um estreito relacionamento seu com outro servo de Deus casado com uma prima minha.
- 8. Por esse meio, procurei que viesse falar-me o sacerdote que eu disse ser tão servo de Deus,8 muito amigo daquele fidalgo. Eu pretendia tê-lo como confessor e diretor. O fidalgo o trouxe para que eu lhe falasse; eu me senti muito confusa na presença de homem tão santo e falei-lhe apenas da minha alma e da minha oração, pois ele não quis confessar-me, dizendo que era muito ocupado, o que era verdade. Ele começou com a santa resolução de conduzir-me como alma forte pois havia razão para que eu assim fosse, a julgar pela oração que ele viu que eu tinha —, a fim de que eu, de nenhuma maneira, ofendesse a Deus. Vendo sua determinação imediata em coisinhas que eu, como disse,9 não tinha forças para enfrentar com tanta perfeição, fiquei aflita, e, percebendo que ele considerava as coisas da minha alma dificuldades que seriam vencidas de uma só vez, vi que tinha necessidade de muito mais cuidado.
- 9. Enfim, entendi que os recursos que ele me oferecia não me levariam a me remediar, por serem adequados a uma alma mais perfeita, enquanto eu, embora avançada nas graças de Deus, mal começava a praticar as virtudes e a mortificação. Se eu tivesse de tratar somente com ele, creio que certamente a minha

alma nunca iria progredir, porque a própria aflição que me dava por eu ver que não fazia — nem parecia poder fazer — o que ele me dizia era suficiente para que eu perdesse a esperança e abandonasse tudo.

Fico algumas vezes espantada com o fato de que, sendo ele uma pessoa que tem a graça particular de conduzir a alma de principiantes a Deus, não tivesse podido entender a minha, nem se dispusesse a encarregar-se dela; e vejo que tudo foi para o meu maior bem, para que eu conhecesse e me relacionasse com pessoas tão santas quanto as da Companhia de Jesus.

10. Combinei com esse fidalgo santo que me visitasse algumas vezes. Aqui se provou sua grande humildade, pois ele se dispôs a tratar com uma pessoa tão ruim quanto eu. Ele começou a visitar-me, animando-me e dizendo que eu não pensasse que um dia me afastaria de tudo de uma vez, e que Deus faria isso aos poucos. Contava-me que, durante anos, ele mesmo estivera envolvido com coisas ruins, não as tendo podido acabar por si mesmo. Ó humildade, que grandes bens fazes onde te encontras e aos que se aproximam de quem te tem! Dizia-me esse santo (que, a meu ver, posso chamar assim), para me beneficiar, que tinha fraquezas — porque, com sua humildade, ele assim as considerava; mas, levando-se em conta o seu estado, não eram faltas nem imperfeição, ao passo que, para o meu, o eram em alto grau.

Não é sem razão que digo isso, embora pareça que me estendo em detalhes: isso importa muito para que uma alma comece a aproveitar e para levá-la a voar (mesmo sem asas, como dizem), o que só pode receber crédito de quem tiver passado por isso. Faço-o também porque espero em Deus que vossa mercê beneficie muitos. Digo que toda a minha salvação foi ter quem soubesse me curar, tivesse humildade e caridade para ficar comigo e sofresse ao ver que eu não me corrigia de todo. Discretamente, ele ia me ensinando aos poucos várias maneiras de vencer o demônio. Comecei a ter tamanho afeto por ele que não havia maior descanso do que o dia em que o via, embora isso não fosse muito freqüente. Quando ele demorava a me visitar, eu ficava muito aflita, crendo que, por ser eu tão ruim, não viesse mais.

- 11. Como ele foi percebendo minhas imensas imperfeições, e talvez pecados (embora depois do meu contato com ele eu estivesse melhor), e como eu lhe contasse das graças que Deus me concedia, para que ele me esclarecesse, disse-me o fidalgo que uns e outros não eram compatíveis entre si, pois aqueles regalos eram de pessoas muito avançadas e mortificadas, razão por que não podia deixar de temer muito, pois algumas coisas lhe pareciam vir do mau espírito, apesar de ele não chegar a uma conclusão definitiva. Ele me disse que refletisse bem sobre tudo o que percebia em minha oração e lhe contasse. Isso era difícil para mim, que não sabia dizer nada sobre o que era a minha oração, porque essa graça de entender o que ela é, e de poder explicá-la, me foi dada por Deus há pouco tempo.
- 12. Quando ele me disse isso, como eu já estivesse com medo, foi grande a minha aflição, e muitas as lágrimas que derramei; porque, é claro, eu desejava contentar a Deus e não podia me convencer de que aquilo fosse obra do demônio. Mas temia que, devido aos meus grandes pecados, Deus me cegasse para que eu não o entendesse. Olhando livros para ver se conseguia uma descrição da oração que eu tinha, encontrei em um, *Subida del Monte*, <sup>10</sup> no tocante à união da alma com Deus, todos os sinais que se manifestavam em mim, notadamente a impossibilidade de pensar. Pois isso era o que eu mais observava: quando tinha aquela oração, eu não podia pensar; sublinhei essas passagens e dei-lhe o livro, para que ele e o clérigo a que me referi<sup>11</sup> olhassem e me dissessem o que devia fazer. Eu lhes disse que, se essa fosse a sua opinião, eu deixaria a oração por inteiro, pois não havia motivo para me expor a tais perigos. Porque, se ao fim de quase vinte anos de prática<sup>12</sup> nada conseguira lucrar só tendo obtido enganos do demônio —, melhor seria deixá-la, embora isso também fosse muito ruim, visto eu já saber como ficava a minha alma sem a oração. É grande o sofrimento que disso advém, como quem cai no rio e, vá para onde vá, vê maior perigo, estando prestes a se afogar.

Este é um grande sofrimento, e desse tipo tenho tido muitos, como falarei adiante.<sup>13</sup> Embora pareça não importar muito, talvez seja benéfico entender como se há de provar o espírito.

13. E é sem dúvida grande a aflição por que passamos, sendo necessária a prudência, em especial quando se é mulher, porque, sendo grande a nossa fraqueza, seria muito ruim dizer com clareza que se trata de obra do demônio; é preferível observar muito bem, afastando-as dos perigos que possa haver, avisando-as discretamente, e mantendo o segredo, porque assim convém.

Falo isso porque muito sofri pelo fato de algumas pessoas com quem tratei da minha oração não terem sido discretas, falando com uns e outros, causando-me, por bem, imenso dano, divulgando coisas que ficariam melhor ocultas — pois não são para todos — e dando a impressão de que eu as tornava públicas. Creio que o Senhor permitiu que assim agissem, sem culpa sua, para que eu padecesse. Não digo que revelassem segredos da confissão; contudo, como eram pessoas a quem eu contava meus temores para que me esclarecessem, eu achava que tinham de ficar caladas. Todavia, nunca ousei ocultar-lhes coisa alguma.

Afirmo, pois, que se alertem as pessoas com muita prudência, estimulando-as e aguardando: o Senhor as ajudará como ajudou a mim. Se Ele não me tivesse ajudado, eu me teria prejudicado muito, temerosa e medrosa que era. Como eu sofria muito do coração, espanto-me que isso não tenha me trazido muitos malefícios.

14. Dei o livro e um relato<sup>14</sup> da minha vida e dos meus pecados, que fiz o melhor que pude (não como confissão, por ser ele secular, mas dando bem a entender quão ruim eu era), para que os dois servos de Deus verificassem, com sua grande caridade e amor, o que era conveniente para mim.

Quando veio a resposta que eu, muito temerosa, esperava, depois de ter pedido a muitas pessoas que me encomendassem a Deus e de ter feito muitas orações naqueles dias, o fidalgo, muito aflito, veio a mim e me disse que, ao ver de ambos, se tratava do demônio, sendo recomendável que eu procurasse um padre da Companhia de Jesus, que viria se eu o chamasse dizendo quanta necessidade tinha; eu deveria contar-lhe toda a minha vida, numa confissão geral, falando-lhe de minha condição, de maneira muito explícita. A virtude do sacramento da confissão lhe daria, com a graça de Deus, mais luz; disseram-me que esses padres têm muita experiência nas coisas do espírito e que eu não deveria descuidar daquilo que me dissesse, pois corria grande risco se não houvesse quem me dirigisse.

15. Isso me trouxe tanto medo e pesar que só pude chorar. Estando num oratório, desfeita, sem saber o que haveria de ser de mim, li num livro que o Senhor parece ter posto em minhas mãos, o que dizia São Paulo: *Deus é muito fiel e jamais consente que os que o amam sejam enganados pelo demônio.* <sup>15</sup> Isso me trouxe muito consolo.

Comecei a cuidar da minha confissão geral, anotando todos os males e bens, narrando a minha vida da maneira mais clara que podia, sem omitir nada.<sup>16</sup>

Recordo-me que, depois de escrever, vi muitos males e quase nenhum bem, o que me deu muita dor e aflição. Eu também sofria pelo fato de me verem tratar em casa com pessoas santas como as da Companhia de Jesus, temendo pela minha ruindade, pois me parecia, fazendo isso, ficar mais obrigada a não ser tão ruim e a afastar-me dos meus passatempos, porque, se não o fizesse, estaria agravando a minha situação. Por essa razão, pedi à sacristã e à porteira que não o revelassem a ninguém. Isso pouco me valeu, porque estava à porta, quando me chamaram, quem o contou a todo o convento. Que empecilhos e temores põe o demônio no caminho de quem deseja chegar a Deus!

- 16. Tratando com aquele servo de Deus<sup>17</sup> muito dedicado e prudente —, revelei-lhe tudo o que me ia na alma. Bom conhecedor dessa linguagem, ele me disse o que era e muito me estimulou. Afirmou ser notoriamente espírito de Deus, mas que havia necessidade de que eu recomeçasse a oração, porque ela não estava bem fundada, e eu não tinha começado a entender a mortificação (e isso era tão verdadeiro que até o nome eu parecia não entender). Eu de nenhuma maneira deveria deixar a oração, sendo preciso que eu me esforçasse muito, já que o Senhor me concedia favores tão particulares. Ele declarou que talvez o Senhor quisesse, por meu intermédio, beneficiar muitas outras pessoas, bem como fazer outras coisas (parece que ele profetizou o que depois o Senhor fez comigo), e que eu seria muito culpada se não correspondesse às graças que Deus me dava. Em tudo me parecia falar nele o Espírito Santo, para curar a minha alma, tamanha a força com que se imprimiam nela as palavras dele.
- 17. Isso me deixou muito confusa, levando-me por caminhos que me davam a impressão de que eu me tornara uma pessoa completamente diferente. Que grande coisa é compreender uma alma! Ele me disse que eu orasse todos os dias com uma passagem da Paixão, que me beneficiasse de Cristo e não pensasse senão em Sua Humanidade, e que resistisse o quanto pudesse aos recolhimentos e gostos, só permitindo que ocorressem quando ele me ordenasse outra coisa.
- 18. Ele me deixou consolada e estimulada; o Senhor me ajudou, e a ele, para que entendesse a minha condição e a maneira de me dirigir. Fiquei determinada a não me desviar do que ele me mandasse em nenhuma coisa, e tenho agido assim até hoje. Louvado seja o Senhor, que me deu a graça de obedecer aos meus confessores, ainda que de modo imperfeito; tenho tido como confessores, quase sempre, esses benditos homens da Companhia de Jesus e, como digo, eu os tenho seguido, se bem que imperfeitamente.

A minha alma começou a ter uma sensível melhora, como agora direi.

1. Depois dessa confissão, a minha alma ficou com tanta paz que eu tinha a impressão de que não havia nada a que eu não me dispusesse. Assim, comecei a mudar muitas coisas, embora o confessor não me pressionasse, parecendo antes não fazer caso de nada. Isso me estimulava mais, pois me levava pelo caminho do amor a Deus, dando-me liberdade para que eu agisse por amor, e não pela recompensa.

Assim fiquei quase dois meses, tudo fazendo para resistir aos regalos e graças de Deus. Quanto ao exterior, a mudança era perceptível, porque o Senhor já começava a me dar forças para suportar certas coisas que pessoas que me conheciam consideravam extremas, inclusive as da minha casa.¹ Levando em conta o que eu fazia antes, elas tinham razão em pensar assim; mas, considerando as obrigações que o meu hábito e profissão impunham, isso não era nada.

2. Resistindo a esses gostos e regalos de Deus, consegui que Sua Majestade me ensinasse; porque, antes, eu pensava que, para que Ele me desse regalos na oração, precisava de total isolamento, e quase não me atrevia a me mexer. Depois percebi que isso pouco adiantava; porque, quanto mais eu procurava me distrair, tanto mais o Senhor me cobria de uma suavidade e de uma glória que me pareciam rodear por inteiro, deixando-me sem condições de fugir. Era tanta a minha preocupação que eu muito sofria. O Senhor se preocupava mais em me conceder favores e a se manifestar mais intensamente nesses dois meses, para que eu melhor compreendesse que não podia resistir-Lhe.

Comecei a sentir de novo amor pela sacratíssima Humanidade. A minha oração melhorou, como um prédio melhor assentado; passei a ter afeição pelas práticas de penitência que não costumava seguir devido às minhas grandes enfermidades. Aquele santo homem a quem me confessei me disse que algumas coisas não poderiam me prejudicar e que, se porventura Deus me mandava tanto sofrimento, isso devia ser por causa de eu não fazer penitência, desejando Sua Majestade que eu a fizesse. Ele me mandava praticar algumas mortificações de que eu não gostava muito. Porém, eu tudo fazia, por achar que o Senhor o tinha enviado a mim, dando-lhe a graça de me ordenar de uma maneira que me fizesse obedecer. A minha alma já começa a se ressentir de qualquer ofensa que fizesse a Deus, por ínfima que fosse, razão por que, enquanto houvesse alguma coisa supérflua, eu não podia ficar em recolhimento. Eu rezava muito para que o Senhor me levasse pela mão; tratando com seus servos, eu Lhe pedia que me permitisse não recuar, pois isso me parecia ser um grande delito, capaz de fazê--los perder crédito por minha causa.

3. Nessa época, veio a este lugar o Padre Francisco,² que era duque de Gandía e que, há alguns anos, tinha abandonado tudo e entrado na Companhia de Jesus. Meu confessor³ fez com que eu travasse contato com ele; o fidalgo de que falei também veio a mim, pedindo que eu lhe falasse e contasse sobre a oração que tinha, pois sabia que o Padre Francisco vivia num alto grau de contemplação, sendo muito favorecido e consolado por Deus; desde aquele momento, Deus o recompensava por ter ele deixado tudo pelo Senhor.

Tendo me ouvido, ele declarou tratar-se do espírito de Deus, parecendo--lhe ruim resistir-lhe, embora até então isso não tivesse feito mal. Ele me recomendou que eu sempre começasse a oração com uma passagem da Paixão e que, caso depois o Senhor me arrebatasse o espírito, eu não resistisse, mas me deixasse levar por Sua Majestade, também não O procurando. Como praticante avançado, ele me deu remédios e conselhos, visto que a experiência é muito importante nesse aspecto. Ele me disse que seria um erro resistir por mais tempo. Isso trouxe muito consolo a mim e ao fidalgo, que se alegrou muito por saber que tudo vinha de Deus. Ele sempre me ajudava e avisava no que podia, que era muito.

- 4. Nessa época, transferiram meu confessor,<sup>4</sup> o que senti muitíssimo, pois pensei que voltaria a ser ruim, não me parecendo possível encontrar outro como ele. A minha alma ficou como num deserto, muito desconsolada e temerosa. Eu não sabia o que fazer de mim. Uma parente minha levou-me para sua casa, e procurei logo arranjar outro confessor na Companhia. Quis o Senhor que eu começasse a fazer amizade com uma senhora viúva, muito nobre e dedicada à oração, que tinha constante contato com os jesuítas.<sup>5</sup> A instâncias dela, seu próprio diretor me ouviu. Fiquei vários dias em sua casa, porque ela morava perto dos padres, e eu gostava muito de conversar com eles; a minha alma muito se beneficiava só por ver a santidade de sua vida.
- 5. Esse padre<sup>6</sup> passou a exigir de mim mais perfeição. Dizia-me que, para contentar por inteiro a Deus, nada era demais. Ele o fazia com tato e suavidade, porque a minha alma ainda não estava nada forte, e sim bem frágil, em especial no tocante a certas amizades; embora manter essas amizades não ofendesse a Deus, a afeição era muita, parecendo-me ser ingratidão abandoná-las. Eu lhe dizia que, como não ofendia a Deus, eu não tinha por que ser mal agradecida. Disse-me ele que eu me encomendasse a Deus por alguns dias e rezasse

o hino *Veni, Creator*, para que Ele me desse luz sobre a melhor decisão a tomar. Certo dia, depois de muita oração e súplicas ao Senhor para que me ajudasse a contentá--Lo em tudo, comecei o hino e, quando o rezava, veio-me um arrebatamento tão repentino que quase me tirou de mim, coisa de que não pude duvidar, por ter sido muito manifesto. Essa foi a primeira vez que o Senhor me concedeu o favor dos arroubos. Entendi as palavras: *Já não quero que fales com homens, mas com anjos*. Isso me causou um grande espanto, porque a moção da alma foi grande e porque essas palavras, ditas no fundo do meu espírito, me causaram temor. Contudo, também me deram grande consolo, que permaneceu depois que se foi o temor, que, assim me pareceu, foi provocado pela novidade do fato.

- 6. Essas palavras se cumpriram, pois nunca mais consegui permanecer em amizades nem ter consolo nem afeição particular senão por pessoas que, pelo que percebo, amam a Deus e procuram servi-Lo. Mesmo que se trate de parentes e amigos, não tenho como agir de outro modo. Tratar com quem não ama a Deus nem se dedica à oração se tornou uma penosa cruz. Assim é, segundo me parece, sem nenhuma exceção.
- 7. Desde aquele dia, fique animada a deixar tudo por Deus, de uma maneira que me deu a impressão de que Ele quis, naquele momento pois não me parece ter sido mais do que isso —, transformar por inteiro Sua serva. Assim, não foi necessário que me mandassem fazê-lo; o confessor, vendo-me tão apegada até então, não se atrevera a me dizer de modo patente que abandonasse as amizades. Ele devia estar esperando que o Senhor agisse como agiu. De minha parte, nunca pensei que o conseguisse; eu já tentava fazê-lo, mas era tanta a dor que sentia que desistia, ainda mais por não ver nessas amizades nenhum inconveniente. Naquele momento, porém, o Senhor me dera liberdade e força para levá-lo a efeito. Eu disso isso ao confessor e tudo abandonei, seguindo sua determinação. A pessoa com quem eu conversava tirou muito proveito do fato de ver que eu estava decidida.
- 8. Bendito seja Deus para sempre, por ter me dado, num instante, a liberdade que eu, com todos os esforços que fizera por muitos anos, não pude alcançar sozinha, tendo chegado muitas vezes a ponto de me exaurir tanto que abalava a própria saúde. Como foi dada por Aquele que é poderoso e Senhor verdadeiro de tudo, essa liberdade não me causou nenhum sofrimento.

#### CAPÍTULO 25

FALA DA MANEIRA DE ENTENDER AS PALAVRAS QUE DEUS DIRIGE, SEM RUÍDO, À ALMA, E DE ALGUNS ENGANOS QUE PODE HAVER NISSO. EXPLICA OS MEIOS DE SABER QUANDO SÃO PALAVRAS DIVINAS. É MUITO PROVEITOSO PARA QUEM ESTIVER NESSE GRAU DE ORAÇÃO, PORQUE É MUITO BEM EXPLICADO E CONTÉM ABUNDANTE DOUTRINA.

1. Parece-me conveniente explicar esse modo de Deus dirigir-se à alma, e a maneira como esta se sente, para que vossa mercê o entenda; porque, desde que o Senhor me fez essa graça pela primeira vez,¹ ela tem sido muito comum, como se verá adiante.

Trata-se de palavras bem formadas,² mas inaudíveis aos ouvidos corporais. São, porém, entendidas mais claramente do que se fossem ouvidas. Por mais que se resista, é impossível deixar de compreendê-las. Aqui na terra, quando não se quer ouvir, podem-se tapar os ouvidos ou desviar a atenção, de modo que, ainda que se ouça, não se escute. Nesse estado em que Deus põe a alma, não há como fazer isso; mesmo que seja trabalhoso, somos obrigados a escutar, e o intelecto fica tão apto a entender o que Deus quer que entenda que pouco importa querer ou não querer. Porque quem tudo pode exige que saibamos que havemos de fazer o que Ele quer, mostrando ser o nosso verdadeiro Senhor. É grande a minha experiência nisso, porque resisti durante quase dois anos, dado o grande temor que sentia. Mesmo agora, ainda o tento algumas vezes, mas em vão.

- 2. Eu queria falar dos enganos que pode haver (embora, para quem tenha muita experiência, eles me pareçam poucos ou mesmo inexistentes mas a experiência tem de ser muita) e da diferença existente entre a presença do bom espírito e a do mau, bem como das ocasiões em que tudo não passa de apreensão do próprio intelecto ou de comunicação do espírito consigo mesmo (não sei se isso pode acontecer, mas hoje mesmo tive a impressão de que sim). Quando essa comunicação vem de Deus, tenho tido muitas provas, em inúmeras coisas que me foram ditas dois ou três anos antes, de que se cumprem as palavras proferidas, sem exceção; acontecem também outras coisas em que se vê com clareza ser o espírito de Deus, como adiante direi.
- 3. Parece-me que uma pessoa, encomendando a Deus uma coisa com grande afeto e preocupação, poderia imaginar que ouve dizer que a coisa se cumprirá ou não. Isso é muito possível, mas quem entendeu desta outra maneira<sup>3</sup> perceberá claramente do que se trata, porque é enorme a diferença. Se for uma coisa criada

pelo intelecto, por mais sutil, cedo se perceberá ser ele que organiza e fala. O que distingue esses dois modos é a diferença entre elaborar um discurso e escutar o que outra pessoa diz; o intelecto percebe que não escuta, visto que age, pois as palavras que alinha são como um ruído surdo, sons fantásticos, sem ter a clareza das palavras do espírito. Quando o intelecto age, podemos distrair--nos e, se estivermos falando, calar-nos; quando Deus fala, isso não é possível.

O indício fundamental é que não produzem efeito,<sup>4</sup> enquanto o que o Senhor diz são palavras e obras; mesmo que não sejam palavras de devoção, mas de repreensão, dispõem a alma à primeira, fortalecendo-a, enternecendo--a, iluminando-a e dando-lhe felicidade e quietude. Se a alma estava em aridez, agitada e desassossegada, nada disso permanece e, melhor ainda, o Senhor parece querer que se compreenda que Ele é poderoso e que as Suas palavras são obras.<sup>5</sup>

- 4. Creio que a diferença é igual à que há entre falar e ouvir, nem mais nem menos do que isso; o que falo, como eu disse, o vou ordenando com o intelecto; se me falam, contudo, limito-me a ouvir, sem nenhum esforço. No primeiro caso, não podemos determinar bem o que significa, como se estivéssemos meio adormecidos; no segundo, a voz é tão clara que não perdemos uma sílaba. Por outro lado, às vezes o entendimento e a alma se encontram tão alvoroçados e distraídos que não conseguiríamos formular uma frase razoável, e mesmo assim encontramos prontas frases elaboradíssimas que a alma, mesmo estando muito recolhida, não poderia formular; à primeira palavra, como eu disse, a alma se transforma por inteiro. Especialmente quando está em arroubo, com as faculdades suspensas, como poderia a alma entender coisas que antes nunca lhe ocorreram? Como surgem elas, então, já que a alma quase não age e já que a imaginação está como abobada?
- 5. Deve-se entender que, quando tem visões ou ouve essas palavras, a alma nunca está unida a Deus no arroubo; porque, neste último caso como eu já declarei, creio que na segunda água —,<sup>7</sup> as faculdades se perdem de todo e, pelo que sei, não é possível ver, nem entender, nem ouvir: a alma está entregue por inteiro a outro poder e, nesse tempo, que é muito curto, não creio que o Senhor lhe dê alguma liberdade. Depois que isso passa, encontrando-se a alma ainda no arroubo, ocorre isso de que falo;<sup>8</sup> porque as faculdades ficam de tal maneira que, embora não estejam perdidas, quase nada fazem. Estão como absortas, sem capacidade de raciocinar. Há tantos indícios que permitem compreender a diferença que, embora possamos nos enganar, isso não vai ocorrer muitas vezes.
- 6. Afirmo que, se a pessoa for experiente e estiver prevenida, vai percebê--lo com clareza. Descartando outros elementos que o comprovam, como já falei, basta ver que as palavras, quando são falsas, não causam efeito. A alma não as admite (ao passo que aceita, mesmo sem querer, as palavras místicas) nem lhes dá crédito, percebendo tratar-se de um devaneio do intelecto, da mesma maneira como não levaria a sério uma pessoa que delirasse.

No caso das palavras místicas, é como se ouvíssemos uma pessoa muito santa ou instruída, e de grande autoridade, que sabemos não há de mentir para nós. E essa comparação ainda fica a dever, porque essas palavras trazem consigo, por vezes, uma majestade que, sem que saibamos quem as profere, nos faz tremer, se são de repreensão, e nos desmanchar de amor, se são amorosas. Trata-se, como eu disse, 11 de coisas que estavam bem longe da memória, sendo ditas num átimo frases muito grandes que, para serem organizadas, requereriam muito tempo — por isso, não me parece que haja maneira de ignorar que não são coisas feitas por nós. Por conseguinte, não preciso me deter aqui, porque creio ser impossível que uma pessoa experiente venha a se enganar se conscientemente não o quiser.

- 7. Muitas vezes, quando tenho dúvidas, acontece-me de não acreditar no que me dizem, pensando que eu mesmo o criei (depois que ocorre, porque, enquanto está acontecendo, é impossível), e ver as palavras realizadas muito tempo depois. O Senhor as faz permanecer na memória, não permitindo que as esqueçamos, enquanto o que vem do intelecto é como um fraco movimento do pensamento, que passa e é esquecido. No caso das palavras de Deus, embora se esqueça um pouco com o passar do tempo, nunca se perde por inteiro a memória do que foi dito, exceto se foi há muito tempo ou se são palavras de favor ou de doutrinação. As palavras de profecia, no entanto, não são esquecidas, a meu ver, pelo menos por mim, mesmo com tão pouca memória.
- 8. Repito que, a meu ver, a alma, a menos que seja tão perversa que deseje fingir o que traria grandes males —, dizendo que ouve quando na verdade não o faz, não pode deixar de ver com clareza quando é ela quem ordena as palavras e fala, se alguma vez tiver ouvido o espírito de Deus; porque, se jamais o percebeu, poderá passar a vida inteira nessa ilusão e ter a impressão de que ouve palavras divinas, embora eu não saiba como isso pode acontecer.

Para mim, a alma quer ou não quer entender: se se desfaz com o que ouve e de forma alguma gostaria de ouvir alguma coisa — por causa de mil temores e tantas outras coisas que a possam levar a querer estar quieta em sua oração sem essas coisas —, por que dá tanta liberdade para que o intelecto componha argumentos? É preciso muito tempo para fazê-lo. Aqui, 12 sem perder nenhum tempo, a alma fica instruída e compreende coisas que levariam um mês para imaginar; e o próprio entendimento e a própria alma ficam espantados com algumas coisas que escutam.

- 9. Assim é, e quem tiver experiência verá que tudo o que eu digo é tal como digo. Louvo a Deus por tê-lo conseguido dizer. Para terminar, afirmo que, quando isso vem do intelecto, poderíamos entendê-lo quando desejássemos e, cada vez que temos oração, poderíamos imaginar ouvi-lo. Mas, quando vem de Deus, não é assim; fico muitos dias querendo entender algo, sem o poder, e, como eu disse, <sup>13</sup> tenho de entendê-lo quando não o quero. Quem deseja enganar os outros falando que ouviu de Deus o que vem de si não terá maior dificuldade para afirmar que o ouviu com os ouvidos corporais. Na verdade, nunca pensei que houvesse outro modo de ouvir ou de entender até conhecê-lo por mim mesma, o que, como afirmei, <sup>14</sup> me custou um enorme sofrimento.
- 10. Quando provêm do demônio, 15 as palavras, além de não deixarem bons efeitos, deixam maus. Isso me aconteceu não mais de duas ou três vezes, e logo fui avisada pelo Senhor de que vinham do demônio. Além da grande aridez que permanece, a alma fica com uma inquietação semelhante à de muitas outras vezes em que o Senhor permitiu que a minha alma tivesse grandes tentações e sofrimentos de diversas espécies; e, embora me atormente muitas vezes, como direi, 16 trata--se de uma inquietação que não se consegue saber de onde vem; ao que parece, a alma resiste, se perturba e fica aflita sem saber a razão, porque não ouve coisas ruins, e sim boas. Penso que um espírito sente o outro. O prazer e o deleite que daí advêm são, a meu ver, bastante distintos. O demônio poderia enganar com eles aquele que não tiver ou não tiver tido prazeres vindos de Deus.
- 11. Falo dos prazeres verdadeiros, que trazem uma consolação suave, forte, profunda, deleitosa, calma. Porque não considero devoções umas devoçõezinhas da alma, lágrimas e outros sentimentos pequeninos que ao primeiro sopro da perseguição desaparecem, embora sejam bons princípios e santos sentimentos, porque não são capazes de determinar se esses efeitos vêm do bom ou do mau espírito. Assim, é bom andar sempre advertido porque, se tivessem visões ou revelações, pessoas que não estão adiantadas na oração além desse ponto poderiam ser enganadas. Eu nunca experimentei essas coisas, até que Deus me concedeu, apenas pela Sua bondade, a oração de união, excetuando a primeira vez de que falei, <sup>17</sup> ocorrida há muitos anos, quando vi Cristo. Se Sua Majestade me tivesse permitido entender tratar-se de uma visão verdadeira, como mais tarde entendi, grande benefício teria daí advindo. As palavras do demônio não deixam nenhuma suavidade na alma, mas um pavor e um grande tédio.
- 12. Considero muito certo que o demônio não enganará nem Deus lhe permitirá fazê-lo a alma que em nada confia em si e está fortalecida na fé, uma alma que entenda que é capaz de morrer mil vezes por uma verdade. Com esse amor à fé, que Deus logo infunde, gerando uma fé viva e forte, a alma deve procurar sempre seguir o que ensina a Igreja, perguntando a uns e outros, como quem já tem pés fincados com vigor nessas verdades, não podendo nenhuma revelação imaginável mesmo que o céu se abrisse demovê-la em um único ponto do que a Igreja ensina.

Mesmo que alguma vez se veja vacilar em pensamento contra isso ou parar para dizer: "Se Deus me diz isso, também pode ser verdade, como o que dizia aos santos", não digo que a alma chegue a acreditar no demônio, mas que ele começa a fazer os primeiros movimentos para tentá-la. Então, o simples deter--se aí seria muito danoso. Mas creio que, nesse caso, nem mesmo os primeiros movimentos vão ocorrer se a alma estiver nisso tão forte quanto o Senhor torna aqueles a quem concede essas coisas, capaz de desafiar os demônios diante de qualquer dúvida sobre alguma verdade da Igreja, por menor que seja.

13. Afirmo que, se a alma não vir em si essa grande força e se a devoção ou a visão não a ajudarem, não se considere segura. Porque, embora não sinta de imediato o prejuízo, este poderia fazer-se, pouco a pouco, muito grande. Pelo que vejo, e sei por experiência, só há certeza de que essas coisas procedem de Deus se elas respeitarem as Sagradas Escrituras, já que a mais diminuta distorção me faria ter muito mais firmeza em acreditar que vêm do demônio do que a que tenho agora de que vêm de Deus, por maior que seja esta certeza. Quando as palavras vêm de Deus, não é preciso procurar sinais nem discernir de que espírito vêm; o simples fato de se ter de fazer isso é indício tão claro de que vêm do demônio que, mesmo que todos me garantissem que vêm de Deus, eu não o acreditaria.

Quando é o demônio que age, parece que todos os bens se escondem e fogem da alma, que fica desabrida e alvoroçada, sem nenhum efeito bom; pois, embora isso pareça incutir desejos na alma, estes não são fortes.

A humildade que fica é falsa, agitada e desprovida de suavidade. Parece-me que quem experimentou o bom espírito vai entendê-lo.

14. No entanto, o demônio pode recorrer a muitos embustes, razão por que o mais certo é temer sempre e permanecer de sobreaviso, ter um mestre instruído e não lhe esconder nada. Agindo assim, nenhum dano pode advir, se bem que muitos me tenham atingido, graças aos temores demasiados de algumas pessoas. Uma vez em especial, aconteceu de se reunirem muitas pessoas a quem eu dava crédito — e era justo que desse. Embora eu já estivesse sob a direção de uma delas, ia tratar com as outras a mando seu, e todas tratavam longamente do meu caso, pois eram muito amigas minhas e temiam que eu fosse enganada. De minha parte, eu também tinha grande temor quando não estava em oração, já que, estando nela e recebendo do Senhor alguma graça, logo me tranqüilizava. Creio que eram cinco ou seis. Disse-me meu confessor que todos estavam convencidos de que era o demônio quem agia em mim. Eu não devia comungar com tanta freqüência, devendo me distrair e evitar a solidão.

Eu era extremamente medrosa, como disse,<sup>20</sup> para o que contribuía minha doença do coração; assim, muitas vezes não me atrevia a ficar sozinha numa sala mesmo em plena luz do dia. Percebendo que tantos o afirmavam e eu não podia acreditar, senti-me envergonhada, parecendo-me ter pouca humildade; porque todas aquelas pessoas tinham uma vida infinitamente melhor do que a minha, sendo além disso instruídas, não havendo razões para eu não crer nelas. Eu me forçava ao máximo para acreditar e, pensando em minha vida ruim,<sup>21</sup> achava que estavam falando a verdade.

- 15. Saí da igreja com essa aflição e entrei num oratório. Há muitos dias eu não comungava e estava privada da solidão que era todo o meu consolo —, sem ter uma pessoa com quem tratar, porque todas estavam contra mim: eu tinha impressão de que alguns zombavam de mim quando falava disso, pensando ser fantasias. Outros alertavam o confessor para que ele se precavesse quanto a mim. Outros ainda afirmavam que tudo era claramente obra do demônio. Apenas o confessor<sup>22</sup> me consolava sempre, embora parecesse concordar com todos ele o fazia para me provar, como depois vim a saber. Ele me dizia que, mesmo que fosse obra do demônio, nada me podia fazer, desde que eu não ofendesse a Deus, pois Ele me libertaria. O confessor mandava que eu suplicasse muito a Deus, pois ele e todas as pessoas que confessava,<sup>23</sup> e outras muitas, o faziam com fervor. Quanto a mim, dedicava toda a minha oração pedindo a Sua Majestade que me levasse por outro caminho, solicitando que fizessem o mesmo todas as pessoas que eu considerava servas de Deus. E assim fiquei por uns dois anos, não sei bem, suplicando continuamente ao Senhor.
- 16. Quando eu pensava que era possível ter ouvido tantas vezes o demônio, nenhum consolo me bastava. Porque, embora não conseguisse horas de solidão para orar, mesmo em conversas o Senhor me levava ao recolhimento, e, sem que eu pudesse recusar, me dizia o que queria, e eu, contra a minha vontade, era obrigada a ouvi-lo.
- 17. Numa certa ocasião, estando sozinha, sem ninguém com quem falar, sem poder rezar nem ler, e estando espantada de tantas tribulações e cheia de temores de que o demônio me enganasse, fiquei toda ansiosa e cansada, sem saber o que fazer de mim. Nessa aflição já me vi muitas vezes, mas nenhuma, creio eu, num grau tão extremo. Fiquei assim durante quatro ou cinco horas,<sup>24</sup> pois não havia para mim consolo do céu ou da terra; o Senhor me deixou padecer, temerosa de mil perigos.

Ó meu Senhor, como sois o amigo verdadeiro; és poderoso, quando quereis podeis, e nunca deixais de querer quem Vos quer! Louvem-Vos todas as coisas, Senhor do mundo! Feliz quem puder percorrer todo o universo para dizer quão fiel sois a Vossos amigos! Todas as coisas faltam; Vós, Senhor de todas elas, nunca faltais. Pouco deixais sofrer quem Vos ama. Ó Senhor meu! Com que delicadeza, polidez e sabor sabeis tratá-los! Feliz quem tiver se dedicado a amar somente a Vós! Parece, Senhor, que provais com rigor quem Vos ama, para que no extremo do sofrimento possa entender o maior extremo do Vosso amor. Ó Deus meu, feliz quem tivesse capacidade, letras e novas palavras para louvar Vossas obras, como as vê minha alma!

Falta-me tudo, Senhor meu. Mas, se não me desamparardes, não serei eu quem vai faltar a Vós. Levantem-se contra mim todos os doutos, persigam--me todas as coisas criadas, atormentem-me os demônios, mas não me falteis Vós, Senhor, pois já tenho experiência dos benefícios que concedeis a quem só em Vós confia

18. Encontrando-me eu com essa grande fadiga (até então, eu não tinha começado a ter visões), bastaram-me estas palavras para me tirar dela e apaziguar-me por inteiro: *Não tenhas medo, filha, pois sou Eu, que não te desampararei; não temas*. Na condição em que eu me encontrava, parece-me que eram necessárias muitas horas para que eu me convencesse a ficar calma, e ninguém seria capaz de consegui-lo. E eis-me sossegada, só com essas palavras; eis-me forte, disposta, segura, em quietude e iluminada, e a tal ponto que vi vinha alma transformada por inteiro. Naquele momento, eu teria enfrentado o

mundo inteiro, defendendo a convicção de que era Deus quem falava. Quão bom é o Senhor, e quão poderoso! Ele dá não só o conselho como também o remédio. Suas palavras são obras.<sup>25</sup> Valha-me Deus, como Ele fortalece a fé e aumenta o amor!

19. Isso é tão certo que muitas vezes eu me lembrava de quando o Senhor ordenou que os ventos parassem no mar, no momento em que a tempestade se desencadeou. <sup>26</sup> Assim, eu dizia: quem é este a quem obedecem todas as minhas faculdades, que dá a luz, num átimo, em meio a tanta escuridão, suavizando um coração que parecia de pedra e dando a água de lágrimas suaves onde parecia dever haver, por muito tempo, secura? Quem traz estes desejos? Quem dá este ânimo? E me veio o pensamento: que temo? Que é isso? Desejo servir a esse Senhor, não pretendo senão contentá-Lo; não quero consolação, nem descanso, nem outro bem afora fazer a Sua vontade (pois disso eu estava bem certa e, a meu ver, podia afirmá-lo).

Porque, se este Senhor é poderoso, como vejo e sei que é, e se os demônios são seus escravos (e disso não se pode duvidar, pois é verdade de fé), que mal me podem eles fazer sendo eu serva deste Senhor e Rei? Por que não haverei de ter forças para enfrentar todo o inferno?

Naquele momento, eu carregaria uma cruz com a mão, pois Deus parecia verdadeiramente me dar ânimo, modificando-me por inteiro num breve instante, a ponto de eu não temer enfrentar os demônios corpo a corpo. Eu tinha a impressão de que, com aquela cruz, venceria facilmente a todos. Desse modo, disse: "Agora vinde todos, pois, sendo serva do Senhor, eu quero ver o que me podeis fazer".

- 20. Não havia dúvidas de que eles pareciam temer-me, porque fiquei calma e tão destemida diante de todos eles que todos os medos que eu tinha até então desapareceram. Embora algumas vezes tenham voltado, como adiante direi,<sup>27</sup> nunca mais os temi, parecendo que eram eles que me temiam. Fiquei com tal poder contra eles dádiva bem clara do Senhor de todos que não me incomodam mais do que moscas. Eles me parecem tão covardes que, vendo que somos capazes de enfrentá-los, ficam faltos de força. Esses inimigos não atacam de frente, mas apenas a quem recua diante deles ou nas ocasiões em que Deus permite, para o maior bem dos seus servos, que eles os tentem e atormentem. Queira Sua Majestade que temamos a quem temos de temer e que compreendamos que pode haver maior dano num só pecado venial do que no inferno inteiro, porque assim é.
- 21. Esses demônios nos deixam espantados porque nós queremos nos espantar com apegos à honra, bens e deleites. Eles, juntando-se a nós já que trabalhamos contra nós mesmos ao amar e querer o que devíamos rejeitar —, muitos prejuízos nos trazem. Nós fazemos com que eles lutem contra nós com as nossas próprias armas, que pomos em suas mãos em vez de usá-las para nos defender. Isso é uma grande lástima. Mas, se rejeitarmos tudo por Deus, abraçando-nos com a cruz e buscando servi-Lo de verdade, os demônios fugirão dessas verdades como quem foge da peste. O demônio é amigo das mentiras, a própria mentira, e não faz pacto com quem anda na verdade. Quando ele vê que o intelecto está obscurecido, dá uma grande ajuda para que acabemos mal; porque, vendo que alguém está cego ao buscar seu repouso em coisas vãs, e tão vãs quanto as coisas deste mundo, que são brinquedo de criança, ele logo percebe que se trata de uma criança, tratando-o como tal e enfrentando-o inúmeras vezes. 29
- 22. Praza ao Senhor que eu não seja assim. Que Sua Majestade me favoreça para que eu tenha por descanso o que é descanso, por honra o que é honra e por deleite o que é deleite, e não tudo ao contrário. E uma figa para todos os demônios, 30 pois são eles que hão de me temer. Não entendo esses medos. Por que dizer: "demônio! demônio!" quando se pode dizer: "Deus! Deus!" fazendo tremer o demônio? Sim, pois já sabemos que o demônio não pode sequer mover--se se o Senhor não lhe permitir. Que digo? Sem dúvida, tenho mais medo dos que temem muito o demônio do que dele mesmo; porque ele não me pode fazer nada, ao passo que aqueles, especialmente se são confessores, trazem muita inquietação e passei alguns anos com tamanho tormento que ainda hoje me espanto por tê-lo suportado. Bendito seja o Senhor, que tão verdadeiramente me ajudou!

# CAPÍTULO 26

CONTINUA NO MESMO ASSUNTO. NARRA CERTAS COISAS QUE LHE ACONTECERAM E A LEVARAM A PERDER O TEMOR E AFIRMAR QUE ERA O BOM ESPÍRITO QUE LHE FALAVA.

1. Considero uma das grandes graças concedidas pelo Senhor a disposição que me deu contra os demônios; porque a alma andar acovardada e receosa de alguma coisa além de ofender a Deus é um enorme inconveniente. Pois temos um Rei todo-poderoso e um majestoso Senhor que tudo pode e a todos sujeita, não havendo por que temer, se andarmos — como falei —¹ em verdade diante de Sua Majestade, e com a consciência limpa. Para isso, como já afirmei, eu queria todos os temores: para não ofender em nada Aquele

que num momento pode nos destruir. Porque, estando Sua Majestade contente, não há inimigo nosso que não fique confuso.

Alguém pode dizer que assim é; mas, como não há alma tão reta que O contente de todo, vem-nos o temor. A minha com certeza não o é, por ser muito miserável, inútil e cheia de mil defeitos. Mas Deus não é como as pessoas: Ele entende as nossas fraquezas. Mas a alma, se O ama de verdade, sente isso em si de maneira inequívoca, porque, para quem chega a esse estado, o amor não fica dissimulado como no início, exibindo em vez disso grandes ímpetos e desejos de ver a Deus, como depois direi ou já disse:² tudo cansa, tudo fatiga, tudo atormenta. Se não é com Deus ou por Deus, não há descanso que não canse, porque a alma se vê ausente do seu verdadeiro descanso, e assim é uma coisa muito clara que, como digo, não fica dissimulada.

2. Aconteceu-me outras vezes de eu estar às voltas com grandes tribulações e murmúrios sobre certo assunto de que mais tarde vou falar, problemas que envolviam quase todo o lugar em que me encontro e a minha Ordem.³ Estando eu aflita com as muitas coisas capazes de me inquietar, disse--me o Senhor: *Que temes? Não sabes que sou todo-poderoso? Eu cumprirei o que te prometi* (e assim o fez bem depois). Fiquei logo com muita força, e teria empreendido outra vez muitas coisas, mesmo que me custassem mais sofrimentos, para servi-Lo, dispondo-me a padecer de novo.

Isso me aconteceu tantas vezes que eu nem consigo contá-las. Em muitas delas, Ele me repreendia, o que faz ainda hoje quando tenho imperfeições, e de uma maneira capaz de desfazer a alma. Essas repreensões ao menos trazem consigo a correção, porque Sua Majestade, como eu disse,<sup>4</sup> dá o conselho e o remédio. Outras vezes, Ele me trazia à memória meus pecados passados, em especial quando desejava me conceder favores destacados; nessas ocasiões, a alma tem a impressão de já estar no verdadeiro Juízo. Porque a verdade lhe é apresentada com tamanha clareza que ela não sabe onde se esconder.

Em outras ocasiões ainda, o Senhor me dava avisos de alguns perigos para mim e para outras pessoas, sobre coisas que viriam a acontecer, para as quais fui alertada três ou quatro anos antes, coisas que sempre se cumpriram. Algumas delas eu poderia nomear. Dessa maneira, há tantas evidências de que isso vem de Deus que, a meu ver, não se pode ignorar a Sua ação.

3. O mais seguro é (e eu assim ajo e, sem isso, não teria sossego, nem é razoável que o tenhamos, pois somos mulheres, e sem letras), como muitas vezes me disse o Senhor (e aqui não pode haver danos, mas muitos proveitos), não deixar de revelar o que vai na alma e as graças concedidas pelo Senhor ao confessor; esse confessor deve ser instruído, e devemos obedecer a ele. O Senhor me tem dito isso muitas vezes.

Eu tinha um confessor que muito me mortificava e, por vezes, me afligia e muito me fazia sofrer, porque me inquietava em demasia. Contudo, tenho para mim ter sido ele o que mais me beneficiou. Embora eu tivesse muita afeição por ele, às vezes me sentia tentada a deixá-lo, pois me parecia que os exercícios da oração que ele me mandava fazer me estorvavam. Toda vez que estava decidida a abandoná-lo, eu logo percebia que não devia fazê-lo; era uma repreensão que me desfazia mais do que as advindas do confessor. Em certas ocasiões, eu ficava cansada: discussões de um lado e repreensões do outro; mas tudo era necessário, pois a minha vontade era muito pouco submetida.

- O Senhor me disse certa feita que não é obediente quem não está determinado a padecer; que eu devia levar em consideração aquilo que Ele padecera, pois assim tudo ficaria mais fácil para mim.
- 4. Um confessor com quem tive contato no início aconselhou-me que, como estava provado que o bom espírito agia em mim, eu me calasse e disso não falasse com ninguém, porque, nessas coisas, o melhor é calar. Eu gostei disso, porque sofria muito cada vez que as contava ao confessor, e era tanta a minha vergonha que superava a que eu sentia ao confessar pecados graves. Particularmente quando se tratava de grandes favores, eu tinha a impressão de que não me haveriam de crer e zombariam de mim; eu sentia tanto isso que considerava ser um desacato às maravilhas de Deus, sendo esse o motivo de eu querer calar. Mas vim a compreender que fora muito mal aconselhada por ele, pois de nenhuma maneira devia ocultar coisas àqueles a quem me confessava, porque, fazendo isso, tinha grande segurança, ao passo que, fazendo o contrário, podia ser enganada alguma vez.
- 5. Sempre que o Senhor me ordenava uma coisa na oração e o confessor me dizia outra, o próprio Senhor repetia que lhe obedecesse; depois Sua Majestade mudava a sua opinião, para que me ordenasse outra vez de acordo com a vontade divina.

Senti muito quando se proibiu a leitura de muitos livros em castelhano,6 porque alguns muito me deleitavam, e eu não poderia mais fazê-lo, pois os permitidos estavam em latim; o Senhor me disse: *Não sofras, que te darei livro vivo*. Eu não podia compreender por que Ele me dissera isso, pois ainda não tinha tido visões. Mais tarde, há bem poucos dias, o compreendi muito bem, pois tenho tido tanto em que pensar e

em que me recolher naquilo que me cerca, e tenho tido tanto amor do Senhor, que me ensina de muitas maneiras, que tenho tido muito pouco ou quase nenhuma necessidade de livros. Sua Majestade tem sido o livro verdadeiro onde tenho visto as verdades. Bendito seja esse livro, que deixa impresso na alma o que se há de ler e fazer, de modo que não se pode esquecer!

Quem pode ver o Senhor coberto de chagas e aflito por perseguições sem que as abrace, ame e deseje? Quem vê algo da glória que Ele dá aos que O servem e não reconhece que de nada vale tudo o que se pode fazer e padecer quando esperamos esse prêmio? Quem vê os tormentos que passam os condenados e não considera deleites os sofrimentos daqui nem reconhece o muito que deve ao Senhor por ter sido libertado tantas vezes daquele lugar?

6. Como, com o favor de Deus, falarei mais sobre algumas coisas, desejo prosseguir com a narrativa da minha vida. Queira o Senhor que eu tenha conseguido explicar-me no que tenho dito. Bem creio que quem tiver experiência o entenderá e verá que algo eu consegui dizer. Quem não a tem não me causará espanto se considerar tudo o que eu disse um disparate. Basta que eu o diga para ficar desculpado quem assim pensar, e não serei e a culpá-lo. Que o Senhor me permita acertar ao cumprir a Sua vontade. Amém.

### CAPÍTULO 27

TRATA DO OUTRO MODO PELO QUAL O SENHOR ENSINA A ALMA E, SEM FALAR, A FAZ ENTENDER SUA VONTADE DE MANEIRA ADMIRÁVEL. FALA TAMBÉM DE UMA VISÃO E DA GRANDE GRAÇA QUE RECEBEU DO SENHOR. ESTE CAPÍTULO É MUITO IMPORTANTE.

1. Voltando ao relato da minha vida, *eu estava*¹ com grandes aflições e faziam por mim, como eu disse,² muitas orações, para que o Senhor me levasse por um caminho mais seguro, visto ser aquele, como diziam, muito suspeito. Verdade é que, embora eu o suplicasse a Deus e por mais que desejasse outro caminho, eu via minha alma tão melhorada, exceto em algum momento em que estava muito cansada das coisas que me diziam e dos receios que me inspiravam, que não estava em minhas mãos desejá-lo, embora eu sempre pedisse.

Eu me via inteiramente transformada; eu não podia,³ mas me punha nas mãos de Deus, porque Ele sabia o que me convinha, para que cumprisse em mim na íntegra a Sua vontade. Eu percebia que por esse caminho rumava para o céu e que antes marchara para o inferno; que tinha de desejar isso sem acreditar que fosse do demônio, mas não me podia forçar, embora fizesse o que estava ao meu alcance para crer nisso e para desejar outro caminho, pois não estava nas minhas mãos. Eu oferecia o que fazia, quando era alguma boa obra, por essa intenção. Recorria a santos devotos para que me livrassem do demônio. Fazia novenas; encomendava-me a Santo Hilarião, ao anjo São Miguel, pelo qual voltei a ter devoção, importunando muitos outros santos para que, com a sua intercessão, o Senhor me esclarecesse.

2. Passados dois anos, durante os quais fiz todas essas orações, ao lado de outras pessoas, para que o Senhor me levasse por outro caminho ou declarasse a verdade — porque eram muito contínuas as vezes que, como eu disse,<sup>4</sup> o Senhor falava comigo — aconteceu-me o seguinte. Estando no dia do glorioso São Pedro dedicada à oração, vi perto de mim, ou, melhor dizendo, senti, porque com os olhos do corpo ou da alma nada vi, Cristo ao meu lado. Parecia-me que Ele estava junto de mim, e eu via ser Ele que, na minha opinião, me falava.

Dada a minha grande ignorância sobre a possibilidade de semelhante visão, senti grande temor no início, e a única coisa que fiz foi chorar, embora, ouvindo do Senhor uma só palavra de segurança, ficasse em meu estado habitual, em quietude, consolada e sem nenhum temor. Parecia-me que Jesus Cristo sempre estava ao meu lado; e, como não era visão imaginária,<sup>5</sup> não percebia de que forma. Mas sentia com clareza tê-Lo sempre ao meu lado direito, como testemunha de tudo o que eu fazia. Nenhuma vez em que me recolhesse um pouco ou não estivesse muito distraída eu podia ignorar que Ele estava junto de mim.

3. Muito aflita, corri ao meu confessor para lhe contar. Ele me perguntou em que forma eu via Cristo. Eu disse que não O via. Ele me perguntou como eu sabia que era Cristo. Respondi que não sabia como, mas que não podia deixar de perceber que Ele estava junto de mim, pois O via e sentia com clareza. O recolhimento da alma era muito maior na oração de quietude, e muito mais intenso, sendo os efeitos muito diferentes dos que eu costumava ter. Isso era muito evidente.

Para me explicar, eu só podia recorrer a comparações; e é certo que, para esse modo de visão, não me parece haver comparação adequada. Assim como é uma visão das mais sublimes (como depois me disse um santo homem de grande espírito, Frei Pedro de Alcântara, de quem depois farei menção, 6 bem como outros

grandes eruditos, que me alertaram para o fato de ser ela a visão em que o demônio menos se pode imiscuir), assim também não há termos para descrevê-la, pelo menos por nós, pobres ignorantes, porque os eruditos melhor o explicarão. Porque, se digo que não O vejo com os olhos do corpo nem da alma, por não ser visão imaginária, como percebo e afirmo com mais clareza que está perto de mim do que se O visse?

Não ajuda muito dizer que é como uma pessoa que está no escuro e não vê outra que está ao seu lado, ou como uma pessoa cega; isso tem alguma semelhança, mas não muita, porque nesse caso é possível percebê-la com os sentidos, ouvi-la falar ou mexer-se, ou mesmo tocá-la. No caso de que trato, não há nada disso, nem se vê escuridão; a presença é percebida pela alma com mais clareza do que o sol. Não digo que se veja o sol ou a claridade. Vemos uma luz que, sem se mostrar na realidade, ilumina o entendimento para que a alma goze de tão grande bem. Ela traz consigo inúmeros beneficios.

- 4. Não é como a presença de Deus, que é sentida muitas vezes, em especial pelos que têm oração de união e de quietude. Parece que, quando se começa a ter oração, encontra-se imediatamente com quem falar e, pelo visto, percebemos que nos ouve por meio dos efeitos e sentimentos espirituais de grande amor, grande fé, e outras determinações cheias de ternura. Esse grande favor é de Deus, e quem o receber tenha-o em alta conta, porque é uma oração muito elevada, embora não seja visão, sendo a presença de Deus percebida pelos efeitos que, como eu disse, são produzidos na alma, por ser desse modo que Sua Majestade quer dar-se a sentir. Aqui, <sup>8</sup> vê-se com clareza que Jesus Cristo, filho da Virgem, está presente. Na outra oração, manifestam--se somente umas influências da Divindade; nesta, percebemos ao lado disso que a Humanidade Sacratíssima nos acompanha e nos quer conceder graças.
- 5. O confessor me perguntou: quem disse que era Jesus Cristo? Ele mesmo o disse muitas vezes, respondi; mas, antes que Ele me dissesse, já estava impresso no meu pensamento que era Ele. Antes disso, Ele já me dizia, mas eu não O percebia. Se uma pessoa que eu nunca tivesse visto e só conhecesse pela fama viesse me falar, estando eu cega ou numa grande escuridão, e me dissesse quem era, eu acreditaria nela, mas não com a mesma certeza com que o faria se a visse. Nesta oração, sim, sem que vejamos, imprime-se em nós uma evidência tão clara que não me parece haver como duvidar; quer o Senhor que isso esteja tão gravado em nosso entendimento que não possamos duvidar mais do que duvidaríamos do que vemos e até teríamos mais dúvidas neste último caso, porque algumas vezes resta a suspeita de que tenhamos imaginado; aqui, embora possa haver tal suspeita, a certeza é tão grande que a dúvida não tem força.
- 6. Assim é também uma outra maneira pela qual Deus ensina a alma, falando-lhe sem falar, como expliquei. É uma linguagem tão sublime que mal se pode dar a entender, por mais que o queiramos, se o Senhor, pela experiência, não o ensinar. O Senhor apresenta o que deseja que a alma compreenda no mais profundo do seu íntimo, agindo ali sem imagens nem palavras, mas à maneira da visão já explicada.

E deve-se dar muita atenção a esse modo de Deus fazer com que a alma entenda o que Ele quer, e grandes verdades e mistérios, porque muitas vezes, quando me explica alguma visão, Sua Majestade quer dizer qual a Sua vontade com relação a mim. Parece-me que, por estas razões, essa é a oração em que o demônio menos pode se intrometer.<sup>10</sup> Se elas não são boas, devo estar enganada.

- 7. É tão espiritual essa espécie de visão e de linguagem que não há nenhuma manifestação nas faculdades nem nos sentidos, o que, a meu ver, impede que o demônio perceba o que vai na alma. Il Isso acontece raras vezes e por breve tempo, porque, em outras, tenho certeza de que as faculdades não estão suspensas nem os sentidos aquietados, mas muito em si. Ou seja, isso não acontece sempre na contemplação, mas muito poucas vezes; nestas, não somos nós que agimos, nem nada fazemos: tudo parece obra do Senhor. É como se sentíssemos no estômago um alimento que não ingerimos; percebemos que está ali, mas não sabemos o que é nem quem o pôs. Aqui<sup>12</sup> sim; mas como foi posto não o sei, pois não se vê nem se entende, jamais se pensou em desejá-lo nem passou pela cabeça a idéia de que isso fosse possível.
- 8. Nas palavras de que já falei,<sup>13</sup> Deus obriga o intelecto, mesmo a contragosto, a prestar atenção, entendendo o que é dito; a alma parece ter outros ouvidos de ouvir, ouvidos que a fazem escutar e impedem que se distraia: é como alguém que ouvisse bem e fosse proibido de tapar os ouvidos. Se pessoas falassem perto dele, ainda que não quisesse, ele haveria de ouvir. De qualquer modo, algo faz, pois está atento para compreender o que é falado.

No caso em questão, nem essa pouca participação permitida no passado, simplesmente escutar, permanece. A alma encontra tudo cozido e comido; só lhe resta aproveitar, como alguém que, sem ter aprendido nem se esforçado para saber ler, e sem estudar nada, encontrasse toda a ciência dentro de si, sem saber como nem de onde ela veio parar ali, visto que jamais fez qualquer coisa mesmo para aprender o alfabeto.

9. Parece-me que esta última comparação explica algo deste dom celestial, porque a alma se vê, num átimo, sábia e tão instruída sobre o mistério da Santíssima Trindade e de outras coisas muito elevadas que não há teólogo com quem ela não se atrevesse a argumentar acerca da verdade dessas grandezas. É tamanho o espanto que basta uma graça dessas para provocar uma reviravolta na alma, levando-a a não amar senão Aquele que ela vê, sem nenhum trabalho seu, torná-la capaz de tão grandes bens, comunicando-lhe segredos e tratando com ela com tanta amizade e amor que não é possível descrever. O Senhor concede alguns favores que, por serem tão admiráveis e dados a quem tão pouco os merece, trazem consigo uma suspeita que, se a fé não for muito viva, impede a alma de acreditar neles.

Por isso, se não me ordenarem outra coisa, pretendo falar de algumas graças que o Senhor me tem concedido; vou me limitar a algumas visões que possam ser de algum proveito ou sirvam para que a pessoa a quem o Senhor as conceder não se espante, julgando-o impossível, como fazia eu. Poderão também servir para explicar o modo como o Senhor me conduziu e o caminho pelo qual me levou, porque é isso que me mandam escrever.

10. Voltando agora a esta maneira de compreender, parece que o Senhor quer de todo modo que a alma saiba algo do que se passa no céu; tenho a impressão de que, assim como lá é possível compreender sem que ninguém fale (o que eu nunca soube com certeza até que o Senhor, pela Sua bondade, quis que eu visse e me mostrou num arroubo), assim também aqui Deus se entende com a alma, bastando que Sua Majestade o deseje; não são usados artificios para que se compreenda o amor que une esses dois amigos.

É como o que acontece no mundo quando duas pessoas têm um grande amor mútuo e se entendem muito bem, sem nem precisar de sinais, sendo suficiente que olhem uma para a outra. Creio que assim ocorre nesta maneira de entender, porque, sem que percebamos, estes dois amantes se olham, face a face, como diz o Esposo à Esposa no *Cântico dos Cânticos*, <sup>14</sup> ou ao menos acho que ouvi dizer que é aí que diz.

- 11. Ó benignidade admirável de Deus, *que assim Vos*<sup>15</sup> deixais mirar por olhos que se dedicaram a tanto mal como os de minha alma! Que eles, Senhor, diante desta visão, se acostumem a não olhar coisas baixas, nem se contentem senão Convosco! Ó ingratidão dos mortais! A que ponto há de chegar? Sei por experiência que é verdade o que digo, sendo bem pouco o que se pode dizer do que fazeis a uma alma que levais a essa condição. Ó almas que começastes a fazer oração e que tendes verdadeira fé, que bens podeis buscar nesta vida que sejam iguais ao menor dos bens celestiais, sem falar no que se ganha para a eternidade?
- 12. Deus com certeza se dá a todos os que deixam tudo por Ele. Ele não faz distinção entre as pessoas, <sup>16</sup> pois ama a todas; ninguém pode dizer que Ele aja de outra maneira, por pior que seja a pessoa, já que assim foi comigo, tendo me elevado a esse estado. O que digo nada vale diante do que se poderia dizer; só falei do que é imperativo para se explicar esta maneira de visão e de graças que Deus concede à alma. Mas não posso falar do que se sente quando o Senhor revela segredos e grandezas Suas, dos prazeres tão superiores a todos os do mundo, prazeres que com razão nos fazem aborrecer os deleites da vida, que não passam de lixo. O simples fato de evocá-los aqui para fins de comparação já me dá náuseas, mesmo que eu os pudesse aproveitar por toda a eternidade, enquanto estes que o Senhor dá são apenas uma gota do grande rio caudaloso que está preparado para nós.<sup>17</sup>
- 13. Isso nos causa vergonha com certeza causa a mim. Se fosse possível haver confusão no céu, eu com razão estaria lá mais confusa do que todos. Por que havemos de querer tantos bens, deleites e glórias por todo o sempre à custa do bom Jesus? Não vamos ao menos chorar com as filhas de Jerusalém, is já que não O ajudamos a levar a cruz, como o Cireneu? Haveremos de gozar com prazeres e diversões o que Ele conseguiu para nós vertendo tanto sangue? É impossível. E pensamos remediar com vãs honrarias o desprezo que Ele sofreu para que nós pudéssemos reinar para sempre? Não tem cabimento; agindo assim, errado, erradíssimo, é o caminho; nunca chegaremos lá.

Apregoe vossa mercê<sup>19</sup> essas verdades, pois Deus me tirou essa liberdade. Eu gostaria de repeti-las sempre para mim, mas muito demorei a ouvir--me e a entender a Deus, como se verá no que escrevo.<sup>20</sup> Por isso, tenho grandes dificuldades para falar delas, razão por que vou me calar, dizendo apenas uma coisa que às vezes considero. Queira o Senhor conceder-me um dia o favor de gozar desse bem.

14. Que glória acidental será, e que contentamento, a dos bem-aventurados que já gozam disso quando virem que, embora tarde, não deixaram de fazer por Deus o que puderam, e nada lhe negaram, dando-Lhe de todas as maneiras que puderam, de acordo com as suas forças e o seu estado. E quem mais tiver feito tanto mais receberá! Quão rico ficará quem deixou todas as riquezas por Cristo. Que honrado será quem não quis honra por amor a Ele, mas se comprazia<sup>21</sup> em ver-se muito abatido! Quão sábio quem folgou por ver que o tinham por louco, pois o levaram à própria Sabedoria! Quão poucos assim há agora, devido aos nossos pecados! Sim, parece que se acabaram aqueles que as pessoas tinham por loucos ao vê-los realizar façanhas

heróicas de verdadeiros amantes de Cristo. Ó mundo, mundo, como tens ganho honras por haver poucos que te conheçam!

15. E, no entanto, pensamos que se serve mais a Deus se se é considerado sábio e discreto! Sem dúvida assim é, a julgar pela moda da discrição. Desse modo, parece-nos pouco edificante não ter muita compostura e dignidade, cada qual em seu estado. Até o frade, o clérigo e a monja têm a impressão de que usar hábitos velhos e remendados é uma novidade, um escândalo para os fracos, ocorrendo o mesmo com o recolhimento e a oração. O mundo está de tal maneira, e estão tão esquecidas as coisas da perfeição e os grandes fervores que os santos tinham, que não se vê que o pretenso escândalo causado por religiosos que mostrem em obras o que dizem com palavras — a pouca importância que se deve dar ao mundo — não contribui tanto para as desventuras desta época quanto o desejo de ser tido por sábio e discreto.

Desses pretensos escândalos o Senhor obtém grandes proveitos. E, se uns se escandalizam, outros se arrependem. Quem dera houvesse ao menos um esboço do que Cristo e os Seus apóstolos passaram nesta nossa época, que mais do que nunca precisa disso!

16. E que bom modelo Deus nos levou agora no bendito Frei Pedro de Alcántara! O mundo não consegue suportar tanta perfeição. Fala-se que a saúde está mais fraca e que são outros os tempos. Esse santo homem viveu nesta época, mas o seu espírito era vigoroso como nos outros tempos; ele tinha o mundo sob os pés. Mesmo que não andemos descalços nem façamos penitências tão duras quanto ele, há muitas coisas, como eu já disse outras vezes,²² com que se desprezar o mundo; quando vê disposição, o Senhor as ensina. E que grande coragem Sua Majestade deu a esse santo de que falo, que, como todos sabem, fez durante quarenta e sete anos uma áspera penitência! Quero dizer algo sobre isso, pois sei que é pura verdade.

17. Ele me contou, e a outra pessoa,<sup>23</sup> para a qual não tinha segredos (quanto a mim, a causa de me dizer foi o amor que me tinha, amor que o Senhor nele inspirou para que cuidasse de mim e para me animar num momento de muita necessidade, como eu disse e direi<sup>24</sup>): pelo que me lembro, ele disse que por quarenta anos dormiu apenas uma hora e meia por dia. Contou que no início a sua maior penitência foi vencer o sono e que, para isso, ficava sempre de joelhos ou de pé; quando dormia, era sentado, com a cabeça encostada a um pedaço de madeira que tinha pregado na parede. Ainda que quisesse, não podia deitar-se, porque a sua cela, como se sabe, não tinha nem um metro e meio. Em todos esses anos, nunca se cobriu com um capuz, por mais fortes que fossem o sol ou a chuva, nunca cobriu os pés e só vestia o corpo com um hábito de saial sem nada mais sobre a carne. Tratava-se de um hábito bem apertado, por cima do qual ele usava um pequeno manto do mesmo pano.

Ele me contou que tirava o manto quando fazia muito frio e deixava a porta e o postigo da cela abertos, a fim de que, pondo depois o manto e fechando a porta, o corpo fosse contentado e ficasse sossegado com algum abrigo. Ele costumava comer somente de três em três dias, afirmando ainda que isso não era motivo de espanto, por ser muito possível a quem se acostumasse. Um companheiro seu me contou que ele às vezes passava oito dias sem comer. É provável que isso ocorresse quando ele estava em oração, porque tinha grandes arroubos e ímpetos de amor de Deus, como testemunhei certa feita.<sup>25</sup>

18. Era extrema a sua pobreza; na mocidade, foi tamanha a sua mortificação que, segundo me contou, aconteceu de passar três anos numa casa de sua Ordem sem conhecer nenhum frade a não ser pela fala; porque jamais levantava os olhos. Ele não conhecia os lugares a que por necessidade tinha de ir, pois seguia os outros frades. Fazia o mesmo em todos os caminhos. Nunca olhou uma mulher — e isso por muitos anos. Disse-me que pouca diferença fazia para ele ver ou não ver; mas era muito velho quando o conheci, <sup>26</sup> e tão extrema a sua fraqueza que parecia feito de raízes de árvores.

Com toda essa santidade, era muito afável, se bem que de poucas palavras, a não ser quando falavam com ele. Sua conversa era muito agradável, por ser grande a sua compreensão. Quisera dizer muitas outras coisas, mas tenho medo de que vossa mercê pergunte por que me intrometo nisso, e foi temerosa que o escrevi. Concluo, pois, dizendo que o seu fim foi como a sua vida; ele morreu pregando e admoestando seus religiosos. Quando viu que tinha chegado a sua hora, disse o salmo *Laetatus sum in his quae dicta sunt mihi* (Alegrei-me com o que foi dito)<sup>27</sup> e, de joelhos, expirou.

19. Depois disso, o Senhor tem permitido que eu tenha mais ajuda dele do que tive em vida; ele me aconselha em muitas coisas. Vi-o muitas vezes com imensa glória. Da primeira vez em que me apareceu, ele me disse que fora feliz a penitência que lhe granjeara tamanha recompensa, e muitas outras coisas. Um ano antes de morrer, ele me apareceu, embora estivesse ausente.²8 Assim, eu soube que ele havia de morrer e mandei que o avisassem, estando ele a alguns quilômetros daqui. Quando expirou, ele me apareceu e disse-me que ia entrar em seu descanso.²9 Eu não acreditei e contei a algumas pessoas; oito dias depois, chegou a notícia de que morrera ou, melhor dizendo, começara a viver para sempre.

- 20. Eis acabada essa vida tão áspera com glória tão imensa. Acho que agora ele me consola mais do que quando estava aqui. O Senhor me disse uma vez que concederia em nome desse Santo tudo o que Lhe pedissem. Muitas coisas que lhe encomendei que pedisse ao Senhor vi ser realizadas. Bendito seja para sempre, amém.
- 21. Mas para que falar tudo isso? Não é para despertar vossa mercê para que não estime em nada as coisas desta vida! Como se vossa mercê não o soubesse ou não estivesse determinado a tudo deixar, tendo já posto mãos à obra!

Digo-o porque vejo tanta perdição no mundo que, embora dizê-lo não sirva senão para que eu me canse de escrever, falar isso é descanso, ainda que tudo isso seja contra mim. Que o Senhor perdoe as minhas ofensas nesse caso, e que vossa mercê, a quem canso sem motivo, também o faça. Parece que desejo que vossa mercê faça penitência pelos pecados que eu cometi nesta matéria.

## CAPÍTULO 28

NARRA AS GRANDES GRAÇAS QUE O SENHOR LHE CONCEDEU E COMO ELE LHE APARECEU A PRIMEIRA VEZ. EXPLICA O QUE É VISÃO IMAGINÁRIA. FALA DOS GRANDES EFEITOS E SINAIS QUE A VISÃO DEIXA QUANDO VEM DE DEUS. ESTE CAPÍTULO É MUITO PROVEITOSO E IMPORTANTE.

1. Voltando ao nosso propósito,¹ durante alguns dias a visão permaneceu, sendo-me tão proveitosa que eu não saía da oração e, mesmo quando o fazia, buscava que fosse de modo a não descontentar a quem claramente o testemunhava. E, embora eu às vezes temesse, devido às tantas coisas que me diziam,² pouco durava o medo, porque o Senhor me dava trangüilidade.

Certo dia em que eu estava em oração, quis o Senhor mostrar-me apenas as Suas mãos; era tamanha a sua formosura que eu não consigo descrevê-las. Isso me deixou muito temerosa, porque qualquer novidade em termos de graça sobrenatural que o Senhor me concede muito me assusta no princípio. Há poucos dias, vi também o rosto divino, que, ao que parece, me deixou inteiramente absorta. Eu não podia compreender por que o Senhor se mostrava assim, pouco a pouco, se haveria de me fazer a graça de vê-Lo por inteiro, mas vim a entender que Sua Majestade me conduzia segundo minha fraqueza natural. Bendito seja para sempre, porque tanta glória junta era insuportável para criatura tão baixa e vil, razão por que, sabendo disso, o piedoso Senhor ia me preparando.

- 2. É provável que vossa mercê ache que não era preciso muito esforço para ver mãos e rosto tão formosos. Mas os corpos glorificados são tão belos que a glória que traz consigo a visão de coisa tão sobrenaturalmente formosa nos perturba; e, assim, isso me deixava cheia de temor, confusa e inquieta, se bem que, mais tarde, me viessem uma certeza e uma segurança tais que eu logo perdia o temor.
- 3. Num dia de São Paulo, durante a missa, essa Humanidade sacratíssima se apresentou a mim por inteiro, tal como é representado ressuscitado; sua formosura e majestade eram como eu já disse a vossa mercê, seguindo ordem vossa. E me custou muito fazê-lo, porque não há como descrevê-las sem as desmerecer; mas expliquei da melhor maneira que pude,³ não havendo por que repeti-lo. Digo somente que, se no céu não houvesse senão a formosura dos corpos glorificados para deleitar a vista, seria imensa a glória especial de ver a Humanidade de Jesus Cristo Nosso Senhor. Se aqui na terra Sua Majestade se mostra na medida do que pode suportar a nossa miséria, como se mostrará Ele ali onde se goza a plenitude desse bem?
- 4. Embora essa visão seja imaginária, nunca a vi com os olhos corporais, nem a alguma outra, mas com os olhos da alma.

Os que sabem mais do que eu dizem que a visão anterior é mais perfeita do que essa, que é muito maior do que as que se vêem com os olhos do corpo, consideradas as mais baixas,<sup>4</sup> aquelas que mais admitem ilusões do demônio. Como eu não podia entender isso, desejava, quando me era concedido esse favor, ver com os olhos corporais, para que o confessor não me dissesse que eu estava enganada. Depois que ela acabava, acontecia-me, imediatamente depois, pensar que tinha de fato me enganado, ficando aflita por tê-lo dito ao confessor, achando que o tinha enganado. Eu caía em prantos, voltava a ele e contava-lhe as minhas dúvidas. Ele me perguntava se eu pensava que lhe dizia a verdade ou se o tinha querido enganar. Eu lhe dizia a verdade, pois a meu ver não tinha mentido nem o pretendera; por nenhuma coisa deste mundo eu usaria de enganos. Ele bem o sabia e, assim, procurava tranqüilizar-me, e eu sentia muito por ir procurá-lo com essas ninharias, que não sei como o demônio conseguia convencer-me de que eram fingimento de minha parte, trazendo-me grande tormento.

Mas o Senhor apressou-Se tanto em me dar essa graça e declarar essa verdade que cedo afastou de mim a dúvida sobre a realidade disso. Mais tarde, vi com muita clareza a minha tolice; porque, mesmo que dedicasse muitos anos a imaginar coisa tão bela, eu não o teria podido nem sabido, já que excede tudo aquilo que se pode pensar aqui, ao menos na brancura e esplendor.

5. Não é um esplendor que deslumbre, mas uma suave brancura e um brilho infuso que dão enorme prazer à vista e não cansam, o mesmo ocorrendo com a claridade que acompanha a visão dessa beleza tão divina. É uma luz tão diferente das do mundo que o clarão do sol que vemos parece sem brilho em comparação com a claridade e a luz que se apresentam à vista. Quase não se quer abrir os olhos depois disso. É como ver uma água muito clara que corre sobre cristal e onde o sol reverbera, comparada a uma água muito turva num dia nublado correndo sobre a terra. Não que se veja o sol ou que a luz se assemelhe à dele; na verdade, parece luz natural, enquanto a solar parece coisa artificial.

É luz que não conhece noite, mas que, como sempre brilha, por nada pode ser ofuscada. Em suma, é de tal maneira que, por maior entendimento que tivesse, ninguém, em todos os dias de sua vida, poderia por si mesmo imaginar como é. E, no entanto, Deus a põe diante de nós num átimo, mal nos dando tempo de abrir os olhos, caso fosse necessário fazê-lo. Pouco importa que estejam abertos ou fechados, porque, quando o Senhor deseja, mesmo que não queiramos, a vemos. Não há distração que a perturbe, nem resistência, nem esforço, nem cuidado. Tenho boa experiência disso, como direi.<sup>5</sup>

6. Eu desejaria explicar agora o modo como o Senhor se mostra nessas visões; não digo que possa explicar a maneira pela qual essa luz tão forte se imprime nos sentidos interiores, nem como o nosso intelecto percebe imagem tão clara, que verdadeiramente parece estar ali, por ser isso assunto de eruditos. O Senhor não me quis dar a entender de que forma isso acontece; e sou tão ignorante e de entendimento tão grosseiro que, embora me tentassem explicá-lo, ainda não o consegui entender.

É verdade, muito embora vossa mercê tenha a impressão de que há em mim vivacidade de espírito; porque já passei por isso muitas vezes e só o compreendo, como dizem, o que me é dado mastigado. Algumas vezes, o meu confessor se espantava com as minhas ignorâncias, pois jamais entendi, nem desejei entender, como Deus fazia isso ou como isso era possível, nem nunca o perguntei, embora, como eu disse,<sup>6</sup> de alguns anos para cá tenha tratado com bons letrados. Eu só perguntava se uma coisa era ou não pecado. Quanto ao mais, bastava-me pensar que Deus tinha feito tudo e logo via que não tinha por que me admirar, mas razões para louvá-Lo. As coisas difíceis até me levam à devoção, e, quanto mais difíceis, tanto mais o fazem.

- 7. Falarei, pois, do que vi por experiência. Como o Senhor o faz, vossa mercê o explicará melhor, elucidando tudo o que estiver obscuro e eu não souber dizer. Bem me parecia, em algumas coisas, que o que eu via eram imagens; mas, por muitas outras razões, eu achava que era o próprio Cristo, de acordo com a clareza com que era servido mostrar-se a mim. Em algumas ocasiões, a visão era tão confusa que me parecia imagem, mas não semelhante aos quadros da terra, por mais perfeitos que sejam, pois destes vi muitos, e belos; pensar que uns e outros são semelhantes é disparate, pois se parecem tanto quanto uma pessoa viva com seu retrato, já que este, por melhor que seja, não pode ser tão natural, sendo perceptível que não passa de coisa morta. Mas deixemos isso de lado, que já está bem explicado e é tal como digo.
- 8. O que digo não é uma comparação, pois elas nunca são tão cabais, mas a pura verdade: há de fato uma diferença como a existente entre o vivo e o pintado nem mais nem menos. Porque, se for imagem, é imagem viva, não um homem morto, mas o Cristo vivo. Ele dá a entender que é homem e Deus, mostrando-se não como estava no sepulcro, mas com a aparência com que saiu dele ao ser ressuscitado. Ele vem por vezes com tanta majestade que não há quem possa duvidar de que se trata do próprio Senhor, em especial quando acabamos de comungar, pois já sabemos que está ali, visto que a fé assim nos diz. Ele se apresenta tão senhor daquela pousada que parece que a alma toda desfeita se vê consumir em Cristo.
- Ó Jesus meu, quem poderia explicar a majestade com que Vos mostrais? E quão Senhor de todo o mundo, dos céus, de outros mil mundos, e de mundos e céus sem conta que poderíeis criar! A alma compreende que, diante da majestade com que Vos representais, nada é para Vós serdes Senhor do universo.
- 9. Aqui se vê com clareza, Jesus meu, o pouco poder de todos os demônios diante do Vosso; na verdade, quem Vos contenta pode pisar em todo o inferno. Vê-se a razão que os demônios tiveram de temer quando fostes ao limbo, sendo eles obrigados a desejar mil outros infernos mais inferiores para fugir de tão grande majestade. E percebo que quereis dar a entender à alma quão grande sois e que poder tem essa Sacratíssima Humanidade unida à Divindade. Vemos muito bem como será, no dia do Juízo, ver a majestade desse Rei e o seu rigor para com os maus. Aqui, a visão deixa na alma a verdadeira humildade, pois esta vê sua miséria e

não a pode ignorar. Aqui, ocorrem a confusão e o verdadeiro arrependimento dos pecados; a alma, mesmo vendo tantas mostras de amor, não sabe onde se esconder, e se desfaz toda.

Essa visão tem força tão imensa que, quando o Senhor quer mostrar à alma grande parte de Sua grandeza e majestade, é impossível (se o Senhor, de maneira muito sobrenatural, não quisesse ajudar a alma pondo-a em arroubo e êxtase, onde ela perde de vista, com o prazer que sente, a visão daquela presença divina) que alguém possa suportá-la.

É verdade que se esquece depois? A majestade e a formosura ficam tão impressas que só se pode esquecer quando o Senhor deseja que a alma padeça de uma aridez e de uma imensa solidão de que vou falar, <sup>8</sup> porque, nesse caso, ela parece esquecer-se até de Deus. A alma se transforma, sempre embebida; parece-lhe que começa a amar Deus com um novo amor vivo muito elevado. E, embora a visão passada de que falei, <sup>9</sup> que representa Deus sem imagem, seja mais elevada, esta última é mais adequada à nossa fraqueza, pois dura mais na memória e traz bem ocupado o pensamento, porque deixa representada e impressa na imaginação presença tão divina.

E quase sempre vêm juntos esses dois tipos de visão. E é bom que venham, porque, com os olhos da alma, vemos a excelência, a formosura e a glória da Santíssima Humanidade, e, da outra maneira aludida, percebemos como é Deus e quão poderoso, vemos que Ele tudo pode, tudo ordena, tudo governa e tudo enche com o Seu amor.

10. É muito boa essa visão e, a meu ver, desprovida de perigo, porque se percebe, nos seus efeitos, que aqui o demônio não tem força. Tenho a impressão de que por três ou quatro vezes o demônio tentou me apresentar o Senhor numa representação falsa em que Este toma a forma de carne, mas, quando é assim, a visão nada tem que se compare com a glória que emana da que vem de Deus. O demônio faz representações para desfazer a verdadeira visão que a alma teve; esta, contudo, resiste, sente-se perturbada, desabrida e inquieta, perdendo a devoção e o gosto que antes tinha, além de ficar sem oração.

Isso me aconteceu, como eu disse, <sup>10</sup> três ou quatro vezes no princípio. Trata-se de coisa tão diversa que até pessoas que só tiveram oração de quietude são capazes de entender a diferença, com base nos efeitos das falas a que já me referi. <sup>11</sup> É coisa muito conhecida, e a alma que não quer se deixar enganar e que tem humildade e simplicidade não poderá, a meu ver, ser iludida. Quem já experimentou uma verdadeira visão de Deus o perceberá quase imediatamente; porque, embora comece com regalos e satisfação, essa falsa visão logo é rejeitada pela alma. Isso porque, a meu ver, o gosto deve ser diferente, e a visão não tem aparência de amor puro e casto, revelando--se em breve de quem vem. Por isso, creio que onde há experiência o demônio não pode causar prejuízo.

11. É completamente impossível que isso seja imaginação; isso a nada leva, porque só a formosura e a brancura de uma mão superam tudo o que possamos imaginar; é claramente impossível à alma ver presentes, de repente, coisas em que nunca pensou e de que não se lembra, e que mesmo em muito tempo não poderiam ser concebidas pela imaginação, por serem muito mais sublimes — como eu já disse — do que se pode compreender no mundo. E, mesmo que o pudéssemos, a sua origem seria claramente perceptível pelo que vou dizer.

Se fosse produzido pelo intelecto, isso não deixaria os grandes efeitos de que falei nem geraria frutos, pois seria a situação de alguém que quisesse dormir, mas permanecesse desperto porque o sono não veio. Essa pessoa, sentindo necessidade de dormir ou a cabeça fraca, e querendo adormecer, esforça-se por consegui-lo; depois de algum tempo, às vezes parece conseguir algum resultado. Contudo, se não for verdadeiro, o sono não se sustenta nem fortalece a cabeça, deixando-a em certas ocasiões mais atordoada. É mais ou menos o que acontece na visão falsa: a alma fica confusa, sem sustento e sem força, cansada e desgostosa. Na visão verdadeira, não posso exagerar a riqueza que fica; o próprio corpo recebe dela saúde e conforto.

- 12. Eu arrolava essa e outras razões quando me diziam que minhas visões vinham do demônio e que eu me enganava e o faziam muitas vezes —, explicando-o por meio de comparações de acordo com o que o Senhor me explicava. Mas isso era em vão, porque, como havia pessoas muito santas neste lugar (sendo eu, em comparação, uma pessoa perdida) que não eram levadas por Deus por esse caminho, logo surgia nelas o temor. Ao que parece, os meus pecados eram a causa disso. Estes eram transmitidos de umas para as outras, de modo que todas vinham a saber sem ouvir de mim, visto que eu só os contava ao meu confessor ou a quem ele me mandava que contasse.
- 13. Eu lhes disse uma vez que, se os que falavam isso me dissessem que uma pessoa com quem eu acabasse de falar, e conhecesse muito, não era ela mesma e que eu me enganava, eu acreditaria mais neles do

que naquilo que tinha visto. Mas que, se a pessoa em questão deixasse comigo algumas jóias como prova do seu grande amor por mim, ficando eu — antes pobre e sem nenhuma jóia — rica, eu não poderia acreditar neles, mesmo que quisesse. E eu poderia mostrar a eles essas jóias, porque todos os que me conheciam viam que sem dúvida a minha alma se transformara — e assim o dizia meu confessor. A diferença era muito grande em todas as coisas, nada tendo de dissimulação, mas sim de uma clareza que todos podiam ver. Eu dizia que, tendo sido antes tão ruim, não podia acreditar que o demônio, para me enganar e me levar ao inferno, empregasse um recurso tão contrário como era tirar-me os vícios e imprimir em mim virtudes e forças. E eu percebia claramente que essas coisas me deixavam modificada por inteiro.

14. Meu confessor, que era um padre bem santo da Companhia de Jesus, <sup>13</sup> dizia, segundo eu soube, o mesmo que eu. Ele era muito discreto e humilde; e essa humildade tão grande me deu muito trabalho, porque, embora ele fosse homem de muita oração e deveras instruído, não tomava a si mesmo por critério, já que o Senhor não o conduzia por esse caminho.<sup>14</sup> Ele sofreu muito, e de muitas maneiras, por minha causa. Eu soube que lhe diziam que se acautelasse de mim e que não deixasse o demônio enganá-lo para fazê-lo acreditar em alguma coisa do que eu lhe dizia. Davam-lhe exemplos de outras pessoas. Tudo isso era muito cansativo para mim, que vivia temendo não ter com quem me confessar, que todos fugissem de mim. A única coisa que eu fazia era chorar.

15. Foi pela providência divina que ele quis continuar a me atender; era um servo de Deus tão virtuoso que tudo faria por Ele. Dizia-me que não ofendesse a Deus, não me desviasse dos seus conselhos e não temesse que ele me abandonasse; sempre me animava e acalmava. Ordenava-me sempre que não lhe escondesse nada, e eu obedecia. Ele me falava que, se eu seguisse isso, mesmo que tudo fosse ação do demônio, eu nenhum dano sofreria, pois antes o Senhor tiraria bem do mal que o demônio quisesse fazer à minha alma; o Senhor sempre procurava aperfeiçoá-la em tudo o que podia.

Como vivia cheia de temor, eu lhe obedecia em tudo, mesmo imperfeitamente; ele muito sofreu comigo durante os três anos e tanto<sup>15</sup> em que me confessou, em meio a tantas dificuldades. Porque, nas grandes perseguições que me fizeram, e nas muitas circunstâncias em que o Senhor permitiu que me julgassem mal, na maioria das vezes sem que eu tivesse culpa, as pessoas o procuravam e lhe lançavam a culpa, apesar de ele ser totalmente inocente.

- 16. Teria sido impossível, se não fosse tão santo, nem fosse animado pelo Senhor, suportar tanto, porque ele tinha de responder aos que pensavam que eu estava perdida e não lhe davam crédito; por outro lado, ele precisava me tranqüilizar e tirar de mim o medo que eu trazia, se bem que infundindo--me um temor ainda maior. Além disso, ele tinha de me acalmar depois de cada visão, porque, como isso era uma coisa nova, Deus permitia que eu tivesse, no final, muito medo. Tudo isso se deve ao fato de eu ter sido tão pecadora, o que ainda sou. Ele me consolava com muita piedade e, se tivesse confiança em si mesmo, eu não teria padecido tanto. Porque Deus lhe fazia entender toda a verdade e, creio eu, lhe dava luz no Sacramento. 16
- 17. Os servos de Deus que não se sentiam seguros relacionavam-se muito comigo.<sup>17</sup> Eu falava por simplicidade coisas que eles interpretavam de outra maneira, razão por que o que eu dizia sem maiores considerações lhes parecia falta de humildade. Eu gostava muito de uma dessas pessoas, porque a minha alma tinha para com ela uma dívida infinita e por ser ela muito santa; eu sentia muito ao ver que ela não me entendia, mesmo desejando com grande ardor que eu me beneficiasse e fosse iluminada pelo Senhor. Quando me faziam perguntas, eu respondia com simplicidade e de modo descuidado, e elas logo imaginavam que eu queria ensinar-lhes e me fazer de sábia. Tudo chegava aos ouvidos do meu confessor, porque, é claro, elas desejavam o meu bem; e ele ralhava comigo.
- 18. Duraram muito tempo esses tormentos, que vinham de todos os lados, mas que passavam com as graças que o Senhor me concedia. Digo isso para que se entenda a grande dor que é não contar com quem tem experiência nesse caminho espiritual, pois se o Senhor não me favorecesse tanto, não sei o que teria sido de mim. Não faltavam coisas para me tirar o juízo, e algumas vezes eu me via em situações em que só me restava elevar os olhos ao Senhor.

Quando se fala, a oposição de pessoas tão boas a uma mulherzinha ruim e fraca como eu, e temerosa, parece não significar nada. Mas posso dizer que, tendo passado na vida por enormes provações, essa foi das maiores para mim. Queira o Senhor que nisso eu tenha servido de alguma maneira a Sua Majestade; porque estou bem certa de que os que me condenavam e interrogavam estavam a Seu serviço, e que era tudo para maior bem meu

- 1. Fugi muito do assunto, porque falava das razões que nos mostram que essas visões não são imaginação.¹ Como nos seria possível representar à custa de esforços a Humanidade de Cristo, reproduzindo com a imaginação Sua grande formosura? E não bastaria pouco tempo para que a nossa criação se assemelhasse um pouco ao seu modelo. É claro que se pode representar na imaginação uma figura, contemplando-a por algum tempo, ver seus traços e a sua brancura, e, pouco a pouco, aperfeiçoá-la e gravá-la na memória. Quem o pode impedir, se o intelecto a pode fabricar? Naquilo que tratamos,² nada disso é possível, visto termos de contemplá-la quando o Senhor a quer apresentar, e da maneira como Ele quer e da perspectiva que deseja. Não é possível pôr nem tirar nada, nem podemos, por mais que nos esforcemos, conseguir uma maneira de ver quando queremos ou de deixar de ver. Quando se quer olhar alguma coisa particular, logo se perde Cristo de vista.
- 2. Por dois anos e meio, Deus me concedia com freqüência essa graça, e há mais de três já não a tenho assim, pois Ele a substituiu por uma coisa mais elevada como talvez eu venha a dizer.³ Vendo que o Senhor falava comigo, e olhando aquela grande formosura e a suavidade das palavras que vinham daqueles lábios belíssimos e divinos ou, às vezes, o rigor —, eu desejava muito perceber a cor dos Seus olhos e saber a Sua altura para dizer depois, mas nunca o mereci, nem havia esforço capaz de me proporcionar isso, ocorrendo antes a perda da visão do todo.

Algumas vezes, eu O via olhar-me com piedade; mas aquele olhar tem tanta força que a alma não consegue suportá-lo, ficando num arroubo tão elevado que, para mais fluí-lo por inteiro, deixa de ver aqueles formosos olhos. Assim sendo, pouco importa se desejamos ou não a visão; vê-se com clareza que o Senhor quer apenas que tenhamos humildade e confusão, que tomemos o que nos é dado e louvemos quem o dá.

- 3. Isso acontece em todas as visões. Nada podemos fazer para ver menos ou mais, nossos esforços nada fazem nem deixam de fazer. Quer o Senhor que reconheçamos de uma vez que não se trata de obra nossa, mas de Sua Majestade, para que fiquemos humildes e temerosos vendo que, assim como o Senhor nos tira o poder de ver o que queremos, assim também pode nos tirar esses favores e graças, deixando-nos inteiramente perdidos, razão por que devemos sempre andar com temor enquanto vivemos neste desterro.
- 4. Quase sempre o Senhor aparecia a mim em Sua forma de ressuscitado, o mesmo ocorrendo na Hóstia. Algumas vezes, para me revigorar, quando eu passava por tribulações, mostrava-se com as chagas; em outras ocasiões, na cruz e no Horto, e, raramente, com a coroa de espinhos. Eu O via também levando a cruz. Tudo isso, como eu disse, ocorria de acordo com as necessidades minhas e de outras pessoas; mas sempre com a carne glorificada.

Muitas afrontas e desgostos passei por contar essas coisas, para não falar dos temores e das perseguições. Algumas pessoas tinham tanta certeza de que isso vinha do demônio que queriam me exorcizar. Isso não me incomodava muito. Eu sentia quando via que os confessores tinham medo de me confessar ou quando sabia que lhes falavam de mim. No entanto, eu não podia me sentir pesarosa por ter tido essas visões celestiais, nem as trocaria uma única vez por todos os bens e prazeres do mundo; eu sempre as considerava uma grande graça do Senhor, um enorme tesouro, o que o próprio Senhor muitas vezes me garantia.

Eu sentia crescer em mim cada vez mais o amor que tinha por Ele; queixava-me com Ele de todas essas angústias, e sempre saía consolada, e com novas forças, da oração. Eu não me atrevia a contradizê-los, porque via que seria muito pior, já que tomariam por manifestação de pouca humildade. Eu falava com meu confessor, que, quando me via cansada, sempre me consolava muito.

5. Como as visões foram se multiplicando, uma dessas pessoas, que antes me ajudava<sup>4</sup> (era a pessoa com quem eu me confessava quando o ministro não podia), começou a dizer que sem dúvida era obra do demônio. Disse-me que, como não era possível resistir, eu sempre fizesse o sinal-da-cruz e figas quando tivesse alguma visão, tendo certeza de que via o demônio e afugentando-o com isso; disse-me ainda que não tivesse medo, pois Deus me protegeria e livraria daquele mal.

Isso era para mim um grande sofrimento, porque, não podendo acreditar senão que era Deus, era terrível fazê-lo. E eu tampouco podia, como disse, desejar ser privada disso; porém, fazia o que me mandavam. Sempre suplicava muito a Deus que me livrasse dos enganos, sempre com muitas lágrimas. Recomendava-me a S. Pedro e a S. Paulo, porque o Senhor me falou pela primeira vez em seu dia, dizendo-me que eles me guardariam dos logros. Assim, eu muitas vezes os via muito claramente do meu lado esquerdo, embora não numa visão imaginária. Eu tinha muita devoção por esses santos gloriosos.

- 6. Causava-me muita aflição fazer figas quando tinha essa visão do Senhor; porque, quando sentia a Sua presença, eu podia ser feita em pedaços antes de crer que era demônio. Assim, isso era uma espécie de penitência bem penosa para mim e, para não fazer tanto o sinal-da-cruz, eu andava com uma cruz na mão.<sup>7</sup> Isso eu fazia quase sempre, mas não fazia tanto as figas, porque muito me doía. Eu me recordava das injúrias que os judeus tinham feito ao Senhor e suplicava-Lhe que me perdoasse, pois eu o fazia para obedecer aos que ocupavam o Seu lugar, e que não me culpasse, pois eram os ministros que Ele tinha posto em sua Igreja que o pediam. Ele me dizia que não me importasse e que bem fazia em obedecer, mas que Ele os faria compreender a verdade. Quando fui proibida de fazer oração, pareceu-me que o Senhor ficara descontente. Ele me ordenou que lhes dissesse que aquilo já era tirania. Ele me dava mostras de que não se tratava do demônio; mais tarde falarei de algumas.<sup>8</sup>
- 7. Certa vez, estando com a cruz na mão, que eu trazia num rosário, o Senhor a tomou em Suas mãos<sup>9</sup> e, quando me devolveu, ela estava formada por quatro pedras grandes muito mais preciosas que diamantes, incomparáveis, pois quase não se pode comparar o visível com o sobrenatural; diante das pedras preciosas lá de cima, o diamante parece pedra falsificada e imperfeita. As cinco chagas estavam formosamente cravejadas na cruz. Disse-me Ele que eu sempre veria a cruz dessa maneira, o que aconteceu: eu já não via a madeira de que era feita, e sim essas pedras mas só eu o via.

Quando me mandaram fazer essas provas e resistir, os favores aumentaram muito; mesmo quando queria me distrair, eu nunca saía da oração. Mesmo dormindo, tinha a impressão de estar nela, porque cresciam o amor e as queixas que eu fazia ao Senhor; eu não podia suportar não pensar nele, nem isso estava ao meu alcance, por maior que fosse o meu desejo e por mais que eu me esforçasse. No entanto, obedecia quando era possível; mas era pouco, ou quase nada, o que eu podia fazer. O Senhor nunca me disse que não obedecesse, mas, ao mesmo tempo que me mandava obedecer, me dava garantias, ensinando-me o que eu haveria de dizer às pessoas, tal como o faz ainda hoje, dando-me razões tão fortes que me deixava plena de confiança.

8. Há pouco tempo, como tinha prometido, <sup>10</sup> Sua Majestade começou a me dar mais indicações de que se tratava dele. Cresceu em mim um imenso amor por Deus, que eu não sabia de onde vinha, porque era muito sobrenatural e não era procurado por mim. Eu me via morrer de desejo de ver a Deus, e não sabia onde mais procurar essa vida verdadeira a não ser na morte. Vinham-me uns ímpetos grandes desse amor que, embora não fossem tão insuportáveis quanto os de que já falei, <sup>11</sup> nem de tanto valor, me deixavam sem saber o que fazer: nada me satisfazia, eu não cabia em mim, e sentia verdadeiramente que a alma me era arrancada.

Ó artificio soberano do Senhor! Que meios tão delicados usáveis com Vossa escrava miserável! Vós Vos escondíeis de mim e, ao mesmo tempo, me púnheis, com o Vosso amor, numa morte tão saborosa que a alma jamais quisera sair dela.

9. Quem não tiver experimentado esses ímpetos tão grandes não os poderá entender, pois não se trata de um desassossego do coração, nem de devoções muito comuns que parecem sufocar o espírito e inundar o nosso íntimo. Estas são uma oração inferior, devendo-se evitar semelhantes emoções, procurando-se, com suavidade, recolher a alma e fazê-la calar-se, como se faz com as crianças que choram aceleradamente, parecendo perder o fôlego, mas que logo se acalmam quando lhes damos água.

O mesmo devemos fazer; que a razão procure estabelecer o controle, para que a natureza não se intrometa aqui. Deve-se mudar a consideração, introduzindo o temor de que nem tudo seja perfeito, podendo haver uma grande participação da parte sensível. Que ela cale essa criança com um amoroso afago que a faça amar de modo suave, e não, como se diz, açodadamente.

Cumpre recolher o amor no íntimo, não permitindo que ele seja como a panela que ferve em demasia porque há lenha demais e se derrama toda. Modere--se a causa de todo esse fogo, abrandando as chamas com lágrimas suaves, e não amargas como as que vêm das devoções sensíveis e que causam muito mal. Eu as tive algumas vezes no início, e ficava confusa e com o espírito cansado, levando um ou mais dias para conseguir voltar à oração. Por isso, é necessária muita discrição no começo para que tudo tenha suavidade e para que o espírito aprenda a agir interiormente, procurando evitar a todo custo as coisas exteriores.

10. Os ímpetos de que falo são muito diferentes. Não somos nós a pôr a lenha, parecendo antes que, estando o fogo já aceso, logo somos lançados dentro dele para nos queimar. A alma não procura a dor dessa chaga da ausência do Senhor; em vez disso, fincam-lhe uma seta no mais profundo das entranhas e do coração, deixando-a sem saber o que fazer ou querer. Ela bem entende que quer a Deus, mas a seta parece capaz de levar a alma a perder--se de si por amor a este Senhor e a entregar a própria vida por Ele. Não é possível encarecer nem exprimir o modo como Deus chaga a alma, nem o tormento enorme que isso provoca, deixando-a fora de si. Essa dor é, no entanto, muito deliciosa, não havendo deleite na vida que possa ser comparado com ela. A alma desejaria, como eu disse, 12 morrer sempre desse mal.

- 11. Essa dor e essa glória juntas me deixavam desatinada, sem conseguir entender como era possível. Oh, o que é ver uma alma ferida! A alma entende e se declara ferida por causa tão excelente e vê claramente que nada fez para que surgisse esse amor, mas que caiu sobre ela uma pequena centelha do grande amor que o Senhor lhe tem, fazendo-a arder por inteiro. Quantas vezes me recordo, quando estou assim, do versículo de David: *Quemadmodum desiderat cervus ad fontes aquarum!* Parece-me vê-lo cumprido ao pé da letra em mim!
- 12. Quando isso não ocorre com muito ímpeto, parece que algo se aplaca ou, ao menos, a alma busca remédio, por não saber o que fazer, em algumas penitências. Mas ela não sente as penitências, e derramar sangue do corpo não dói mais do que se este estivesse morto. Ela busca todos os meios para fazer alguma coisa que sinta por amor de Deus; mas a primeira dor¹⁴ é tão grande que não conheço tormento corporal capaz de dissipá-la. Como não está nisso a solução, esses remédios são muito fracos para mal tão elevado; aplacam-se algumas coisas quando se pede a Deus a cura, pois a única que a alma vê é a morte, porque ela espera fluir plenamente do sumo Bem. Outras vezes, o ímpeto é tão veemente que nada se pode fazer, ficando o corpo inteiro despedaçado. Não se podem mover os pés nem os braços e, se se estiver de pé, cai-se sentado como objeto sem vida. O peito mal pode respirar, e a alma dá uns gemidos baixinhos, por lhe faltarem forças, mas bem altos em termos de sentimento.
- 13. Quis o Senhor que eu tivesse algumas vezes esta visão: eu via um anjo perto de mim, do lado esquerdo, em forma corporal, <sup>15</sup> o que só acontece raramente. Muitas vezes me aparecem anjos, mas só os vejo na visão passada de que falei. <sup>16</sup> O Senhor quis que eu o visse assim: não era grande, mas pequeno, e muito formoso, com um rosto tão resplandecente que parecia um dos anjos muito elevados que se abrasam. Deve ser dos que chamam querubins, <sup>17</sup> já que não me dizem os nomes, mas bem vejo que no céu há tanta diferença entre os anjos que eu não os saberia distinguir.

Vi que trazia nas mãos um comprido dardo de ouro, em cuja ponta de ferro julguei que havia um pouco de fogo. Eu tinha a impressão de que ele me perfurava o coração com o dardo algumas vezes, atingindo-me as entranhas. Quando o tirava, parecia-me que as entranhas eram retiradas, e eu ficava toda abrasada num imenso amor de Deus. A dor era tão grande que eu soltava gemidos, e era tão excessiva a suavidade produzida por essa dor imensa que a alma não desejava que tivesse fim nem se contentava senão com a presença de Deus. Não se trata de dor corporal; é espiritual, se bem que o corpo também participe, às vezes muito. É um contato tão suave entre a alma e Deus que suplico à Sua bondade que dê essa experiência a quem pensar que minto.

14. Nos dias em que isso acontecia, eu ficava como que abobada; não queria ver nem falar com pessoa alguma, mas ficar abraçada ao meu sofrimento, que era para mim uma glória maior do que todas as das coisas criadas.

Isso me acontecia algumas vezes quando o Senhor desejava que me viessem esses arroubos tão grandes, e eu, mesmo estando entre pessoas, não podia resistir a eles. Para meu pesar, isso começou a ser divulgado. Desde que os tenho, não sinto tanto esse tormento, mas apenas a dor de que falei antes, não me lembro onde, 18 que é muito diferente em muitas coisas e de maior valor. Quando começa esta dor de que falo agora, parece que o Senhor arrebata a alma e a leva ao êxtase, não havendo como ter mágoa ou padecer, porque o deleite logo vem.

Bendito seja para sempre Aquele que tantas graças concede a quem tão mal corresponde a tão grandes benefícios.

# CAPÍTULO 30

RETOMA A NARRAÇÃO DE SUA VIDA E DIZ

SEUS

SOFRIMENTOS POR TRAZER AO LUGAR ONDE ELA ESTAVA

O SANTO FREI

PEDRO DE ALCÂNTARA, DA ORDEM

DO GLORIOSO SÃO FRANCISCO. TRATA DAS

GRANDES

TENTAÇÕES E SOFRIMENTOS INTERIORES QUE POR

VEZES A

ACOMETIAM.

1. Vendo o pouco ou nada que podia fazer para não ter esses ímpetos tão grandes, comecei a temê-los; porque não conseguia entender como podiam estar juntos a dor e o contentamento;¹ sabia que era possível dor corporal e alegria espiritual, mas ficava perturbada com um sofrimento espiritual tão excessivo ao lado de um imenso prazer.

Eu não parava de tentar resistir, mas tinha tão pouca força que às vezes me cansava. Eu me amparava na cruz, procurando defender-me Daquele que com ela nos amparou a todos. Eu percebia que ninguém me entendia, o que era claro para mim, mas não ousava dizê-lo senão ao meu confessor, pois, do contrário, daria provas de não ter humildade.

- 2. Quis o Senhor remediar boa parte do meu sofrimento, e por algum tempo todo ele, ao trazer a este lugar o bendito Frei Pedro de Alcântara, a quem já mencionei e a cuja penitência me referi.² Além disso, garantiram-me que ele portou durante vinte anos um cilício de folhas de lata. Ele é autor de uns libretos de oração escritos em castelhano, hoje muito divulgados; trata-se de livros muito proveitosos, escritos por alguém que muito a praticou para os que a têm.³ Ele guardou a primeira Regra do bem-aventurado São Francisco com todo o rigor, além de ter feito o que já foi dito.
- 3. A viúva serva de Deus de que já falei,<sup>4</sup> amiga minha, soube que estava por aqui esse eminente homem. Ela conhecia a minha necessidade, pois testemunhava minhas aflições e muito me consolava, porque era tanta a sua fé que não podia deixar de crer ser espírito de Deus o que todos os outros diziam ser o demônio. Além disso, sendo pessoa de ótimo entendimento e muito discreta, a quem o Senhor concedia muitas graças na oração, quis Sua Majestade esclarecê-la no que os doutos ignoravam. Meus confessores davam-me licença para que contasse a ela algumas coisas, por ser muito merecedora de confiança. Às vezes, ela recebia parte das graças que o Senhor me concedia, com avisos muito proveitosos para a sua alma.

Sabendo da presença do Frei Pedro, ela obteve licença do meu Provincial, sem nada me dizer, para que eu passasse oito dias em sua casa, com maior facilidade de contato. Nesta e em algumas igrejas, <sup>5</sup> falei com ele muitas vezes na sua primeira vinda a Ávila. Contei-lhe resumidamente a minha vida e meu modo de proceder na oração, com a maior clareza que pude (porque isso sempre consegui, tratando com toda a clareza e verdade com aqueles a quem conto as coisas da minha vida; até os primeiros movimentos eu gostaria de tornar públicos e, nas coisas mais duvidosas e suspeitosas, eu chegava a dar-lhes argumentos contra mim), abrindo-lhe minha alma sem duplicidade nem subterfúgios.

- 4. Quase desde o início eu vi que ele me entendia por experiência, o que era tudo de que eu precisava, porque, na época, não sabia me entender como agora nem como me exprimir porque, mais tarde, Deus me permitiu entender e descrever as graças que Sua Majestade me concede —, e era necessário, para me entender por inteiro e dizer o que era, que a pessoa tivesse passado pela mesma coisa. Ele muito me iluminou porque, ao menos nas visões que não eram imaginárias, eu não podia entender o que acontecia e, no tocante às que eu via com os olhos da alma, também havia muito mistério. Porque, como eu disse, <sup>6</sup> eu só julgava importantes as que se vêem com os olhos corporais, e estas eu não tinha.
- 5. Esse santo homem me deu muita luz e muito me explicou. Disse-me que não me angustiasse, mas louvasse a Deus e me convencesse de que era espírito de Deus e que, excetuando a fé, não podia haver coisa mais verdadeira nem mais digna de crédito. E ele se consolava muito comigo e muito me favorecia e agraciava, revelando desde então ter muita estima por mim, informando-me das suas coisas e negócios. Vendo-me com os desejos que ele já possuía em forma de obras pois o Senhor me dava esses anseios muito intensos e com tanto ânimo, alegrava-se em tratar comigo. Isso porque, para uma alma a quem Deus elevou a esse estado, não há prazer nem consolo que se igualem a encontrar quem parece ter recebido do Senhor o início disso. Na época, pelo que posso julgar, eu não devia ter muito mais do que isso, e queira o Senhor que eu o tenha agora.
- 6. Ele teve muita compaixão de mim. Disse-me que uma das maiores provações da terra era aquela que eu sofrera, que é a contradição dos bons, e que ainda me restava muito por sofrer, porque sempre tinha necessidade e não havia nesta cidade quem me entendesse. Ele falou que conversaria com o meu confessor e com uma das pessoas que mais me faziam sofrer, o fidalgo casado de que já falei. Este, por ser grande a sua amizade por mim, era quem mais me atacava; sendo alma temerosa e santa, e tendo visto que eu, até há pouco tempo, era tão ruim, não se tranqüilizava por inteiro. E assim o fez o santo varão, falando com os dois e dando-lhes explicações para que ficassem tranqüilos e não me inquietassem mais. O confessor não tinha necessidade disso, mas o fidalgo precisava tanto que ainda assim não sossegou inteiramente, mas a conversa serviu para que ele não me amedrontasse tanto.
- 7. Combinamos que eu lhe escreveria sobre o que me acontecesse dali por diante e de nos encomendarmos mutuamente a Deus. Era tanta a humildade de Frei Pedro que ele levava em conta as orações desta miserável, o que me causava grande confusão. Ele me deixou com um consolo e um contentamento imensos, ordenando-me que continuasse a orar com segurança sem duvidar da presença de Deus. Afirmou

que, se tivesse alguma dúvida, eu deveria contar tudo ao confessor, a fim de viver tranquila; para maior segurança, eu deveria contar tudo.

Mas eu também não podia ter essa segurança total, porque o Senhor me conduzia por um caminho de temor, o que me permitia voltar a crer que era ação do demônio quando alguém me dizia. Assim, ninguém conseguia me infundir temor nem segurança de uma maneira que me fizesse dar mais crédito ao que se dizia do que àquele que o Senhor infundia em minh'alma. Por isso, embora tendo ficado muito consolada e tranqüilizada por esse Santo, eu não acreditei nele a ponto de ficar livre do medo, em especial quando o Senhor me deixava nos sofrimentos de alma que vou relatar agora. Mesmo assim, fiquei muito consolada. Não me cansava de dar graças a Deus e a meu glorioso pai São José, que a meu ver fora quem enviara o Santo, que era Comissário Geral da Custódia de São José.<sup>8</sup> Eu me encomendava muito a São José e a Nossa Senhora.

8. Acontecia-me algumas vezes — o que ainda acontece, embora com menor freqüência — sentir enormes sofrimentos interiores, ao lado de tormentos e dores corporais tão violentos que eu não tinha alívio.

Outras vezes, eram males corporais mais graves que, não sendo acompanhados pelos da alma, eram suportados por mim com alegria; mas, quando vinha tudo junto, a dor era tamanha que eu não sabia o que fazer. Eu me esquecia de todas as graças que o Senhor me dera, restando apenas uma vaga lembrança, semelhante a um sonho, para dar pena; porque, nessas circunstâncias, o intelecto fica entorpecido, trazendo mil dúvidas e suspeitas, dando a impressão de que eu não conseguira entender, de que talvez estivesse enganada. Eu pensava: não era suficiente que eu estivesse enganada, sem enganar os bons? Via-me tão ruim que julgava que todos os males e heresias surgidos eram causados pelos meus pecados.

9. Tratava-se de uma falsa humildade que o demônio inventava para me tirar a paz, tentando levar a alma ao desespero. Agora, já tenho tanta experiência com as coisas do demônio que ele, percebendo que o entendo, já não costuma me atormentar tantas vezes. Quando o demônio age, percebemo-lo com clareza na inquietação e no desassossego com que ele começa, na agitação que traz à alma enquanto dura a sua ação, e na obscuridade e na aflição que ele deixa, ao lado da aridez e da pouca disposição para a oração e para fazer algum bem. Ao que parece, ele afoga a alma e amarra o corpo para que de nada aproveite.

Porque a verdadeira humildade, mesmo que nos faça ver que a nossa alma é ruim e nos leve a sofrer ao ver o que somos, fazendo-nos lamentar com sinceridade a nossa maldade, gerando sofrimentos grandes como os de que já falei, e que são sentidos de verdade, não vem com alvoroço nem desassossega a alma, não a obscurece nem lhe traz secura. Em vez disso, a verdadeira humildade traz graças à alma, e tudo ocorre ao contrário da falsa: com quietude, com suavidade, com luz.

A alma, embora sofra, se conforta ao ver o grande favor que Deus lhe faz ao dar-lhe essa dor e o bom emprego desta. Ela fica condoída por ter ofendido a Deus, mas ao mesmo tempo se alegra com o pensamento de Sua misericórdia. Ela tem luz para confundir a si mesma e louva Sua Majestade por tê-la suportado tanto.

Na humildade vinda do demônio, não há luz para nenhum bem, parecendo que Deus leva tudo a ferro e fogo, considerando somente Sua justiça. A alma, embora acredite que há misericórdia, porque o demônio não há de ter tanta força a ponto de fazê-la se perder, não fica consolada; pelo contrário, quando vê tanta misericórdia, ela tem aumentado o seu padecimento, pois vê que está obrigada a maior gratidão.

- 10. Tudo isso é uma das mais penosas, sutis e dissimuladas invenções do demônio que conheço, razão por que quis avisar vossa mercê para que, diante da tentação, tenha vossa mercê alguma luz e o reconheça, caso ele deixe intacto o intelecto para que isso aconteça. Não pense vossa mercê que isso depende dos estudos e do saber, já que, embora eu não os tenha, depois de ter saído dessa situação, bem vejo que é desatino. O que entendi é que o Senhor quer, permite e dá licença ao demônio, como lha deu para tentar Jó, 10 se bem que a mim, sendo pessoa ruim, ele não o faça com o mesmo rigor.
- 11. Aconteceu-me isso um dia antes da véspera de *Corpus Christi*, festa da qual sou devota, embora nem tanto quanto deveria. Dessa vez, só durou até o dia, enquanto outras ocorrências duraram oito ou quinze dias, e até três semanas não sei se mais do que isso —, em especial durante as Semanas Santas, que costumavam me trazer muitas consolações na oração. De repente, o intelecto se compraz com coisas tão pueris que, em outras circunstâncias, seriam motivo de riso. Ele me faz vagar por onde quer, numa grande perturbação. A alma fica aprisionada, sem controle sobre si e sem condições de pensar em outra coisa além dos disparates que o demônio lhe traz. Trata-se de coisas sem importância, que não se definem nem desaparecem, servindo apenas para oprimir a alma a ponto de deixá-la fora de si.

Nesses casos, ocorre-me pensar que os demônios fazem de bola a alma, sem que ela consiga furtar-se ao seu poder. O que se sofre aqui é impossível de descrever. A alma procura socorro e Deus permite que ela não o encontre, deixando-lhe apenas a razão do livre-arbítrio, mas obscurecida. Creio que ela deve ter os olhos quase tapados, como alguém que passou muitas vezes por um caminho de dia e o percorre à noite, e que, pelo

que viu antes, sabe onde pode tropeçar, porque passou por ali de dia e procura se precaver dos perigos. Assim ocorre com a alma que, para não ofender a Deus, parece guiar-se pelo costume. Deixemos de lado o apoio do Senhor, que é o mais importante.

12. Nessas ocasiões, a fé está tão amortecida e adormecida quanto as outras virtudes, embora não perdida, pois a alma acredita no ensinamento da Igreja. Vocalmente, ela age, mas sente, por outro lado, que está sendo esmagada e entorpecida, pois tem a impressão de que conhece a Deus de maneira muito vaga. O amor que ela tem é tão pequeno que, quando ouve falar de Deus, escuta como se acreditasse ser Ele porque a Igreja o ensina, mas não se recorda do que experimentou Dele em si.

Ir rezar só causa mais aflição, ocorrendo o mesmo com buscar a solidão, pois o sofrimento que se sente, sem saber de onde vem, é insuportável. Tenho para mim que há nisso uma imagem fidedigna do inferno, que é de fato assim, pelo que o Senhor me deu a entender numa visão; porque a alma se queima por dentro, sem saber quem lhe pôs fogo nem por onde ele entrou, tampouco fugir dele nem como apagá-lo. Buscar remédio na leitura equivale ao esforço de quem não sabe ler. Aconteceu-me certa feita de ir ler a vida de um santo para ver se me acalmava e me consolava com aquilo que ele padeceu. Li quatro ou cinco vezes várias linhas e, embora estivesse em castelhano, eu entendia menos no fim do que no início, e por isso parei de ler. Isso se passou muitas vezes, mas me recordo particularmente dessa.

13. Do mesmo modo, conversar com alguém é pior; porque o demônio incute um espírito de ira tão desagradável que deixa a impressão de que queremos matar todos, de maneira incontrolável. Já é grande esforço o autocontrole — ou talvez seja o Senhor quem controla quem está assim — para que não se diga nem se faça contra o próximo coisas que o prejudiquem e que ofendam a Deus.

Quanto a procurar o confessor, muitas vezes me acontecia o que direi; embora santos como o eram aqueles com quem tratei e trato, eu ouvia palavras e reprimendas tão ásperas que, mais tarde, quando lhes repetia suas palavras, eles também ficavam espantados e diziam ter fugido do controle. De fato, embora prometessem não repeti-lo quando me vissem com tais sofrimentos de corpo e de alma, para não ficarem depois com compaixão e escrúpulo, determinando-se a consolar-me com piedade, eles não o podiam. Não diziam más palavras — isto é, coisas que ofendessem a Deus —, mas ainda assim proferiam as palavras mais ásperas que podiam vir da boca de um confessor. Eles deviam querer mortificar-me, e eu, embora outras vezes me alegrasse e tivesse paciência para suportá--lo, não o conseguia nessas ocasiões, porque, então, tudo era tormento para mim.

Vinha-me o temor de os estar enganando. Eu os procurava e os avisava com muita convicção que se precavessem de mim, pois era possível que eu os estivesse iludindo. Eu bem sabia que não o faria por querer, nem lhes mentiria, mas tinha medo de tudo. Disse-me um deles certa feita, entendendo a tentação, que não me afligisse, porque, ainda que eu o quisesse enganar, ele tinha capacidade suficiente para impedi-lo.<sup>11</sup> Isso me deixou com muitas consolações.

14. Algumas vezes — quase sempre, ao menos era o mais comum —, depois de comungar, eu descansava. Não era raro que, aproximando-me do Sacramento, no mesmo instante<sup>12</sup> ficasse tão boa, de alma e de corpo, que eu me espantava. Ao que parece, num átimo se desfaziam todas as trevas da alma e, raiando o sol, eu percebia as bobagens a que me havia entregado. Outras vezes, bastava uma palavra do Senhor — por exemplo: *Não te aflijas; não tenhas medo,* como eu já disse<sup>13</sup> — para que eu ficasse curada de todo, como se não tivesse tido nada. O mesmo ocorria quando me vinha alguma visão. Eu me consolava com Deus; queixava-me a Ele por consentir que eu padecesse tantos tormentos. Mas era boa a recompensa, pois quase sempre vinha depois uma grande abundância de graças.

Tenho a impressão de que a alma sai do cadinho como o ouro, mais refinada e límpida para ver em si o Senhor. Assim, esses sofrimentos, que antes pareciam insuportáveis, tornavam-se pequenos; se forem para a maior glória do Senhor, a alma deseja tornar a passar por eles. Por mais dolorosos que sejam as tribulações e perseguições, se as passarmos sem ofender ao Senhor e alegrando-nos por sofrê-las por Ele, tudo será para o nosso maior proveito, embora eu não as suporte como deveria, mas muito imperfeitamente.

- 15. Também me vinham, e vêm, sofrimentos de outro tipo, parecendo ser tirada a possibilidade de pensar em coisas boas ou de desejar fazê-las. O corpo e a alma me parecem inúteis e pesados, mas não há outras tentações e desassossegos, mas sim um desgosto, que não se sabe de onde vem, e nada contenta a alma. Eu procurava fazer boas obras exteriores para me ocupar meio à força, e sei bem o pouco valor que tem uma alma quando a graça se oculta. Isso não me causava muito sofrimento, porque ver a minha baixeza me trazia alguma satisfação.
- 16. Há ocasiões em que me vejo incapaz de concentrar o pensamento em Deus ou em alguma coisa boa; não consigo ter oração, mesmo estando em solidão, mas sinto que conheço a Deus. Vejo que o intelecto e a imaginação são o que me prejudica aqui, pois tenho a impressão de que a vontade está boa e pronta para todo

bem; mas o intelecto<sup>14</sup> está tão perdido que se assemelha a um louco furioso que ninguém pode controlar. Só consigo acalmá--lo pela duração de um Credo. Algumas vezes, rio e percebo a minha miséria; fico a contemplar o intelecto para ver até onde vai e, glória a Deus, nunca, nem por exceção, ele procura coisas ruins, mas sim assuntos que pouco importam, como o que há a fazer aqui, ali ou em outro lugar.

Nesses momentos, conheço mais a enorme graça que o Senhor me concede quando mantém esse louco controlado em perfeita contemplação. Imagino o que ocorreria se me vissem nesse desvario as pessoas que me consideram boa. Lamento ver a alma em companhia tão ruim; fico desejando vê-la livre e, assim, digo ao Senhor: quando, Deus meu, verei a minha alma unida e entregue a Vosso louvor de maneira que todas as suas faculdades se regozijem? Não permitais, Senhor, que ela seja ainda mais despedaçada, pois me parece que vejo seus pedaços espalhados por todos os lados!

Passo por isso com muita frequência; algumas vezes, bem compreendo que isso se deve em grande parte à pouca saúde corporal. Lembro-me muito do prejuízo que o primeiro pecado nos causou e penso que veio daí o sermos incapazes de gozar de tanto bem em um ser. Em mim pelo menos assim é, porque, se não tivesse tido tantos pecados, eu seria mais constante no bem.

17. Passei também por outro grande sofrimento: como todos os livros que tratam de oração que eu lia me pareciam compreensíveis, pensei que o Senhor já me tinha dado o entendimento e que eu não precisava deles; assim, eu não os lia mais, preferindo vidas de santos, já que ver-me tão longe do modo como eles serviam a Deus me beneficiava e animava, embora eu julgasse ser pouca humildade pensar que já tinha chegado a ter aquela oração. Não podendo deixar de pensar dessa maneira, eu ficava muito aflita, até que homens de saber e o bendito Frei Pedro de Alcântara me disseram para desdenhar esses pensamentos.

Tenho certeza de que nem comecei no serviço de Deus, mas nas graças recebidas de Sua Majestade estou próxima de muitas pessoas boas; sou a própria imperfeição, exceto nos desejos e no amor, pois nestes últimos tenho certeza de que o Senhor me favoreceu para que eu O pudesse servir em algo. Tenho plena convicção de que O amo, mas me desconsolo diante das minhas obras e das inúmeras imperfeições que vejo em mim.

- 18. Outras vezes me acomete uma estupidez da alma eu digo que é que me dá a impressão de que não faço bem nem mal, mas ando por ver andar os outros, como se diz: sem pesar e sem glória, nem viva nem morta, sem prazer nem sofrer. Parece que não se sente nada. Eu penso que a alma anda como um jumentinho que pasta e que se sustenta porque lhe dão de comer, comendo quase sem sentir. Porque a alma nesse estado não deve estar sem comer algumas grandes graças de Deus, já que, tendo vida tão miserável, não é para ela um peso viver, e o seu ânimo não arrefece; no entanto, não se sentem movimentos nem efeitos para que a alma o entenda.
- 19. Isso me parece agora navegar com ares muito serenos, andando muito sem saber como. Porque nas outras maneiras de que falei são tão grandes os efeitos que a alma quase alcança de imediato sua melhoria, já que os desejos logo fervem, e ela nunca acaba de se satisfazer. Isso acontece com os grandes ímpetos de amor de que falei, 15 que atuam nas pessoas a quem Deus os dá. É semelhante a umas fontezinhas que tenho visto brotar: nunca cessa de haver movimento na areia, empurrada por elas para cima. Este exemplo ou comparação me parece compatível com o estado das almas que aqui chegam: o amor sempre está borbulhando e pensando no que fará. Ele não cabe em si, assim como na terra aquela água parece não caber, borbulhando sempre.

A alma fica assim com freqüência, sem sossego nem controle com o amor que tem, com o qual já está embebida; quisera que os outros bebessem, pois a ela a água não faz falta, para que a ajudassem a louvar a Deus. Quantas vezes me recordo da água viva de que o Senhor falou à samaritana. Por isso, tenho muita afeição por aquele Evangelho; e sempre a tive, sem entender como entendo agora este bem, desde muito pequena, tendo suplicado muitas vezes ao Senhor que me desse daquela água. Eu tinha a cena no meu quarto, registrando o momento em que o Senhor chegou ao poço, com este letreiro: *Domine, da mihi aquam.* <sup>16</sup>

20. Isso parece também um fogo grande que, para não se apagar, precisa ser sempre alimentado. Assim são as almas a que me refiro: mesmo que lhes custasse muito, gostariam de trazer lenha para que a chama não se apagasse. É tal a minha miséria que até me contentaria se lhe pudesse lançar algumas palhas, o que me acontece muitas vezes; de umas rio, em outras muito me canso. O movimento interior me incita a servir adornando as imagens com raminhos e flores, varrendo, arrumando um oratório e fazendo outras coisas insignificantes — pois para mim não sirvo — que me deixam confusa.

Quando fazia alguma penitência, eu fazia tão pouco e de tal maneira que, se o Senhor não levasse em conta a boa vontade, eu mesma considerava insignificante, chegando a rir de mim. Pois não têm pouco trabalho as almas a quem Deus dá, pela Sua bondade, este fogo do Seu amor em abundância quando lhes faltam forças corporais para fazer algo por Ele; é um imenso sofrimento porque, como lhes faltam meios para lançar alguma lenha nesse fogo, sendo elas capazes de morrer para que ele não se apague, elas vão se

consumindo interiormente e se tornando cinzas. Desfazem-se em lágrimas e se abrasam, padecendo muito tormento, se bem que saboroso.

- 21. Louve muito o Senhor a alma que, tendo chegado aqui, receba dele forças corporais para fazer penitência ou conhecimento, talentos e liberdade para pregar, confessar e levar almas a Deus. Uma alma assim não sabe nem compreende o bem de que dispõe se não tiver aprendido por experiência o que é nada poder fazer no serviço do Senhor e receber sempre muito. Bendito seja Ele por tudo e rendam-Lhe glória os anjos, amém.
- 22. Não sei se ajo bem ao apresentar tantos detalhes. Como vossa mercê mandou me dizer outra vez que eu não receasse me estender e que nada omitisse, vou tratando com clareza e sinceridade de tudo aquilo que me vem à lembrança. E ainda assim deixo muita coisa de lado, para não ocupar um tempo ainda maior e tenho tão pouco tempo, como eu disse, <sup>17</sup> talvez sem obter nenhum proveito.

## CAPÍTULO 31

FALA DE ALGUMAS TENTAÇÕES EXTERIORES E APARIÇÕES QUE O DEMÔNIO PRODUZIA NELA, BEM COMO DOS TORMENTOS QUE LHE INFLIGIA. TRATA TAMBÉM DE ALGUMAS COISAS MUITO BOAS, COMO AVISO PARA PESSOAS QUE SEGUEM O CAMINHO DA PERFEIÇÃO.

- 1. Desejo falar, já que falei de tentações e perturbações interiores e secretas que me eram causadas pelo demônio,¹ de outras quase públicas em que a sua presença não podia ser ignorada.
- 2. Eu estava certa vez num oratório e me apareceu, do lado esquerdo, uma figura abominável; percebi especialmente a boca, porque falava: era horrível. Parecia que lhe saía do corpo uma grande chama, muito clara, sem nenhuma sombra. Disse-me, aterrorizando-me, que eu me livrara de suas garras, mas que voltaria a elas. Fiquei com muito temor e fiz o sinal-da-cruz como pude. Ela desapareceu, mas logo voltou. Isso me aconteceu por duas vezes. Não sabendo o que fazer, peguei da água benta que ali havia e lancei--a para onde essa figura se encontrava. Ela nunca mais voltou.
- 3. Em outra ocasião, o demônio me atormentou durante cinco horas com dores e desassossegos interiores e exteriores tão terríveis que pensei não poder suportar. As pessoas que estavam comigo ficaram espantadas e não sabiam o que fazer, nem eu a que recorrer. Costumo, quando as dores e o mal corporal são muito intoleráveis, fazer atos interiores como posso, suplicando ao Senhor que, se for do Seu agrado, me conceda paciência e me deixe sofrer assim até o fim do mundo.

Nessa ocasião, vendo um padecimento tão rigoroso, procurei refugiar-me nesses atos e na determinação de resistir. Quis o Senhor que eu percebesse que era o demônio, já que vi ao meu lado um negrinho bem abominável, rangendo os dentes como se estivesse desesperado ao perceber que, em vez de ganhar, perdia. Eu, ao vê-lo assim, ri-me e não tive medo. Estavam ali algumas irmãs a quem eu não podia recorrer e que não sabiam como aliviar tanto tormento. Eram grandes os golpes que ele me fazia dar, levando-me, sem que eu pudesse resistir, a bater o corpo, a cabeça e os braços. O pior era o desassossego interior, que de forma alguma me permitia descansar. Eu não me atrevia a pedir às irmãs água benta, para não assustá-las e para que não percebessem do que se tratava.

- 4. A partir de muitos fatos, obtive a experiência de que não há coisa de que os demônios fujam mais, para não voltar, do que da água benta. Eles também fogem da cruz, mas retornam. Deve ser grande a virtude da água benta. Minha alma sente particular e manifesta consolação quando a tomo. É certo que tenho quase sempre um alívio que eu não saberia explicar, uma espécie de deleite interior que me conforta toda a alma. Não se trata de ilusão nem de coisa que só aconteceu uma vez, mas sim de algo freqüente que tenho observado com cuidado. Digamos que seja como se a pessoa estivesse com muito calor e sede e bebesse um jarro de água fria, sentindo todo o seu corpo refrescar. Penso em quão importante é tudo o que a Igreja ordena, e alegra--me muito ver que tenham tanta força as palavras que comunica à água para que esta fique tão diferente da comum.<sup>2</sup>
- 5. Como, pois, não cessasse o tormento,<sup>3</sup> eu disse às pessoas que, se não fossem rir, eu pediria água benta. Trouxeram-na e me aspergiram com ela, mas não adiantou; lancei-a na direção onde estava o demônio, e ele se foi de imediato e o mal desapareceu por inteiro como se fosse retirado por uma mão, muito embora eu estivesse cansada como se tivesse sido espancada com muitos paus. Foi muito proveitoso ver que o demônio, se já faz tanto mal a uma alma e a um corpo que não lhe pertencem, quando o Senhor o permite, muito mais faria se eles fossem definitivamente seus. Isso renovou o meu ânimo de livrar-me de companhia tão ruim.
- 6. Há pouco tempo me aconteceu o mesmo, embora não tenha durado tanto nem ocorrido na presença de pessoas; pedi água benta, e as pessoas que entraram depois que os demônios tinham partido (eram duas

monjas dignas de crédito que de nenhuma maneira mentiriam) sentiram um cheiro muito ruim, como se fosse de enxofre. Eu não o senti, mas durou tanto que pôde ser percebido.

Em outra ocasião, estando no coro, caí em profundo recolhimento. Afastei--me dali para que não percebessem, mas todas as que estavam ali perto ouviram grandes pancadas no lugar onde eu estava e, ao meu lado, ouvi vozes como que combinando alguma coisa, mas não entendi nada, pois estava mergulhada na oração; também não tive medo. Isso sempre acontecia quando o Senhor me concedia a graça de, por meu intermédio, beneficiar alguma alma.

Também me aconteceu o que vou narrar agora (e disso há muitos testemunhos, em especial daquele que agora me confessa,<sup>4</sup> que o viu escrito numa carta; sem que eu lhe dissesse qual a pessoa referida na carta, ele bem sabia quem era):

7. Veio a mim uma pessoa que há dois anos e meio estava num pecado mortal dos mais abomináveis de que tenho notícias e que, por todo esse tempo, não o confessava nem se emendava e dizia missa. Embora confessasse outros, dizia que este não o podia, por ser coisa muito feia. Tinha grande desejo de redimir-se, mas não tinha forças para isso. Fiquei muito triste e com muita pena ao ver que se ofendia a Deus dessa maneira. Prometi-lhe suplicar muito a Deus para que Ele o corrigisse e fizesse com que outras pessoas Lho pedissem, pois eram melhores que eu. Eu escrevia a ele por intermédio de uma pessoa a quem ele me dissera que eu podia entregar as cartas.

Com a primeira carta, ele se confessou, pois Deus quis (pelas muitas pessoas tão santas que haviam dirigido súplicas a Ele, pessoas a quem eu o encomendara) fazer tal misericórdia com essa alma; e eu, embora miserável, fazia o que estava ao meu alcance com muito cuidado. Ele me escreveu que melhorara tanto que havia dias sem recaída; mas que era tão grande o tormento trazido pela tentação que lhe parecia estar no inferno. E me pedia que o encomendasse a Deus. Voltei a encomendá-lo às minhas irmãs, por cujas orações o Senhor deveria conceder-me esse favor, e estas desempenharam a tarefa com muito ânimo. Tratava-se de uma pessoa que ninguém devia identificar. Supliquei a Sua Majestade que se aplacassem aqueles tormentos e tentações e que viessem contra mim aqueles demônios, desde que eu nada fizesse contra Deus. Assim, passei um mês acossada por enormes tormentos. Foi nessa ocasião que aconteceram as duas coisas de que falei.<sup>5</sup>

- 8. O Senhor foi servido, pois, como me escreveram, os demônios o deixaram. Eu lhe dei conta do que passara naquele mês, sua alma recobrou forças, e ele ficou totalmente livre, nunca se fartando de dar graças a Deus e a mim, como se eu tivesse feito alguma coisa, quando na verdade fora o crédito que eu tinha de receber favores do Senhor que lhe trouxera benefícios. Ele me disse que, quando se via aflito, lia minhas cartas e ficava livre da tentação, ficando muito espantado com o que eu padecera e com o modo como ele se livrara. Eu também me espantei, e teria sofrido muitos outros anos para ver aquela alma liberta. Seja louvado por tudo o Senhor, pois muito poder tem a oração dos que O servem, como creio que o fazem nesta casa<sup>6</sup> minhas irmãs. Vendo que eu as estimulava, os demônios se lançaram ainda mais contra mim, e o Senhor, devido aos meus pecados, permitia a sua ação.
- 9. Naquela época, pensei certa noite que iam me estrangular; lançamos muita água benta, e vi uma multidão demoníaca se afastando, como se caísse de grande altura. São tantas as ocasiões em que esses malditos me atormentam, e tão pouco o medo que agora tenho deles, por saber que não podem se mexer se o Senhor não lhes der licença, que eu cansaria vossa mercê, e a mim, se as contasse.
- 10. Que isso seja útil ao verdadeiro servo de Deus, que assim vai desdenhar os espantalhos com que os demônios desejam nos causar temor. Saibam que, quanto mais os desprezamos, tanto menor fica a sua força e tanto mais senhora de si fica a alma. Sempre resta algum grande proveito, que não vou descrever para não me estender; direi somente o que me aconteceu numa noite de Finados: estando num oratório, tendo rezado um noturno, eu dizia umas orações muito devotas que estão no fim do nosso Breviário —, quando o demônio se pôs sobre o livro para que eu não acabasse de fazê-las. Persignei-me e ele desapareceu. Quando recomecei, ele retornou. Creio que por três vezes o tentei, só o consegui quando lancei água benta. Tão logo acabei, vi que saíram algumas almas do purgatório, almas cuja expiação pouco faltava para se completar e que o demônio, pensei eu, pretendia perturbar.

Poucas vezes vi o demônio em forma corporal, sendo comum vê-lo sem nenhuma forma, como na visão que descrevi antes, na qual não há forma sensível, embora se perceba com clareza a sua presença.<sup>7</sup>

11. Também quero relatar algo que muito me espantou; estando num dia da Santíssima Trindade completamente arrebatada no coro de certo mosteiro, vi uma grande contenda entre demônios e anjos. Não pude entender o que significava aquela visão. Não se passaram quinze dias e entendi quando irrompeu certa desavença entre pessoas de oração e muitas outras que não o eram. Isso causou graves prejuízos à casa, tendo sido uma batalha que muito durou e trouxe farto desassossego.

Outras vezes, eu via uma densa multidão deles ao meu redor, estando eu cercada por uma grande claridade que não lhes permitia a aproximação. Entendi que Deus me guardava para que não chegassem a mim de um modo que O ofendesse. Pela minha experiência, entendi que era uma verdadeira visão. Com efeito, já compreendi o pouco poder que tem o demônio quando não estou contra Deus, e quase não o temo; de nada valem suas forças se ele não vê almas entregues e covardes, pois só assim mostra seu poder.8

Por vezes, nas tentações de que falei,<sup>9</sup> eu tinha a impressão de que todas as vaidades e fraquezas de tempos passados voltavam a despertar em mim, que bem fazia em me encomendar a Deus. Vinha então o tormento de pensar que tudo em mim vinha do demônio. Isso só passava quando o confessor me acalmava; porque, para mim, quem recebia tantas graças do Senhor não podia sequer ter um primeiro movimento de mau pensamento.

12. Eu também ficava muito angustiada, e ainda fico, ao ver que me consideram muito, em especial pessoas importantes, e que falam muito bem de mim. No tocante a isso, sofri bastante e ainda sofro. Quando isso acontece, concentro-me de imediato na vida de Cristo e dos santos, tendo a impressão de que ando ao contrário, pois eles só encontraram desprezo e injúrias. Isso me faz ficar temerosa, e quase não ouso erguer a cabeça, desejando não ser vista, o que não faço quando me atingem perseguições, porque, então, a alma está tão senhora de si, ainda que o corpo padeça e eu também me ressinta, que não sei como pode ser. Mas assim é; nas tribulações, a alma parece estar no seu reino, trazendo tudo sob os pés.

Era comum que isso me acontecesse, durando muitos dias. Na época, parecia-me virtude e humildade, mas vejo com clareza agora que era tentação (um frade dominicano, muito instruído, me esclareceu sobre isso) pensar que as graças que o Senhor me concede viriam a ser conhecidas e ter um sofrimento tão excessivo a ponto de inquietar muito a alma. Isso chegou a tal ponto que, analisando-o, penso que estaria mais disposta a ser enterrada viva do que a sofrê-lo; por essa razão, quando comecei a não poder resistir, mesmo em público, aos grandes recolhimentos ou arroubos, eu ficava depois muito coberta de vergonha, não desejando ser vista por ninguém.

- 13. Estando eu muito fatigada disso, o Senhor me perguntou *por que eu te-mia, se, nesse caso, só havia duas alternativas: murmurarem de mim ou louvarem a Ele.* Deus dava a entender que os que acreditavam nele O louvariam e os que não acreditavam me condenariam, sendo eu inocente, e que essas duas coisas representavam ganhos para mim, motivo pelo qual eu não devia me afligir. Isso me deixou bastante sossegada e me consola quando me vem à mente. A tentação atingiu um tal grau que eu quis sair deste lugar e ir para um mosteiro, muito mais fechado que aquele em que estava, de cujos rigores ouvira falar. Também era um convento da minha Ordem, e muito distante. Meu consolo seria estar onde não me conhecessem, mas o confessor nunca me permitiu.
- 14. Esses temores também me tiravam em larga medida a liberdade de espírito, mas depois vim a entender que não eram verdadeira humildade, visto que me inquietavam tanto. E o Senhor me ensinou esta verdade. Se estivesse determinada e convencida de que nenhuma coisa boa vinha de mim, mas de Deus, assim como não me custava ouvir louvar outras pessoas (eu até gostava e me consolava muito por ver manifesta aí a presença de Deus), tampouco me custaria que Ele mostrasse em mim as Suas obras.
- 15. Também cheguei a outro extremo, que foi suplicar a Deus e numa oração particular que, quando alguma pessoa pensasse bem de mim, Sua Majestade lhe declarasse meus pecados para que ela visse com quão poucos méritos meus Ele me concedia graças, desejo que tenho sempre muito vivo. Meu confessor me disse que não agisse dessa maneira; contudo, até há pouco tempo, quando via que alguém pensava muito bem de mim, eu usava de rodeios e outros recursos para revelar-lhe meus pecados e, com isso, me sentia descansada. Também me ordenaram ter muito escrúpulo nisso.
- 16. Vejo que isso não provinha da humildade, mas da tentação, de uma tentação que gerava muitas outras. Eu achava que enganava a todos e, se bem que seja verdade que as pessoas se enganam ao pensar que há algum bem em mim, não era minha intenção fazê-lo, nem nunca o pretendi; é o Senhor que, com algum objetivo, o permite. Mesmo com os confessores, só tratei do assunto quando havia necessidade, e sempre com grande cuidado.

Todos esses temorezinhos, aflições e sombras de humildade eram uma grande imperfeição, e falta de mortificação, percebo-o agora. Porque uma alma que se abandona por completo nas mãos de Deus é indiferente ao mal e ao bem que falam dela, se entender de verdade — caso o Senhor a queira agraciar com essa compreensão — que nada tem de si. Ela confia naquele que lhe dá tantos bens, pois saberá mais tarde por que Ele os revela, prepara-se para a perseguição, que é certa nos tempos de hoje quando o Senhor quer que se saiba que alguma pessoa recebe dele semelhantes favores. Para uma alma como essa, há mil olhos, enquanto para mil almas de outra natureza não há um único.

17. Na verdade, não há poucas razões para temer, e esse devia ser o meu temor; não a humildade, mas a fraqueza. De fato, uma alma que, com a permissão de Deus, passa a ser alvo dos olhos de todos tem condições de se preparar para ser mártir do mundo: se ela não desejar morrer para ele, ele mesmo lhe dará a morte. Com certeza não vejo nele nada que me pareça útil, a não ser não consentir nos bons faltas que, à força de murmúrios, não sejam corrigidas.

Afirmo que é preciso ter mais ânimo, se não se é perfeito, para seguir o caminho da perfeição do que para sacrificar a vida; porque a perfeição não é alcançada num instante, a não ser que o Senhor deseje conceder o privilégio particular de tal graça. O mundo, ao ver a pessoa começar a trilhar esse caminho, deseja que ela logo alcance a perfeição e, depois de muitos quilômetros, ao ver uma falta que talvez seja virtude, faz com que a condenem pessoas que cometem a mesma falta, e que até estão viciadas nela, julgando o outro por si.

O mundo não lhe permite comer, nem dormir, nem, como dizem, respirar. E quanto mais a alma o tem em boa conta, tanto mais parece esquecer que ainda está no corpo mortal e que, por mais perfeita que a considerem, ela ainda está sujeita a muitas misérias da terra, por mais que as tenha sob os pés. Assim, como eu digo, é preciso muito ânimo, já que a pobre alma, nem bem começou a andar, já a querem obrigar a voar; nem bem venceu as paixões, e já se espera que em ocasiões de perigo seja perfeita como os santos confirmados na graca.

É para louvar o Senhor o que se passa nessas circunstâncias, bem como de cortar o coração; porque são inúmeras as almas que recuam, pobrezinhas que não sabem a que recorrer. E creio que assim teria ocorrido com a minha se o Senhor, tão misericordiosamente, não fizesse todo o trabalho por ela. E, mesmo que Ele, com Sua bondade, tenha me tomado a Seu cargo, vossa mercê sabe que a minha vida tem sido um constante cair e levantar.

18. Eu gostaria de saber explicá-lo, porque acredito que aqui se enganam muitas almas que aspiram a voar antes de receber de Deus asas. Creio que já fiz essa comparação, <sup>12</sup> mas ela cabe aqui. Vou tratar disso porque vejo algumas almas muito aflitas por essa razão. Elas começam com grandes desejos, fervor e determinação de avançar na virtude, e algumas deixam por Ele todas as coisas exteriores. Contudo, vendo em outras pessoas mais avançadas na perfeição virtudes muito grandes que lhes são concedidas pelo Senhor, virtudes que não podemos conseguir por nós mesmos; vendo em todos os livros de oração e contemplação coisas que temos de fazer para nos alçar a essa dignidade, mas que não conseguem praticar logo, elas se desconsolam.

Trata-se de ensinamentos como estes: não devemos nos incomodar que falem mal de nós, contentando-nos até mais do que quando falam bem; devemos desprezar a honra, desapegar-nos dos parentes de maneira tal que, se não têm oração, não queiramos tratar com eles e até nos cansemos com a sua presença; e muitas outras coisas dessa espécie, que constituem, pelo que sei, antes bens sobrenaturais ou contrários à nossa inclinação natural, que só podem ser concedidos por Deus. Que essas almas não se fatiguem e esperem no Senhor, pois o que agora têm em desejos Sua Majestade fará com que tenham em obras, desde que perseverem na oração e façam quanto estiver ao seu alcance. Devido à nossa fraqueza natural, é muito necessário ter grande confiança e não desanimar nem pensar que, se nos esforçarmos, deixaremos de alcançar a vitória.

19. E, como tenho muita experiência nesse assunto, direi algo para alertar vossa mercê; não pense, embora lhe pareça acertado, ter adquirido a virtude sem antes experimentá-la pelo seu contrário. Devemos sempre duvidar e não nos descuidar enquanto vivermos; pois com muita facilidade nos apegamos se, como digo, não estiver concedida de modo pleno a graça de perceber o que tudo é e que nesta vida só há muitos perigos. Há alguns anos, eu tinha a impressão de que não só estava desapegada dos meus parentes, mas de que me cansava com a sua convivência, e, de fato, sua conversa não me interessava. Surgiu certo assunto de muita importância e tive de tratar com uma irmã minha de quem muito gostava antes, e embora na conversa, apesar de ela ser melhor que eu, eu não me entendesse com ela (porque, como o seu estado é diferente, sendo mulher casada, não podíamos conversar os assuntos que me agradavam, e porque eu, sempre que podia, ficava sozinha), vi que seus sofrimentos eram compartilhados por mim, muito mais do que os do próximo, e que eu sentia até certa preocupação. Entendi então que não estava tão livre quanto pensava e que ainda necessitava fugir das ocasiões para que essa virtude que o Senhor tinha começado a me conceder pudesse crescer. Desde então, com o Seu favor, tenho procurado agir assim.

20. Devemos considerar muito importante uma virtude quando o Senhor começa a nos agraciar com ela e de nenhuma maneira devemos colocar-nos em perigo de perdê-la. Isso se aplica a coisas que atingem a reputação e a muitas outras; creia vossa mercê que nem todos os que pensamos estar desapegados de tudo o estamos de fato, sendo imperativo nunca descuidar disso. E qualquer pessoa que se perceba presa a algum ponto de honra, se quiser aproveitar, acredite em mim e livre-se desse apego, por ser ele uma corrente que

nenhuma lima quebra, a não ser com a ajuda de Deus, obtida na oração e em muito esforço de nossa parte. Isso me parece um empecilho neste caminho, causando-me espanto o dano que faz.

Vejo algumas pessoas santas em suas obras, que são tão grandes que deixam as pessoas abismadas. Valha-me Deus! Por que ainda se encontra na terra uma tal alma? Como não está ela no auge da perfeição? Que é isto? Quem detém a quem tanto faz por Deus?<sup>15</sup> Oh, ela está presa a um ponto de honra...! E o pior é que não quer entender que o está e, às vezes, o demônio a convence de ser obrigada a conservar esse apego.

- 21. Acreditem em mim, creiam pelo amor do Senhor nessa formiguinha que Ele quer que fale! Se não for tirado, esse defeito será como uma lagarta; talvez não estrague a árvore inteira, restando algumas virtudes, se bem que todas carcomidas. A árvore não é frondosa, não medra nem deixa medrar as que estão perto de si, porque a fruta que dá de bom exemplo nada tem de sã e pouco vai durar. Eu digo muitas vezes¹6 que, por menor que seja, o ponto de honra é como o canto acompanhado por um órgão que toca um trecho ou compasso errado, desafinando toda a música. Trata-se de coisa que em toda parte muito prejudica a alma, mas que, neste caminho de oração, gera pestilência.
- 22. Procuramos juntar-nos com Deus e queremos seguir os conselhos de Cristo, carregado de injúrias e de falsos testemunhos, desejando conservar íntegros a nossa honra e o nosso crédito? Se sim, não poderemos chegar lá, pois essas duas coisas não seguem o mesmo caminho. O Senhor se aproxima da alma quando nos esforçamos e procuramos renunciar ao nosso direito em muitas coisas. Dirão alguns: "Não tenho em que aplicar isso nem me surgem oportunidades". Acredito que quem mantiver essa determinação não verá o Senhor permitir a perda de bem tão precioso; Sua Majestade lhe propiciará tantas ocasiões para obter essa virtude que a pessoa as julgará excessivas. Mãos à obra.
- 23. Quero falar das insignificâncias e bagatelas que fazia quando comecei, ou pelo menos de algumas delas: as palhinhas que, como tenho dito,<sup>17</sup> atiro ao fogo, por não ser capaz de ir além disso. O Senhor tudo recebe; bendito seja para sempre!

Entre as minhas faltas estava o pouco conhecimento da salmodia, dos procedimentos do coro e do modo de oficiar; isso ocorria devido ao meu descuido e preocupação com muitas vaidades, mesmo vendo outras noviças que podiam me ensinar. Eu não lhes perguntava nada, para que não percebessem que pouco sabia. Vinha-me logo a idéia do bom exemplo, o que é muito freqüente. No entanto, Deus me abriu um pouco os olhos, e eu, mesmo sabendo, por menor que fosse a dúvida que tivesse, consultava as meninas. Com isso, não perdi a honra nem o crédito; pelo contrário, quis o Senhor, a meu ver, dar-me doravante uma memória melhor.

Eu não sabia cantar direito. Sentia tanto se não tinha estudado o que me mandavam (e não por cometer uma falta diante do Senhor, o que seria virtude, mas por causa das muitas pessoas que me ouviam) que, por puro amor--próprio, me perturbava a ponto de dizer muito menos do que sabia. Mais tarde, tomei a resolução de, quando não o sabia muito bem, dizer que nada sabia. No início, foi doloroso, mas depois passei a gostar disso. Desse modo, a partir do momento em que já não me importava o fato de perceberem a minha ignorância, passei a cantar muito melhor. É que a negra honra antes me impedia de fazer bem o que devia, essa honra que cada qual põe onde quer, e que eu colocava nessas coisas.

- 24. Essas pequenas coisas, que nada são sendo eu ainda menos, visto me incomodar com elas —, pouco a pouco se traduzem em atos. Com essas pequenas decisões, que vão sendo reforçadas por Deus, já que vêm dele, nós O ajudamos a conseguir coisas maiores. Assim é que, em termos de humildade, por exemplo, vendo que todas progrediram na virtude, exceto eu¹8 porque nunca servi para nada —, passei a recolher e dobrar as capas das irmãs que saíam. Eu tinha a impressão de servir àqueles anjos que ali louvavam a Deus. Fiz isso até que, não sei como, vieram a saber, o que me deixou bem confusa, visto que a minha virtude não chegava a suportar a revelação dessas coisas, e não por humildade, mas para que não rissem de mim diante de ações tão desimportantes.
- 25. Ó Senhor meu! Que vergonha é ver tantas maldades e contar uns grãos de areia que ainda não eram levantados da terra para Vosso serviço, mas que estavam envoltos em mil misérias! Debaixo dessas areias de Vossa graça¹º ainda não brotava a água que as fízesse subir. Ó Criador meu, quisera ter alguma coisa importante para relatar, em meio a tantos males, pois narro as grandes graças que recebi de Vós. Assim, Senhor meu, não sei como pode suportá-lo o meu coração nem como poderá, quem isto ler, deixar de me desprezar ao ver tão mal correspondidos favores tão imensos; e não tenho vergonha de me referir a esses serviços, que são, afinal, meus.

Sim, Senhor meu, tenho vergonha, mas de não ter para contar senão atos tão minúsculos, para que quem os fizer grandes tenha esperança; porque, se os meus parecem ter sido levados em conta pelo Senhor, tanto

melhor Ele acolherá esses outros. Queira Sua Majestade dar-me o favor de eu não ficar para sempre no princípio. Amém.

#### CAPÍTULO 32

TRATA DE COMO O SENHOR QUIS CONDUZI-LA EM ESPÍRITO

AO LUGAR DO INFERNO QUE ELA,
POR SEUS PECADOS, TINHA MERECIDO. DÁ UMA IDÉIA DO QUE LHE FOI APRESENTADO ALI. COMEÇA A
TRATAR DA MANEIRA COMO SE FUNDOU O MOSTEIRO

ENCONTRA

DE SÃO JOSÉ, ONDE ELA AGORA SE

- 1. Havendo já muito tempo desde que o Senhor começara a me conceder muitas das graças de que falei¹ e outras muito grandes, certo dia, estando em oração, vi-me de repente, sem saber como, no inferno. Entendi que o Senhor queria que eu visse o lugar que os demônios tinham preparado para mim ali e que eu merecera pelos meus pecados.² Isso durou muito pouco tempo, mas, mesmo que eu vivesse muitos anos, parece-me impossível esquecer. A entrada me pareceu um longo e estreito túnel, semelhante a um forno muito baixo, escuro e apertado; o solo dava a impressão de conter uma água igual a uma lama muito suja e de odor pestilencial, havendo nele muitos répteis daninhos; havia no fundo uma concavidade aberta numa parede, parecida com um armário, onde fui colocada, ficando bastante apertada. Tudo isso é agradável em comparação ao que senti ali. Isto que digo está muito aquém da verdade.
- 2. O que senti parece ser impossível de definir de fato e de entender; mas senti um fogo na alma que não sei como explicar. As dores corporais eram tão insuportáveis que mesmo os tantos sofrimentos que tive nesta vida, que foram graves e, segundo os médicos, os maiores que se podem passar aqui (por exemplo, quando se encolheram todos os meus nervos e fiquei paralítica,³ sem falar de outros tantos padeceres de diversas espécies, alguns, como eu disse,⁴ causados pelo demônio), não foram nada em comparação com elas, ainda mais que percebi que elas seriam sem fim, incessantes.

Na verdade, em comparação com a agonia da alma, que é um aperto, um afogamento, uma aflição tão intensa, unida a um descontentamento tão desesperado e angustioso, que as palavras não podem descrever, tudo isso é insignificante. Porque dizer que é igual à sensação de que estão sempre arrancando a alma é pouco, pois isso seria equivalente a ter a vida tirada por alguém; nesse caso, no entanto, é a própria alma que se despedaça. Não sei como fazer jus com palavras ao fogo interior e ao desespero que se sobrepõem a gravíssimos tormentos e dores. Eu não via quem os provocava, mas os sentia queimando-me e retalhando. Mesmo assim, tenho a impressão de que aquele fogo e aquele desespero interiores são o pior.

3. Quando se está num lugar tão pestilento, sem poder esperar consolo, não se pode ficar sentado nem deitado, nem há lugar para isso, pois me puseram naquela espécie de buraco feito na parede; entre essas paredes, que espantam a visão, somos apertados e ficamos como que sufocados. Não há luz, mas sim trevas escuríssimas. Não entendo como pode ser que, não havendo luz, vê-se tudo que possa causar padecimento.

Nessa ocasião, o Senhor não quis que eu visse mais coisas do inferno; mais tarde, tive outra visão de coisas assombrosas sobre o castigo de alguns vícios. Vê-las me mostrou quão espantosas eram, mas, como não sentia o sofrimento, não tive tanto temor. Na visão referida, no entanto, foi vontade do Senhor que eu sentisse verdadeiramente os tormentos e aflições no espírito como se o corpo os estivesse padecendo. Não sei como isso aconteceu, mas bem entendi ser um grande favor e que o Senhor desejava que eu visse com os meus próprios olhos aquilo de que a Sua misericórdia me livrara. Porque uma coisa é ouvir dizer ou ter pensado sobre os diferentes tormentos (o que eu fizera poucas vezes, já que pelo temor a minha alma não era levada muito bem), ou saber pelos livros que os demônios supliciam e infligem outras torturas, e outra é passar por isso. Em uma palavra, saber disso e vivê--lo são tão diferentes quanto o desenho o é da realidade; queimar-se aqui na terra é dor muito leve em comparação com o fogo de lá.

- 4. Fiquei tão abismada, e ainda o estou quando escrevo, apesar de já se terem passado quase seis anos,<sup>5</sup> que me parece ter o corpo enregelado de medo. A partir de então, não me lembro de ocasiões em que padeça sofrimentos ou dores e não considere um nada tudo o que se pode passar na terra, o que me dá a impressão de que, em parte, nos queixamos sem razão. Por isso, repito ter sido essa uma das maiores graças que o Senhor me concedeu, pois me trouxe grandes proveitos, tanto para que eu perdesse o temor das tribulações e contradições desta vida como para que me esforçasse por padecê-las e dar graças ao Senhor por ter me livrado, como é agora minha convicção, de males tão perpétuos e terríveis.
- 5. Desde então, como eu disse, tudo me parece fácil diante de um momento em que se tenha de sofrer o que lá padeci. Fico aturdida ao pensar que, tendo lido muitas vezes livros onde se explica algo das penas do

inferno, eu não as temesse nem as tomasse pelo que são. Onde estava eu? Como podia ter descanso estando num caminho que me conduzia a lugar tão ruim?

Bendito sejais, Deus meu, para sempre! E como me tem parecido<sup>6</sup> que me amáveis muito mais do que eu a mim mesma! Quantas vezes, Senhor, me livrastes de cárcere tão tenebroso e quantas eu, contra a Vossa vontade, voltava para ele!

- 6. Isso também criou em mim uma grande compaixão pelas muitas almas que se condenam (em especial dos luteranos, que já eram, pelo batismo, membros da Igreja) e intensos ímpetos de salvar almas, pois tenho a impressão de que, para livrar uma só delas de aflições tão graves, eu voluntariamente enfrentaria muitas mortes. Se vemos aqui uma pessoa de quem gostamos de modo especial passar por um grande sofrimento ou dor, a nossa própria natureza nos impele à compaixão e, se a sua aflição for grande, tanto maior será a opressão do nosso coração. Assim sendo, ver uma alma imersa eternamente no sumo sofrimento, quem o pode suportar? Não há coração que veja isso sem compadecer-se, porque, se aqui, sabendo que a vida um dia vai acabar e que de qualquer maneira não é longa a sua duração, ainda assim somos movidos a tanta compaixão, quão maior não será o nosso desassossego diante dessa dor que não se acaba, infligida às tantas almas que o demônio leva consigo a cada dia!
- 7. Isso também me faz desejar que, numa coisa tão importante, não nos contentemos com fazer menos que tudo o que pudermos; não deixemos nada por fazer, e que o Senhor seja servido de nos dar graças para isso. Por outro lado, considero que, embora tão ruim, eu algo fazia para servir a Deus e não fazia certas coisas muito comuns no mundo, visto que, afinal, passava por grandes enfermidades e com muita paciência dada pelo Senhor. Eu não tinha inclinação para murmúrios, nem para falar mal dos outros, assim como, creio eu, não podia querer mal a ninguém, não tinha cobiça nem, pelo que me lembro, inveja, de modo a cometer ofensa grave contra o Senhor. Isso ocorria porque, embora tão ruim, eu costumava temer sempre a Deus; mesmo assim, vi o lugar que os demônios tinham preparado para mim, e é verdade que, considerando as minhas culpas, ainda julgava merecer maior castigo.

Contudo, digo que era um tormento terrível, sendo muito perigoso que uma alma que a cada passo cai em pecado mortal fique satisfeita, sossegada ou contente. Pelo amor de Deus, devemos evitar as ocasiões, e o Senhor nos ajudará, como me ajudou. Que Sua Majestade nunca tire a Sua mão para que eu não volte a cair, pois já vi onde iria parar. Não o permita o Senhor, por quem Sua Majestade é. Amém.

- 8. Estando eu (depois de ter visto essas e outras grandes coisas e segredos que o Senhor, por quem é, quis me mostrar da glória que será concedida aos bons e do castigo que recairá sobre os maus) em busca de maneiras de fazer penitência de tanto mal e de alcançar o mérito de obter tanto bem, desejava fugir das pessoas e afastar-me de uma vez por todas do mundo; meu espírito não sossegava, mas não era um desassossego inquieto, e sim delicioso. Via-se com clareza que isso vinha de Deus e que Sua Majestade concedera à alma calor para que ela saboreasse outros manjares mais suculentos do que aqueles que comia.
- 9. Imaginando o que poderia fazer por Deus, pensei que a primeira coisa era seguir o chamamento que Sua Majestade me fizera para ser religiosa, respeitando a minha Regra com a maior perfeição possível. E, embora na casa onde eu estava houvesse muitas servas de Deus, sendo Ele bem servido nela, por causa de uma grande necessidade as monjas saíam muitas vezes e passavam períodos em lugares onde, com toda a honestidade e religião, podiam estar. Por outro lado, a Regra não fora estabelecida com o seu rigor inicial, sendo respeitada de acordo com o que era costume na Ordem, seguindo-se a Bula de Mitigação. Havia também outros inconvenientes, parecendo-me demasiado o bem-estar, visto ser a casa grande e agradável.

Mas o problema das saídas, embora eu fosse uma que muito saía, era o maior para mim, porque algumas pessoas a quem os prelados não podiam dizer não gostavam de me ter em sua companhia; elas importunavam os prelados, que me mandavam ir. Assim, por seguir as ordens, eu ficava pouco no mosteiro. O demônio devia ter a sua parte, impedindo-me de ficar em casa, porque, quando ficava, eu transmitia a algumas irmãs aquilo que me ensinavam os religiosos com quem eu tratava, o que trazia grande proveito.

- 10. Certa feita, estando na companhia de uma pessoa, disseram a mim e a outras que se quiséssemos ser monjas à maneira das Descalças, seria talvez possível fundar um mosteiro. Eu, como o desejava, comecei a tratar disso com aquela senhora minha companheira, a viúva que, como eu disse, tinha o mesmo desejo. Ela começou a esboçar planos para obter recursos, planos que agora vejo não serem muito viáveis, parecendo-nos que eram devidos ao nosso desejo. Mas eu, por outro lado, estando muito contente na casa em que estava, que me agradava muito, assim como a cela que ocupava, que muito me servia, ainda me detinha. Contudo, combinamos de encomendar muito a Deus o nosso plano.
- 11. Certo dia, depois da comunhão, Sua Majestade me ordenou expressamente que me dedicasse a esse empreendimento com todas as minhas forças, prometendo-me que o mosteiro não deixaria de ser feito e

dizendo que ali seria muito bem servido. Disse-me que devia ser dedicado a São José; esse Santo glorioso nos guardaria uma porta, e Nossa Senhora, a outra; Cristo andaria ao nosso lado, e a casa seria uma estrela da qual sairia um grande resplendor. Além disso, embora as religiões<sup>11</sup> estivessem relaxadas, eu não devia pensar que Ele era pouco servido nelas, pois o que seria do mundo se não houvesse religiosos? O Senhor me ordenou ainda que revelasse tudo ao meu confessor e que lhe rogasse, em Seu nome, que não se opusesse ao projeto nem criasse obstáculos a ele.

- 12. Teve tal impacto essa visão, e tais efeitos as palavras que o Senhor me dirigiu, que não tive como duvidar de que era Ele. Fiquei muito pesarosa porque, em parte, imaginei os grandes desassossegos e sofrimentos que isso me custaria. Por outro lado, eu já vivia muito contente no meu convento; embora tratasse do assunto como antes, já não tinha tanta determinação nem certeza de que o projeto se realizaria. Nesse ponto, contudo, eu me sentia pressionada e, como via que começava a surgir um grande desassossego, estava em dúvida sobre o que faria. Mas foram tantas as vezes em que o Senhor voltou a me falar disso, exibindo-me tantas causas e razões, que eu via ser convincentemente Sua vontade que não mais me atrevi a não contá--lo ao meu confessor, a quem relatei por escrito tudo o que acontecera.<sup>12</sup>
- 13. Ele não teve coragem de me dizer claramente que eu não levasse o projeto adiante, mas via que não era viável nos termos da razão natural, já que havia pouquíssimas ou quase nenhuma possibilidade de a minha companheira, que era quem o havia de levar a efeito, conseguir recursos. Ele me disse que eu me entendesse com o meu prelado e que fizesse o que ele mandasse. Eu não tratava com o prelado dessas visões, mas a senhora em questão lhe disse que desejava fazer o mosteiro; e o Provincial¹³ concordou plenamente, visto que era amigo de tudo o que é da religião, dando-lhe todo o apoio necessário e dizendo-lhe que tomaria o mosteiro sob sua jurisdição. Eles trataram dos recursos necessários e do nosso desejo de haver no máximo treze¹⁴ religiosas na casa, por várias razões.

Antes de começarmos a tratar do negócio, escrevemos ao santo frei Pedro de Alcântara, relatando tudo o que acontecia; ele nos aconselhou a seguir em frente e nos deu seu parecer sobre todos os assuntos. 15

14. Tão logo se soube do projeto do lugar, caiu sobre nós uma enorme perseguição cujo relato levaria muito tempo: choveram insinuações e risadas, bem como afirmações de ser um disparate. Diziam-me que eu estava bem na minha casa, perseguindo tanto minha companheira a ponto de deixá-la aflita. Eu não sabia o que fazer; em parte, parecia-me que tinham razão. Quando eu estava muito fatigada, encomendando-me a Deus, Sua Majestade começou a me consolar e animar. Ele me disse que, através daquilo, eu veria o que tinham passado os santos fundadores das religiões, devendo passar por tribulações muito maiores do que eu podia imaginar, mas que não devíamos ter medo.

Ele acrescentou algumas palavras que eu devia transmitir à minha companheira, e o que mais me espantava era que logo ficávamos consoladas pelo que tínhamos sofrido e com ânimo suficiente para resistir a todos. Na realidade, entre as almas de oração e até na própria cidade, não havia quase ninguém que na época não se opusesse a nós nem considerasse tudo um enorme desatino.

15. Foram tantas as insinuações e o alvoroço no meu mosteiro que o Provincial julgou impossível ter de enfrentar a todos, razão por que mudou de opinião e retirou o seu apoio. Ele afirmou que a renda não era suficiente, além de pouco segura, bem como muitos os nossos opositores. Ao que parece, devia estar coberto de razão. O fato é que retrocedeu e cancelou a licença. Quanto a nós, veio-nos a impressão de que esses eram os primeiros golpes, o que nos trouxe muito pesar; sofri em especial por ver o Provincial opor-se, visto que, se assim não fosse, eu teria como me desculpar diante dos outros. E já não queriam absolver a minha companheira caso ela não desistisse do projeto, dizendo-lhe que tinha a obrigação de interromper o escândalo.<sup>16</sup>

16. Ela foi procurar um erudito, grande servo de Deus, da Ordem de São Domingos, contando-lhe todos os eventos. 17 Isso aconteceu antes de o Provincial recusar a licença, já que, em todo lugar, não tínhamos quem se dispusesse a nos favorecer, razão por que diziam que íamos adiante por puro capricho. Essa senhora relatou tudo ao santo homem, falando-lhe da renda advinda de suas propriedades, pedindo-lhe com fervor que nos ajudasse, visto ser ele o religioso mais instruído do lugar, havendo poucos mais sábios do que ele em sua Ordem.

Contei-lhe tudo o que pretendíamos fazer e falei de algumas das razões que nos moviam; não recorri a revelações, apresentando-lhe as razões naturais, porque queria que ele nos desse a sua opinião de acordo com estas últimas. Ele nos pediu um prazo de oito dias para responder e nos perguntou se nos dispúnhamos a fazer o que ele dissesse. Respondi-lhe que sim; mesmo afirmando, e creio que o cumpriria (porque na época não via como levar o projeto adiante), nunca deixei de acreditar no êxito do nosso empreendimento. Minha companheira tinha mais fé; ela nunca se disporia a abandonar o projeto por coisa alguma que lhe dissessem.

17. Eu, como disse, julgava impossível que a casa não viesse a ser fundada, tamanha a minha crença na verdade da revelação, pois não lhe daria fé se ela contrariasse a Sagrada Escritura ou as leis da Igreja, que somos obrigados a cumprir...<sup>18</sup> Porque, embora me parecesse que de fato era vontade de Deus, se aquele douto me dissesse que não podíamos levá-lo a efeito sem ofendê-Lo e sem contrariar a consciência, creio que logo me afastaria daquilo ou procuraria outra solução; mas o Senhor só me dava uma alternativa: a fundação.

Mais tarde, aquele servo de Deus me confessou que tivera a firme determinação de tudo fazer para nos dissuadir, pois já chegara aos seus ouvidos o clamor do povo, sendo também seu o parecer de que o projeto era um disparate. Sabendo-se que o tínhamos procurado, enviou-se um emissário para avisá-lo de que visse o que fazia e pedir que não nos ajudasse. Quando ele começou a ponderar sobre a resposta que nos daria, examinando o empreendimento, a nossa intenção, o modo de vida e de prática religiosa que queríamos estabelecer, concluiu que isso muito serviria a Deus e que não podia deixar de ser feito. Por isso, ele nos respondeu que nos apressássemos a concluí-lo e nos indicou os meios e o modo de proceder; disse que, apesar de os recursos serem poucos, sempre se podia esperar em Deus. Afirmou também que todos os opositores deveriam procurá-lo, que ele se encarregaria de responder — e ele de fato sempre nos ajudou, como mais tarde vou dizer.<sup>19</sup>

18. Com isso, ficamos muito consoladas, e também porque algumas pessoas santas, que antes eram contrárias a nós, já estavam mais aplicadas, havendo até algumas que nos ajudavam. Entre estas últimas estava o fidalgo santo<sup>20</sup> que já mencionei, o qual, virtuoso como era, percebia estar o nosso projeto inteiramente baseado na oração, embora acreditasse que os meios fossem difíceis e quase inviáveis; mesmo assim, ele achava que podia ser coisa de Deus, advinda do próprio Senhor. Era por certo Deus que o movia, tal como movera o Mestre, o clérigo servo de Deus que, como eu disse, foi o primeiro a quem falei;<sup>21</sup> esse Mestre é um modelo para todos, pessoa que Deus tem para remédio e proveito de muitas almas, e que também já vinha em minha ajuda.

Estando as coisas nesse pé, e sempre com a ajuda de muitas orações, compramos uma casa em um bom lugar, embora pequena. Isso em nada me incomodava, pois o Senhor me dissera que começasse como pudesse e mais tarde veria o que Sua Majestade havia de fazer<sup>22</sup> — e quão bem o tenho visto! Assim, embora reconhecesse que a renda era pouca, eu tinha fé no Senhor, que haveria de nos favorecer e prover tudo por outros meios.

#### CAPÍTULO 33

CONTINUA A FALAR DA FUNDAÇÃO DO MOSTEIRO DO GLORIOSO SÃO JOSÉ.
EXPLICA QUE LHE DERAM ORDENS DE NÃO SE ENVOLVER NELA, RELATA O
TEMPO EM QUE OBEDECEU E ALGUMAS PROVAÇÕES QUE TEVE, DIZENDO COMO O SENHOR A
CONSOLAVA NISSO.

- 1. Quando os negócios estavam a ponto de se resolver, visto que, no dia seguinte, seriam lavradas as escrituras, nosso Padre Provincial mudou de opinião.¹ Pelo que vi depois, creio que ele foi movido por inspiração divina; porque, sendo tantas as orações, o Senhor ia aperfeiçoando a Sua obra e determinando que se fizesse de outro modo. Quando o Provincial não quis admitir a fundação, o meu confessor me ordenou que não mais me envolvesse nisso.² Mas o Senhor sabe dos grandes sofrimentos e aflições que me tinha custado ter levado o empreendimento até esse ponto. Como ele foi abandonado e as coisas ficaram assim, confirmou-se mais a opinião de tratar-se de disparate de mulheres, aumentando os murmúrios sobre mim, embora tudo tivesse sido feito até então com a concordância do Provincial.
- 2. A opinião do meu mosteiro³ sobre mim não era das melhores, pois eu queria fazer um mosteiro de clausura mais estrita. As pessoas diziam que eu as ofendia, pois ali também se podia servir a Deus, havendo religiosas melhores que eu. Diziam também que eu não tinha amor pela casa e que melhor seria que procurasse obter recursos para ela do que para outra obra. Umas pensavam que eu devia ser lançada no cárcere;⁴ umas poucas faziam uma tímida defesa de mim. Eu bem via que em muitas coisas elas tinham razão e por vezes justificava a sua conduta, embora, como não pudesse falar do essencial, que era ter recebido ordens do próprio Senhor, não soubesse o que fazer, deixando assim de falar de outras coisas. O Senhor muito me agraciava porque, em tudo isso, não me deixava inquieta; deixei a obra de lado com muita facilidade e contentamento, como se até então não tivesse feito nenhum esforço. Ninguém pôde acreditar nisso, nem mesmo as almas de oração que tinham relação íntima comigo; pensava-se que eu estava muito confrangida e confusa, o que era a opinião do meu próprio confessor. Quanto a mim, tendo certeza de ter feito tudo o que

podia, não mais me sentia obrigada a fazer esforços para cumprir a ordem do Senhor, ficando na casa em que estava muito contente e satisfeita. Se bem que jamais pudesse deixar de acreditar que a casa seria fundada, eu não via os meios para isso nem sabia como nem quando a obra se realizaria, mas achava que viria a existir.

3. O que me causou muito sofrimento foi ter recebido do meu confessor, como se eu tivesse feito coisa contra sua vontade (verdade é que o Senhor devia querer que também desse lado, que mais dores haveria de causar, eu não deixasse de receber sofrimentos), num momento em que uma multiplicidade de perseguições deveriam merecer dele, a meu ver, uma palavra de consolo, uma carta em que dizia perceber, diante do que ocorrera, que a obra não passava de sonho. Na carta, ele me ordenava que doravante desistisse do assunto e não mais falasse dele, devido ao escândalo e a tantas outras coisas lamentáveis.

Isso foi para mim mais lamentável do que todas as outras aflições juntas, dando-me a impressão de que, se eu fora causa e agente de ofensas a Deus, e se as visões que tivera eram uma ilusão, toda a oração que eu tinha era um engano, e eu estava perdida e errada. Isso me afligiu de modo tão extremo que fiquei toda perturbada e muito agitada. Mas o Senhor, que nunca me faltou, e que em todas as provações que me atingiram me consolou e animou muitas vezes — não cabendo relatá-las aqui —, me disse que eu não devia me afligir, que muito O servira, em vez de ofendê-Lo, naquele empreendimento e que obedecesse ao confessor, não me manifestando por enquanto, até que chegasse o momento de retomá-lo. Fiquei tão consolada e contente que toda a perseguição que me moviam me pareceu insignificante.

- 4. Nesse ponto, o Senhor me ensinou o imenso bem que é passar por sofrimentos e perseguições por Ele, porque foi tanto o aumento do amor de Deus que vi em minha alma, ao lado de muitas outras coisas, que fiquei espantada. Isso me faz não poder deixar de desejar tribulações. As outras pessoas pensavam que eu estava envergonhada, e eu de fato estaria se o Senhor não me tivesse favorecido com tanto desvelo ao me conceder graça tão grande. Por essa época, comecei a ter aqueles ímpetos de amor a Deus já referidos<sup>5</sup> e arroubos maiores, embora me calasse e não contasse a ninguém os ganhos que obtinha. O santo varão dominicano<sup>6</sup> também tinha a mesma certeza minha de que a casa seria fundada; e, como eu não queria me envolver no assunto para não desobedecer ao meu confessor, ele o negociava com a minha companheira, escrevendo a Roma e dando todos os passos necessários.
- 5. Nesse ponto, o demônio também começou a espalhar, de boca em boca, que eu tinha tido alguma visão sobre o caso; por isso, as pessoas me procuravam, com muito medo, para me dizer que vivíamos tempos ruins<sup>7</sup> e que poderiam levantar contra mim falsos testemunhos, denunciando-me aos inquisidores. Achei muita graça e ri, porque nunca tive temor disso, pois bem sabia que, em matéria de fé, eu antes morreria mil vezes do que me oporia a qualquer coisa da Igreja ou a qualquer verdade da Sagrada Escritura. Eu lhes disse que não temessem quanto a isso, pois em estado bem ruim estaria a minha alma se houvesse nela algo que me levasse a recear a Inquisição; se achasse que havia, eu mesma iria procurá-la. Eu disse ainda que, em caso de falsos testemunhos, o Senhor me livraria de tudo e ainda me propiciaria algum benefício.

Procurei o padre dominicano que, como eu disse, era tão instruído<sup>8</sup> que eu podia ficar tranqüila diante do que ele me dissesse, e lhe contei todas as visões, o modo de oração e as grandes graças que o Senhor me concedia, com a maior clareza que pude, suplicando-lhe que a tudo examinasse muito bem e me dissesse se havia naquilo algo contra a Sagrada Escritura. Ele me tranqüilizou muito e, a meu ver, tirou algum proveito das minhas confidências, porque, embora fosse já muito bom, doravante se dedicou ainda mais à oração e se recolheu a um mosteiro de sua Ordem, muito mais solitário,<sup>9</sup> para melhor poder praticar virtudes, tendo estado ali por mais de dois anos, até que a obediência o tirou dali — o que ele muito lamentou —, visto que as suas qualidades o tornavam necessário em outro lugar.

- 6. Senti muito quando ele se foi embora não tenha tentado retê-lo devido à grande falta que ele me faria. Mas percebi que era para seu proveito porque, estando muito pesarosa com a sua ida, o Senhor me disse que me consolasse e não ficasse assim, pois ele seguia um bom caminho. Quando ele voltou, sua alma tinha aproveitado tanto e avançara a tal ponto no caminho do espírito que ele me disse que não gostaria de ter deixado de ir por nada deste mundo. O mesmo eu podia dizer; porque quem antes me tranqüilizava e consolava apenas com o saber intelectual também passou a fazê-lo com a experiência espiritual, pois tinha muita em coisas sobrenaturais, tendo Deus promovido o seu retorno bem no momento em que viu ser ele necessário para ajudar em Sua obra do mosteiro.
- 7. Estive, pois, em silêncio, sem tratar nem falar do empreendimento por cinco ou seis meses, e o Senhor nunca me ordenou que o fizesse. Eu não podia saber a causa, mas não perdia a esperança de que o projeto se realizaria. Passado esse tempo, tendo ido daqui o Reitor da Companhia de Jesus, Sua Majestade trouxe outro muito espiritual, com grande ânimo e compreensão e muito douto, e num momento em que eu tinha muita necessidade disso. Porque, como o padre que me confessava era subordinado a um superior e como os jesuítas

têm em extremo a virtude de seguir a vontade do seu Maior, esse meu confessor não se atrevia a decidir em algumas circunstâncias, por várias razões, embora entendesse bem meu espírito e desejasse que eu avançasse muito mais. Na época, minha alma já tinha ímpetos tão grandes que muito sofria ao ver-se tão restrita, embora eu de modo algum deixasse de fazer o que ele me mandava. 10

- 8. Estando um dia com uma forte tribulação, pensando que o confessor não acreditava em mim, disse-me o Senhor que eu não me afligisse, pois aquele padecer logo se acabaria. Fiquei muito contente, julgando que não demoraria muito a morrer, sentindo grande alegria quando me lembrava disso. Depois, vi com clareza tratar-se da vinda desse Reitor de que falei; porque o sofrimento acabou, já que ele nada impedia ao Padre que era meu confessor, dizendo-lhe que me consolasse sem nenhum receio e que não me levasse por um caminho tão árduo, deixando agir o espírito do Senhor. Com efeito, às vezes a minha alma ficava, por assim dizer, quase sem poder respirar devido aos grandes ímpetos do espírito.
- 9. Esse Reitor foi me procurar, e o confessor me ordenou tratar com ele com toda a liberdade e clareza. Eu costumava me sentir muito inibida diante de contatos como esse. Contudo, ao entrar no confessionário, tive um sentimento interior desconhecido que não me lembro de ter sentido antes nem depois com ninguém; não sei descrevê-lo sequer com comparações. Porque foi um prazer espiritual, uma sensação de que aquela alma havia de entender a minha, de que havia entre elas uma afinidade, embora, repito, eu não saiba como.

Não causaria espanto essa alegria pela esperança de ser compreendida se eu já tivesse falado com ele ou recebido informações a seu respeito, mas isso nunca ocorrera. Vi depois que o meu espírito não se enganara; desse relacionamento adveio, sob todos os aspectos, um enorme proveito para os meus empreendimentos e a minha alma. Ele dirige muito bem as pessoas que o Senhor parece ter elevado bem alto, pois não as faz caminhar passo a passo, e sim correr, buscando desapegá-las de tudo e mortificá-las, pois também nisso, como em muitas outras coisas, o Senhor lhe deu um talento fora do comum.

- 10. Desde que passei a me relacionar com ele, entendi seu estilo e vi ser ele uma alma pura e santa, dotada pelo Senhor de um talento particular de discernir espíritos, o que muito me consolou. Pouco depois desse contato, o Senhor voltou a me impelir a tratar da questão do mosteiro, mandando-me dizer ao meu confessor e a esse Reitor das muitas razões e motivos para que eles não se tornassem empecilhos a isso. Algumas dessas razões causaram impressão, porque o Padre Reitor nunca duvidou, depois de estudar com muito cuidado e solicitude todos os efeitos que se manifestavam em mim, de que se tratava do espírito de Deus. Enfim, por várias razões, eles não se atreveram a me estorvar.<sup>11</sup>
- 11. Meu confessor me permitiu outra vez dedicar-me por inteiro à obra. Eu percebia que problemas tinha pela frente, visto estar só e ter muito poucos recursos. Combinamos que tudo se faria em segredo e, assim, fiz que uma irmã minha<sup>12</sup> que vivia fora daqui comprasse a casa, e lavrasse a escritura como se fosse para si mesma, com os recursos que o Senhor fez chegar a nós, por certos meios, em quantidade suficiente para a aquisição. Seria extenso narrar aqui como o Senhor foi fazendo isso.

Eu tinha o maior cuidado em nada fazer contra a obediência; mas sabia que, se o dissesse aos meus prelados, tudo se perderia como da vez passada ou até de modo pior. Para conseguir dinheiro, fazer as diligências necessárias, organizar planos e dirigir obras, tive momentos de enorme dificuldade, alguns bem sozinha (minha companheira fazia o que podia, mas podia pouco, e tão pouco que era quase nada, além de permitir que a obra fosse feita em seu nome e com o seu favor; todo o trabalho restante era meu), tendo sofrido de tantas maneiras que agora me espanto de tê-lo podido suportar.

Por vezes, desarvorada, eu dizia: "Senhor meu, como me ordenais coisas que parecem impossíveis? Se eu, mesmo sendo mulher, ao menos tivesse liberdade! Mas, impedida por todos os lados, sem recursos e sem ter aonde buscá-los, mesmo para as despesas do Breve, que posso fazer, Senhor?"

12. Numa ocasião, estando numa necessidade que não sabia resolver, nem tendo com que pagar aos operários, apareceu-me São José, meu verdadeiro pai e senhor, e deu-me a entender que recursos não me faltariam e que eu devia contratá-los. Eu o fiz, sem dispor de um centavo, e o Senhor, por caminhos que espantavam aos que o viam, me forneceu os recursos. Comecei a achar a casa muito pequena, e tanto que parecia impossível torná-la um mosteiro; por isso, quis comprar outra (não tinha com que, não havia maneira de fazer a aquisição, nem eu sabia como proceder), situada ao seu lado, também muito pequena para erigir a igreja.

Certo dia, quando eu acabava de comungar, disse-me o Senhor: Já te falei que comeces como puderes. E, exclamando: Ó cobiça do gênero humano, que até a terra pensas que te há de faltar! Quantas vezes dormi ao relento por não ter onde me abrigar! Fiquei pasma e vi que o Senhor tinha razão; fui à casa pequenina, elaborei meus planos e encontrei meios para torná-la um mosteiro regular, se bem que minúsculo. Desisti de

comprar mais terras, mas fiz adaptações para que se pudesse viver na casa; tudo era tosco e grosseiro, tendo o suficiente para não prejudicar a saúde; e assim se deve fazer sempre.

- 13. No dia de Santa Clara, indo comungar, a Santa me apareceu, muito formosa. <sup>14</sup> Disse-me que me esforçasse e desse continuidade ao que iniciara, pois teria a sua ajuda. Tomei por ela grande devoção e, em cumprimento de sua promessa, um mosteiro de monjas de sua Ordem<sup>15</sup> situado perto deste ajuda a nos sustentar. Além disso, a bem-aventurada Santa elevou pouco a pouco os meus anseios a tamanha perfeição que a pobreza que ela instituiu em seus mosteiros também está presente neste, e vivemos de esmola. Não me tem custado poucos esforços estabelecer com toda a firmeza e autoridade do Santo Padre que não se aja senão assim e que nunca se tenham rendimentos. <sup>16</sup> E o Senhor faz mais ainda, talvez atendendo às súplicas dessa bendita Santa, pois, sem que peçamos, nos fornece o necessário com muita fartura. Bendito seja para sempre, amém.
- 14. Também por esses dias, eu estava na capela de um mosteiro da Ordem do glorioso São Domingos no dia de Nossa Senhora da Assunção<sup>17</sup> considerando os inúmeros pecados que em tempos passados confessara naquela casa e outras coisas da minha vida ruim. De repente, veio-me um arroubo tão intenso que quase perdi os sentidos; sentei-me e creio que não vi a elevação nem ouvi a missa, ficando depois envergonhada disso. Enquanto me encontrava naquele estado, tive a impressão de que me cobriam com uma roupa de grande brancura e esplendor. No início, eu não via quem o fazia, tendo percebido depois Nossa Senhora do meu lado direito e meu pai São José do esquerdo adornando-me com aquelas vestes. Eles me deram a entender que eu estava purificada dos meus pecados.

Depois que acabaram de me vestir, estando eu com enorme deleite e glória, tive a impressão de que Nossa Senhora tomava-me as mãos, dizendo--me que lhe dava muito contentamento ver-me servir ao glorioso São José e que eu estivesse certa de que o mosteiro se faria de acordo com o meu desejo, sendo o Senhor e eles dois muito bem servidos ali. Eu não devia temer que nisso viesse a haver quebra, embora a obediência não fosse bem do meu gosto, porque eles nos guardariam, e o seu Filho já nos prometera andar ao nosso lado. Como sinal de verdade, ela me dava uma jóia.

Tive a impressão de que ela me punha no pescoço um colar de ouro muito formoso do qual pendia uma cruz de muito valor. O ouro e as pedras dessa jóia são tão diferentes dos de cá que não há comparação; porque a sua formosura muito difere do que podemos imaginar aqui, não podendo o intelecto compreender de que era a veste nem imaginar a alvura que o Senhor deseja nos apresentar, de tal modo que todas as coisas deste mundo parecem, por assim dizer, um esboço a carvão.

15. Era grandíssima a beleza que vi em Nossa Senhora, embora não tenha podido observar nenhum traço particular seu, mas o conjunto do rosto, estando ela vestida de branco, com enorme resplendor, não do tipo que deslumbra, mas algo suave. Não vi o glorioso São José tão claro, mas percebi a sua presença, como nas visões de que falei, em que não se vêem imagens. Nossa Senhora me pareceu muito jovem. Estiveram comigo mais um pouco, estando eu cheia de glória e de júbilo, numa intensidade que eu talvez jamais tenha sentido e que não quisera ver chegar ao fim.

Pareceu-me então vê-los subir ao céu com uma enorme corte angélica. Fiquei com muita saudade, mas tão consolada, enlevada, recolhida em oração e enternecida que por algum tempo permaneci quase fora de mim, sem poder mover-me nem falar. Veio-me um veemente impeto de me desfazer por Deus, impeto que teve tais efeitos em mim que nunca pude duvidar da verdade de que todo o ocorrido era coisa de Deus. Fiquei consoladíssima e com muita paz.

16. O que a Rainha dos Anjos dissera sobre a obediência<sup>19</sup> referia-se ao fato de eu sentir muito não pôr o mosteiro sob a jurisdição da nossa Ordem, pois o Senhor me falara que não convinha fazê-lo. Indicou-me os motivos pelos quais isso de nenhum modo era conveniente, dizendo-me para recorrer a Roma, por certa via que também me indicou, prometendo que faria vir por esse meio as licenças. Isso de fato ocorreu — quando até então nunca chegávamos a uma solução —, e com pleno êxito, quando segui o caminho indicado pelo Senhor.

Considerando-se as coisas que mais tarde sucederam, foi muito conveniente ter-se prestado obediência ao Bispo. Mas, na época, eu não o conhecia, nem sabia que prelado seria; quis o Senhor que ele fosse muito bom e favorecesse bastante esta casa, o que era bem necessário diante da grande conflagração que a envolveu, como mais tarde vou contar,<sup>20</sup> levando-a ao estado em que se encontra. Bendito seja Aquele que assim tudo fez, amém.

## CAPÍTULO 34

TRATA DE COMO FOI CONVENIENTE AUSENTAR-SE NESSA ÉPOCA DE ÁVILA. CONTA A CAUSA E DIZ QUE O SEU PRELADO A MANDOU CONSOLAR UMA SENHORA NOBRE QUE SE ENCONTRAVA MUITO AFLITA. COMEÇA A NARRAR O QUE LHE ACONTECEU ALI E O GRANDE FAVOR QUE O SENHOR LHE CONCEDEU AO SERVIR-SE DELA PARA DESPERTAR UMA PESSOA DE POSIÇÃO ELEVADA PARA DEDICAR-SE VERDADEIRAMENTE AO SENHOR. DESSA PESSOA LHE VIERAM, MAIS TARDE, FAVOR E AMPARO. TRATA-SE DE CAPÍTULO DIGNO DE NOTA.

1. Mesmo me esforçando para que não se soubesse da obra, não era possível deixá-la num segredo tamanho que ninguém o percebesse. Algumas pessoas acreditavam e outras não. Eu temia muito que, vindo o Provincial, dissessem a ele algo sobre isso, e fosse proibida de me ocupar da obra, parando todo o trabalho. Mas o Senhor agiu da seguinte maneira: numa cidade grande, a mais de vinte léguas daqui, uma senhora estava muito aflita por causa da morte do marido; estava abalada a tal ponto que se temia pela sua saúde.¹ Ela teve notícia desta pecadorazinha, pois o Senhor assim o dispôs; alguém falou bem de mim, o que produziu outros benefícios a partir disso.

Essa senhora conhecia muito o Provincial e, sendo pessoa importante e sabendo que eu estava num mosteiro sem clausura, teve, por inspiração do Senhor, um intenso desejo de me ver, pois lhe parecia poder se consolar comigo, já que sozinha não o podia. Ela logo procurou, por todos os meios, levar-me até lá, tendo enviado um mensageiro ao Provincial, que se encontrava bem longe. Ele me deu ordem, com preceito de obediência, para partir de imediato com uma companheira. Eu recebi a ordem na noite de Natal.<sup>2</sup>

2. Essa ordem me perturbou um pouco e me magoou muito quando percebi que a causa de quererem me levar era a crença de que havia em mim algum bem, o que eu, vendo-me tão ruim, não conseguia suportar. Encomendando-me muito a Deus, fiquei todo o tempo das Matinas, ou grande parte dele, tomada por um grande arroubo. O Senhor me disse que não deixasse de ir e não me incomodasse com objeções, porque poucos me aconselhariam sem temeridade. Disse ainda que, embora eu fosse sofrer, isso muito serviria a Deus e que, para os fins do mosteiro, convinha que eu me ausentasse até chegar o Breve.

Acrescentou que o demônio tinha feito uma grande trama para quando o Provincial voltasse; eu nada devia temer, porque Ele me ajudaria. Fiquei muito animada e consolada e disse tudo ao Reitor, que respondeu que eu de modo algum deixasse de ir. Outras pessoas, contudo, me diziam que isso não era admissível, que era invenção do demônio para que lá me atingisse algum mal e que eu devia me comunicar outra vez com o Provincial.

3. Obedeci ao Reitor e, com o que entendera na oração, parti sem medo, embora sentisse grande confusão por ver a que título me levavam e como se enganavam tanto a meu respeito. Isso me fazia importunar mais o Senhor para que não me deixasse só. Um grande consolo meu era o fato de haver uma casa da Companhia de Jesus no lugar para onde ia,³ o que me parecia dar muita segurança, pois estaria sujeita, lá como cá, às suas ordens.

Pela vontade do Senhor, aquela senhora se consolou tanto que passou a ter de imediato pronunciada melhora, consolando-se mais e mais a olhos vistos. Isso causou grande impacto porque, como eu disse,<sup>4</sup> a sua dor a deixava em grande angústia; o Senhor deve ter feito isso pelas muitas orações que faziam por mim as boas pessoas que eu conhecia para que tudo corresse bem. Essa senhora era muito temente a Deus e tão piedosa que a sua grande religiosidade supriu o que me faltava. Ela tomou-se de grande afeição por mim, e eu também gostava muito dela por ver sua bondade.

Mas quase tudo se tornava cruz para mim; porque os regalos me davam um grande tormento, e o fato de me terem tanta consideração me deixava com um imenso temor. A minha alma andava tão encolhida que eu não me atrevia a descuidar dela, nem o Senhor o fazia; porque, enquanto eu estava ali, Ele me fez muitos favores, que me davam tanta liberdade e tanto me faziam menosprezar tudo o que via — e, mais valioso o objeto, maior o meu desprezo — que eu não deixava de tratar com aquelas damas, a quem servir era para mim grande honra, com a naturalidade de quem fosse igual a elas.

4. Obtive disso muito proveito, o que dizia à própria Dona Luisa. Vi que ela era mulher, e tão sujeita a paixões a fraquezas quanto eu, e compreendi como se devem estimar pouco as grandezas humanas e que, quanto maiores as posses, tanto maiores os cuidados e sofrimentos que se têm. Além disso, a preocupação de ter a compostura correspondente ao seu estado não deixa essas pessoas viverem; elas comem fora de hora e de qualquer jeito, porque tudo deve corresponder à dignidade, e não ao temperamento; degustam muitas vezes manjares mais adequados ao seu estado do que ao seu gosto.

Por isso, desprezei totalmente o desejo de ser senhora — Deus me livre, contudo, da má compostura! —, se bem que aquela, apesar de ser das mais importantes do reino, seja talvez insuperável em humildade e

afabilidade. Eu tinha pena, e ainda tenho, de vê-la forçada muitas vezes a ir contra suas inclinações para atender às exigências da sua condição. É preciso confiar pouco nos criados, mesmo que, como os dela, sejam bons. Não se deve falar mais com um do que com outro, para que o favorecido não fique malquisto. Trata-se de uma sujeição que me faz afirmar que uma das mentiras do mundo é chamar de senhores pessoas como essas, que não me parecem senão escravas de mil coisas.

- 5. Quis o Senhor que, durante o tempo em que estive naquela casa, todas as pessoas se aperfeiçoassem no serviço a Sua Majestade, embora eu não estivesse livre de tribulações e invejas da parte de algumas pessoas, devido ao muito amor que a senhora tinha por mim; com certeza pensavam que me movia algum interesse. O Senhor devia permitir que eu tivesse alguns sofrimentos e coisas semelhantes, para que não me embebesse das facilidades que ali havia, e fez com que eu obtivesse de tudo melhoras para a minha alma.
- 6. Durante a minha estada, chegou um religioso, pessoa muito importante com a qual eu há muitos anos tivera contato.<sup>5</sup> Estando assistindo à missa num mosteiro de sua Ordem próximo do lugar onde me encontrava, desejei saber as disposições daquela alma, pois queria que fosse um bom servo de Deus. Levantei-me para lhe falar; como já estava recolhida em oração, julguei que isso seria perder tempo e voltei a me sentar, perguntando a mim mesma o que tinha que ver com aquilo.

Creio que isso aconteceu por três vezes e, finalmente, o anjo bom venceu o mau, e eu fui até ele, que veio falar comigo num confessionário. No início, como há muitos anos não nos víamos, perguntamos sobre a vida um do outro. Eu lhe disse que a minha tinha sido marcada por muitos tormentos de alma. Ele insistiu muito em que eu lhe falasse desses tormentos. Eu lhe disse que não eram para ser sabidos, nem eu os devia contar. Ele respondeu que o padre dominicano de que falei<sup>6</sup> — que era muito amigo seu — logo o poria a par de tudo e que por isso eu podia confiar nele também.

- 7. Na verdade, não estava em suas mãos deixar de me importunar, nem nas minhas, creio eu, deixar de contar-lhe; porque, sendo tanto o pesar e a vergonha que costumo ter quando falo dessas coisas, com ele e com o Reitor de que falei,<sup>7</sup> não tive nenhuma dificuldade e até me consolei muito. Eu lhe contei tudo sob segredo de confissão. Ele me pareceu mais esclarecido do que nunca, embora eu sempre o considerasse pessoa de grande compreensão. Percebi os enormes talentos e capacidades que ele tinha para aproveitar muito, caso se entregasse por inteiro a Deus. Porque, de uns anos para cá, não posso ver pessoa que muito me agrade sem desejar vê-la totalmente dedicada a Deus, sentindo ânsias tais que por vezes não posso me conter. Embora deseje que todos sirvam ao Senhor, desejo com muito ímpeto que essas pessoas que me alegram o façam, razão por que muito suplico ao Senhor por elas. Com esse religioso, assim aconteceu.
- 8. Ele me rogou que o encomendasse muito a Deus, mas nem era preciso, pois eu já não podia fazer outra coisa. Fui para onde costumava ter oração sozinha e comecei a tratar com o Senhor, estando em profundo recolhimento, de uma maneira simples com que muitas vezes, sem saber o que digo, me relaciono com Ele; nesses momentos, é o amor que fala, e a alma fica tão fora de si que não vê a diferença que há entre ela e Deus. Porque o amor que ela sabe que Sua Majestade tem por ela a faz esquecer de si mesma e lhe dá a impressão de estar Nele, e, como se ela e Ele fossem uma coisa só, a faz dizer desatinos. Lembro-me de ter Lhe dito, depois de pedir com muitas lágrimas que pusesse aquela alma a Seu serviço de verdade porque, embora fosse alma tão boa, eu não me contentava com isso, querendo que fosse muito santa: "Senhor, não me negueis este favor; vede quão boa é essa pessoa para ser nossa amiga".
- 9. Ó bondade e grande humanidade de Deus, que não vê as palavras, mas os desejos e a vontade com que são ditas! Como suporta que uma pessoa como eu seja tão atrevida com Sua Majestade? Bendito seja para todo o sempre!
- 10. Lembro-me de que naquela noite, enquanto orava, tive uma grande aflição ao pensar que talvez me tivesse tornado inimiga de Deus; e, como não podia saber se estava ou não em Sua graça (não que eu desejasse saber, querendo antes morrer para não me ver em vida onde não tinha certeza de estar morta ou viva, porque não podia haver para mim morte pior do que pensar que tinha ofendido a Deus), sentia-me constrangida; eu Lhe suplicava que não permitisse isso, cheia de ternura e derretida em lágrimas.

Então percebi que podia me consolar e ter certeza de estar em graça; porque semelhante amor de Deus, as graças que Sua Majestade dava à minha alma e os sentimentos que me inspirava jamais teriam como alvo uma alma que estivesse em pecado mortal. Fiquei confiante de que o Senhor faria o que eu suplicava para essa pessoa. Ele me encarregou de lhe transmitir algumas palavras. Eu o senti muito, pois não sabia como fazê-lo, já que dar recado a uma pessoa é, como eu disse, o que mais me custa, em especial quando é preciso dá-lo a alguém que eu não sabia como o tomaria ou se zombaria de mim. Fiquei muito aflita. Depois, persuadi-me tanto que, pelo que me lembro, prometi a Deus que não deixaria de fazê-lo. Contudo, dada a grande vergonha que tinha, eu escrevi as palavras do Senhor e assim as transmiti ao religioso.

11. Foi perceptível, dado o efeito que as palavras produziam nele, tratar--se de coisa de Deus. 10 Ele decidiu verdadeiramente dedicar-se à oração, se bem que não de imediato. Como o queria para Si, o Senhor lhe mandava dizer, por meu intermédio, algumas verdades que, sem que eu as entendesse, eram tão a propósito que o espantavam e o dispunham a crer que vinham de Sua Majestade. Eu, embora miserável, suplicava muito ao Senhor que o atraísse por inteiro a Si, e o fizesse desdenhar as alegrias e coisas da vida. E assim — louvado seja Ele para sempre! — o fez, e com tanta intensidade, que cada vez que esse religioso me fala, fico maravilhada; e, se eu não fosse testemunha, duvidaria que em tão breve tempo o Senhor lhe tivesse concedido tão grandes graças e o mantivesse tão ocupado em Deus, pois ele não parece viver para coisas da terra

Que Sua Majestade o leve pela mão, pois, se for adiante — como espero em Deus que vá, visto conhecer a si próprio sólida e profundamente —, ele há de ser um dos Seus mais notáveis servos e um grande benefício para inúmeras almas. De fato, ele adquiriu em pouco tempo muita experiência em coisas do espírito, um dom que Deus dá quando quer e como quer, pouco importando a antiguidade ou os serviços prestados. Não que essas coisas não ajudem muito, mas é verdade que o Senhor muitas vezes não dá em vinte anos a um a contemplação que concede a outro num único ano. Sua Majestade é quem sabe por quê.

Iludimo-nos ao pensar que os anos nos levam a entender o que de nenhuma maneira se pode alcançar sem experiência; e assim muitos erram, como eu disse, <sup>11</sup> querendo discernir espíritos sem ter a capacidade para tanto. Não afirmo que quem não a tiver não governe quem a tem, caso seja douto; isso é possível, desde que siga a via natural, mediante a ação do intelecto, tanto nas coisas exteriores como nas interiores, e que, no tocante às coisas sobrenaturais, siga a Sagrada Escritura. Quanto ao mais, que não se atormente, não pense compreender o que não entende nem afogue os espíritos, <sup>12</sup> porque, nesse ponto, um Senhor maior o governa, não estando ele sem superior.

- 12. Tal pessoa não deve se espantar nem considerar nada impossível tudo é possível ao Senhor —, procurando antes avivar a sua fé e humilhar--se com o fato de que o Senhor, nesta ciência, talvez torne uma velhinha mais sábia do que uma pessoa muito educada; com essa humildade, a pessoa beneficiará mais às almas e a si mesma do que se fizer as vezes de contemplativo não o sendo. Repito: quem não tem experiência e também não tiver muita humildade para se persuadir de que as coisas que não entende nem por isso são impossíveis pouco ganhará, e ganharão ainda menos as almas que dirige. Se for humilde, a pessoa não deve recear, pois o Senhor não lhe vai permitir que se engane a si nem aos outros.
- 13. Esse padre que eu disse ter recebido muitas graças do Senhor procurou estudar tudo o que é possível conhecer sobre essa matéria pelo estudo, pois é muito instruído. Ele pergunta a quem tem experiência aquilo que não entende por não tê-la; com isso, é ajudado pelo Senhor, que lhe dá muita fé. Assim sendo, muito tem beneficiado a si e a algumas almas, incluindo a minha.

Pois o Senhor, sabendo em quantos sofrimentos eu me veria, parece ter determinado que, já que havia de levar para Si alguns dos que me dirigiam, <sup>13</sup> ficassem outros, que me têm ajudado nas minhas grandes dificuldades e me feito um grande bem. Esse padre foi transformado por inteiro por Sua Majestade, a tal ponto que quase não reconhece a si mesmo, por assim dizer. Deus lhe tem dado forças corporais para a penitência (que ele antes não tinha, vivendo enfermo) e ânimo para tudo o que é bom, o que parece ser um chamamento muito particular do Senhor. Bendito seja Ele para sempre.

- 14. Creio que todo o bem vem das graças que o Senhor lhe tem concedido na oração, que são bem reais; porque, em algumas coisas, o Senhor já quis que ele tivesse experiência, pois ele sai delas como quem já conhece a verdade do mérito que se acumula ao sofrer perseguições. Espero que, pela grandeza do Senhor, muitos benefícios advenham por meio dele a pessoas de sua Ordem e a ela mesma.
- Isso já começa a se manifestar. Tive grandes visões, e o Senhor me disse algumas coisas dignas de admiração a seu respeito e a respeito do Reitor da Companhia de Jesus de quem falei, <sup>14</sup> assim como de outros dois religiosos da Ordem de São Domingos, especialmente de um, <sup>15</sup> de cujo avanço espiritual, manifesto em obras, o Senhor vem mostrando coisas de que antes me falara. Têm sido muitas, em especial, as revelações acerca do religioso de quem tenho falado.
- 15. Desejo narrar agora um fato. Eu estava certa vez com ele num locutório, e era tanto o amor que a minha alma e o meu espírito percebiam arder nele que eu quase estava absorta; porque considerava o poder de Deus que, em tão pouco tempo, elevara uma alma a estado tão sublime. Eu ficava muito confusa ao vê-lo escutar com tanta humildade algumas coisas de oração de que eu falava e verificava quão pouca era a minha por tratar assim com uma pessoa como ele, mas o Senhor devia permiti-lo porque eu tinha grande desejo de vê-lo adiantar-se muito. Era-me tão proveitoso estar com ele que eu tinha a impressão de que a minha alma recebia um novo ardor para desejar servir ao Senhor, como se eu estivesse começando de novo. Ó Jesus meu,

quanto faz uma alma abrasada em Vosso amor! Quanto a deveríamos estimar e suplicar ao Senhor que a deixe nesta vida! Quem tem o mesmo amor deveria, se pudesse, andar em busca de almas assim.

16. É muito bom para um enfermo encontrar outro acometido pelo mesmo mal; muito consola ver que não se está só; os dois se ajudam mutuamente a padecer e a merecer, formando um excelente par pessoas determinadas a arriscar mil vidas por Deus e que desejam que lhes sejam oferecidas ocasiões nas quais perdê-las. São como soldados que, para ganhar os despojos e ficar ricos com eles, desejam que haja guerra, certos de que, de outro modo, nada conseguirão, pois esse é o seu ofício.

Oh! Que grande coisa acontece quando o Senhor nos ilumina para entender o quanto ganhamos em sofrer por Ele! E não entendemos isso bem até abandonarmos tudo, porque quem está preso a algo revela gostar desse algo e, se gosta, muito lhe há de pesar deixá-lo, o que torna tudo imperfeito e perdido. Vem a propósito o ditado de que perdido está quem anda atrás do perdido. E que maior perdição, maior cegueira, maior desventura que estimar muito o que nada é?

17. Voltando agora ao que dizia, <sup>16</sup> eu estava em grande regozijo contemplando aquela alma, parecendo-me que o Senhor queria que eu visse com clareza os tesouros que tinha posto nela. Vendo a graça que Deus me fizera ao permitir que por meu intermédio — achando-me eu indigna disso — isso acontecesse, eu apreciava ainda mais os favores que o Senhor lhe concedera, muito mais do que se fossem feitos a mim, louvando muito a Deus ao ver que Ele realizava meus desejos e ouvia a minha oração, pois eu queria que o Senhor despertasse pessoas semelhantes.

Minha alma, com uma alegria incontida, saiu de si e se perdeu para mais ganhar. Deixou de lado as considerações e, ao ouvir a língua divina na qual o Espírito Santo parecia falar, levou-me a um grande arroubo que quase me fez perder os sentidos, embora tenha durado pouco. Vi Cristo com enorme majestade e glória, mostrando grande contentamento com o que ali se passava. E foi o que ele me disse, desejando que eu tivesse certeza de que Ele sempre estava presente em semelhantes práticas e visse o muito que Lhe agrada ver-nos regozijar ao falar Dele.

Em outra ocasião, estando ele longe deste lugar, eu o vi ser elevado com muita glória pelos anjos;<sup>17</sup> percebi, com essa visão, que a sua alma muito se adiantaria. E assim ocorreu, porque, quando levantaram um falso testemunho contra a sua honra, sendo autor uma pessoa a quem ele muito bem fizera e de quem cuidara em termos de honra e de alma, ele a tudo suportou com muito contentamento, tendo realizado outras obras no serviço de Deus e padecido outras perseguições.

- 18. Não me parece conveniente ir adiante com isso. Se vossa mercê<sup>18</sup> mais tarde julgar oportuno que eu conte mais coisas, já que as conhece, eu o farei para a glória do Senhor. Todas as profecias que me têm sido reveladas sobre esta casa e sobre vários acontecimentos, alguns já referidos e outros de que virei a falar, se têm cumprido. Em alguns casos, três anos antes de se realizarem, elas me foram ditas pelo Senhor. Em outros casos, mais cedo e, em outros ainda, mais tarde. Eu sempre as contava ao meu confessor e à viúva amiga minha com quem tinha licença para falar, como eu disse;<sup>19</sup> eu soube que ela o relatava a outras pessoas, e estas sabem que não minto. E que Deus não permita que em coisa alguma, ainda mais em assunto tão grave, eu falte à verdade.
- 19. Tendo falecido de repente um cunhado meu,<sup>20</sup> e estando eu penalizada por ele não ter conseguido confessar-se, recebi na oração a mensagem de que a minha irmã também morreria assim e que eu fosse até lá e a procurasse dispor a estar sempre preparada. Eu o disse ao meu confessor, que não me deixou partir, só o fazendo depois de eu ter recebido o aviso outras vezes, quando me disse que fosse, pois nada se perderia com isso. Ela estava numa aldeia.<sup>21</sup> Fui sem lhe dizer nada e, chegando, esclareci-a aos poucos sobre todas as coisas, persuadindo-a a se confessar com freqüência e a ter muito cuidado com a sua alma. Como era boa, ela assim o fez.

Ao fim de quatro ou cinco anos, mantendo sempre esse costume e tendo a consciência em muito boa conta, ela morreu sem que ninguém a visse e sem poder confessar-se. Ainda bem que, como estava acostumada, ela se confessara há pouco mais de oito dias. Quando recebi a notícia de sua morte, essa circunstância muito me alegrou. Ela esteve muito pouco tempo no purgatório. Menos de oito dias depois, ao que parece, quando eu acabava de comungar, o Senhor me apareceu e quis que eu visse como Ele a levava para a glória. Em todos esses anos entre a revelação e a sua morte, aquela nunca me saíra da cabeça nem da memória da minha amiga, que, ao saber do falecimento da minha irmã, veio me ver, muito espantada ao perceber que tudo se havia cumprido. Louvado seja Deus para sempre, que tanto cuida das almas para que não se percam.

CONTINUA A FALAR DA FUNDAÇÃO DO MOSTEIRO DO NOSSO GLORIOSO PAI SÃO JOSÉ.

CONTA DE QUE MANEIRA O SENHOR ORDENOU QUE SE VIESSE A GUARDAR NELE A

SANTA POBREZA, BEM COMO A RAZÃO POR QUE DEIXOU A COMPANHIA DAQUELA SENHORA

COM QUEM ESTAVA. FALA DE ALGUMAS OUTRAS COISAS QUE ACONTECERAM.¹

- 1. Estando eu com essa senhora de quem falei, em cuja casa passei mais de meio ano, o Senhor ordenou que tivesse notícia de mim uma beata de nossa Ordem, que residia a mais de setenta léguas daqui e fez um grande rodeio para vir a mim.<sup>2</sup> O Senhor a movera, no mesmo ano e mês que a mim, a fundar outro mosteiro da nossa Ordem; com esse desejo, ela vendera tudo o que tinha e fora a Roma, a pé e descalça, requerer o Breve para a fundação.
- 2. É mulher de muita penitência e oração, a quem o Senhor agraciava com muitos favores, tendo-lhe aparecido Nossa Senhora, que lhe mandou realizar essa obra. Diante de mim, ela progredia tanto em servir ao Senhor que eu tinha vergonha de estar em sua presença. Ela me mostrou os despachos que trazia de Roma e, nos quinze dias que passou comigo, estabelecemos como haveríamos de fazer esses mosteiros.

Até falar com ela, eu não sabia que a nossa Regra — antes de ser mitigada —³ determinava que nada possuíssemos. Eu nunca pensei em fundá--lo sem rendas, pois pretendia que não tivéssemos cuidado com aquilo de que precisávamos para viver, sem considerar as muitas preocupações envolvidas pelas posses. Essa bendita mulher, sendo ensinada pelo Senhor, tinha um bom entendimento, sem saber ler, do que eu, tendo lido tanto as Constituições, ignorava. O que ela me disse me pareceu bom, embora eu tivesse receio de que não o consentissem, mas que dissessem ser um desatino e que eu não devia fazer uma coisa que fizesse padecer outras pessoas por minha causa.

Se eu estivesse sozinha, nada me teria detido e, pelo contrário, teria grande contentamento com a perspectiva de guardar os conselhos de Cristo Nosso Senhor, porque Sua Majestade já me dera grandes desejos de pobreza. Por isso, eu não duvidava de que isso fosse o melhor para mim; porque havia dias em que desejava que o meu estado possibilitasse pedir esmolas por amor de Deus, e não ter casa nem qualquer outra coisa.

Mas eu temia que, se o Senhor não desse às outras esses desejos, elas vivessem descontentes e que resultasse daí alguma distração, porque eu via alguns mosteiros pobres e pouco recolhidos, sem compreender que eram pobres devido à falta de recolhimento e que a pobreza não era a causa da distração. Esta, pelo contrário, não faz ninguém mais rico, nem falta Deus jamais a quem O serve. Ou seja, a minha fé era fraca, o que não ocorria com essa serva de Deus.

- 3. Como costumava fazer, pedi a opinião de várias pessoas sobre isso, mas quase ninguém pensava assim, nem o confessor, nem os eruditos a quem me dirigi. Eles me apresentavam tantas razões que eu não sabia o que fazer, porque, como já sabia que a pobreza era um aspecto da nossa Regra, e considerando-a uma atitude mais perfeita, eu não podia me convencer a ter renda. Quando ocorria de eu me persuadir com os argumentos que ouvia, ao voltar à oração e olhar Cristo na cruz tão pobre e desnudo, não suportava a idéia da riqueza; eu Lhe suplicava com lágrimas que fizesse as coisas de maneira que eu me visse tão pobre quanto Ele.
- 4. Eu achava muitos inconvenientes em ter renda e via ser isso causa de tanta inquietação e distração que vivia a discutir com os eruditos. Escrevi sobre isso ao dominicano<sup>4</sup> que nos ajudava; ele me respondeu por escrito, em duas folhas plenas de teologia e argumentos, opondo-se à idéia, dizendo-me que muito ponderara sobre o assunto. Eu lhe respondi que, para não seguir o meu chamamento, o voto de pobreza que tinha feito e os conselhos de Cristo com toda a perfeição, eu não queria me aproveitar da teologia, renunciando ao benefício dos seus conhecimentos.

Quando eu achava alguma pessoa que me ajudasse, muito me alegrava, contando para isso com o grande auxílio daquela senhora em cuja casa estava; algumas, desde o princípio, me diziam concordar com o meu intento, mas, depois de ponderarem mais, encontravam tantos inconvenientes que terminavam por se opor a isso outra vez. Eu lhes respondia que, já que mudavam de opinião com tanta rapidez, eu preferia seguir seu primeiro parecer.

- 5. Nessa época, quis o Senhor, atendendo aos meus apelos, que o santo Frei Pedro de Alcântara viesse à casa daquela senhora, que ainda não o conhecia. Como amava verdadeiramente a pobreza, que observava há tanto tempo, ele bem conhecia os tesouros que ela contém, razão por que muito me ajudou e me ordenou que de modo algum deixasse de levar adiante o que pretendia. Tendo obtido essa opinião e esse apoio, vindos de quem melhor os podia dar, visto ter um conhecimento fundado em larga experiência, decidi não consultar mais ninguém.<sup>6</sup>
- 6. Estando um dia encomendando muito o caso a Deus, disse-me o Senhor que de forma alguma deixasse de estabelecer o mosteiro na pobreza, por ser essa a vontade do Seu Pai e Sua, e que me ajudaria. Isso

aconteceu num arroubo tão intenso e que teve efeitos tão fortes que não pude duvidar de que fosse obra de Deus.

Em outra ocasião, disse-me Ele que a confusão estava na renda, acrescentando muitas coisas em louvor da pobreza e me dando a garantia de que o necessário para viver não falta a quem O serve — falta que eu, como disse, nunca temi. Do mesmo modo, o Senhor mudou também o coração do padre Presentado, isto é, do religioso dominicano que me escrevera dizendo que não fizesse o mosteiro sem renda. Eu já estava muito contente por ter sabido disso e ter obtido tais opiniões; parecia-me possuir toda a riqueza do mundo a partir do momento em que me decidira a viver só por amor de Deus.

- 7. Nessa época, meu Provincial<sup>8</sup> levantou o preceito de obediência que me impusera para estar com aquela senhora, deixando a meu critério partir ou permanecer algum tempo. Aproximavam-se as eleições em meu mosteiro, e me avisaram que muitas monjas desejavam me dar o cargo de prelada, algo que, só de pensar, me trazia tamanho tormento que eu antes me determinaria a sofrer por Deus qualquer martírio para não ter de aceitá-lo; nenhum artifício seria capaz de me persuadir do contrário. Isso porque, na minha opinião, deixando de lado o enorme trabalho, por serem muito numerosas<sup>9</sup> as religiosas, eu nunca gostei de nenhum cargo nem de muitas outras coisas, sempre tendo recusado quando me ofereciam, visto achar que aí havia perigo para a consciência. Assim, entoei louvores a Deus por não me achar no mosteiro. Escrevi a minhas amigas para que não votassem em mim.
- 8. Eu estava muito contente por não me achar em meio àquele alvoroço quando o Senhor me disse que de forma alguma deixasse de ir, pois, se eu desejava cruz, havia uma excelente à minha espera, que eu não deveria desprezar, devendo partir com ânimo, pois Ele me ajudaria, e sem demora. Sofri muito com isso e só chorava, pensando que a cruz seria ser prelada, algo que, como eu disse, não podia me convencer de nenhuma maneira que fosse bom para minha alma, nem considerava razoável tal coisa.

Contei-o ao meu confessor, que me mandou partir de imediato, pois claro estava ser uma oportunidade de maior perfeição, acrescentando que, como fazia grande calor e eu só precisava estar lá na hora das eleições, ficasse ainda uns dias para que a viagem não me fizesse mal; mas o Senhor, que tinha ordenado outra coisa, prevaleceu, pois era grande o desassossego que eu sentia, sofrendo ainda por não poder ter oração, além de sentir que faltava ao que o Senhor mandara, estando ali, ao bel-prazer e regalada, sem querer me oferecer para o trabalho. Eu julgava que por certo minhas promessas a Deus não passavam de palavras, que, podendo estar onde havia mais perfeição, não o fazia; que, se fosse preciso morrer, morresse! Além disso, a minha alma estava aflita, e o Senhor me tirava todo o prazer da oração.

Enfim, eu me encontrava em tal estado, e com um tormento tão grande, que supliquei à senhora que me fizesse a gentileza de deixar-me partir, visto que também o meu confessor, ao me ver assim, me dissera que eu devia ir, pois Deus o movia tal como a mim.

- 9. A senhora sentiu tanto a minha partida que me causou mais um sofrimento. Muito lhe custara obter licença do Provincial, depois de muito importuná--lo, para estar comigo. Considerei um enorme favor que ela me permitisse ir, levando-se em conta o que sentia. Ela, sendo muito temente a Deus e ouvindo de mim que podia prestar-Lhe um grande favor, fazendo por Ele muitas outras coisas, ao me deixar ir, além de ter recebido de mim a esperança de voltar a estar comigo outra vez, não criou empecilhos, embora muito sofresse.
- 10. Eu já não temia ir, porque entendia que era para maior perfeição e serviço de Deus. Com o contentamento que obtenho de contentá-Lo, venci o pesar de deixar aquela senhora, que eu via tão contristada, bem como outras pessoas a quem eu muito devia, especialmente meu confessor, que era da Companhia de Jesus, 10 e com o qual eu me dava muito bem. Mas, quanto maiores as consolações que eu perdia pelo Senhor, tanto maior o prazer que tinha por perdê-las.

Eu não podia entender como era possível abrigar no peito sentimentos tão contrários: regozijar-me, consolar-me e alegrar-me com o que me deixava a alma pesarosa. É que, ali, eu estava consolada e em sossego, dispondo de tempo para muitas horas de oração, e via que me punha num fogo, já que o Senhor me dissera<sup>11</sup> que uma grande cruz me esperava — se bem que nunca imaginei que ela fosse tão grande como mais tarde comprovei. E, no entanto, parti alegre, pronta para entrar logo na batalha, por ser essa a vontade do Senhor, que me dava a força, incutindo-a na minha fraqueza.

11. Eu não podia, repito, compreender o que ocorria comigo. Surgiu-me esta comparação: se possuo uma jóia ou coisa que me dá grande alegria e venho a saber que a deseja uma pessoa de quem gosto mais do que de mim e a quem quero contentar mais do que a mim mesma, dá-me grande prazer ficar sem o que tenho para satisfazer essa pessoa. E, como essa alegria de ver o seu prazer excede o meu próprio contentamento, desaparece o pesar que eu devia sentir com a falta da jóia ou coisa que amo e com a perda da satisfação que

me dava. O mesmo ocorria naquela situação: embora desejasse sentir ao ver que deixava pessoas que muito sentiam afastar-se de mim, algo que, em outra situação, muito me afligiria, por eu ser naturalmente muito grata, agora, mesmo que quisesse ter pesar, eu não o podia.

12. Ter partido de imediato teve tal importância para o negócio desta bendita casa que não sei como ele teria sido concluído se eu me tivesse detido um único dia. Ó grandeza de Deus! Muitas vezes me espanto quando me lembro dessas coisas e vejo quão particularmente desejava Sua Majestade ajudar-me para que se estabelecesse este cantinho de Deus — pois assim o considero —, esta casa em que Sua Majestade se compraz, como certa vez me disse, quando eu estava em oração, ao falar *que esta casa*<sup>12</sup> era para Ele um paraíso de delícias. Com efeito, Sua Majestade parece ter escolhido as almas que trouxe para cá, almas em cuja companhia vivo com uma confusão muito grande; porque eu não saberia desejá-las tão adequadas para vida de tamanha austeridade, pobreza e oração.

Essas religiosas suportam tudo com muita alegria e contentamento, achando-se cada uma indigna de merecer o lugar que ocupa. Isso ocorre especialmente com algumas que o Senhor tirou de muita vaidade e prazeres do mundo, onde poderiam estar felizes nos termos das leis da terra; Deus lhes deu contentamentos tão maiores aqui que se verifica com clareza que elas receberam cem por um daquilo que deixaram, <sup>13</sup> e essas religiosas não se fartam de dar graças a Sua Majestade.

Outras foram transformadas pelo Senhor de bem para melhor. Às de pouca idade, Ele concede forças e conhecimento para que não possam desejar outra coisa e para que entendam que, mesmo estando ainda no mundo, vivem com muito maior descanso por estarem longe de todas as coisas da vida; às de mais idade, e com pouca saúde, Ele sempre concede vigor para que suportem as dificuldades e as penitências como todas as outras.

- 13. Ó Senhor meu, como mostrais que sois poderoso! Não é preciso buscar razões para o que quereis, porque, acima de toda razão natural, fazeis todas as coisas tão possíveis que levais a entender sem nenhuma dúvida que basta amar-Vos de verdade e abandonar com sinceridade tudo por Vós para que, Senhor meu, torneis tudo fácil. Cabe dizer neste ponto que fingis trabalho em Vossa lei; porque não vejo, Senhor, nem sei como é estreito o caminho que leva a Vós. <sup>14</sup> Vejo que é caminho real, e não vereda; caminho pelo qual vai com segurança quem de verdade entra nele. Muito longe estão os recifes e despenhadeiros onde cair, porque as ocasiões também o estão. Senda, e senda ruim, e caminho difícil, considero ser o que de um lado tem um vale muito profundo onde cair e do outro um despenhadeiro. A um mero descuido, os que vão por aí caem e se despedaçam.
- 14. Quem Vos ama de verdade, Bem meu, vai seguro por um caminho amplo e real, longe do despenhadeiro, estrada na qual, ao primeiro tropeço, Vós, Senhor, dais a mão; não se perde, por uma queda e nem mesmo por muitas, quem tiver amor a Vós, e não às coisas do mundo. Quem assim é percorre o vale da humildade. Não posso entender o que temem as pessoas diante do caminho da perfeição. O Senhor, por quem é, nos mostra quão falsa é a segurança dos que seguem os costumes do mundo sem se darem conta dos manifestos perigos aí existentes, e que a verdadeira segurança está em fazer esforços para avançar no caminho de Deus. Ponhamos os olhos Nele e não tenhamos medo de que esse Sol de Justiça conheça ocaso, pois Ele não nos deixará andar nas trevas para a perdição se não O tivermos deixado antes.
- 15. Não se teme andar entre leões parecendo que cada um quer levar um pouco —, leões que são as honras, deleites e contentamentos semelhantes do mundo, enquanto, no caminho da perfeição, o demônio infunde temor até de insetos. Mil vezes me espanto e dez mil vezes gostaria de chorar copiosamente e clamar a todos, tornando pública minha grande cegueira e maldade, para ajudar as pessoas de alguma maneira a abrirem os olhos. Que Aquele que pode, pela Sua bondade, abraça-lhes os olhos e não permita que os meus voltem a ficar cegos. Amém.

## CAPÍTULO 36

PROSSEGUE NO ASSUNTO COMENTADO E CONTA COMO SE CONCLUIU E FUNDOU O MOSTEIRO DO GLORIOSO SÃO JOSÉ, NARRANDO AINDA AS GRANDES CONTRADIÇÕES E PERSEGUIÇÕES QUE HOUVE DEPOIS DE AS RELIGIOSAS TOMAREM HÁBITO, BEM COMO OS SOFRIMENTOS E TENTAÇÕES POR QUE ELA PASSOU, REVELANDO QUE DE TUDO O SENHOR A FEZ SAIR VITORIOSA PARA SUA GLÓRIA E LOUVOR.

1. Tendo partido daquela cidade,¹ eu vinha muito contente pelo caminho, determinada a passar por tudo o que o Senhor quisesse com toda a vontade. Na mesma noite em que cheguei aqui, chegou o nosso despacho para o mosteiro com o Breve de Roma, o que espantou a mim e a todos os que sabiam que o Senhor tinha

apressado a minha vinda, entendendo a grande necessidade disso e as circunstâncias em que Deus me trouxera, porque encontrei aqui o Bispo, o santo Frei Pedro de Alcântara e outro senhor, grande servo de Deus,² em cuja casa esse santo homem se hospedava, por ser pessoa em que os servos de Deus achavam proteção e acolhimento.

- 2. Os dois conseguiram que o Bispo³ admitisse o mosteiro sob sua jurisdição, o que não foi pouco, porque o mosteiro era pobre, mas o Bispo era tão amigo de pessoas que via determinadas a servir ao Senhor que logo se afeiçoou à casa, favorecendo-a. A aprovação desse santo velho e o seu grande empenho com uns e com outros para que nos ajudassem foram determinantes. Se eu não tivesse vindo naquele momento, como já disse, não sei como a casa teria sido fundada; porque esse santo homem esteve pouco tempo aqui, creio que por menos de oito dias, tendo-os passado muito enfermo. Há bem pouco tempo o Senhor o levou.⁴ Ao que parece, Sua Majestade o preservara até a conclusão desse negócio, pois há muito tempo não sei bem, mas creio que há mais de dois anos ele estava muito doente.
- 3. Tudo foi feito sob grande segredo, pois só assim seria possível, tanta era a oposição ao projeto, como vimos depois. Quis o Senhor que um dos meus cunhados<sup>5</sup> adoecesse enquanto sua esposa estava ausente daqui. Diante de tamanha necessidade, deram-me licença para cuidar dele; assim, nada transpareceu, embora algumas pessoas não deixassem de suspeitar, sem contudo acreditar de todo. Foi uma coisa admirável, pois a doença não durou mais do que o tempo necessário para o negócio. No momento em que ele precisava recuperar a saúde para que eu me desocupasse e a casa ficasse à disposição, o Senhor lha restituiu tão prontamente que o deixou assombrado.
- 4. Tive bastante trabalho para conseguir a aprovação de várias pessoas, com o enfermo e com os operários, para que a casa ficasse pronta logo e tivesse forma de mosteiro, pois faltava muito. E a minha companheira<sup>6</sup> não estava aqui, pois nos pareceu melhor que estivesse ausente para dissimular mais o que se passava. Eu, por muitos motivos, via que o sucesso dependia da rapidez. Um desses motivos era o meu temor de que me mandassem voltar ao meu mosteiro.<sup>7</sup> Foram tantos os problemas que tive que fiquei a pensar se não seria essa a cruz,<sup>8</sup> embora me parecesse que ainda era pouco para ser a grande cruz que, pelo que me dissera o Senhor, eu haveria de suportar.
- 5. Por fim, estando tudo pronto, foi o Senhor servido que, no dia de São Bartolomeu, algumas religiosas tomassem hábito. Pôs-se o Santíssimo Sacramento, e o novo mosteiro do glorioso pai nosso São José foi fundado, cumpridas todas as formalidades requeridas e obtidas as devidas autorizações, no ano de 1562. Eu estava presente à tomada de hábito ao lado de duas outras monjas do nosso convento, que por acaso estavam fora da clausura. 10

Como a casa em que se faz o mosteiro era a residência do meu cunhado (que, como eu disse, <sup>11</sup> a tinha comprado para melhor disfarçar o empreendimento), eu estava ali com licença, e não fazia nada sem seguir a opinião de pessoas doutas, para não faltar aos deveres da obediência; essas pessoas me diziam que continuasse a trabalhar em prol do mosteiro, embora de maneira secreta e cautelosa para que os meus prelados não soubessem. Se não fizesse assim, a mínima imperfeição que me dissessem haver me faria deixar mil mosteiros, e mais ainda um.

O certo é que, embora eu desejasse o mosteiro para afastar-me mais de tudo e cumprir a minha profissão e chamamento com maior perfeição e recolhimento, meus desejos eram acompanhados por um desprendimento que me faria desistir de tudo, como o fiz da outra vez,<sup>12</sup> caso percebesse que assim serviria melhor ao Senhor, e tudo com muita trangüilidade e paz.

6. Para mim, foi como que antegozar a glória ver instalado o Santíssimo Sacramento e recebidas quatro órfãs pobres — porque não se exigia dote para aceitar candidatas<sup>13</sup> —, todas elas grandes servas de Deus (pois desde o início era nossa intenção aceitar pessoas que, com o seu exemplo, servissem de estímulo à concretização do nosso intento de termos vida de grande perfeição e oração). Vi então realizada, de acordo com os meus desejos, uma obra que eu sabia ser para o serviço do Senhor e para a honra do hábito de sua gloriosa Mãe.

Deu-me também grande consolo ter feito o que Deus tanto me recomendara e ter dado a esta localidade mais uma igreja — até então inexistente —, dedicada ao meu glorioso pai São José; não que eu julgasse ter feito alguma coisa para isso, o que nunca me parecia nem parece (sempre entendo que era o Senhor quem o fazia, e aquilo que eu fazia tinha tantas imperfeições que eu devia antes me culpar do que merecer agradecimentos). Mas me alegrava muito ver que Sua Majestade me tomara por instrumento — embora eu

fosse tão ruim — para obra tão grande. Assim, estive com tanto contentamento que estava quase fora de mim, absorta na oração.

7. Cerca de três ou quatro horas depois de tudo estar acabado, o demônio me moveu uma guerra espiritual que agora relato. Ele me sugeriu que o que eu fizera podia estar errado e talvez eu tivesse ido contra a obediência ao tê--lo realizado sem que o Provincial me ordenasse. Eu de fato achava que ele ficaria descontente vendo o convento sob a jurisdição do Ordinário, sem que lhe tivesse sido dado aviso prévio. Se bem que, por outro lado, eu também pensava que ele talvez não se importasse, visto que não tinha querido admitir a fundação e considerando que eu continuava sujeita a ele.

Veio-me também a dúvida: estariam contentes as religiosas que viviam em tanta clausura? Faltar-lhes-ia o que comer? Teria tudo sido um disparate? Por que eu me envolvera nisso se já tinha o meu mosteiro? Tudo o que o Senhor me ordenara e as muitas opiniões e contínuas orações que eu fazia há quase dois anos tinham fugido da minha memória como se não tivessem existido. Eu só me lembrava da minha própria opinião, e a fé e outras virtudes estavam em mim, então, suspensas, sem que eu tivesse força para fazer uso delas ou me defender de tantos golpes.

8. O demônio também me sugeria outras coisas: como eu podia me fechar em casa tão pequena e com tantas enfermidades, para sofrer tanta penitência, deixando uma casa tão grande e deleitosa onde sempre vivera contente e tinha muitas amigas, talvez não tendo aqui amigas que me agradassem tanto quanto as de lá? Teria eu me obrigado a muito, estando talvez desesperada, tendo caído num ardil preparado pelo demônio para me tirar a paz e o sossego, impedindo--me de ter oração e levando à perda da minha alma?

Essas e outras coisas o inimigo me apresentava ao mesmo tempo, não estando em minhas mãos pensar em outra coisa; ao lado disso, vinham-me aflição, obscuridade e trevas na alma, de uma maneira que não sei descrever. Ao me ver assim, pus-me diante do Santíssimo Sacramento, embora num estado em que não podia encomendar-me a Ele. Tinha a impressão de ter uma angústia semelhante à de quem agoniza. Não me atrevia a tratar disso com ninguém, ainda mais que nem tinha confessor designado.<sup>14</sup>

9. Valha-me Deus, que vida tão miserável! Não há contentamento seguro nem coisa que não mude. Há muito pouco tempo, eu não trocaria, a meu ver, a minha alegria por nenhuma outra da terra, e agora a mesma coisa que a causara me atormentava a tal ponto que eu não sabia o que fazer de mim. Quem dera considerássemos com cuidado as coisas da nossa vida, para ver pela experiência quão pouco se devem valorizar os contentamentos e descontentamentos dela.

O certo é que considero esta uma das mais duras provas por que passei na vida. Meu espírito parecia adivinhar os muitos padecimentos que me esperavam, embora nenhum pudesse ser tão grande quanto este, caso tivesse durado. O Senhor, no entanto, não permitiu que Sua pobre serva sofresse muito tempo; assim como o Seu socorro nunca me faltou nas tribulações, também me acudiu dessa vez, dando-me um pouco de luz para que eu visse ser isso coisa do demônio e para que pudesse entender a verdade e perceber que em tudo agia o demônio, desejoso de me aterrorizar com suas inverdades.

Desse modo, fui relembrando minhas grandes determinações de servir ao Senhor e os meus anseios de padecer por Ele; pensei que, se os queria cumprir, não devia procurar descanso, e que, se surgissem sofrimentos, estes eram merecidos e, se descontentamentos, que eu os tomasse como serviço a Deus, pois me serviriam de purgatório. Eu nada tinha a temer porque, se desejava padecimentos, estes bem me serviam, pois na maior contradição estava o maior lucro; e por *que*<sup>15</sup> me haveria de faltar ânimo para servir a Quem eu tanto devia?

Com essas e outras considerações, e esforçando-me por me dominar, prometi diante do Santíssimo Sacramento fazer tudo o que pudesse para obter licença de ficar nesta casa, 16 e, podendo fazê-lo em boa consciência, prometer clausura.

- 10. Tão logo fiz isso, o demônio fugiu num instante, deixando-me sossegada e contente, como desde então tenho estado. Tudo o que se observa nesta casa em termos de clausura, de penitência e de outras coisas é para mim deveras leve e suave; é tão grande a alegria que por vezes penso que não há coisa mais saborosa que eu pudesse escolher na terra. Não sei se se deve em parte a isso o fato de eu ter mais saúde do que nunca, ou se é o Senhor que quer percebendo ser necessário e justo que eu faça o mesmo que todas dar-me este consolo para que eu possa a tudo observar, se bem que com certo custo. Mas essa minha força causa espanto em todos os que conhecem as minhas enfermidades. Bendito seja Aquele que tudo dá e por cujo poder tudo é possível!<sup>17</sup>
- 11. Fiquei muito fatigada com essa batalha, mas rindo-me do demônio, pois vi com clareza ter sido obra sua. Creio que o Senhor o permitira, porque eu nunca soube nem por um momento o que era o

descontentamento de ser monja<sup>18</sup> em mais de vinte e oito anos, o que me permitiu compreender a grande graça que Ele me fizera naquilo, assim como tormento de que me livrara. Com aquilo, Ele também quisera que, se eu visse que alguma religiosa estivesse sofrendo o que eu padecera, não me espantasse, mas me apiedasse dela e a soubesse consolar.

Passado isso, eu queria, depois da refeição, descansar um pouco, porque a noite inteira quase não descansara nem tinha deixado, em algumas outras noites, de ter sofrimentos e cuidados, tendo passado todos os dias cheia de fadiga. Contudo, quando souberam no meu mosteiro e na cidade de todo o ocorrido, surgiu um grande alvoroço pelas causas a que já me referi, que não deixavam de ter fundamento. A prelada logo me ordenou que voltasse imediatamente. Diante dessa ordem, deixei minhas monjas muito pesarosas e logo parti. Bem vi que me esperavam não poucos sofrimentos; mas, como o que estava feito feito estava, pouco me incomodei.

Rezei, suplicando ao Senhor que me favorecesse, e pedindo a meu pai São José que me trouxesse de novo à sua casa, oferecendo a Deus o que ia sofrer e, muito satisfeita por me terem apresentado ocasião de por Ele padecer e poder servi-Lo, fui com a certeza de que me lançariam no cárcere.<sup>21</sup> Isso, pensava eu, me traria muito contentamento, pois não precisaria ter de falar com ninguém e descansaria um pouco em solidão, algo de que bem necessitava, pois estava fatigada de falar com tanta gente.

12. Chegando lá, dei minhas explicações à prelada, e esta se aplacou um pouco. Chamaram o Provincial para julgar o meu caso. Tendo ele chegado, fui inquirida, tendo tido grande alegria por padecer um pouquinho pelo Senhor.<sup>22</sup> Eu achava que nesse caso em nada ofendera Sua Majestade nem a Ordem, tendo procurado engrandecê-los com todas as minhas forças, morrendo de bom grado por isso, pois todo o meu desejo era que se cumprisse a Regra com toda a perfeição.

Lembrei-me do julgamento de Cristo, vendo que o meu nada era. Confessei minha culpa<sup>23</sup> com grande ênfase, pois culpada me considerava quem não soubesse todas as razões do meu procedimento. Depois de me ter feito uma grande repreensão — embora não com o rigor que o delito merecia nem de acordo com o que muitos diziam ao Provincial —, eu não me quis desculpar, pois ia determinada a isso, pedindo antes que ele me perdoasse, me castigasse e não ficasse descontente comigo.

- 13. Em algumas coisas eu tinha certeza de que me condenavam sem culpa de minha parte, porque me diziam que eu tinha feito aquilo para me exaltar, para ser louvada pelo povo e coisas semelhantes. Em outras, porém, sabia que diziam a verdade, pois alegavam que eu era pior que outras e que, não tendo seguido perfeitamente a observância do meu mosteiro, como podia pensar em guardá-la em outro com mais rigor? Isso escandalizava o povo e era a introdução de novidades. Nada disso me perturbava ou causava pesar, embora eu revelasse tê-los, para que não pensassem que pouco se me dava aquilo que me era dito. Por fim, recebi ordem de, diante das monjas, justificar a minha ação, o que fui obrigada a fazer.
- 14. Como tinha paz interior e contava com a ajuda do Senhor, expliquei--me de uma maneira que nem o Provincial nem as pessoas ali presentes encontraram motivo para me condenar. Quando fiquei só com ele, fui mais clara, e ele ficou muito satisfeito, prometendo-me que, se o negócio fosse adiante, tão logo se restabelecesse a paz na cidade, me concederia licença para voltar ao novo mosteiro. E o Provincial tinha razão, pois a balbúrdia que envolvia toda a cidade era, como agora direi, enorme.
- 15. Dois ou três dias depois, reuniram-se alguns regedores com o corregedor e alguns membros do Cabido, resolvendo por unanimidade que de nenhuma maneira se devia tolerar o mosteiro, pois daí adviriam claros danos ao bem público, devendo-se retirar o Santíssimo Sacramento. Disseram que absolutamente não permitiriam a fundação. Reuniram todas as Ordens para dar um parecer, vindo de cada uma dois eruditos; uns se calavam e outros condenavam. Concluíram por fim que se desfizesse imediatamente a casa.

Só um Presentado da Ordem de São Domingos,<sup>24</sup> embora contrário — não ao mosteiro, mas à total pobreza —, disse não ser a casa algo que se desfizesse sem mais nem menos, que se ponderasse bem, pois havia tempo para tudo. Afirmou que o caso era da alçada do Bispo, e outras coisas desse gênero, que foram muito proveitosas, pois era tamanha a fúria que foi um milagre não porem logo mãos à obra. É que, na verdade, o convento havia de ser mantido; o Senhor desejava a sua fundação, e pouco podiam todos contra a Sua vontade. Os que se opunham a nós apresentavam as suas razões, movidos por bom zelo e, sem ofenderem a Deus, faziam-me padecer e infligiam sofrimentos a todas as pessoas que nos favoreciam. Estas eram poucas, e sofreram muita perseguição.

16. O alvoroço do povo era tanto que não se falava em outra coisa; todos se dedicavam a me condenar, procurando ora o Provincial, ora o meu mosteiro. Eu em nada me afligia com o que diziam contra mim; era como se não o dissessem. O meu temor era que desfizessem a fundação. Isso me deixava com imenso pesar, o mesmo ocorrendo ao ver que as pessoas que me auxiliavam perdiam o crédito e passavam por muitas

provações. Quanto ao que diziam contra mim, creio poder afirmar que até me alegrava com isso. E se eu tivesse tido fé bastante, nenhuma alteração teria sentido. Mas qualquer carência numa virtude é suficiente para que todas as outras fiquem entorpecidas.

Assim, fiquei muito magoada nos dois dias em que se reuniram na cidade as juntas de que falei. Estando bem angustiada, disse-me o Senhor: *Não sabes que sou poderoso? Que temes?* E me assegurou que o convento não se desfaria. Isso me deixou muito consolada. O povo da cidade enviou ao Conselho Real uma informação escrita, vindo deste a ordem de que fosse feito um relato de todo o ocorrido.

17. Começou aqui um grande pleito; porque os representantes da cidade foram à Corte, e fomos obrigados a enviar representantes do mosteiro, mas não havia dinheiro nem eu sabia como agir. Pela Providência do Senhor, meu Padre Provincial nunca me ordenara que se deixasse de tratar do negócio; sendo muito amigo de toda virtude, embora não ajudasse, não queria se opor. Mas não me permitiu, enquanto não tivesse uma idéia clara dos acontecimentos, vir para cá. As servas de Deus estavam sós e faziam mais com suas orações do que eu nas negociações, embora tivesse de empregar bastante diligência.

Às vezes, parecia que tudo falhava, especialmente um dia antes da chegada do Provincial, pois a Priora me mandou não me envolver em nada, o que significava abandonar tudo. Recorri a Deus, dizendo-Lhe: "Senhor, essa casa não é minha; foi feita por Vós. Agora que já não há quem trate dos negócios, fazei-o Vossa Majestade". Eu estava tão sossegada e sem pesar que parecia ter o mundo inteiro negociando por mim, razão por que considerei o sucesso certo.

18. Um grande servo de Deus, um sacerdote<sup>25</sup> que sempre me ajudara, amigo de toda perfeição, foi à Corte tratar do negócio, tendo feito muitos esforços ali. E o santo fidalgo, que já mencionei, também fazia muito, favorecendo-nos de todas as maneiras. Ele teve muitos sofrimentos e perseguições, e, em tudo, eu sempre o tinha e tenho como um pai.

O Senhor infundia tanto fervor nos que nos ajudavam que eles consideravam a nossa causa como se fosse um assunto que lhes interessasse de perto, algo de que dependessem a sua vida e a sua honra — e isso só por acharem que se tratava de servir ao Senhor. Pareceu-me claro que Sua Majestade ajudava o Mestre de que falei, <sup>26</sup> que também nos defendeu muito, tendo obtido do Bispo a nomeação como seu representante numa grande junta realizada para tratar do assunto, na qual esteve só contra todos. No final, ele os aplacou sugerindo-lhes certos meios que foram suficientes para os entreter, embora nenhum bastasse para que eles não voltassem a dar a vida, por assim dizer, pela destruição do mosteiro.

O servo de Deus a que me referi foi quem deu os hábitos às noviças e instalou o Santíssimo Sacramento, sendo por isso alvo de grande perseguição. Essa tormenta durou quase meio ano, e seria tomar muito tempo relatar aqui com minúcias as grandes provações que passamos.

19. Admirava-me o fato de o demônio lutar com tanto furor contra umas mulherzinhas, sendo estranho que os nossos opositores considerassem capazes de causar muitos danos à cidade só doze mulheres e a priora, que não devem ser mais, e de vida tão austera; o prejuízo ou erro, se houvesse, atingiria a elas mesmas. Mas dizer que o mosteiro poderia prejudicar a cidade me parecia um absurdo, o que não os impedia de, com boa consciência, encontrar inconvenientes para lhe fazerem oposição.

Por fim, disseram que, se o convento tivesse renda, tolerariam a fundação e permitiriam a sua continuidade. Eu estava tão cansada de ver, mais que o meu, o sofrimento de todos os que me apoiavam, que não me pareceu ruim admitir que houvesse renda até que tudo sossegasse, para mais tarde renunciar a ela. Outras vezes, sendo ruim e imperfeita, eu chegava a imaginar que talvez fosse essa a vontade do Senhor, pois, sem aceitar essa proposta, não poderíamos ir adiante, inclinando-me a fazer o acordo.

20. Estando em oração, na noite anterior ao dia em que se trataria de tudo, e estando o acordo<sup>27</sup> prestes a ser firmado, disse-me o Senhor que não o aceitasse, porque, se começássemos a ter renda, não nos permitiriam mais tarde deixar de tê-la, ao lado de outras coisas. Na mesma noite, apareceu-me o santo Frei Pedro de Alcântara, que já era falecido e que, antes de morrer, me escrevera<sup>28</sup> — ao saber da grande contradição e perseguição movidas contra nós — dizendo que se alegrava por ver a fundação provocar tanta oposição; para ele, isso era sinal de que no mosteiro muito se serviria ao Senhor, já que o demônio se empenhava tanto em nos combater. Disse também que de modo algum eu concordasse em ter renda, renovando na carta, por duas ou três vezes, os mesmos argumentos, prometendo-me que, se eu assim fizesse, tudo se realizaria de acordo com a minha vontade.

Eu já o tinha visto duas outras vezes depois de sua morte, testemunhando sua grande glória; por isso, a visão não me causou temor, e sim muito contentamento. Porque ele sempre aparecia com o corpo glorificado, cheio de júbilo, alegrando-me muito vê-lo. Lembro-me de que ele me disse na primeira vez em que o vi, entre outras coisas, que muito se deleitava, que feliz penitência fora a que tinha feito, pois grande recompensa havia alcançado.

- 21. Como já falei, creio eu, a respeito disso,<sup>29</sup> direi apenas que nesta última ele mostrou rigor, dizendo-me apenas que de modo algum eu aceitasse a renda, perguntando-me por que eu não queria seguir o seu conselho. Em seguida, desapareceu. Fiquei atônita e, no dia seguinte, contei o ocorrido ao fidalgo,<sup>30</sup> a quem eu para tudo recorria por ser ele tão dedicado. Disse-lhe que não aceitasse de maneira alguma ter renda, mas que deixasse ir adiante o pleito. Ele, que quanto a isso tinha muito mais firmeza do que eu, alegrou-se muito, dizendo--me mais tarde que com muita má vontade estivera tratando do acordo.
- 22. Depois, outra pessoa,<sup>31</sup> grande serva de Deus, movida por bom zelo, propôs, quando o negócio ia bem encaminhado, que se entregasse a questão aos eruditos. Isso me deixou muito desassossegada, porque alguns dos que me ajudavam concordaram. De todas as ciladas do demônio, foi essa a mais indigesta. Mas em tudo contei com a ajuda do Senhor. Narrando assim de maneira sumária, não é possível explicar bem o que ocorreu nos dois anos que separaram o começo desta casa da sua conclusão. A primeira e a última parte do segundo ano foram as épocas mais penosas.
- 23. Estando a cidade um pouco mais calma, o padre dominicano Presentado, que nos auxiliava, foi muito astucioso em nosso favor. Embora estivesse fora, o Senhor o fez retornar a tempo de nos beneficiar muito, parecendo que Sua Majestade só o fez voltar com esse objetivo, pois ele me disse depois que não tivera motivos para vir, tendo sabido por acaso o que ocorria. Ele permaneceu aqui o tempo necessário. Quando se foi, conseguiu do nosso Provincial licença para que eu viesse a esta casa, ao lado de algumas religiosas parecendo quase impossível ter sido conseguida tão depressa a permissão —, a fim de iniciar a reza do Ofício divino e ensinar às que lá estavam. O dia em que chegamos foi um enorme consolo para mim.
- 24. Quando fazia oração na igreja antes de entrar no mosteiro e estando quase em arroubo, vi Cristo que, com grande amor, me recebia e punha em mim uma coroa, agradecendo-me pelo que eu fizera pela Sua Mãe.

De outra vez, quando estavam todas no coro em oração depois das Completas, vi Nossa Senhora cercada de glória com um manto branco, debaixo do qual parecia amparar todas nós. Percebi o elevado grau de glória que o Senhor daria às religiosas desta casa.

25. Quando se começou a rezar o Ofício, o povo começou a ter grande devoção com esta casa. Recebemos mais noviças, e o Senhor começou a mover os que mais nos tinham perseguido para que muito nos favorecessem e dessem esmolas. Assim, foram aprovando o que tanto haviam reprovado e, aos poucos, desistiram do pleito, dizendo-se convencidos de ser a casa obra de Deus, já que, com tanta oposição, Sua Majestade desejara que fosse adiante.

No momento, ninguém julga que não foi acertado estabelecer o convento, estando todos muito solícitos em tudo nos fornecer, sem esmolar nem pedir a ninguém, pois o Senhor os desperta para que venham em nosso auxílio. Assim, vivemos sem que nos falte o necessário, e espero no Senhor que sempre possa ser dessa maneira. Como são poucas as religiosas, estou segura de que, se fizerem o que devem, como Sua Majestade hoje lhes dá a graça para fazer, Ele não lhes faltará, nem elas terão necessidade de se tornar um peso nem de importunar ninguém. Deus vai velar por elas como tem feito até agora.

- 26. É para mim um grande consolo estar aqui com almas tão desapegadas. Sua preocupação é encontrar meios de avançar no serviço de Deus. A solidão é o seu consolo, e elas não pensam em ver ninguém a não ser para mais se inflamarem no amor do seu Esposo; até o contato com os parentes lhes é penoso. Por isso, não vem a esta casa quem não está voltado para o serviço de Deus, pois nela não encontra consolo nem contenta as religiosas. As monjas só sabem falar de Deus, razão por que só as entende e é entendido quem fala a mesma linguagem. Guardamos a Regra de Nossa Senhora do Carmo, sem mitigação, tal como a redigiu Frei Hugo, Cardeal de Santa Sabina, em 1248, no quinto ano do Pontificado do Papa Inocêncio IV.<sup>32</sup>
- 27. Parece-me serão bem empregados todos os problemas que enfrentamos. Agora, ainda que haja algum rigor, porque nunca se come carne a não ser em caso de necessidade, praticando-se o jejum de oito meses e outras coisas presentes na Regra primitiva, as irmãs tudo acham pouco, dedicando--se a outras austeridades que julgamos necessárias para cumprir a Regra com mais perfeição. E espero no Senhor que vá muito adiante o que começamos, como Sua Majestade me prometeu.
- 28. A outra casa que a beata de que falei procurava fundar<sup>33</sup> também recebeu o favor do Senhor, estando estabelecida em Alcalá. Também não lhe faltou muita oposição nem ela deixou de passar por grandes provações. Sei que se observa nela todo o rigor dessa primeira Regra nossa. Queira o Senhor que tudo seja para a Sua glória e louvor, e para a honra da gloriosa Virgem Maria, cujo hábito trazemos, amém.
- 29. Creio que vossa mercê<sup>34</sup> ficará enfadado com o longo relato que fiz deste mosteiro. E olhe que ele é muito sucinto diante dos muitos padecimentos envolvidos em sua fundação e das muitas maravilhas que o Senhor tem operado, havendo de tudo isso muitas testemunhas que podem afirmá-lo sob juramento. Assim, rogo a vossa mercê, pelo amor de Deus, que, se resolver lançar fora o que está escrito agora, ao menos guarde

a parte referente ao mosteiro e, depois da minha morte, entregue-a às irmãs que aqui estiverem, pois isso muito animará as monjas vindouras a servir a Deus e a procurar que a perfeição incial não só não decaia como avance, ao verem o muito que Sua Majestade se empenhou em estabelecer a casa por meio de uma criatura tão ruim e baixa como eu.

E, como o Senhor quis favorecer tão particularmente esta fundação, creio que fará mal e será muito castigada por Deus aquela que começar a relaxar na perfeição por Ele estabelecida aqui desde o início, favorecendo-nos para que o façamos com tanta suavidade. Pois se vê muito bem que é tolerável e que é possível observar as práticas com tranquilidade. A casa proporciona grande facilidade para que vivam em paz as que quiserem fruir a sós de Cristo, seu Esposo. E isso é o que elas sempre devem querer: viver a sós apenas com Ele. E que não sejam mais de treze. Pelas muitas opiniões que ouço, é isso que convém; sei por experiência que, para se viver com o espírito com que aqui se vive, só de esmolas e sem ter de pedir, não podem ser em maior número.

Nesse aspecto, creiam sempre mais em quem, com grandes sofrimentos e à custa da oração de muitas pessoas, procurou o que seria melhor. O grande contentamento e alegria e a pouca dificuldade que vemos terem todas — nestes anos e desde que estamos nesta casa —, e com muito mais saúde do que costumavam ter, mostram ser isso o mais conveniente. Quem considerar áspero o nosso modo de vida deve culpar a sua falta de espírito, e não o que se observa aqui (porque pessoas delicadas e não saudáveis, tendo o espírito, podem suportá-lo com muita suavidade), devendo ir para outro convento, onde se salvará de acordo com o espírito que o anima.

## CAPÍTULO 37

TRATA DOS EFEITOS QUE NELA FICAVAM QUANDO O SENHOR

LHE CONCEDIA ALGUMA GRAÇA.

JUNTA A ISSO UMA BOA DOUTRINA. DIZ QUE DEVEMOS ESTIMAR E LUTAR PELA AQUISIÇÃO DE MAIS
ALGUM GRAU DE GLÓRIA E QUE, PELOS BENS PERPÉTUOS, NÃO NOS DETENHAMOS ANTE DIFICULDADE

- 1. Custa-me ter de falar de outras graças que o Senhor me tem dado, além daquelas a que já me referi; e mesmo estas últimas são demasiadas para que se possa crer que Ele as concedeu a pessoa tão ruim. Mas, obedecendo ao Senhor que o ordenou e a vossas mercês,¹ direi algumas coisas para a glória de Deus. Permita Sua Majestade que alguma alma se benefície ao ver que, se a alguém tão miserável o Senhor quis favorecer dessa maneira, quanto mais Ele não fará a quem O servir de verdade, animando-se todos a contentar Sua Majestade, que já nesta vida dá tais provas de amor.
- 2. Em primeiro lugar, deve-se entender que, nesses favores que Deus faz à alma, há mais e menos glória; porque, em algumas visões, a glória, o prazer e a consolação excedem tanto os que o Senhor dá em outras que me espanto com tanta diferença entre deleites ainda nesta vida. Pois acontece de diferirem tanto os gostos e regalos que Deus dá numa visão ou num arroubo que parece não ser possível haver aqui na terra mais a desejar; assim, a alma não o deseja, nem pediria maior contentamento. É verdade que, depois que o Senhor me fez compreender quão grande é a diferença existente no céu entre o que gozam uns e o que gozam outros, bem vejo que também aqui Ele, quando quer, não põe limites nos seus dons.

Assim, eu não queria que houvesse limites no meu serviço a Sua Majestade, desejando empenhar nisso toda a minha vida, todas as minhas forças e a minha saúde, para não perder, por minha culpa, nem um pouco de maior felicidade. Dessa maneira, digo: se me perguntassem se quero ficar na terra até o fim do mundo com todos os sofrimentos nela existentes e depois me elevar um pouco mais na glória, ou se prefiro, sem nenhum padecimento, ir já gozar uma glória um pouco mais baixa, eu com boa vontade tudo padeceria para fruir um pouco mais de compreensão da grandeza de Deus, pois percebo que quem mais O entende mais O ama e mais O louva.

- 3. Não digo que não me satisfaria nem me consideraria venturosa por estar no céu, ainda que fosse no último lugar, porque, diante do que me fora preparado no inferno, o Senhor já me faria nisso grande misericórdia, e queira Sua Majestade que eu vá para o Seu reino e que Ele esqueça meus grandes pecados! Digo sim que, embora muito me custasse, eu não queria, se pudesse e se o Senhor me desse o favor de muito trabalhar, perder nada por minha culpa. Pobre de mim que, com tantas culpas, tinha perdido tudo!
- 4. Deve-se observar também que, a cada graça que o Senhor me concedia, de visão ou revelação, a minha alma obtinha algum grande benefício que, em algumas visões, era imenso. Quando vi Cristo, imprimiu-se em mim Sua grandíssima formosura, que ainda hoje está presente; e, para isso, bastava uma única vez, quando são tantas as vezes em que o Senhor me concede esse favor! Muito lucrei com isso: eu tinha uma enorme falta que muitos danos me causou; quando começava a ver que uma pessoa gostava de mim e tinha afinidade com

ela, eu passava a ter tanta afeição que ocupava grande parte do tempo pensando nela. Eu não fazia com a intenção de ofender a Deus, mas gostava de vê-la e de pensar nela, bem como nas suas boas qualidades. Isso era uma coisa tão prejudicial que a minha alma muito perdia com ela.

Depois de contemplar a grande beleza do Senhor, nunca mais vi alguém que, comparado a Ele, me parecesse formoso ou me ocupasse o espírito. Basta--me voltar um pouco os olhos para a imagem que guardo na alma para adquirir uma liberdade que, desde então, me faz ter asco de tudo o que vejo; porque nada faz par com as excelências e graças que vi no Senhor. Não há saber nem prazer que eu considere dignos de estima diante do ouvir uma única palavra dita por aqueles lábios divinos — e com que freqüência as tenho ouvido! Considero impossível — desde que o Senhor, pelos meus pecados, não permita que essa memória se apague — que alguém possa me ocupar o pensamento; basta-me lembrar um pouco deste Senhor para disso ficar livre.

5. Aconteceu-me demonstrar amizade por algum confessor; porque, como os considero verdadeiros representantes de Deus, eu me sentia segura. Além disso, creio que é a eles que mais dedico amizade, pois sempre estimo muito os que me dirigem a alma. Eles, sendo tementes a Deus e servos Seus, receavam que eu me apegasse em demasia a eles, embora santamente, e mostravam desagrado. Isso ocorreu depois de eu passar a estar sujeita a obedecer-lhes, porque antes não tinha tanto afeto por eles. Eu ria comigo mesma ao ver como eles se enganavam, se bem que nem sempre lhes dizia com clareza o ponto até o qual eu me sentia e estava desprendida de tudo. Mas os tranqüilizava, e eles, depois de um maior contato comigo, viam quantas graças eu devia ao Senhor, deixando de lado essas suspeitas, que aliás só se manifestavam no princípio.

Vendo o Senhor e falando com Ele com tanta freqüência, vi brotar em mim um amor muito maior por Ele e uma enorme confiança. Eu percebia que, embora fosse Deus, era Homem, alguém que não se espanta com as fraquezas dos homens, que compreende a nossa vil natureza, sujeita a tantas quedas por causa do primeiro pecado, que Ele viera reparar. Mesmo sendo Ele Senhor, posso tratá-Lo como um amigo, pois Ele não é como os que temos na terra por senhores, que põem todo o seu poderio em manifestações exteriores: marcam horas para que as pessoas lhes falem e determinam quem lhes pode falar. Se quem tem com eles algum negócio é um pobrezinho, mais rodeios, favores e sofrimentos são necessários para que deles se aproximem.

E se se quiser falar com o Rei? Nesse caso, é proibida a entrada de quem é pobre e sem brasões, não havendo alternativa, senão recorrer aos mais íntimos, que por certo não são pessoas que estão acima deste mundo, pois estas falam verdades, não devem nem temem, não são feitas para o palácio. Neste, isso não tem uso, devendo-se calar o que parecer mau, e ninguém sequer se atreve a pensar que algo é mau para não ser desfavorecido.

6. Ó Rei da glória e Senhor de todos os reis, Vosso reino não é uma armação de pauzinhos, pois não tem fim! Não se precisa de terceiros para chegar a Vós! Basta perceber Vossa pessoa para logo saber que sois o único a merecer ser chamado de Senhor, pela majestade que mostrais. Não são precisos acompanhantes nem guardas para que se saiba que sois Rei. Aqui na terra, estando só, um rei não é reconhecido como tal, necessitando de todo um aparato exterior para que isso aconteça, pois do contrário ninguém o teria por nada. Isso acontece porque não vem dele a aparência de poderoso, pois a sua autoridade vem de outros.

Ó Senhor meu! Ó Rei meu! Quem poderia descrever agora Vossa Majestade! Não se pode deixar de ver que sois Imperador, por serdes Vós quem sois. Ver Vossa majestade causa assombro; e mais assombra, Senhor meu, ver ao lado dela Vossa humildade e o amor que demonstrais por alguém como eu. Tão logo perdemos o primeiro espanto e temor de ver a Vossa Majestade, de tudo podemos falar Convosco como quisermos, embora nos fique um temor ainda maior de não mais Vos ofender. Isso, porém, não vem do medo do castigo, Senhor meu, pois este nada importa diante do mal que é Vos perder!

7. Esses são os benefícios dessa visão, sem falar de outros grandes efeitos que ela deixa na alma. Quando esta está iluminada, logo sabe se recebe uma graça de Deus pelos benefícios que dela advêm; porque, como eu já disse,² às vezes o Senhor quer que fiquemos em trevas, sem ver a luz, não sendo pois de admirar que quem, como eu, se vê tão sem virtudes revele temor. Há pouco tempo, aconteceu-me passar oito dias com a impressão de não haver em mim, nem poder haver, conhecimento da minha dívida para com Deus nem recordação das Suas graças.

Fiquei com a alma tão insensível e absorta não sei em quê, nem como — não com maus pensamentos, mas incapaz de voltar-se para os bons —, que ria de mim mesma e me alegrava ao ver a baixeza de uma alma quando Deus não age continuamente nela. A alma, é verdade, percebe que não está sem Ele, pois o que passa não equivale aos grandes sofrimentos que tenho algumas vezes, como já falei.<sup>3</sup> Mas, embora lance lenha e faça o pouco que pode, ela não consegue atear o fogo do amor de Deus. Pela grande misericórdia divina,

ainda há alguma fumaça para que a alma entenda não estar a chama de todo apagada. Contudo, só o Senhor pode voltar a acendê-la.

Nesse caso, ainda que a alma se mate de soprar e de arrumar a lenha, parece que tudo abafa o fogo ainda mais. Acredito que o melhor é conformar--se de vez com o fato de nada poder por si só e dedicar-se a outras coisas meritórias, como já aconselhei.<sup>4</sup> Talvez o Senhor lhe esteja tirando a oração para que ela se ocupe dessas coisas e venha a saber, por experiência, quão pouco é capaz de fazer.

- 8. O certo é que hoje me consolei com o Senhor, tendo tido o atrevimento de me queixar de Sua Majestade, dizendo-Lhe: "Como, Deus meu, não é suficiente que me mantenhais nesta vida miserável e que eu, por amor a Vós, passe por isso e deseje viver onde tudo são empecilhos para fruir de Vós, tendo de comer, dormir, tratar de negócios e falar com as pessoas? Bem sabeis, Senhor meu, que isso me causa imenso tormento, que padeço por Vos amar; e, no entanto, nos poucos momentos que me restam para me regozijar Convosco, Vós vos escondeis de mim. Como conciliar isso com a Vossa misericórdia? Como pode suportá-lo o amor que me tendes? Creio, Senhor, que se eu pudesse esconder-me de Vós como Vos escondeis de mim, não o consentiríeis, dado o amor que eu penso e creio que tendes por mim. Vós, porém, estais comigo e sempre me vedes... Isso não pode, pois, ser assim, Senhor meu! Eu Vos suplico que reconheçais ser isto magoar aquela que tanto Vos ama."
- 9. Aconteceu-me dizer essas e outras coisas, sempre me recordando quão suave era o lugar que estava preparado para mim no inferno diante do que mereço. Mas, por vezes, o amor tanto me desatina que nem sei quem sou e, em sã consciência, faço essas queixas e o Senhor tudo suporta. Louvado seja tão bom Rei! Que seria de nós se dirigíssemos aos reis da terra semelhantes atrevimentos? Quanto ao rei, não me espanta que não ousemos falar-lhe, pois lhe devemos reverência, bem como aos senhores principescos. Mas o mundo está de tal maneira que não basta uma vida para aprender as etiquetas, novidades e modos de polidez, se é que se quer usar uma parte dela para servir a Deus.

Diante do que se passa, eu me benzo de admiração. Para falar a verdade, quando me encerrei aqui, eu já não sabia lidar bem com o mundo. Leva-se a mal o mínimo descuido em não se tratar as pessoas de maneira muito superior ao que merecem. Tem-se isso por afronta tão grave que é necessário dar satisfações e justificar a intenção quando se age inadvertidamente. E ainda é preciso pedir a Deus que as pessoas as aceitem!

10. Repito que eu por certo não sabia viver, chegando a minha pobre alma a se cansar. De um lado, ela vê que lhe ordenam ter sempre o pensamento ocupado em Deus, devendo mantê-lo Nele para se livrar de muitos perigos. Por outro lado, percebe que não pode se descuidar das coisas do mundo, para não correr o risco de ofender os que têm sua honra posta em melindres. Isso me deixava com muita fadiga, e eu nunca acabava de dar satisfações, já que não podia, por mais que o tentasse, deixar de cometer muitas faltas nessas coisas que, no mundo, são consideradas muito importantes.

E nas Religiões — onde seria justo sermos desculpadas nesses casos —, será verdade que há dispensa quanto a isso? Não, pois dizem que os conventos devem ser lugar de boa educação, e inclusive do seu ensino. O certo é que não posso entender isso. Fico a imaginar se algum santo que disse que os mosteiros deviam ser escola dos que quisessem ser cortesãos do céu não teve as suas palavras deturpadas. Pois não sei como alguém que, por justiça, deve se ocupar continuamente em contentar a Deus e desdenhar o mundo possa se dedicar tanto a agradar aos que nele vivem em coisas tão sujeitas a mudança. Se ao menos fosse possível aprender de uma vez, muito bem; mas, até para o cabeçalho das cartas, já é preciso que haja, por assim dizer, cátedra onde se ensine o que se deve fazer. Porque, quanto a isso, ora se deixa papel de um lado, ora do outro, e, a quem se devia chamar magnífico, deve-se tratar agora por excelência.<sup>5</sup>

- 11. Não sei onde isso vai parar, porque ainda não tenho cinqüenta anos<sup>6</sup> e, nos que vivi, presenciei tantas mudanças que já não sei viver. O que haverão, pois, de fazer os que nascem agora e viverem muito? Por certo me dão pena as pessoas espirituais que, por algum santo motivo, são obrigadas a viver no mundo, por ser isso uma terrível cruz. Se todas elas pudessem combinar fingir-se de ignorantes e fazer com que os outros as considerassem assim nessas ciências, de muito sofrimento se livrariam.
- 12. Vejo agora em que tolices me envolvi! Para discorrer sobre as grandezas de Deus, desandei a falar das baixezas do mundo. Pois, se o Senhor me fez o favor de me afastar dele, quero deixá-lo inteiramente; que lidem com ele aqueles que tanto se esforçam para sustentar essas ninharias. Queira Deus que na outra vida, que é imutável, não tenhamos de pagar por elas um alto preço. Amém!

TRATA DE ALGUNS FAVORES QUE O SENHOR LHE FEZ AO REVELAR-LHE ALGUNS SEGREDOS DO CÉU. NARRA OUTRAS GRANDES VISÕES E REVELAÇÕES QUE SUA MAJESTADE LHE CONCEDEU. RELACIONA OS EFEITOS QUE ISSO PRODUZIA NELA E O GRANDE PROVEITO DAÍ RESULTANTE PARA SUA ALMA.

1. Estando uma noite tão doente que queria ser dispensada da oração, peguei um rosário para me ocupar vocalmente, procurando não recolher o intelecto, embora estivesse retirada num oratório. Mas, quando o Senhor quer, pouco valem esses esforços. Mantive-me assim por algum tempo, vindo-me um arroubo de espírito de tamanho ímpeto que não tive como resistir--lhe. Tive a impressão de estar no céu, tendo visto ali, em primeiro lugar, meu pai e minha mãe. E vi coisas tão sublimes — num espaço de tempo breve como o de rezar uma Ave-Maria — que fiquei bem fora de mim, considerando aquilo uma graça grande demais para mim.

Não posso garantir que o tempo tenha sido tão breve; talvez fosse maior, mas a minha impressão era de ser muito pouco. Embora achasse que não, receei que fosse alguma ilusão. Não sabia o que fazer, pois tinha vergonha de levar isso ao meu confessor. Ao que parece, não por humildade, mas por julgar que ele zombaria de mim, dizendo: temos então um São Paulo ou São Jerônimo¹ para ver coisas do céu! Justamente por terem esses gloriosos santos passado por coisas assim, era maior ainda o meu temor, e eu só fazia chorar muito, pois achava ser tudo um disparate. Por fim, se bem que muito o sentisse, procurei o confessor, pois jamais ousei omitir alguma coisa, por mais que sofresse em dizê-la, devido ao grande medo de ser enganada. Ele, vendo-me tão aflita, muito me consolou, dizendo-me boas palavras que me tiraram toda a angústia.

2. Com o passar do tempo, o Senhor foi me mostrando mais segredos, o que ainda faz algumas vezes. A alma não pode de maneira alguma ver mais do que lhe é representado, e eu só via, de cada vez, o que Deus queria me mostrar. Porém, via tanto que a menor parcela seria suficiente para deslumbrar e beneficiar muito a alma, levando-a a pouco estimar e considerar as coisas da vida. Eu gostaria de poder explicar um pouquinho do que percebia nessas revelações, mas, ao imaginar como fazê-lo, admito ser impossível.

Só a diferença entre a luz que vemos e a que nos é apresentada nas visões, sendo tudo luz, impede a comparação, pois mesmo o clarão do sol parece apagado diante do fulgor que há ali. Em outras palavras, a imaginação, por mais sutil que seja, não consegue pintar nem esboçar aquela luz, nem coisa alguma das que o Senhor me apresentava, causando-me uma felicidade cujo caráter sublime está além da descrição. Nesses momentos, todos os sentidos se regozijam em grau tão alto e com tamanha suavidade que as minhas palavras jamais poderiam fazer-lhes jus, razão por que prefiro me calar.

3. Certa feita, fiquei nesse estado por mais de uma hora, tendo o Senhor me mostrado coisas admiráveis, dando-me a impressão de não Se afastar de mim. Ele me disse: *Vê, filha, o que perdem os que são contra Mim; não deixes de lhes dizer isto*. Ó Senhor meu, quão pouco aproveitam minhas palavras aqueles que estão cegos diante das Vossas obras se Vossa Majestade não lhes dá luz! Algumas pessoas que a receberam de Vós muito se beneficiam por conhecer Vossas grandezas; mas, como as vêem, Senhor meu, manifestas em pessoa tão ruim e miserável, é um prodígio enorme que alguém tenha acreditado em mim.

Bendito seja o Vosso nome e bendita a Vossa misericórdia, pois ao menos eu constato em minha alma notória melhora. Ela deseja ficar sempre ali e não voltar a viver, visto ser grande o desprezo por tudo o que há na terra infundido em mim. Tudo me parecia lixo, e vi a que baixeza nos submetemos cuidando de coisas passageiras.

4. Quando fazia companhia àquela senhora de quem já falei,² veio-me certa feita uma crise no coração (porque, como já disse, muito sofri dele, embora já não sofra). Ela, muito caridosa, mostrou-me jóias de ouro e pedras preciosas, pois as tinha de grande valor, especialmente uma de diamantes muito valiosa. Ela pensava que com isso me alegraria; quanto a mim, ria por dentro e tinha compaixão ao ver as coisas que os homens estimam e ao pensar no que o Senhor tem guardado para nós.

Pensei como me seria impossível, mesmo que eu quisesse me convencer, valorizar aquelas coisas, a menos que o Senhor me privasse da lembrança de outras. Para a alma, isso significa um poder tão grande que só quem o possui pode entendê-lo: trata-se do desapego verdadeiro e natural, que vem sem esforço nosso, pois é dado por Deus. Sua Majestade mostra as verdades eternas de tal maneira que a impressão que deixam em nós nos permite ver com clareza que por nós mesmos não poderíamos obter isso, do modo como o adquirimos, em tempo tão curto.

5. Também passei a ter pouco medo da morte, a qual sempre temi antes disso. Hoje, ela me parece coisa facílima para quem serve a Deus, porque, com ela, a alma se vê, num instante, livre deste cárcere e posta em descanso. Esses arroubos de espírito e a revelação de coisas tão sublimes, feitos por Deus, se assemelham, a meu ver, à saída da alma do corpo — ela se vê, num átimo, de posse de todo esse bem. Deixemos as dores do

desenlace, pois pouca relevância devemos atribuir-lhes. Os que amarem a Deus de verdade e tiverem desprezado de fato as coisas desta vida devem morrer mais suavemente.

- 6. Creio que isso também me serviu muito para conhecer a nossa verdadeira pátria e perceber que aqui na terra estamos de passagem; é grande coisa ver o que há por lá e saber onde vamos viver. Porque, para quem vai viver numa terra, é de grande ajuda, para suportar as agruras do caminho, já saber ser ela um lugar onde se vai viver com sossego. Isso também torna fácil considerar as coisas celestiais e fazer que sejam elas o objeto das nossas conversas. Isso é muito valioso. O simples voltar os olhos para o céu põe a alma em recolhimento, porque, como o Senhor quis mostrar-lhe algo do que há ali, ela pensa naquilo que viu. Com muita freqüência, acompanham-me e me consolam os que sei que lá vivem; são esses que verdadeiramente me parecem vivos, pois os daqui levam a vida tão mortos que o mundo inteiro, por assim dizer, não me faz companhia, em especial quando me vêm aqueles ímpetos.
- 7. Tudo o que vejo com os olhos do corpo me parece sonho e farsa. O que já vi com os da alma é aquilo que ela deseja; e, como se vê longe dali, considera esta vida a morte. Enfim, é enorme a graça que o Senhor dá a quem permite tais visões; estas trazem um enorme proveito, ajudando muito a alma a carregar sua pesada cruz, já que aqui nada a satisfaz e tudo a aborrece. Se o Senhor não permitisse que nos esquecêssemos das coisas sublimes, embora voltemos a nos lembrar delas, não sei como seria possível viver.

Bendito e louvado seja Deus para sempre! Queira Sua Majestade, pelo sangue que o Seu Filho derramou por mim, já que desejou que eu visse alguma coisa de bens tão grandes e começasse a fruir deles de algum modo, que não me aconteça o mesmo que a Lúcifer, o qual, por sua própria culpa, tudo perdeu. Que Ele, por quem é, não o permita! Não é pouco o temor que tenho algumas vezes, embora seja muito comum que a misericórdia de Deus me dê a segurança de que, tendo Ele me tirado de tantos pecados, não vai querer negar-me a Sua mão para que eu me perca. Suplico a vossa mercê que sempre Lhe peça isso.

- 8. Mas as graças de que falei não são, a meu ver, tão grandes quanto a que vou relatar agora; digo-o por causa dos grandes efeitos benéficos que ela me causou, destacando-se a grande força que infundiu na alma. Na verdade, considerada por si mesma, cada uma das graças tem tal valor que não é possível compará-las entre si.
- 9. Certo dia, na véspera do Espírito Santo,³ fui depois da missa a um lugar bem afastado, onde rezava muitas vezes, e comecei a ler num *Cartusiano*⁴ sobre essa festa. Quando cheguei aos sinais que devem ter os principiantes, os experientes e os que alcançaram a perfeição para compreenderem se o Espírito Santo está com eles, e tendo lido sobre esses três estados, tive a impressão de que, pelo que podia perceber, Deus, pela Sua bondade, sempre estava comigo.

Comecei a louvá-Lo, lembrando-me de que, da outra vez em que tinha lido o referido trecho, eu estava bem destituída de tudo aquilo — pois isso eu via muito bem —, ao passo que agora sucedia o contrário. Reconheci ser muito grande o favor que o Senhor me fizera. Assim, passei a considerar o lugar que, pelos meus pecados, tinha merecido no inferno; e entoei muitos louvores a Deus, pois me parecia que a minha alma, de tão mudada, mal podia ser reconhecida.

Quando eu fazia essas considerações, veio-me um ímpeto imenso cuja causa não percebi; parecia que a alma queria sair do corpo, não cabendo mais em si nem se achando capaz de esperar tanto bem. Era um ímpeto tão excessivo que eu não o podia controlar, sendo, pois, distinto dos outros. Eu não entendia o que se passava na alma nem o que ela desejava para estar tão alterada. Reclinei-me, pois nem sentada conseguia ficar, já que me faltava toda a força natural.

- 10. Estando nisso, vejo sobre a minha cabeça uma pomba, bem diferente das de cá, porque não tinha penas e exibia asas de umas conchinhas que lançavam para todos os lados um grande resplendor. Ela era maior do que as pombas comuns, e pareceu-me ouvir o ruído que fazia com as asas. Isso durou talvez o espaço de uma Ave-Maria. A alma já estava de tal maneira que, perdendo-se de si,<sup>5</sup> não mais viu a pomba. Na presença de tão bom Hóspede, o espírito se acalmou. A meu ver, a graça tinha sido tão maravilhosa que o desassossegara e abismara. Mas, assim que começou a fruí-la, ele perdeu o medo e, com a felicidade, aquietou-se, ficando em êxtase.
- 11. Foi grandíssima a glória desse arroubo. Passei o resto da Páscoa tão abobada e estonteada que não sabia o que fazer, nem como cabia em mim tão grande favor e graça. Com o grande gozo interior, eu, por assim dizer, não ouvia nem via. A partir daquele dia, percebi ter tido um grande aproveitamento, tendo aumentado muito o amor de Deus e ficado muito mais fortalecidas as virtudes. Bendito e louvado seja Ele para sempre. Amém.

- 12. Em outra ocasião, via a mesma pomba acima da cabeça de um padre da Ordem de São Domingos.<sup>6</sup> Desta feita, tive a impressão de que os raios e resplendores das asas se estendiam muito mais. Tive a revelação de que ele atrairia muitas almas para Deus.
- 13. De outra vez, vi Nossa Senhora pondo um manto muito branco sobre o Presentado dessa mesma Ordem,<sup>7</sup> de quem tenho falado algumas vezes. Disse-me Ela que, pelo serviço que ele Lhe tinha prestado ao ajudar a fundar esta casa, lhe dava aquele manto como sinal de que doravante manteria a sua alma limpa e não a deixaria cair em pecado mortal. Tenho para mim que isso de fato ocorreu; porque poucos anos depois ele morreu, e a vida que viveu teve tanta penitência e a morte, tanta santidade que, pelo que se pode saber, não há por que duvidar.

Um frade que tinha assistido à sua morte me contou que, antes de expirar, ele disse que tinha Santo Tomás a seu lado. Ele faleceu com grande gozo e vontade de sair deste desterro.<sup>8</sup> Ele me tem aparecido algumas vezes, coberto de glória, e dito algumas coisas. Era tão dedicado à oração, quando de sua morte, que, embora tivesse desejado não fazê-la, devido à grande fraqueza em que estava, não o podia, pois tinha muitos arroubos. Pouco antes do evento, enviou-me uma carta perguntando que meios haveria de empregar, porque, assim que acabava de dizer missa, ficava muito tempo em êxtase sem poder evitá-lo. No fim, o Senhor lhe deu a recompensa pelo muito que O tinha servido por toda a vida.

- 14. Do reitor<sup>9</sup> da Companhia de Jesus, a quem mencionei algumas vezes, tenho visto algumas coisas das grandes graças que o Senhor lhe dava, que não narro aqui para não me estender. Certa feita, ele passou por extrema tribulação, sendo muito perseguido e vendo-se deveras aflito. Um dia, quando eu ouvia missa, vi Cristo na cruz no momento da elevação da hóstia. Cristo me disse algumas palavras destinadas a ele, para consolá-lo e preveni--lo do que estava por vir, lembrando-lhe o que Ele tinha padecido em seu favor e advertindo-o de que se preparasse para sofrer. Isso muito o consolou e animou, tendo tudo ocorrido tal como o Senhor me disse.
- 15. Também tenho visto grandes coisas dos membros da Ordem desse padre, a Companhia de Jesus, e de toda a Ordem junta. Algumas vezes, eu os vi no céu, com bandeiras brancas nas mãos, tendo visto também outras coisas deles que causam muita admiração. Por isso, tenho enorme veneração por essa Ordem, tanto porque me relaciono muito com eles como por ver que a sua vida corresponde ao que o Senhor me tem falado sobre eles.
- 16. Uma noite, estando eu em oração, o Senhor começou a me dizer algumas palavras, fazendo-me recordar de quão má tinha sido a minha vida, o que me infundiu grande confusão e pesar. Porque essas palavras, embora não sejam ditas com rigor, provocam mágoa e pena a ponto de me desfazerem. Uma única palavra dessas nos permite conhecer a nós mesmos de maneira muito melhor do que o conseguiríamos em muitos dias de consideração da nossa miséria, pois cada um contém em si um cunho de verdade que não se pode contestar.

Ele me representou as afeições que eu tivera outrora com tanta vaidade, dizendo-me que eu deveria ter por grande graça a que me concedia ao querer e admitir que Lhe fosse dedicada uma amizade como a minha, antes tão mal empregada. Em outras ocasiões, fez-me recordar a época em que eu parecia ter por honra contrariar a Sua. Em outras, ainda, instou-me a me lembrar do que eu Lhe devia, porque, quando me concedia graças, maior era o golpe que Ele recebia. Quando cometo alguma falta, o que não é incomum, Sua Majestade me infunde tal luz para que eu a perceba que me deixa, por assim dizer, desfeita. Quando me acontecia ser repreendida pelo confessor e procurar me consolar na oração, nela encontrava a verdadeira repreensão.

17. Voltando ao que dizia: <sup>10</sup> o Senhor começou a me trazer à lembrança minha vida ruim, e pensei, debulhada em lágrimas, que Ele, já que, na minha opinião, eu nada tinha feito, estava querendo me fazer algum favor. É que, com muita freqüência, recebo uma graça particular do Senhor depois de me aniquilar interiormente. Creio que o Senhor faz assim para que eu veja bem que estou muito longe de merecê-la.

Pouco depois, o meu espírito foi tomado por tal arrebatamento que senti estar ele quase todo fora do corpo, ou, ao menos, eu não percebia que ele estivesse unido ao corpo. Vi a Humanidade Sacratíssima com uma glória excessiva que eu jamais experimentara. Ele se manifestou, de modo admirável e claro, repousando no seio do Pai. Não sei dizer como foi, porque, sem ver, senti-me na presença daquela divindade. Foi tão forte o abalo que passei muitos dias, pelo que me lembro, sem poder voltar a mim, sempre com a impressão de trazer presente aquela majestade do Filho de Deus, mas de uma maneira diferente da primeira. Essa presença, por mais breve que tenha sido, fica tão impressa na imaginação que não se apaga por algum tempo, resultando daí um grande consolo e muito proveito.

18. Voltei a ter essa visão outras três vezes. Trata-se, a meu ver, da mais sublime visão que o Senhor me permite ter, trazendo consigo enormes benefícios. Ela parece purificar por inteiro a alma, afastando-nos dos

nossos sentidos. É uma grande chama que parece abrasar e destruir todos os desejos da vida. Eu, graças a Deus, já não punha desejos em coisas vãs; nessas ocasiões, contudo, ficou ainda mais claro que tudo é vaidade e que de nada valem as grandezas da terra. É um grande ensinamento que leva os nossos desejos à verdade pura; deixa impressa uma reverência que não sei elucidar, mas que muito difere de tudo quanto se pode alcançar aqui. A alma fica muito abismada ao ver como se atreveu, e como outros podem se atrever, a ofender uma Majestade tão sublime.

- 19. Já falei dos efeitos das visões e de outras coisas, tendo afirmado também<sup>11</sup> que há maior ou menor aproveitamento. O desta última visão é enorme. Depois disso, ao me aproximar para comungar, eu me lembrava da imensa Majestade que vira e me dava conta de que era Ele que estava no Santíssimo Sacramento, o que fazia os meus cabelos se arrepiarem e me dava a impressão de estar toda desfeita. Ainda mais que em muitas ocasiões o Senhor ainda permite que eu O veja na hóstia.
- Ó Senhor meu! Se não encobrísseis Vossa grandeza, quem se atreveria a unir tantas vezes com uma tão grande Majestade uma coisa tão suja e miserável? Bendito sejais, Senhor! Louvem-Vos os anjos e todas as criaturas, pois assim arranjais as coisas de acordo com a nossa fraqueza, para que, fruindo de graças tão soberanas, não fiquemos espantados diante de Vosso grande poder a ponto de não nos atrevermos sequer a nos regozijar com elas, como pessoas fracas e miseráveis.
- 20. Poderia acontecer conosco o que se passou com um lavrador e tenho certeza de ser isso verdade. Ele encontrou um tesouro, vendo-se, de repente, possuidor de riquezas que em muito superavam a sua avareza. Não sabendo como aproveitá-las, ficou com tamanha aflição e preocupação que aos poucos definhou e terminou por morrer. Se tivesse achado o tesouro não todo junto, mas em parcelas, ele teria ficado mais contente do que quando era pobre e não teria perdido a vida.
- 21. Ó riquezas dos pobres! Como sabeis admiravelmente sustentar as almas! E, sem que elas vejam tão grandes riquezas, pouco a pouco as ides mostrando! Assim, quando vejo, desde aquela visão, uma tão grande Majestade oculta em coisa tão pequena como uma hóstia, não posso deixar de me admirar com tão grande sabedoria. Nem imagino como ousaria me aproximar do Senhor se Ele, que me deu e ainda me dá muitas graças, não me infundisse força e coragem.

Sem Ele, eu também não poderia disfarçar a minha admiração nem me impedir de dizer em altos brados tão grandes prodígios. Pois que sente uma miserável como eu, cheia de abominações e que com tão pouco temor de Deus tem desperdiçado sua vida, ao ver aproximar-se de si este Senhor de tão imensa majestade quando Ele quer que minha alma O veja? Como pode tocar aquele corpo gloriosíssimo, cheio de pureza e carregado de piedade uma boca que tantas palavras proferiu contra Ele? O amor que aquele rosto tão formoso revela com tamanha ternura e afabilidade traz à alma muito mais mágoas e aflições por não tê-Lo servido do que temor da Majestade que nele vê. Mas que poderia eu ter sentido nas duas vezes em que vi o que vou contar?<sup>12</sup>

- 22. É certo, Senhor meu e glória minha, que tenho dito que, de alguma maneira, nessas grandes aflições que a minha alma sente tenho feito algo para Vos servir. Ai de mim, que já não sei o que digo, pois quase já não sou eu quem escreve isto! Estou muito perturbada e quase fora de mim, por ter trazido de volta à memória essas coisas. Caso esse sentimento viesse de mim, eu bem poderia, Senhor meu, afirmar ter feito algo por Vós. Como nada fiz, visto que nem um único bom pensamento pode existir se não o dais, eu sou a devedora, Senhor, e Vós, o ofendido.
- 23. Indo comungar, vi com os olhos da alma, <sup>13</sup> com maior clareza do que com os do corpo, dois demônios deveras abomináveis. Tive a impressão de que, com os seus chifres, mantinham presa a garganta do pobre sacerdote. E, na hóstia que ia receber, vi meu Senhor, com a majestade que descrevi, posto naquelas mãos, que percebi com clareza serem transgressoras, compreendendo que aquela alma estava em pecado mortal. Que seria, Senhor meu, ver Vossa formosura entre figuras tão abomináveis? Elas estavam como que amedrontadas e espantadas diante de Vós, e creio que de boa vontade teriam fugido se Vós lhes tivésseis permitido.

Isso me provocou tamanha perturbação que não sei como pude comungar, e fui tomada de grande temor, pensando que, se fosse visão de Deus, Este não me permitiria ver o mal que se instalara naquela alma. O Senhor me disse que rogasse por ele e que permitira semelhante coisa para que eu entendesse que força tinham as palavras da consagração e visse que, por pior que seja o sacerdote que as pronuncia, Deus está sempre ali; disse também que o fizera para que eu conhecesse Sua grande bondade, que se põe nas mãos do inimigo só para o meu bem e o de todos.

Vi com nitidez que os sacerdotes estão mais obrigados a ser bons do que os outros e que é uma coisa terrível receber o Santíssimo Sacramento indignamente. Dei-me conta também de que o demônio é senhor da alma que está em pecado mortal. Essa visão me trouxe inúmeros benefícios e fez-me perceber com profundidade o quanto eu devia a Deus. Bendito seja Ele para sempre!

- 24. Em outra ocasião, ocorreu um fato semelhante que me deixou com imenso terror. Eu estava num certo lugar onde morrera certa pessoa que vivera muito mal por muitos anos, segundo me disseram. Antes de morrer, contudo, passara dois anos enfermo e, ao que parece, se corrigira em algumas coisas. Morreu sem confissão, mas, mesmo assim, não me pareceu que fosse ser condenado. Enquanto o seu corpo era amortalhado, vi muitos demônios o agarrarem, parecendo divertir-se com ele, além de torturá-lo. Isso me encheu de grande pavor, pois eles o passavam uns aos outros com grandes garfos. Quando vi que ele seria enterrado com as mesmas honras e cerimônias concedidas a todos, fiquei pensando na bondade de Deus, que não quisera que aquela alma fosse difamada, deixando encoberto o fato de ela ser Sua inimiga.
- 25. Fiquei meio atordoada com isso. Durante o Ofício, não vi nenhum demônio; mais tarde, quando o corpo foi sepultado, era tão numerosa a legião demoníaca que o cercava que quase perdi os sentidos, sendo preciso muita determinação para tudo dissimular. Considerei o que fariam com aquela alma se assim dominavam o triste corpo. Quem dera o Senhor permitisse que todos os que estão em mau estado vissem, como eu, aquela coisa horripilante, pois creio que isso seria um grande estímulo para que vivessem bem. Tudo isso me faz ver ainda mais o que devo a Deus e aquilo de que Ele me livrou. Até falar disso com o meu confessor, fiquei muito receosa, pensando se não seria ilusão do demônio para difamar uma alma considerada tão cristã. Na verdade, embora não tenha sido ilusão, sempre tenho temor quando me recordo.
- 26. Já que comecei a falar de visões de pessoas mortas, quero contar algumas coisas que o Senhor me mostrou de algumas almas. Limitarei os exemplos para não me alongar e porque não vejo muito proveito em fazê-lo.

Disseram-me que morrera um ex-Provincial nosso, na época em outra Província, com quem eu tinha tido relações e a quem devia alguns favores. <sup>14</sup> Era pessoa muito virtuosa. Ao saber de sua morte, fiquei muito perturbada, pois temi pela sua salvação, já que ele tinha sido prelado durante vinte anos, o que sempre me inspira temor, pois me parece muito perigoso o encargo de zelar por almas. Com extrema aflição, fui a um oratório. Ofereci em seu benefício todo o bem que eu fizera em minha vida, que não era muito, dizendo ao Senhor que suprisse com os seus méritos o que aquela alma precisava para sair do purgatório.

27. Quando eu estava pedindo isso ao Senhor da melhor maneira que podia, pareceu-me ver o prelado sair da terra, do meu lado direito, e subir ao céu com enorme alegria. Embora fosse bem velho, vi-o com uns trinta anos ou menos, tendo grande resplendor no rosto. Essa visão foi muito breve, mas me trouxe consolação tão extrema que nunca mais sofri pela sua morte, mesmo diante da aflição de muitas pessoas por ele, que era muito querido.

Era tamanho o consolo que invadia minha alma que eu em nenhum momento duvidei de ser boa a visão, isto é, eu tinha certeza de não se tratar de ilusão. (Quando isso aconteceu, não se tinham passado quinze dias de sua morte.) Fiz que o encomendassem a Deus, e também me dediquei a isso, mas não com o fervor com que o teria feito se não tivesse tido aquela visão; porque, se o Senhor me mostra alguma alma assim e depois desejo encomendá--la a Ele, tenho a impressão de dar esmola a um rico. Depois, porque ele morreu bem longe daqui, eu soube da morte que Deus lhe deu; foi de tamanha edificação que todos ficaram admirados com a sabedoria, as lágrimas e a humildade com que ele terminou seus dias.

- 28. Morrera na casa uma monja, grande serva de Deus,<sup>15</sup> há mais ou menos um dia e meio. Durante o Oficio de Defuntos, rezando em sua intenção no coro, eu estava de pé para dizer um versículo com outra monja. Estando no meio, tive a impressão de ver a alma sair das profundezas da terra, no mesmo lugar da visão anterior, e ir para o céu. Essa visão não foi imaginária, como a do Provincial, mas das que não têm imagem, de que já falei,<sup>16</sup> que deixam tão pouca dúvida quanto as imaginárias.
- 29. Morreu também no mesmo convento outra monja. Ela vivera enferma por dezoito ou vinte anos; era muito serva de Deus, jamais faltava ao coro e tinha muitas virtudes. Eu tinha certeza de que lhe sobrariam méritos e de que, tendo passado por tantas enfermidades, não entraria no purgatório. Quando rezava as horas canônicas, antes do seu enterro, passadas pouco mais de quatro horas da morte, percebi que também ela ia para o céu.
- 30. Estando num colégio da Companhia de Jesus, às voltas com as grandes dores da alma e do corpo que por vezes tenho, eu estava num estado que, segundo me parece, me impedia de ter um único bom pensamento.<sup>17</sup> Tinha morrido naquela noite um irmão da casa.<sup>18</sup> Quando o encomendava a Deus, como podia, e ouvindo missa em sua intenção rezada por um padre da Companhia, caí em profundo recolhimento e o vi

subir ao céu, com muita glória, acompanhado do Senhor. Vi ser aquilo uma graça particular de Sua Majestade.

- 31. Um frade da nossa Ordem,<sup>19</sup> muito bom religioso, estava com grave enfermidade. Durante a missa, entrei em recolhimento e vi que ele morrera e subia ao céu sem passar pelo purgatório. Mais tarde, eu soube que ele falecera na hora em que o vi. Eu me espantei por ele não ter passado pelo purgatório; percebi que, como tinha sido frade e correspondido à sua profissão, aproveitara as Bulas da Ordem para evitar o lugar de expiação.<sup>20</sup> Não sei por que entendi assim; creio que foi porque o fato de ser religioso não se traduz por envergar o hábito, isto é, não basta usá-lo para usufruir do estado de maior perfeição que é ser frade.
- 32. Não vou mais falar dessas coisas, porque, como eu disse, <sup>21</sup> não há razão para tal, muito embora sejam muitas as vezes que o Senhor me concede vê-las. Mas, em todas que vi, nenhuma alma deixou de entrar no purgatório, pelo que entendi, exceto a desse padre, a do santo Frei Pedro de Alcântara e a do padre dominicano de que falei. <sup>22</sup> De algumas almas, o Senhor quis me mostrar os graus de glória que têm, revelando-me os lugares em que estão. É grande a diferenca que há entre umas e outras. <sup>23</sup>

## CAPÍTULO 39

CONTINUA A TRATAR DAS GRANDES GRAÇAS QUE O SENHOR LHE

TEM CONCEDIDO. AFIRMA QUE
ELE LHE PROMETEU FAZER PELAS PESSOAS O QUE ELA LHE PEDISSE. FALA DE ALGUMAS OCASIÕES
ESPECIAIS EM OUE SUA MAJESTADE FEZ ESSE FAVOR.

1. Estando eu, certa vez, importunando muito o Senhor para que fizesse uma pessoa — a quem eu devia obrigações e de quem tinha pena — recuperar a visão, quase toda perdida, receei que, devido aos meus pecados, o Senhor não me ouvisse. Ele me apareceu como de outras vezes,¹ e começou a me mostrar a chaga da mão esquerda, tirando com a direita um grande cravo que estava nela. Parecia-me que, ao lado do cravo, tirava carne. Ele me deixava perceber a grande dor que sentia, o que me deixava muito condoída. Disse-me que, tendo suportado aquilo por mim, melhor faria o que eu Lhe pedisse, prometendo-me que não deixaria de fazer o que eu Lhe pedisse, pois sabia que eu só pediria o que fosse conforme à Sua glória, e que por isso atenderia à minha súplica daquela hora.

Ele me mostrou que, mesmo quando eu não O servia, nunca deixara de atender ao que eu Lhe pedia, atendendo às minhas súplicas para além do que eu sabia pedir, e que o faria muito melhor agora, pois tinha certeza do meu amor. Portanto, que eu não duvidasse de Suas promessas. Creio que em menos de oito dias o Senhor restituiu a visão àquela pessoa. O meu confessor logo o soube. Pode ser que isso não se devesse às minhas orações; mas, como tinha tido essa visão, eu fiquei com a certeza de que Ele me fizera esse favor e Lhe dei muitas graças.

- 2. Em outra ocasião, uma pessoa estava muito mal de uma dolorosa enfermidade que, por não conhecê-la, não nomeio aqui.<sup>2</sup> Ela sofria há dois meses dores tão insurpotáveis que quase se despedaçava. Meu confessor, que era o Reitor<sup>3</sup> de quem tenho falado, foi vê-la; ele ficou muito angustiado e disse-me que não deixasse de ir vê-la, pois era pessoa a quem eu podia visitar, um parente meu. Fui e tive tamanha piedade que comecei a pedir de modo importuno pela sua saúde ao Senhor. Vi claramente, sem nenhuma dúvida, a graça que me foi concedida; porque, no dia seguinte, a pessoa estava totalmente livre da dor.
- 3. Eu estava certa feita com enorme pesar, pois sabia que uma pessoa a quem devia muitas obrigações queria fazer uma coisa contra Deus e contra sua própria honra, já estando muito determinada a isso. Era tamanha a minha aflição que eu não sabia o que fazer; parecia já nada haver que a demovesse. Supliquei a Deus que a fizesse mudar de opinião, com toda a sinceridade, mas, enquanto não O via, a minha dor não se aliviava. Nesse estado, fui a uma capela bem afastada,<sup>4</sup> pois há várias neste mosteiro, e, estando numa onde Cristo está atado à coluna, roguei-Lhe que me concedesse essa graça. Ouvi-O falar-me em voz muito suave, muito semelhante a um murmúrio. Eu me arrepiei toda, pois isso me deixou assombrada. Eu queria compreender o que Ele me dizia, mas foi tamanha a rapidez que não o pude.

Passado o assombro inicial, que foi curto, fiquei com um sossego, um gozo e um deleite interior tamanhos que me espantei com o fato de o mero ouvir uma voz (pois eu a ouvi, e com os ouvidos corporais, sem entender palavra) produzir tal efeito na alma. Assim, concluí que o que eu pedira seria atendido, e toda a angústia que eu sentia se dissipou, como se o meu desejo já estivesse realizado, como depois o foi. Contei isso a meus confessores, que, na época, eram dois religiosos muito instruídos e servos de Deus.<sup>5</sup>

4. Veio ao meu conhecimento que uma pessoa que estava decidida a servir muito verdadeiramente a Deus e que tivera oração por alguns dias, tendo recebido de Sua Majestade muitas graças, abandonara a oração por

causa de certas situações bem perigosas nas quais se envolvera e de que ainda não se afastara. Isso me infundiu um imenso pesar, por ser ela pessoa a quem eu muito devia e queria. Creio que passei mais de um mês suplicando a Deus incessantemente que a voltasse para si.

Estando um dia em oração, vi um demônio perto de mim; ele, com muita raiva, despedaçou uns papéis que tinha na mão. Isso me deu grande consolo, pois me pareceu que o que eu pedira fora feito. E assim foi, pois mais tarde soube que a pessoa se confessara com grande contrição e passara a se dedicar a Deus com tanta fidelidade que, espero em Sua Majestade, há de avançar sempre muito. Bendito seja Ele por tudo. Amém

5. Acontece muitas vezes de Nosso Senhor tirar almas de pecados graves e levar outras a uma maior perfeição devido a súplicas minhas. No tocante a tirar almas do purgatório e outras coisas especiais, são tantas as graças que o Senhor me concede, mais em termos da saúde das almas do que da dos corpos, que seria tedioso contá-las todas. Isso é uma coisa notória, havendo inúmeras testemunhas. Logo depois que isso acontecia, eu ficava muito envergonhada, pois não podia deixar de crer que o Senhor o fazia atendendo à minha oração — sem falar em Sua bondade, que é o principal. Mas são tantos os fatos, e tão conhecidos por outras pessoas, que não me aflijo em crer nisso e louvo Sua Majestade. Fico, no entanto, confusa ao ver que Lhe devo mais; isso, a meu ver, faz crescer o desejo de Servi-Lo e de avivar o amor que Lhe tenho.

O que mais me espanta é que, quando o Senhor percebe que as coisas que peço não convêm, por mais que eu queira e me esforce, não posso pedi--las com a mesma força, o mesmo zelo e o mesmo favor com que peço outras coisas que Sua Majestade me concede. Sinto poder pedir muitas vezes e com insistência favores que o Senhor me faz; quando não observo bem as coisas, Ele as apresenta a mim para que eu as distinga.

6. É grande a diferença entre esses dois modos de pedir, e não sei bem como explicar. Porque certas coisas, embora eu peça (pois não deixo de me esforçar ao suplicá-las ao Senhor, mesmo que não sinta o fervor que há em outras e mesmo que o assunto muito me toque), me trazem a língua como que travada, e eu, embora queira falar, não o consigo e, ainda que o faça, percebo não ser entendida. Em outras, é como se eu falasse clara e distintamente a quem vejo que me ouve de boa vontade. Aquelas são pedidas como que em oração vocal, por assim dizer; estas, numa contemplação tão sublime que o Senhor se mostra de uma maneira que nos faz ver que nos entende, que Se alegra com o nosso pedido e que vai nos conceder a graça.

Bendito seja Ele para sempre, que tanto dá e tão pouco recebe de mim. Porque, Senhor meu, que faz quem não se desfaz por inteiro por Vós? E quanto, quanto, quanto — eu podia repetir mil vezes — me falta para isso! Só por isso eu não devia querer viver, embora haja outras causas, pois não vivo de acordo com o que Vos devo. Com quantas imperfeições me vejo! Com que relaxamento em Vosso serviço! Certo é que, algumas vezes, eu gostaria de estar sem sentidos para não perceber tanto mal em mim. Que Aquele que tudo pode o remedie!

- 7. Estando eu na casa daquela senhora de que já falei,<sup>6</sup> era constante a necessidade de sempre levar em conta a vaidade presente em todas as coisas da vida, pois eu era muito estimada e festejada, e porque me ofereciam muitas coisas a que eu podia me apegar se pensasse em mim mesma. Eu, no entanto, pensava Naquele que tem a verdadeira visão de tudo, para que Ele não me negasse a Sua mão...
- 8. Por falar em "verdadeira visão", lembro-me dos grandes sofrimentos que passam as pessoas a quem Deus mostra o que é a verdade ao se envolverem com as coisas na terra, onde a verdade está tão encoberta, como me disse uma vez o Senhor. Muitas coisas que escrevo aqui não vêm da minha cabeça, sendo ditas por esse meu Mestre celestial. Em especial, quando declaro: "Ouvi isto" ou "Disse-me o Senhor". Tenho muito cuidado para não pôr nem tirar uma única sílaba. Quando não me lembro bem de tudo, eu escrevo como se eu mesma tivesse dito, bem como porque às vezes eu mesma disse. Não digo que o que é meu seja bom, pois sei que não há em mim o que o seja; eu assim classifico o que o Senhor, sem que eu o mereça, me transmite. Por isso, considero "dito por mim" o que não me foi permitido ouvir em revelação.
- 9. Mas ai, Deus meu! Quantas vezes desejamos, nas coisas espirituais, fazer nossos próprios julgamentos, distorcendo a verdade, como se tratássemos de coisas do mundo! Que pretensão a nossa, querendo medir o nosso aproveitamento pelos anos em que nos dedicamos à oração, como se quiséssemos impor limites Àquele que dá ilimitadamente os Seus dons quando quer, e que pode conceder, em meio ano, mais a uma alma do que a outra em muitos! Eu tenho visto isso tantas vezes em tantas pessoas que me abismo de que alguém possa duvidar.
- 10. Creio que não se enganará nisso quem tem o dom de discernir espíritos e recebeu do Senhor a verdadeira humildade. Quem assim é avalia pelos efeitos, pela determinação e pelo amor, recebendo do Senhor luz para fazê--lo. Considera o crescimento e o aproveitamento das almas, e não os anos, pois pode ter

alcançado em meio ano mais do que outro em vinte, já que, como eu disse, o Senhor dá a quem quer e a quem melhor se dispõe a receber.

Vejo agora chegar a esta casa umas moças bem novas; 7 mal Deus as tocou, dando-lhes um pouco de luz e de amor — isto é, mal provaram os regalos que Ele brevemente lhes concedeu —, elas logo corresponderam a Ele e não viram impedimentos, porque, desdenhando refeições, elas se trancam em casa, sem renda, como quem só avalia a vida nos termos Daquele por quem sabem ser amadas. Deixam tudo, não querem ter vontade e não temem se descontentar com tanta clausura e austeridade. Juntas, oferecem-se a Deus em sacrifício.

- 11. Com grande boa vontade reconheço que, nesse aspecto, elas têm vantagens sobre mim. E eu devia ter vergonha diante de Deus; o que Sua Majestade não conseguiu comigo na multidão de anos desde que comecei a ter oração e desde que Ele começou a me fazer graças consegue delas em três meses e, em alguns casos, até em três dias —, fazendo-lhes muito menos favores do que a mim, embora lhes pague com generosidade. Elas, sem nenhuma dúvida, não estão descontentes com o que têm feito por Ele.
- 12. Para que nos humilhássemos, eu gostaria que nos lembrássemos dos muitos anos que temos de profissão e que as pessoas têm de oração; façamos isso com esse fim, e não para afligir os que num curto tempo avançam muito, fazendo-os voltar atrás para seguir o nosso passo, nem obrigar os que voam como águias, com as graças que Deus lhe concede, a andar como frangos amarrados. Pelo contrário, voltemos os olhos para Sua Majestade e, se virmos essas pessoas com humildade, deveremos deixá-las soltas, pois o Senhor, que tantos favores lhes faz, não as deixará cair.

Elas se entregam a Deus baseadas na verdade da fé que conhecem. E não havemos nós de entregá-las a Ele, em vez de preferir medi-las pelas nossas medidas, avaliá-las de acordo com o nosso pouco ânimo? Não vamos agir assim. Se não alcançamos os grandes efeitos que ocorrem nelas nem a sua determinação — que sem experiência mal podemos entender —, humilhemo--nos em vez de condená-las. Porque, sem isso, parecemos visar ao bem do próximo e terminamos por perder o nosso, deixando passar a ocasião que o Senhor nos proporciona para nos humilhar e ver o que nos falta. Essas almas devem estar muito mais desapegadas do mundo e unidas a Deus, visto que Sua Majestade tanto se aproxima delas.

13. Não entendo nem desejo entender outra coisa: prefiro a oração que em pouco tempo produz efeitos muito grandes (que logo são percebidos, pois não é possível deixar tudo, só para contentar a Deus, sem ser movido por um grande amor) à que em muitos anos não levou a alma a estar mais determinada no último dia do que no primeiro a fazer por Deus coisas ínfimas como grãos de sal, que não têm peso nem volume — parecendo poder ser levados no bico de um pássaro —, e que consideramos grandes atos e mortificações. Damos importância a certas coisas insignificantes que fazemos pelo Senhor; lastimo que nos demos conta delas, mesmo que sejam muitas. Eu sou assim: a cada passo, esqueço-me das graças.

Não digo que Sua Majestade não as valorize muito, porque é bom; mas eu gostaria de não fazer caso delas, nem perceber que as faço, porque elas nada são. Perdoai-me, Senhor meu, e não me culpeis, pois com alguma coisa hei de me consolar, já que em nada Vos sirvo. Se eu Vos servisse em grandes coisas, nem sequer perceberia as ninharias. Bem-aventurados os que Vos servem com obras grandes! Se de algo valer a inveja que tenho deles e o meu desejo de imitá-los, não ficarei muito atrás em contentar-Vos; contudo, Senhor meu, nada valho. Vós, que tanto me amais, ponde em mim o valor.

14. Num destes dias, a fundação ficou totalmente concluída, pois chegou um Breve de Roma<sup>8</sup> permitindo que a casa não tenha renda. Aconteceu-me de, estando consolada de ver a obra assim concluída e pensando nos sofrimentos por que tinha passado — e louvando o Senhor, que de alguma maneira quisera servir-se de mim —, considerar todas as coisas até então decorridas. Vi que, em cada coisa em que eu parecia ter feito algo, havia muitas faltas e imperfeições, e, por vezes, pouco ânimo e fé minúscula. Vejo que se cumpriu tudo o que o Senhor prometera a respeito desta casa, mas até agora não tinha conseguido crer de todo que se cumpririam todas as promessas feitas pelo Senhor sobre ela, embora também não pudesse duvidar.

Não consigo explicar como era isso. Por um lado, eu julgava muitas vezes impossível, mas, por outro, não podia duvidar, isto é, crer que a obra não se realizaria. Por fim, descobri que, quanto ao bem, o Senhor fizera Sua parte, e, quanto ao mal, eu dera a minha contribuição. Por isso, deixei de pensar nessas coisas, e gostaria de não me recordar delas para não deparar com tantas faltas minhas. Bendito seja Aquele que de todas essas faltas extrai o bem quando assim o deseja. Amém.

15. Digo, pois, que é um perigo contar os anos de oração, porque, mesmo com humildade, creio que pode ficar uma tentaçãozinha de pensar que se merece alguma coisa pelos serviços prestados. Não digo que não se

mereça, nem que não se vá ser bem-recompensado; mas qualquer pessoa espiritual que pensar merecer esses regalos de espírito pelos muitos anos de oração por certo não chegará ao ponto mais alto.

Não basta conseguir que Deus nos tenha conduzido pela mão para que não O ofendamos como o fazíamos antes de começar a ter oração? Queremos ainda, como se diz, exigir direitos na justiça? Isso não me parece profunda humildade; talvez seja, mas eu o considero atrevimento, porque, embora a minha não seja muita, também nunca ousei fazer tal exigência. Pode ser que, como nunca O servi, também nunca tenha pedido isso; talvez se O tivesse servido, eu viesse a querer, mais do que todos, que o Senhor me pagasse.

- 16. Não afirmo que, se a sua oração for humilde, a alma não vá crescendo nem Deus deixe de recompensá-la. Mas é preciso esquecer esses anos, porque tudo quanto podemos fazer de nada vale em comparação com uma gota de sangue que o Senhor derramou por nós. Se, ao servi-Lo mais, mais Lhe devemos, que recompensa é essa que pedimos? Pagamos um centavo da dívida e recebemos em troca mil ducados. Pelo amor de Deus, abandonemos esses juízos que só a Ele pertencem. Essas comparações nunca são boas, mesmo quando aplicadas às coisas da terra, quanto mais àquilo que só Deus conhece como bem o mostra Sua Majestade ao pagar tanto aos últimos como aos primeiros.9
- 17. Escrevi estas três últimas folhas tantas vezes e em tantos dias porque tive e tenho, como disse, <sup>10</sup> pouco tempo livre que ia me esquecendo do que comecei a narrar. Eis a visão: estando em oração, vi-me sozinha num grande campo, cercada de muita gente de todas as espécies. Tive a impressão de que todos tinham armas nas mãos para me agredir; uns tinham lanças, outros, espadas, adagas e outras armas. Eu não podia escapar sem me pôr em risco de morte e não contava com ninguém do meu lado. Meu espírito estava nessa aflição, e eu não sabia o que fazer de mim; então, levantei os olhos na direção do céu e vi Cristo. Ele não estava no céu, mas bem acima de mim, no ar, estendendo-me a mão e amparando-me de tal modo que eu não tinha temor de toda aquela gente, nem as pessoas, embora quisessem, podiam me fazer mal.
- 18. Essa visão que parece sem fruto tem me feito um grande bem, pois vim a entender o seu significado. De fato, pouco depois, quase sofri um ataque semelhante, vindo a saber ser aquela visão uma imagem do mundo: tudo quanto há nele parece portar armas para ferir a triste alma. Não vamos falar dos que pouco servem ao Senhor, nem das honras, riquezas, prazeres e outras coisas semelhantes, que, é evidente, enredam ou ao menos procuram enredar a alma não prevenida. Refiro-me aos amigos, aos parentes e, o que mais me causa espanto, a pessoas muito boas. Todos esses mais tarde me atormentaram tanto que eu não sabia como me defender nem o que fazer. E todos julgavam que faziam bem.
- 19. Oh! Valha-me Deus! Se eu contasse os vários sofrimentos de toda espécie que tive nessa época depois do que contei —, que bela ocasião para nos acautelarmos e esquecermos por inteiro do mundo! Essa foi, creio eu, a maior perseguição de todas as que sofri. Sim, repito, em certos momentos vi-me tão cercada que o único remédio era erguer os olhos ao céu e chamar por Deus. Eu me lembrava bem do que contemplara naquela visão; isso muito me serviu para que eu não confiasse em ninguém, porque só Deus é estável. Como o Senhor já me revelara, sempre havia, a mando Seu, quem me desse a mão, visando apenas agradar ao Senhor. Assim agistes, Senhor, para sustentar o pouquinho de virtude que eu tinha em desejar servir-Vos. Sede para sempre bendito!
- 20. Em outra ocasião, eu estava muito inquieta e confusa, sem poder me recolher, envolvida numa árdua luta, numa enorme batalha interior; meu pensamento se dirigia a coisas imperfeitas, a ponto de me parecer que eu não estava com o desapego que costumo ter. Vendo-me assim tão ruim, temi que as graças que o Senhor tinha me concedido fossem ilusões; eu estava, em suma, com a alma envolta numa grande escuridão.

Estando eu nesse padecer, o Senhor começou a me falar, dizendo-me que não me afligisse. Vendo-me nesse estado, eu compreenderia quão miserável eu seria se Ele se afastasse de mim e que, enquanto estamos nesta carne, não há segurança. Ele me permitiu compreender a validade desta batalha diante da recompensa a ser ganha, e tive a impressão de que Ele tinha pena dos que vivem neste mundo. Ele me disse que não pensasse que Se esquecera de mim; nunca me deixaria, mas eu precisava fazer tudo o que pudesse. Ele me disse isso com uma compaixão e ternura, e com outras palavras em que me fazia uma grande graça, que não tenho termos para descrever.

21. Sua Majestade tem me dito muitas vezes, mostrando grande amor por mim, estas palavras: *Já és minha, e Eu sou teu*. Eu sempre costumo Lhe dizer e, a meu ver, com sinceridade: pouco me importo comigo, Senhor, mas apenas Convosco. As palavras que Ele me dirige e os regalos que me concede me deixam tão confusa que, quando me lembro de quem sou, como já disse outras vezes<sup>11</sup> e ainda digo algumas ao meu confessor, penso que é preciso mais coragem para receber essas graças do que para suportar os piores sofrimentos. Quando isso acontece, eu me esqueço de minhas obras e vejo apenas que sou ruim, sem o trabalho do intelecto, numa sensação que às vezes me parece sobrenatural.

22. Acometem-me por vezes uns anseios tão grandes de comungar que nem sei explicar. Certa manhã em que chovia muito, parecendo que o tempo não era bom para sair, estando eu fora do meu mosteiro, estava tão tomada por aquele ímpeto que, se apontassem lanças para o meu peito, creio que me atiraria contra elas, quanto mais contra a água. Chegando à igreja, veio-me um grande arroubo. Tive a impressão de ver os céus abertos, e não apenas uma entrada como já ocorreu de outras vezes. Foi-me apresentado o trono que já vi algumas vezes, como informei a vossa mercê, e outro acima dele; neste, de uma maneira que não sei descrever, entendi estar a Divindade, embora nada visse.

Ele parecia estar sustentado por uns animais, cuja significação já me foi explicada. Imaginei que fossem talvez representações dos evangelistas.<sup>13</sup> Não vi como era o trono nem quem estava nele, mas apenas uma grandíssima multidão de anjos. Eles me pareceram incomparavelmente mais belos do que todos os que tenho visto no céu. Fico a imaginar se serão serafíns ou querubins, pois a glória destes parece ser superior, e eles dão a impressão de estar inflamados. Há, repito, muita diferença entre eles.<sup>14</sup>

A alegria de que me senti inundada não pode ser descrita de nenhuma maneira, nem a pode imaginar quem não a experimentar. Entendi estar ali, junto, tudo o que se pode desejar, mas nada vi. Disseram-me — não sei quem — que eu podia compreender ali que nada podia entender e ver o nada que era tudo comparado com aquilo. Mais tarde, a minha alma ficava envergonhada só de pensar que podia se deter em alguma coisa criada ou, o que seria pior, se afeiçoar a ela, porque tudo me parecia um formigueiro.

23. Comunguei e assisti à missa, nem sei como. Pareceu-me que só se passara pouco tempo. Fiquei espantada quando o relógio deu as horas e vi que tinha passado duas naquele arroubo e glória. Mais tarde, eu me maravilhava ao ver como, vindo o fogo do verdadeiro amor de Deus, pois parece vir de cima (porque, por mais que eu o queira, o procure e me desfaça por ele, nada sou nem posso fazer para conseguir uma única centelha sua, a não ser quando Sua Majestade o deseja dar, como eu já disse<sup>15</sup>), o homem velho é totalmente consumido com as suas faltas, fraquezas e misérias.

Tal como a fênix, que, como li, 16 depois de queimada, renasce das próprias cinzas, assim também a alma, depois disso, se transforma, tendo desejos diferentes e uma grande força. Ela não parece ser a mesma de antes, recomeçando, com pureza renovada, a trilhar o caminho do Senhor. Quando supliquei a Sua Majestade que assim fosse e que eu começasse a servi-Lo de novo, Ele me disse: *Boa comparação fizeste; procura não te esqueceres dela para buscares ir sempre melhorando*.

24. Estando outra vez com a mesma dúvida de que há pouco falei, <sup>17</sup> se essas visões eram mesmo de Deus, o Senhor me apareceu e me disse, com rigor: Ó filhos dos homens, até quando sereis duros de coração? Acrescentou que eu examinasse bem em mim uma coisa: se me entregara de todo a Ele ou não; que, se assim tinha feito, e era Sua por inteiro, acreditasse que Ele não deixaria que eu me perdesse.

Fiquei muito aflita com aquela exclamação. Ele me disse, com grande ternura e carinho, que eu não me perturbasse, pois Ele já sabia que, se fosse por mim, eu não deixaria de tudo suportar para servi-Lo. Ele me prometeu fazer tudo o que eu quisesse. E foi assim que se fez o que eu Lhe suplicava então. Prosseguindo, o Senhor disse que eu devia ver o amor por Ele que, dia após dia, ia aumentando em mim, para assim perceber não serem as visões obra do demônio. Eu nem devia pensar que Ele fosse permitir ao inimigo tamanho domínio sobre as almas dos Seus servos, nem condições para dar a clareza de compreensão e a paz que eu tinha. Fez-me compreender que eu agiria mal se não acreditasse nas tantas pessoas, e tão capacitadas, que diziam que era Deus.

- 25. Estando uma vez rezando o salmo *Quicumque vult*, <sup>18</sup> foi-me explicado o modo pelo qual Deus é um só em três Pessoas com tanta clareza que eu fiquei abismada e muito consolada. Isso muito me favoreceu no maior conhecimento da grandeza de Deus e de Suas maravilhas, e, quando penso na Santíssima Trindade, ou quando ouço falar dela, tenho a impressão de que entendo como isso pode ser, o que me dá imenso contentamento.
- 26. Num dia da Assunção da Rainha dos Anjos e Senhora nossa, quis o Senhor fazer-me o seguinte favor: num arroubo, apresentou-me Sua subida ao céu e a alegria e solenidade com que Ela foi recebida, bem como o lugar onde está. Eu não saberia dizer como ocorreu isso. O meu espírito teve uma enorme exultação ao contemplar tão imensa glória. Isso deixou em mim grandes efeitos, fazendo-me desejar cada vez mais suportar grandes sofrimentos e servir a essa Senhora, que tanto o mereceu.
- 27. Estando num colégio da Companhia de Jesus, 19 vi, quando os irmãos da casa comungavam, um pálio resplendente acima de suas cabeças. Isso aconteceu duas vezes. Quando outras pessoas comungavam, eu não o via.

CONTINUA A NARRAR OS GRANDES FAVORES QUE O SENHOR LHE CONCEDEU. DIZ QUE DE ALGUNS DELES É POSSÍVEL EXTRAIR UMA DOUTRINA MUITO BOA. AFIRMA QUE, COMO TEM DITO, A SUA PRINCIPAL INTENÇÃO, DEPOIS DE OBEDECER, FOI DESCREVER AS GRAÇAS QUE PODEM SER DE PROVEITO PARA AS ALMAS. DIZ QUE, COM ESTE CAPÍTULO, ACABA O RELATO DE SUA VIDA. DEDICA ESSE RELATO À GLÓRIA DO SENHOR. AMÉM.

1. Estando uma vez em oração, fui invadida por tamanha felicidade que, sendo indigna de tal bem, comecei a pensar que merecia muito mais estar naquele lugar que eu tinha visto preparado no inferno para mim, porque, como venho dizendo,¹ nunca me sai da memória a sensação que ali tive. Ao considerar isso, senti a alma inflamar-se mais, vindo-me um arroubo de espírito que não sei descrever. Eu parecia ter o espírito imerso naquela Majestade que de outras vezes percebi.

Compreendi nessa Majestade uma verdade que é a plenitude de todas as verdades; mas não sei descrever como, porque nada vi. Disseram-me (não sei quem, mas percebi que era a mesma Verdade): Não é pouco o que faço por ti, sendo uma das coisas em que muito me deves; porque todo mal que vem ao mundo decorre de não se conhecerem as verdades da Escritura com clareza, da qual nem uma vírgula ficará por cumprir.² Pareceu-me que eu sempre tinha acreditado nisso e que todos os fiéis o crêem. O Senhor me disse: Ai, filha, quão poucos me amam de verdade! Se Me amassem, Eu não lhes encobriria meus segredos. Sabes o que é amar-Me com verdade? Entender que tudo o que não é agradável a Mim é mentira. Verás com clareza isso que agora não entendes pelo fruto que sentirás em tua alma.

- 2. E assim ocorreu, seja o Senhor louvado; desde então, considero tão vaidoso e mentiroso tudo o que vejo que não está voltado para o serviço de Deus que eu não saberia exprimir até que ponto o entendo nem o pesar que sinto diante dos que estão em trevas com relação a essa verdade. Com isso, obtive outros benefícios que vou narrar, embora muitos deles eu não saiba descrever. O Senhor me disse aqui uma palavra particular de enorme graça.<sup>3</sup> Não sei como foi isso, porque nada vi; mas fiquei de uma maneira que nem posso descrever: surgiram em mim uma grande força e uma verdadeira determinação de cumprir com todo o empenho a mínima palavra da divina Escritura. Creio que não deixaria de enfrentar nenhum obstáculo para fazê-lo.<sup>4</sup>
- 3. Essa Verdade divina, que me foi apresentada sem eu saber como nem por quem, deixou impressa em mim uma verdade que me faz respeitar Deus de modo inteiramente novo, porque dá um conhecimento de Sua Majestade e do Seu poder que é impossível descrever; só posso dizer que esse dom é grande coisa. Fiquei com uma imensa vontade de só falar coisas muito verdadeiras que estejam acima das coisas do mundo, comecando por isso a sofrer por viver nele.

Essa graça infundiu em mim grande ternura, deleite e humildade. Parece--me, sem que eu saiba como, que o Senhor muito me concedeu aqui. De maneira nenhuma suspeitei que fosse ilusão. Embora nada visse, compreendi o grande beneficio que há em não considerar senão as coisas que nos aproximam de Deus e, assim, compreendi o que é estar uma alma na verdade na presença da própria Verdade. Mediante isso, compreendi que o Senhor é a própria Verdade.

4. Todas essas coisas me foram reveladas por palavras ou sem elas.<sup>6</sup> Quando sem palavras, a compreensão era às vezes ainda mais clara do que quando havia palavras. Aprendi enormes verdades sobre essa Verdade, mais do que se tivesse sido ensinada por muitos eruditos. Creio que de forma alguma eles poderiam imprimir assim no meu espírito, nem me explicar tão claramente, a vaidade do mundo.

Essa Verdade é em si mesma verdade, não tendo princípio nem fim. Todas as outras verdades dependem dessa Verdade, assim como todos os demais amores, desse Amor, e todas as outras grandezas, dessa Grandeza. Mas o que digo é, em comparação com a luz com que o Senhor me explicou isso, obscuro. E como brilha o poder dessa Majestade que em tão breve tempo deixa um proveito tão grande, imprimindo essas verdades na alma!

- Ó Grandeza e Majestade minha! Que fazeis, Senhor meu todo-poderoso? Vede a quem concedeis tão soberanos favores! Não vos dais conta de que esta alma foi um abismo de mentiras, uma imensidão de vaidades, e tudo por minha culpa; e de que, apesar de me terdes dado uma natureza que abomina a mentira, eu mesma me obriguei a lidar com muitas coisas a partir da mentira? Como se tolera, Deus meu, como se permite que tão grande favor e graça possam ser dados a quem tão mal os tem merecido?
- 5. Estando uma vez nas Horas com todas as irmãs, a minha alma se recolheu de imediato e deu-me a impressão de ser um claro espelho.<sup>7</sup> Não havia parte posterior, nem lados, nem alto, nem baixo que não fosse claridade; e, no centro, foi-me apresentado Cristo Nosso Senhor da maneira como costumo vê--Lo.<sup>8</sup> Eu parecia vê-Lo em todas as partes da minha alma claro como um espelho; e esse espelho, não sei como, também era feito todo do próprio Senhor, através de uma comunicação muito amorosa que não sei descrever.

Sei que essa visão me traz grande proveito cada vez que me lembro dela, em particular quando acabo de comungar. Compreendi que, quando a alma está em pecado mortal, esse espelho se cobre de densa névoa e fica muito escuro; o Senhor não pode se refletir nele nem O podemos ver, embora Ele esteja sempre presente, dando-nos o ser.

No tocante aos hereges, é como se o espelho estivesse quebrado, o que é muito pior do que apenas obscurecido. É enorme a diferença entre ver e explicar essas coisas, pois não há palavras que bastem para tanto. Mas disso tenho obtido muitos benefícios, infundindo-me uma grande angústia ao pensar nas vezes em que, com minhas faltas, obscureci a minha alma de uma maneira que não me permitia ver esse Senhor.

- 6. Essa visão me parece benéfica para as pessoas que se dedicam ao recolhimento,9 ensinando-as a considerar o Senhor no mais íntimo de sua alma, pois essa consideração nos envolve mais e dá muito mais frutos do que se O considerarmos fora de nós, como eu já disse. De Em alguns livros de oração, diz-se ser aí que se deve buscar a Deus; o glorioso Santo Agostinho, em especial, diz que nem nas praças, nem nos contentamentos, nem em todos os lugares onde O buscou O encontrou como dentro de si. Isso é com certeza o melhor, já que não é preciso ir ao céu, nem procurar mais longe nem fora de nós mesmos; fazer estas últimas coisas cansa o espírito e distrai a alma, e sem dar tantos frutos.
- 7. Quero dar um aviso a quem tem grandes arroubos a respeito do que ocorre neles. Passado o momento em que a alma se encontra em união (em que as faculdades estão totalmente absortas, o que dura pouco, como eu já disse<sup>11</sup>), acontece-lhe de ficar recolhida e até sem condições de voltar a si, mas as duas faculdades, a memória e o intelecto, ficam quase frenéticas, delirando.

Isso acontece algumas vezes, como digo, principalmente no início. Creio que isso decorre do fato de a nossa fraqueza natural não suportar tanta força de espírito, o que leva ao debilitamento da imaginação. Sei que isso acontece com algumas pessoas. Nessas ocasiões, parece-me melhor que se esforcem por deixar a oração, recuperando em outro momento aquilo que então perdem. Elas não devem insistir, pois poderão provocar muito mal. A experiência indica que é muito acertado verificar quanto a nossa saúde pode agüentar.

8. Em tudo são necessárias a experiência e a direção, porque, chegando a alma a esse estado, surgirão muitas ocasiões em que é imperativo ter alguém com quem o tratar. Se, tendo buscado um diretor, a pessoa não o achar, o Senhor não lhe faltará, pois não faltou a mim, sendo eu quem sou. De fato, encontram-se poucos mestres, acredito eu, que tenham alcançado a experiência de coisas tão elevadas; não a tendo, em vão procuram ajudar a alma sem a deixar inquieta e aflita. Mas isso também o Senhor leva em conta, sendo assim melhor tratar disso, como eu já disse, 12 com um confessor digno.

Eu talvez esteja repetindo tudo, porque a minha memória não ajuda. Especialmente quando se é mulher, é muito importante dizer tudo ao confessor. O Senhor concede essas graças muito mais a elas do que aos homens, como me disse o santo Frei Pedro de Alcântara e como eu mesma observei. Para ele, nesse caminho elas vão mais longe do que eles; ele apresentava excelentes razões, todas em favor das mulheres, que não é preciso repetir aqui.

9. Estando uma vez em oração, foi-me apresentado muito brevemente (sem que eu visse uma coisa formada, mas numa representação muito clara) como se vêem todas as coisas em Deus e como todas elas estão encerradas nele por inteiro. Não sei descrevê-lo, mas a imagem ficou muito impressa na minha alma, sendo essa uma das grandes graças que o Senhor me concede, uma das que mais me deixaram confusa e envergonhada quando me lembrei dos pecados que cometi. Acredito que, se o Senhor quisesse que eu visse isso em outra época, e se permitisse essa visão aos que O ofendem, nem eu nem eles teríamos coragem nem atrevimento para o fazer.

Parece-me que vi o que vou dizer, embora não o possa afirmar, digo desde já, que de fato vi alguma coisa. Mas algo devo ter visto, já que posso fazer essa comparação; mas tudo ocorre de modo tão sutil e delicado que o intelecto não o pode alcançar. Talvez seja eu quem não sabe entender essas visões, que não parecem imaginárias, embora algumas devam conter um quê de imagem. Mas, como isso ocorre com a alma em êxtase, as faculdades não conseguem reproduzir o que se vê tal como o Senhor lhes apresenta e lhes permite provar.

10. Digamos, portanto, que a Divindade é apresentada como um diamante muito claro, muito maior que o mundo inteiro, ou como um espelho — como eu já disse ao falar da outra visão, <sup>14</sup> embora, nesta, tudo seja tão superior e sublime que não sei como lhe fazer jus. Nesse diamante, vemos tudo o que fazemos, pois ele encerra tudo em si, não havendo nada que exista fora de sua imensidade.

Foi um espetáculo maravilhoso ver nesse claro diamante, em tão breve espaço de tempo, tantas coisas juntas. Como lastimo, cada vez que me lembro disso, ter visto coisas tão feias como os meus pecados

refletidas naquela claridade translúcida. Diante dessa lembrança, nem sei como posso resistir; fico tão envergonhada que não sei onde me esconder.

Quem dera se pudesse explicar isso aos que cometem pecados muito grandes e desonestos, para que se lembrassem de que não ficam ocultos e de que Deus, com razão, os sente, visto que cometemos esses pecados na presença de Sua Majestade, sendo grande o desacato com que O ofendemos! Vi como é justo merecer o inferno por um único pecado mortal. É gravíssima coisa cometê-lo diante de tão grande Majestade, à qual muito repugnam coisas semelhantes. Dessa maneira, vemos ainda mais a Sua misericórdia, porque, vendo que sabemos tudo isso, ainda assim nos suporta.

- 11. Isso me tem feito pensar: se uma visão como essa deixa a alma tão espantada, como será no dia do juízo, quando essa Majestade se mostrar bem claramente a nós e virmos o quanto O ofendemos? Valha-me Deus, que cegueira esta em que tenho vivido! Muitas vezes fico abismada com o que tenho escrito, e vossa mercê deve espantar-se apenas com o fato de eu ainda viver depois de ver essas coisas e a mim mesma. Bendito seja para sempre Quem tanto me tem suportado.
- 12. Estando certa vez em oração, muito recolhida e envolta em suavidade e quietude, senti-me rodeada de anjos e muito próxima de Deus. Comecei a rogar a Sua Majestade pela Igreja. Veio-me a compreensão do grande proveito que certa Ordem religiosa traria nos últimos tempos e da força com que seus filhos haveriam de sustentar a fé. 15
- 13. Eu estava em oração perto do Santíssimo Sacramento quando me apareceu um santo cuja Ordem está um tanto decaída. Tinha nas mãos um grande livro, que abriu, dizendo-me que lesse umas palavras escritas em letras grandes e muito legíveis: *Nos tempos vindouros, esta Ordem florescerá; haverá muitos mártires*. <sup>16</sup>
- 14. De outra vez, estando no coro durante as Matinas, vi diante dos meus olhos seis ou sete religiosos dessa mesma Ordem ou assim me pareceu com espadas nas mãos. Isso significava, penso eu, que eles hão de defender a fé; porque mais tarde, quando eu estava em oração, meu espírito foi arrebatado, e eu parecia estar num enorme campo onde muitos lutavam; os combatentes dessa Ordem se batiam com grande ânimo. Seus rostos estavam formosos e muito abrasados; eles deixaram muitos caídos, vencidos, e outros mortos. Tive a impressão de que a batalha era contra os hereges.
- 15. Tenho visto algumas vezes este glorioso Santo,<sup>17</sup> que tem me dito algumas coisas e agradecido minhas orações pela sua Ordem, prometendo me encomendar ao Senhor. Não nomeio as Ordens, para que as outras não fiquem ofendidas; se o Senhor quiser que se saiba, Ele mesmo as nomeará. Mas cada Ordem, ou cada membro, tinha de fazer com que, através de si, o Senhor os fizesse tão ditosos que pudessem servir à Igreja num momento de tão grande necessidade. Felizes as vidas que por isso se sacrificarem!
- 16. Uma pessoa me pediu que eu suplicasse a Deus para que Ele lhe dissesse se seria serviço Seu aceitar um bispado. 18 Quando eu acabava de comungar, disse-me o Senhor: *Quando entender com toda a verdade e clareza que a genuína autoridade é não possuir coisa alguma, ele o poderá aceitar*. Isso significa que quem se destina às prelazias de modo algum deve desejá-las ou querê-las, ou, ao menos, não deve procurá-las.
- 17. Essas e muitas outras graças foram e são concedidas pelo Senhor a esta pecadora, parecendo-me desnecessário detalhá-las, pois, pelo que eu já disse, é possível conhecer a minha alma e o espírito que o Senhor tem infundido em mim. Bendito seja Ele para sempre, que tanto cuidado tem tido comigo.
- 18. Disse-me Ele certa feita, consolando-me com muito amor, que eu não me afligisse, porque nesta vida não podemos estar sempre num mesmo estado. Numas ocasiões, eu teria fervor e, em outras, estaria sem ele; numas, teria desassossego e, noutras, quietude e, em outras ainda, tentações. Contudo, eu devia confiar Nele e nada temer.
- 19. Um dia, eu estava pensando se seria apego gostar de estar com as pessoas com quem trato da minha alma e ter afeição pelos que considero servos fiéis de Deus, pois me consolava com eles. O Senhor me disse que, se um enfermo que está correndo risco de morte julgar que um médico lhe dá saúde, não teria virtude de sua parte ser-lhe grato e ter amizade por ele? Que teria sido de mim sem a ajuda dessas pessoas? Conversar com os bons não prejudica, mas as minhas palavras sempre deveriam ser ponderadas e santas, e eu não deveria deixar de tratar com eles, pois isso antes me traria proveito que prejuízo.

Essas palavras muito me consolaram, porque algumas vezes, julgando haver apego, eu penso em deixar de lado esses relacionamentos. O Senhor sempre me aconselha em todas as coisas, chegando a me dizer como me relacionar com os fracos e com algumas pessoas. Ele jamais se descuida de mim; às vezes, sofro por me ver tão incapacitada para o Seu serviço e obrigada a perder um tempo maior do que eu gostaria com um corpo tão fraco e ruim como é o meu.

20. Estando em oração, chegou a hora de ir dormir. Eu estava com muitas dores, esperando o vômito costumeiro. 19 Vendo-me tão prejudicada pelo corpo e vendo o espírito querendo tempo para si, fiquei tão perturbada que comecei a chorar, muito angustiada. Isso aconteceu muitas vezes, levando-me a ficar

aborrecida comigo mesma, beirando o desprezo por mim. Mas, em geral, percebo que não me odeio o bastante nem recuso o que me parece necessário. Queira o Senhor que eu não tome muito mais do que é preciso! É bem provável que eu o faça.

Nessa ocasião de que falo, o Senhor me apareceu, consolando-me muito, dizendo que eu fizesse essas coisas por amor a Ele e a tudo suportasse, pois a minha vida ainda era necessária. Assim, desde que me determinei a servir com todas as forças a esse Senhor e consolador meu, não há ocasião em que Ele, embora me deixe padecer um pouco, não me console muito depois, o que tira os meus méritos de desejar sofrimentos.

Agora, não acho outro motivo para viver, além do sofrimento. E é isso o que peço a Deus com todo o empenho, dizendo-Lhe, por vezes: Senhor, só peço para mim o morrer ou o padecer. Fico consolada ao ouvir soar o relógio, pois tenho a impressão de que isso me aproxima um pouco mais de ver a Deus, tendo aquela hora da minha vida se extinguido.

21. Em outras ocasiões, é tal o meu estado que não me sinto viver nem pareço ter vontade de morrer. Fico com um tédio e um acabrunhamento em tudo, como eu disse, <sup>20</sup> muito freqüentes por causa dos meus grandes sofrimentos interiores. E, tendo o Senhor desejado tornar públicas as graças que me faz, como Ele mesmo o previra há alguns anos, eu muito me afligi, e não é pouco o que tenho padecido até agora, como o sabe vossa mercê, porque cada um o interpreta a seu modo.

Consola-me saber que isso não ocorreu por minha culpa; porque tenho tido muito cuidado e grande reserva em não o contar senão a meus confessores ou a pessoas a quem eles o tenham comunicado. E ajo assim não por humildade, mas porque, como já disse,<sup>21</sup> tenho vergonha de contá-lo até aos confessores. Agora, graças a Deus, embora falem muito de mim com bom zelo, havendo ainda os que temem ter relações comigo e até me confessar, e outros que me dizem muitas coisas, como vejo que o Senhor quis dar dessa maneira um corretivo a muitas almas (porque tenho visto isso com clareza e me recordo de quanto passaria pelo Senhor em benefício de uma só alma), pouco me importa o que dizem de mim.

Não sei se contribui para isso o fato de Sua Majestade ter-me posto neste lugar<sup>22</sup> tão afastado, onde vivo como se já tivesse morrido. Eu pensava que ninguém mais se lembrasse de mim, mas não foi assim, pois sou obrigada a falar com algumas pessoas; contudo, como estou num local onde não podem me ver, creio que o Senhor já me trouxe a um porto que, espero em Sua Majestade, é seguro.

22. Como já estou fora do mundo, com poucas e santas companheiras, olho tudo de cima e nenhuma importância dou ao que se possa falar ou saber de mim; isso vale muito menos do que o mínimo proveito que uma alma possa obter. Desde que estou aqui, quis o Senhor que todos os meus desejos estejam voltados para isso. Ele tornou a minha vida uma espécie de sonho em que o que vejo não parece ter realidade: não vejo em mim nenhum contentamento nem pesar significativos.

Se alguma coisa me deixa pesarosa, é tal brevidade com que passa que fico abismada; o sentimento que fica em mim é como uma coisa sonhada. Isso é a pura verdade, porque, mesmo que depois eu queira me alegrar com um contentamento ou me afligir com um pesar, não está em minhas mãos fazê-lo, tal como não estaria nas de uma pessoa sensata angustiar-se ou rejubilar-se com um sonho. Isso acontece porque o Senhor já despertou a minha alma e a afastou daquilo que, por eu não estar mortificada nem morta para as coisas do mundo, me provocava tantos sentimentos. Sua Majestade não quer que a minha alma volte a ficar cega.

- 23. Assim vivo agora, senhor e padre meu.<sup>23</sup> Suplique vossa mercê a Deus que me leve para Si ou me mostre como servi-Lo. Queira Sua Majestade que este manuscrito traga proveito a vossa mercê, porque, devido ao pouco tempo de que disponho, me custou algum trabalho. Mas bendito trabalho, se conseguir dizer algo que leve alguém, ao menos uma vez, a louvar o Senhor. Com isso eu me consideraria recompensada, mesmo que vossa mercê logo o queimasse.
- 24. Contudo, eu não gostaria que isso ocorresse sem que o vissem as três pessoas que vossa mercê sabe,<sup>24</sup> que são e têm sido meus confessores. Se o que digo de nada vale, é bom que eles percam a visão favorável que têm de mim; se vale alguma coisa, sei que eles, que são bons e instruídos, verão de onde vem e louvarão Quem o disse por mim.

Que Sua Majestade sempre conduza vossa mercê pela mão e o torne um santo tão grande que, com sua luz e espírito, ilumine esta pessoa miserável, pouco humilde e muito atrevida que ousou pôr-se a escrever sobre coisas tão sublimes. Queira Deus que eu não tenha errado nisso, pois tive a intenção e o desejo de acertar e obedecer, pretendendo que, por meu intermédio, se louvasse um pouco o Senhor, coisa que Lhe suplico há muitos anos.

Como me faltam as obras, cometi a temeridade de tentar dar ordem à minha vida desorganizada, embora não tenha tido mais cuidado nem tempo do que o que foi necessário para fazer este relato. Contei apenas, com toda a lisura e verdade que estavam ao meu alcance, o que ocorreu comigo.

Queira o Senhor, que é poderoso e, se quer, pode, que em tudo eu faça a Sua vontade, não permitindo que se perca esta alma que Ele, com tantos artificios e de tantas maneiras, tem tirado inúmeras vezes do inferno e trazido para Si. Amém.

## JHS

1. O Espírito Santo esteja sempre com vossa mercê, amém.<sup>1</sup>

Não seria impróprio encarecer a vossa mercê este serviço para obrigá-lo a ter muito cuidado de me encomendar a Nosso Senhor, pois, pelo que tenho passado ao me ver retratada e ao trazer à lembrança tantas misérias minhas, eu bem o posso fazer. É verdade que senti mais por falar dos favores que o Senhor me tem feito do que das ofensas que tenho cometido contra Sua Majestade.

2. Fiz o que vossa mercê me mandou; fui extensa,² mas com a condição de que vossa mercê faça o que prometeu, rasgando o que lhe parecer ruim. Eu não tinha acabado de lê-lo, depois de escrito, quando vossa mercê o mandou buscar. Pode ser que algumas coisas estejam maldescritas e outras repetidas, porque o meu tempo tem sido tão pouco que nem reli o que ia escrevendo. Suplico a vossa mercê que o emende e o faça copiar, se tiver de mandá-lo ao Padre Mestre Ávila,³ pois talvez alguém reconheça a letra.

Eu desejo muito que ele o veja, pois com essa intenção comecei a escrever; se ele achar que sigo um bom caminho, ficarei muito consolada, porque já não há nada que eu possa fazer de minha parte. Em tudo faça vossa mercê como melhor lhe parecer, vendo a quanto está obrigado diante de quem assim lhe confia a sua alma.

- 3. A de vossa mercê eu encomendarei por toda a vida a Nosso Senhor. Por isso, apresse-se em servir Sua Majestade para me fazer uma graça, pois vossa mercê verá, pelo que aqui escrevi, quão bem é empregada a vida de quem se entrega por inteiro, como vossa mercê começa a fazer, a Quem tão sem limites se entrega a nós
- 4. Bendito seja Ele para sempre. Espero em Sua misericórdia que eu e vossa mercê nos encontremos onde vejamos mais claramente as grandezas que Ele nos concedeu, e onde para todo o sempre vamos louvá-lo, amém.

Este livro foi concluído em junho, no ano de 1562.4